

A Cidade das Mulheres

Ruth Landes

Tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva

UFRJ

Reitor

José Henrique Vilhena de Paiva

*Coordenador do Fórum
de Ciência e Cultura*

Afonso Carlos Marques dos Santos

EDITORA UFRJ

Diretora

Yvonne Maggie

Editora Executiva

Maria Teresa Kopschitz de Barros

Editora Assistente

Cecília Moreira

Coordenadora de Produção

Ana Carreiro

Conselho Editorial

Yvonne Maggie (presidente)
Afonso Carlos Marques dos Santos
Ana Cristina Zahar
Hermano Vianna
Peter Fry
Silviano Santiago

2ª edição
Editora UFRJ
2002

02/03
330

Título original: The City of Women
Copyright © 1947 by Ruth Landes
Tradução da 1ª edição americana (The Macmillan Company, 1947) publicada pela Editora
Civilização Brasileira, 1967
Direitos para a presente edição em língua portuguesa reservados à Editora UFRJ

Ficha Catalográfica elaborada pela Divisão de Processamento Técnico - SIBI/UFRJ

L256c Landes, Ruth, 1908-1991.

A cidade das mulheres / Ruth Landes; tradução de Maria Lúcia do Eirado Silva;
revisão e notas de Édison Carneiro - 2. ed. rev. - Rio de Janeiro : Editora UFRJ,
2002.

360 p.; 15 x 21 cm.

Título original: The city of women

1. Feminilidade - Aspectos religiosos - Candomblé. 2. Religião - Brasil - Bahia.
3. Candomblé - Bahia. 4. Bahia - Vida e Costumes. I. Título. II. Carneiro, Édison.

CDD 299.673

ISBN 85-7108-244-8

Capa

Victor Burton

Foto da Capa

Pierre Verger, *Retratos da Bahia*, Editora Corrupio, 1980

NS 644700

Edição de texto e Revisão

Maria Teresa Kopschitz de Barros

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

Ana Carneiro

Digitação

Claudia Senra

Foto da Capa da 1ª Edição

Marius Lauritzen Bern

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Forum de Ciência e Cultura

Editora UFRJ

Avenida Pasteur, 250 / sala 107

Praia Vermelha - CEP 22295-900

Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2295-1595 ramal 111, 124 a 127

Fax: (21) 2542-3899

E-mail: editora@editora.ufrj.br

http://www.editora.ufrj.br

Apoio



As fotografias desta edição foram gentilmente cedidas pela Smithsonian Institution National Anthropological Archives, pelo Research Institute for the Study of Man e pela *Ciência Hoje*.

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	23
Nota à 1ª edição brasileira	31
Prólogo	33
A cidade das mulheres	35
<i>Anexos</i>	
Aspectos particulares	317
Matriarcado cultural e homossexualidade masculina	319
O culto fetichista no Brasil	333
Escravidão negra e <i>status</i> feminino	347

CÂMARA DOS DEPUTADOS
BIBLIOTECA PEDRO ALVES
COMPRA

R\$ 40,00

888/03

14/02/03

CA-M 00088897

39(813.8=96)
LANDE R
CIDAD
2.5D-

Prefácio
Esboços no espelho

Mariza Corrêa

*... muitas idéias a respeito dos perigos sexuais
são melhor interpretadas como símbolos da relação
entre partes da sociedade, espelhando esboços
de hierarquia ou de simetria que existem
no sistema social mais amplo.*

Mary Douglas

A curta temporada que Ruth Landes passou no Brasil redundou em quatro artigos e um livro,¹ mas provocou muito fuxico nas hostes de pesquisadores nacionais e internacionais, a tal ponto que é difícil reler, hoje, *A cidade das mulheres* sem procurar os indícios do escândalo que sua presença, já ela ausente, representou no meio dos pesquisadores brasileiros, no final da década de 1930.² É importante, assim, relembra a trajetória de sua permanência aqui, e rememorar brevemente sua carreira acadêmica, para situar este livro no contexto da época e na história da antropologia brasileira.

No outono de 1938 chegavam ao Brasil os primeiros pesquisadores norte-americanos de uma longa série a vir para cá, inaugurando uma cooperação entre instituições universitárias brasileiras e norte-americanas que se mostrou duradoura. Com uma particularidade: os primeiros a chegar, graças a uma colaboração estabelecida entre o Museu Nacional e a Columbia University, eram antropólogos. Em 1938 chegavam William Lipkind e sua esposa, Buell Quain, definido na documentação da época como seu assistente, e Ruth Landes. No ano seguinte chegaria Charles Wagley, que manteve relações de amizade e trabalho no Brasil ao longo de quase toda sua vida, tendo casado com uma moça brasileira, e, nos anos seguintes,

James e Virginia Watson e Robert e Yolanda Murphy. Wagley afirma que foi por iniciativa da então diretora do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres, em carta dirigida a Franz Boas sugerindo a vinda de jovens antropólogos para trabalhar no País, que a cooperação teve início. Ruth Landes lembra que Jules Henry foi o primeiro aluno de Columbia a vir para cá, para estudar os kaingang, e que fora graças a ele que Ruth Benedict e Franz Boas se interessaram pelo Brasil como campo de estudos. Seja como for, todos os jovens antropólogos que trabalharam sob a tutela de Heloísa Alberto Torres, que, não só como diretora do Museu Nacional, mas principalmente como integrante do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, criado em 1933, tinha um papel preeminente na antropologia brasileira, vieram para o País com o objetivo de estudar as populações indígenas.³ Com uma exceção, Ruth Landes.

Ruth Schlossberg Landes nasceu em Nova York, em 1908, filha de imigrantes judeus. Seu pai, Joseph Schlossberg, era um alfaiate que viera da Rússia com 13 anos e foi um dos fundadores da Amalgamated Garment Worker's Union of America (AGWUA), importante sindicato norte-americano, tendo criado Ruth num ambiente que incluía intelectuais – judeus e negros, alguns deles importantes personagens da renascença do Harlem. Sua dissertação de mestrado (1929 [1967]) tratava, justamente, de um fenômeno religioso no Harlem: os negros judeus que seguiam a liderança de James Garvey.

Quando começou seu doutorado em Columbia, no entanto, e graças à influência de Ruth Benedict, Landes passou um período trabalhando com populações indígenas, tendo publicado dois livros sobre os ojibwa do Canadá (1937;1938 [1997]) antes de vir para o Brasil.⁴ Além disso, depois de defender sua tese de doutorado, continuou a trabalhar com Ruth Benedict e recolheu material para dois livros que seriam publicados bem mais tarde, sobre os potawatami do Kansas e os dakota.⁵

A mãe de Landes, Anna Grossman, que viera de Berlim já adulta, para morar com um irmão e a cunhada, tinha recebido mais educação

formal do que seu pai, um autodidata, e continuara a trabalhar durante alguns anos depois de casada. Cole observa que as diferenças de classe e educação entre seus pais, o desinteresse de Anna pela vida doméstica e a crescente importância de Joseph como líder sindical tinham tornado a mãe distante de seu marido e filhos, Ruth e um irmão dois anos mais jovem que ela, e especialmente áspera com a jovem, e aproximado Ruth do pai – a quem ela acompanhava com frequência aos comícios dos trabalhadores. Seria fácil supor, assim, que a intensa afeição de Ruth Landes por sua orientadora, Ruth Benedict, somada à sua forte ligação com uma nativa dos ojibwa, uma avó e visionária, e, mais tarde, sua afeição e admiração pelas mães de ascendência africana na Bahia, eram modos de compensar a falta de afeição materna. Essa pode ser parte da história, mas não creio que seja a mais importante. Penso, antes, que o modo como Landes iniciou sua pesquisa de campo no Canadá foi fundamental para estabelecer uma estratégia de pesquisa que ela seguiria com os dois primeiros grupos sociais com os quais trabalhou e talvez também a estratégia de publicação dos resultados de sua pesquisa.⁶

Ruth Landes tinha 23 anos ao chegar ao Canadá para estudar os ojibwa, quando já havia defendido sua dissertação de mestrado e acabara de se separar do marido, o estudante de medicina Victor Landes, cujo sobrenome manteve até morrer. Lá chegando estabeleceu contato com uma nativa, de ascendência escocesa, Maggie Wilson, conhecida de outros antropólogos por ser bilingüe, e que não só lhe deu informações sobre a tribo, como escreveu (de fato, ela ditava para a filha suas cartas para Landes) as narrativas que formam o capítulo 5 de seu livro *The Ojibwa woman*, as histórias de vida. Sobre ela, Landes observou numa carta a Ruth Benedict: “Acho que agora ela é tão boa etnóloga quanto qualquer uma de nós”.⁷

Ela poderia ter feito a mesma observação sobre Edison Carneiro, a quem teve a sorte de encontrar ao ir para Salvador fazer pesquisa de campo um pouco mais tarde.⁸ Ao chegar, Ruth tinha 30 anos e Edison Carneiro, 26. Formado em Direito, jornalista e defensor do direito de os grupos de candomblé manifestarem suas crenças, ele tinha também recém-

publicado dois livros. Ambos, *Religiões negras* (1936) e *Negros bantos* (1937), saíram na Biblioteca de Divulgação Científica, coleção dirigida por Artur Ramos na Editora Civilização Brasileira. Em 1937, Édison Carneiro organizou também o II Congresso Afro-Brasileiro. Do congresso participaram todos os intelectuais brasileiros que na época se interessavam pelas relações raciais, alguns pesquisadores internacionais, que começavam a pôr a Bahia no mapa das relações raciais no cenário internacional (Donald Pierson, Melville Herskovits), mas principalmente figuras de liderança do candomblé baiano: Martiniano do Bonfim; Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha; Manuel Bernardino da Paixão, o Bernardino do Bate Folha, e Manuel Vitorino dos Santos, o Manuel Falefá da Formiga, entre outros. O babalô Martiniano do Bonfim, antigo colaborador de Nina Rodrigues e, mais tarde, do romancista Jorge Amado, e que também foi entrevistado por Pierson, Landes e Franklin Frazier, foi o presidente de honra do Congresso e fez parte também da primeira diretoria da União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia, criada em setembro de 1937, como resultado político do II Congresso e graças ao trabalho de organização de Édison Carneiro. Carneiro, na época repórter de *O Estado da Bahia*, participava ainda, com Jorge Amado e outros intelectuais locais, de uma Academia dos Rebeldes, e escreveu, em colaboração com o jornalista Osvaldo Dias da Costa e com Jorge Amado, um romance, *Lenita*.⁹ Quase todos saíram de lá em seguida, por razões políticas: eram todos membros ou simpatizantes do Partido Comunista.

Foi a esse grupo de jovens rebeldes que a rebelde Ruth Landes se juntou ao chegar à Bahia no início de 1938.¹⁰ A história de sua relação com esses jovens intelectuais e com as figuras do candomblé baiano está bem documentada nas páginas deste livro e é desnecessário reproduzi-la aqui. Mas cabe enfatizar a importância de Édison Carneiro para sua pesquisa. Ele representou sua vinculação com a sociedade local, do mesmo modo que Maggie Wilson fora seu elo de ligação com os ojibwa – e, na Bahia como no Canadá, Landes optou por seguir a interpretação dos nativos em sua narrativa sobre a vida cotidiana deles. Ambas as pesquisas são, certamente, crônicas de juventude, mas este livro é também um registro

que conserva, de forma vívida, a memória de tantos personagens importantes na construção de um campo antropológico de estudos sobre as relações raciais no Brasil.

Se Sally Cole tem razão ao dizer que o livro sobre as mulheres ojibwa “iniciou a vida pública de controvérsias de Landes na antropologia”,¹¹ não é menos verdade que *A cidade das mulheres* teve igualmente um papel controverso, ainda que pioneiro (ver Peter Fry, na Apresentação), no campo do estudo das religiões afro-brasileiras, e certamente contribuiu também para um certo desconforto entre seus colegas acadêmicos, particularmente Melville Herskovits e Margaret Mead nos Estados Unidos. Mead dizia, numa carta a Benedict, em 1939, que Landes deveria ser encorajada a “transformar (...) o quadro social urbano, complexo, desorganizado, com prostituição, num quadro mais típico de travestismo socialmente aceito e integrado” – o que ela não fez, pois tomou o partido de acompanhar a interpretação de Carneiro e das mães dos terreiros de candomblé que conheceu. A crítica de Mead e a crítica inicial de Artur Ramos, eram provavelmente dirigidas a um relatório encomendado a Landes por Gunnar Myrdal, no âmbito da pesquisa coordenada por ele e que redundaria em *An American dilemma*, aparentemente o primeiro trabalho escrito por ela depois de voltar do Brasil. Parte de sua argumentação aí exposta está em dois artigos (1940) que Landes publicou antes de escrever seu livro e num outro posterior (1953) apresentados como anexos na primeira edição brasileira e mantidos na presente edição. Nas edições em inglês (1947, 1994), esses artigos não foram incluídos – deixando de lado um importante aspecto da sua análise e que foi a base de muitas críticas ao livro. Sua inclusão na primeira edição brasileira deve-se à iniciativa de Édison Carneiro, que não apenas reviu a tradução original,¹² mas, segundo informação de Sally Cole, também fez as correções sugeridas por Landes, por ocasião de sua visita ao Brasil em 1966, um ano antes de sua publicação.¹³

Landes voltara ao Brasil, segundo Cole, para dar início ao primeiro projeto em sua nova posição de professora permanente na McMaster University, em Ontário, e aqui ficou de maio a setembro. O tema de sua

pesquisa era urbanização, mas Landes esteve doente durante quase toda a sua estada e não publicou nada sobre esse assunto. Mas durante esse tempo leu a tradução de seu livro e sugeriu algumas revisões.

Depois da pesquisa com os candomblés da Bahia, Landes escreveu o curto relatório já referido, para o projeto chefiado por Myrdal, trabalhou, durante a II Guerra, de 1940 a 1945, no *Committee on Fair Employment Practices* – trabalho citado por ela no prólogo deste livro. Trabalhou depois num projeto da área metropolitana de Los Angeles, relacionado com crianças negras e mexicanas; no *American Jewish Committee* em Nova York; recebeu uma bolsa da Fulbright para estudar a migração caribenha em Londres; e foi professora de antropologia em duas faculdades americanas antes de, finalmente, obter um contrato permanente no Canadá, aos 56 anos de idade, lá ficando até sua morte, em 1991, aos 83 anos.¹⁴

Quase cinquenta anos depois de sua pesquisa no Brasil, Landes descrevia numa carta uma foto tirada no jardim do Museu Nacional em 1939: “D. Heloísa a encomendou porque nós três estrangeiros íamos partir logo – Lévi-Strauss e eu para Nova York, Wagley para Mato Grosso, acho – e ela queria uma lembrança. Ela gostava mais dos americanos. L.-S. estava infeliz, claro, a França fora invadida pelos nazis; sua esposa o tinha deixado cerca de um ano antes. D. Heloísa nos fez escrever nossos nomes nas costas de cada cópia. (...) [A foto] mostra ela [d. Heloísa], Lévi-Strauss (da minha idade), eu, Charles Wagley (alguns anos mais jovem), Luiz de Castro Faria, Raimundo Lopes e Édison Carneiro”. Tal grupo nunca mais se reuniria, mas as imagens do Brasil que todos eles deixaram gravadas na cena textual são parte integrante de nossa memória antropológica.

Segundo Mary Douglas, (1966) “É preciso dois para manter uma relação sexual, mas basta um para cozinhar uma refeição”. Assim Douglas explicava porque, entre os bamba, a poluição era atribuída às mulheres – responsáveis pela comida cozida. E continua: “Se a mulher bamba não quisesse ficar em sua aldeia e lá tornar-se uma influente matrona, se ela

estivesse disposta a seguir humildemente seu marido até a aldeia dele, ela poderia deixar de lado sua ansiedade a respeito da poluição sexual”. Estaria liberada dela, isto é, se ela não quisesse, ao mesmo tempo, ser “livre e independente” e “manter seu marido” – um caso, diz Douglas, de querer ter o bolo e comê-lo.

Normas contraditórias de comportamento são o pão de cada dia dos antropólogos: ao tratar delas, justamente, como contraditórias, tanto em sua primeira monografia, quanto neste livro, Ruth Landes desafiou, ela mesma, uma norma de sua disciplina na época – a de que os indivíduos se adequam à sua cultura. Ela, ao contrário, como bem mostra Sally Cole, não só não se adequou aos padrões culturais esperados de uma boa moça judia (e branca), como em sua “análise do candomblé afro-brasileiro descreveu as lutas em torno dos significados e dos papéis sociais, em vez de enfatizar a integração e a coerência centrais aos retratos de cultura de Mead e de Benedict”.¹⁵

Sua narrativa sobre as vicissitudes das mães nagô na Bahia – lutando para estabelecer um padrão cultural por oposição à poluição que elas viam representada nos cultos caboclos – é, assim, tanto um capítulo da história da antropologia, quanto o registro de uma disputa local que ajuda a esclarecer as relações entre sexo e raça na nossa sociedade. Ao aderir aos valores de uma fração do grupo estudado, Landes se expôs, ela mesma, a ser vista como parcial em relação à sociedade que se propunha estudar: as críticas que recebeu, na época, mostram bem que ela estava remando contra a maré. A visão corrente – não obstante todas as evidências empíricas registradas nos trabalhos de Nina Rodrigues e seus seguidores – era a de que a dominação masculina, vigente na sociedade brasileira como um todo, era também vigente nos cultos afro-brasileiros. Ao desmontar este esquema simplista, mostrando a preeminência das mulheres nos cultos nagô e dos homossexuais nos cultos caboclos, Landes expôs uma fratura de gênero na análise dos cultos afro-brasileiros que merece atenção até hoje.

E, apesar da ênfase que retrospectivamente atribuímos à questão racial no seu livro, creio que ela será lembrada também como uma fina observadora de detalhes que são, afinal, a marca da boa antropologia, como nessa, uma entre tantas, observação logo na chegada ao Brasil:

Passei, pois, três meses no Rio, adquirindo, como podia, a intrincada e idiomática linguagem e aprendendo também a linguagem que não é de língua, mas se exprime pelos dedos e pelas mãos, até mesmo por movimentos ondulantes dos braços e dos ombros, pelo brilho do olhar e por muitos movimentos sutis que se desenham levemente sobre um rosto e dão cor às tonalidades da voz (p. 41).

O espelho que Ruth Landes volta para nós com tanta graça está coberto de pequenos esboços de análise como este e é certamente essa qualidade que torna este livro merecedor de ser relido.

Notas

¹ O livro é este, agora em sua segunda edição brasileira; três dos artigos, aqui incluídos como anexos, não fizeram parte da edição americana; o quarto é a memória de Landes sobre sua pesquisa no Brasil: "A woman anthropologist in Brazil".

² Há outros indícios interessantes a perseguir, no entanto, ainda que eles não caibam num curto prefácio como este. Lembrando a ênfase da antropologia norte-americana na cultura, não deixa de ser instrutivo reler um diálogo entre Landes e seus amigos a respeito da cultura dos negros americanos. Diz ela: "— Bem, os norte-americanos pensam em termos de raça. Um preto é inferior a um branco por causa da sua raça.

— E a cultura do negro?

— Isso não importa. Não se imagina que um negro tenha cultura alguma [no original inglês: nenhuma cultura própria], a não ser a que lhe vem do branco; e mesmo esta supõe-se que ele oculte. (...)

— Norte-americanos! (...) Que se importam eles com a cultura!" (p. 149)

É importante lembrar que o proponente de uma "cultura própria" para os negros americanos, Herskovits, fez uma crítica negativa a este livro — tendo ele próprio recebido críticas negativas em relação à sua proposta, de Benedict e outros antropólogos e sociólogos americanos, ao publicar seu *The myth of the Negro past*, em 1941. Lido hoje, o artigo de Landes, "O culto fectichista", parece também uma reivindicação da existência de mais "africanismos" no Brasil do que entre os saramacca que Herskovits estudara...

³ Sobre a vinda dos primeiros antropólogos, suas trajetórias e a importância do Conselho, e de d. Heloísa, nas pesquisas da época, ver L. D. Benzi Grupioni, *Coleções e expedições vigiadas*.

⁴ No mesmo período, Landes também sofreu a influência da psicanálise, tendo publicado um artigo sobre a personalidade ojibwa em 1937 e sido uma das candidatas a um curso de introdução à psicanálise para antropólogos, projetado, mas nunca criado, por Edward Sapir. Ver R. Darnell, *Personality and culture: the fate of the Sapirian alternative*.

⁵ A biógrafa de Landes, Sally Cole, observa: "O registro feito por Landes das práticas shamanísticas dos americanos nativos e seu interesse antigo pela sexualidade podem ser atribuídos ao livro de Benedict, *Padrões de cultura*, e a seu artigo "A antropologia e os anormais", ambos publicados em 1934. Benedict descrevia como outras culturas integravam o comportamento considerado 'desviante' na América e como a possessão por espíritos, a homossexualidade, a paranóia e a megalomania, por exemplo, são às vezes o fundamento da autoridade e da liderança. O trabalho de Benedict continha uma crítica explícita à intolerância da sociedade americana, e ela insistia na pesquisa etnográfica a respeito desses temas. Nesse contexto histórico, o estudo de Landes sobre o candomblé na Bahia deve muito à influência de Ruth Benedict." (Cole, Ruth Landes in Brazil). Sally Cole completou recentemente sua biografia de Ruth Landes, que será publicada pela University of Nebraska Press: *Gleaning in the fields of Boas: Ruth Landes and American Anthropology*. Sou grata a ela pelas informações adicionais que me deu sobre a publicação de *A cidade das mulheres* e pelos textos que me enviou sobre Ruth Landes, citados no decorrer desta apresentação.

⁶ Não sei se tal estratégia — a de se aliar a uma ou a um especialista nas questões locais e a de publicar os nomes reais das pessoas envolvidas em sua narrativa — foi seguida por ela em outras obras. Na segunda edição de *The Ojibwa woman*, Sally Cole observa que os nomes foram substituídos por pseudônimos.

E embora Cole observe que Landes reescreveu *A cidade* “num estilo popular” (“Pilgrim souls”, p. 24), numa carta a Artur Ramos, no final de 1939, Landes já anunciava sua intenção de escrever o livro “num estilo mais popular”. A questão da identificação dos pais-de-santo homossexuais nunca foi mencionada na discussão sobre sua pesquisa. Ver Carneiro, “Uma falseta de Artur Ramos”, em *Ladinos e crioulos*.

⁷ Citado em Cole, Apresentação a *The Ojibwa woman*. Sobre esta interessante etnóloga nativa, ver, de Sally Cole, “Dear Ruth: this is the story of Maggie Wilson, Ojibwa ethnologist”, in E. Cameron e J. Dickin (org.), *Great dames*.

⁸ No trecho que se segue, utilizo as informações contidas nos excelentes artigos e notas de Waldir Freitas Oliveira e Vivaldo da Costa Lima, no livro organizado por ambos, *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*.

Nascido em 1912, Édison Carneiro faria 90 anos em 2002, mas, tendo falecido em 1972, neste ano se completam trinta anos de sua morte. Sobre sua trajetória depois de sair da Bahia, ver Waldir Freitas de Oliveira, em *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*, e Luís Rodolfo Vilhena, *Projeto e missão*.

⁹ A nota de Waldir Freitas Oliveira, em *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*, é a única menção que conheço desse romance, publicado em 1930: “inconseqüente aventura de três jovens dispostos a romperem com os padrões literários da época”. Oliveira menciona ainda outra publicação política da qual Édison Carneiro participou, a revista *Flamma*, aparentemente com apenas quatro números publicados, em 1937, o quarto tendo sido apreendido pela polícia política antes de ser distribuído. Numa de suas cartas a Artur Ramos, Carneiro lhe agradece pela colaboração enviada para a revista. Landes menciona pelo menos outro integrante do grupo, Áidano do Couto Ferraz, pelo nome, no capítulo 11.

¹⁰ É bem conhecida a história da relação amorosa que Landes manteve com dois negros: primeiro em Fisk, onde esteve antes de vir para o Brasil, para “aprender a etiqueta dos negros”, como dizia; depois, na Bahia, com Édison Carneiro. Essas relações lhe custariam caro: tanto uma carta de “des-recomendação” de um professor de Fisk ao então mais prestigioso pesquisador da área no Brasil, o titular da cadeira de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia, Artur Ramos, quanto duas resenhas muito negativas de *A cidade das mulheres*, uma assinada por Ramos, a outra por Melville Herskovits. Analisei o contexto dessas relações em outros textos (2000; no prelo) e não vale a pena repetir aqui a análise. Mas vale acrescentar que Landes não foi apenas acusada

por seus colegas homens, no que poderia ser desqualificado como um movimento machista. Margaret Mead, já uma antropóloga preeminente nos Estados Unidos, criticava o trabalho de Landes na Bahia, logo depois de ela ter voltado do Brasil, e dizia, na mesma carta a Ruth Benedict: “Se houvesse alguma maneira de ensiná-la a ser ou (a) uma senhora ou (b) uma mulher acadêmica comum, que se comportasse de maneira rotineira em situações acadêmicas, isso ajudaria”. Citado em Cole, “Pilgrim souls, honorary men, (un)dutiful daughters: sojourners in modernist Anthropology”. Cole dá outros exemplos para fundamentar sua observação de que “... ao passo que Benedict apreciava o individualismo de Landes e sua originalidade acadêmica, Mead achava a personalidade de Landes irritante e não concordava com suas referências teóricas para a análise da cultura.”

¹¹ “Pilgrim souls...”, p. 24. A citação seguinte é da p. 25.

¹² Vivaldo da Costa Lima observa pelo menos a exclusão de uma palavra, o adjetivo “políticos” na frase: “Édison disse que Menininha se agastara com ele por motivos [políticos] ligados com a União dos Candomblés, em que ele e Martiniano se haviam empenhado, e à qual pertencera o Gantois (...)”. E comenta: “... é preciso não esquecer que a tradução brasileira do livro de Ruth Landes foi revista e anotada por Édison Carneiro” (*Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*, p. 133). Um cotejo entre as duas edições certamente valeria a pena para o especialista no estudo das relações raciais, mas não é demais enfatizar a importância das notas de Carneiro, só existentes na edição brasileira, e das correções feitas durante a revisão: na edição americana, por exemplo, o nome da mulher de Martiniano do Bonfim é Elena, na brasileira é Matilde.

¹³ O primeiro é o artigo no qual Landes estabelece a relação entre o “matriarcado” nos cultos nagô e a predominância de homossexuais nos cultos caboclos e foi publicado originalmente em julho de 1940. O segundo artigo foi publicado em outubro do mesmo ano, no mesmo número do *The Journal of American Folklore* em que saiu também uma tradução, feita por Landes, do artigo de Édison Carneiro: “The structure of African cults in Brazil”. Oito anos depois, Carneiro publicou este artigo, em inglês, como apêndice ao seu *Candomblés da Bahia*: o número total de pais e mães-de-santo permanece o mesmo, mas sua distribuição muda. Apesar de enfatizar a “importância superior das mulheres no candomblé”, Carneiro observa que havia 37 pais e 30 mães no universo estudado, concluindo que “hoje o número de pais e mães é igual”. O artigo deixou de ser incluído nas edições seguintes do livro.

¹⁴ Ver a saga de Landes em busca de um emprego permanente em Sally Cole, "Pilgrim souls...". Cole comenta que Landes sentia sua vida no Canadá como um "exílio". Numa carta que me enviou, Landes disse que chegara ao Canadá "devido à enorme necessidade de escapar de meu marido alcoólatra." (Carta de 24 de agosto de 1986). Na mesma carta ela recusava um convite para vir ao Brasil porque estava planejando um novo livro sobre seus estudantes em Fisk na década de 1930, organizando suas notas de campo e livros para enviar à Smithsonian Institution e viajando entre o Canadá e os Estados Unidos em busca de um lugar para se estabelecer.

¹⁵ S. Cole, "Pilgrim souls...", p. 26. Algo muito semelhante ao que mostrara no livro sobre os ojibwa: ainda que houvesse uma estrita divisão de trabalho entre homens e mulheres, as detalhadas narrativas de Maggie Wilson mostram as mulheres o tempo inteiro escapando ao roteiro previsto para elas.

Referências Bibliográficas

- CARNEIRO, Édison. *Religiões negras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- _____. *Negros bantos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- _____. The structure of African cults in Brazil. *The Journal of American Folklore*, v. 53, n. 210, 1940.
- _____. *Candomblés da Bahia*. Bahia: Publicações do Museu do Estado, Secretaria de Educação e Saúde, n. 8, 1948.
- _____. *Ladinos e crioulos: estudos sobre os negros no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- COLE, Sally. Ruth Landes in Brazil. Writing, race and gender in 1930's American Anthropology. Introduction. In: LANDES, Ruth. *The city of women*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1994.
- _____. Women's stories and Boasian texts: the Ojibwa ethnography of Ruth Landes and Maggie Wilson. *Anthropologica*, 1995.
- _____. Ruth Landes and the early ethnography of race and gender. In: BEHAR, Ruth; GORDON, Deborah A. (org.). *Women writing culture*. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1995.

- _____. Introduction. In: LANDES, Ruth. *The Ojibwa woman*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1997.
- _____. Dear Ruth: This is the story of Maggie Wilson, Ojibwa ethnologist. In: CAMERON, E.; DICKIN, J. *Great dames*. Toronto, Buffalo e Londres: University of Toronto Press, 1997.
- _____. Pilgrim souls, honorary men, (un)dutiful daughters: sojourners in modernist Anthropology. In: BRIDGMAN, R.; COLE, S.; HOWARD-BOBIWASH, H. (org.). *Feminist fields: ethnographic insights*. Canadá: Broadview Press, 1999.
- CORRÊA, Mariza. O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira. *Etnográfica*, v. 4, n. 2, 2000.
- _____. All the women are white, all the blacks are men – but are they? Race and gender in Bahia candomble. *Contours* (no prelo).
- DARNELL, Regna. Personality and culture. The fate of the Sapirian alternative. In: STOCKING Jr., G. (org.). *Malinowski, Rivers, Benedict and others*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986. V. 4: Essays on culture and personality. (History of Anthropology).
- DOUGLAS, Mary. *Purity and danger. An analysis of concepts of pollution and taboo*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1966.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Coleções e expedições vigiadas. Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.
- HEALEY, Mark. Os desencontros da tradição em *A cidade das mulheres: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes*. *Cadernos Pagu*, v. 6/7, 1996.
- LANDES, Ruth. *Ojibwa sociology*. Nova York: Columbia University Press, 1937
- _____. *The Ojibwa woman*. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press, 1997 (1938).
- _____. *The city of women*. 2. ed. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1994. [1. ed. Nova York: Macmillan, 1947].
- _____. Negro Jews in Harlem. *Jewish Journal of Sociology*, v. 9, n. 2, 1967.
- _____. *Ojibwa religion and the Midéwiwin*. Madison: University of Wisconsin Press, 1968.
- _____. *The mystic lake Sioux*. Madison: University of Wisconsin Press, 1969.
- _____. A woman anthropologist in Brazil. In: GOLDE, Peggy (org.). *Women in the field: anthropological experiences*. Chicago: Aldine, 1970.

- _____. *The prairie Potawatami*. Madison: University of Chicago Press, 1970.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas; LIMA, Vivaldo da Costa (org.). *Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos*. São Paulo: Corrupio, 1987.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão. O movimento folclórico brasileiro, 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas, 1997

Apresentação

Peter Fry

As observações de Landes sobre a presença de mulheres e homossexuais no candomblé da Bahia, que agora, no início do século XXI, parecem até corriqueiras, foram intensa novidade na época e contribuíram em grande parcela para o desentendimento já referido entre Landes e parcela importante do então *establishment* da antropologia brasileira e da antropologia sobre o Brasil: do lado brasileiro, Artur Ramos, então professor catedrático de Antropologia na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, e do lado dos Estados Unidos, Margaret Mead, do Museu de História Natural de Nova York, e Melville Herskovits, da Northwestern University.

Se é possível que Margaret Mead tenha reagido ao relatório que Ruth Landes encaminhou a Gunnar Myrdal, foi com certeza este relatório e o artigo denominado “Matriarcado cultural e homossexualidade masculina”, que provocaram a cruelíssima crítica de Artur Ramos, publicada no seu livro *A aculturação negra no Brasil* (Ramos, 1942),¹ no qual Ramos negou a preeminência das mães-de-santo e alegou não existir nenhuma relação entre homossexualidade e candomblé. Aliás foi além da própria Landes, negando o que ela de fato não disse, ou seja, que havia “homossexualidade ritual” nos candomblés.² Ramos e Herskovits trocaram correspondência onde compartilharam o seu desprezo pelo trabalho de Landes.³ Herskovits (1947) publicou uma resenha de *A cidade das mulheres* na revista *American Anthropologist* em que reconheceu a vitalidade da obra mas questionou as credenciais “antropológicas” da autora. Não é este o momento de entrar nas razões profundas do desentendimento entre Ramos e Herskovits, de um lado, e Landes do outro,⁴ mas interessa, e muito, reconhecer que Ruth Landes tocou em pelo menos três feridas

antropológicas da época; o *status* das mulheres na sociedade brasileira, o lugar da África na interpretação da “cultura negra” no Novo Mundo e a relação entre homossexualidade masculina e religiosidade afro-brasileira.

De fato, Landes nunca fez menção a uma relação estática e perene entre feminilidade e liderança dos candomblés. Ela sugeriu uma *tendência*; um gradual aumento do número de mães-de-santo nos candomblés mais tradicionais e um aumento do número de “homossexuais passivos” nos candomblés de caboclo. Talvez por se preocupar menos em estabelecer linhas genealógicas entre traços culturais da África e manifestações aqui no Brasil, no estilo de Herskovits sobretudo, e mais em compreender a lógica e o funcionamento das instituições afro-brasileiras na Bahia contemporânea, Ruth Landes pôde enxergar um campo em movimento e mutação. O seu guia maior, Édison Carneiro, compartilhava com as mães tradicionais um desdém em relação aos novos cultos de caboclo cuja “feitura” era rápida demais, porém Landes, mais “antropóloga”, questionou a razão de ser desta novidade e indagou sobre o seu significado para os participantes, em particular os “homossexuais passivos”. E ainda viu que, para muitos destes, o candomblé representava um caminho para alcançar *status* e riqueza que a prostituição e pequenos crimes de rua jamais poderiam garantir.

Mas de que forma a autora interpreta a tendência de aumento do poder “feminino” que observa no candomblé (seja o feminino das mães nos grandes terreiros tradicionais como Gantois e Axê Opo Afonjá ou o feminino dos “homossexuais passivos” nos terreiros de caboclo)? Não apelou para a “tradição africana”, primeiro, porque já achava que não interessava tanto e segundo, porque as sociedades ioruba sempre foram notoriamente patriarcais. Indica dois fatores fundamentais: a vontade das mulheres de construir trajetórias independentes dentro do candomblé e, significativamente, na sociedade envolvente em geral também. Landes percebe que o “matriarcado” não é exclusividade das “famílias de santo”, para utilizar o termo consagrado por Vivaldo Costa Lima (1977), mas existe também nas famílias negras e pobres em geral. Assim, ela identifica

uma relação entre pobreza e “matrifocalidade” mais tarde muito bem documentada na literatura, agora clássica, tanto em famílias negras do Caribe (Clarke, 1957; Smith 1956) quanto em famílias operárias “brancas” e européias (Kerr, 1958; Young e Willmott 1957).

Desta forma Landes se aliava à posição de Frazier (1943b) tão criticada por Herskovits (1943), o qual insistia numa interpretação que considerasse a herança cultural africana. O desentendimento entre Frazier e Herskovits estava fundado em duas visões bastante distintas sobre o papel da “cultura” na interpretação dos fenômenos sociais, no caso a “família negra afro-bahiana”. Frazier, ele próprio negro, sugeriu que entre os “assim chamados negros [*negroes*]” da Bahia as formas familiares seguiam as regras da pobreza brasileira e não deviam nada a uma “herança africana”, a qual, segundo ele, estaria mais aparente nas esferas da religião e do folclore. No seu artigo, Herskovits fez críticas muito parecidas às que dirigiu a Landes, sugerindo que Frazier, com sua ignorância sobre a África, não poderia sequer enxergar os africanismos presentes na Bahia. Invocando a sua “autoridade” de africanista, interpretou os arranjos de combinações de casamento e amasiamento como herança da cultura ioruba. Na sua réplica, Frazier lançou mão de fina ironia para sugerir que tudo o que Herskovits havia enxergado como africano entre os negros baianos era, de fato, brasileiro. E isso, entre outras razões, devido ao intenso intercâmbio sexual e social entre as várias “raças” presentes na Bahia e à ausência de um grupo negro cultural e espacialmente estanque.⁵ No fundo, Frazier negava uma cultura específica aos negros. No âmbito desta Apresentação, o importante é que Frazier, ao contestar a autoridade de Herskovits, buscava apoio nos dois protagonistas maiores de *A cidade das mulheres*, Ruth Landes e Édison Carneiro. Confirmou alguns “fatos” sobre uma determinada família citada no artigo de Herskovits com a “dra. Ruth Landes, que passou mais de um ano no Brasil e que conhecia bem esta família”, e, numa discussão sobre a semântica de “pai-de-santo” e “mãe-de-santo” e a sua tradução para o inglês, consultou Landes e Carneiro.⁶ É como se as posições teóricas fossem sinais diacríticos para as alianças de amizade, ou, quem sabe, vice-versa.

Mas foi a sua posição sobre a homossexualidade masculina, presente em *A cidade das mulheres* e mais desenvolvida no artigo “Matriarcado cultural e homossexualidade masculina,” que provocou a ira do *establishment* e causou tanta mágoa a Ruth Landes. Ramos negou qualquer relação entre homossexualidade masculina e candomblé:

Não há homossexualismo ritual ou religioso entre os negros do Brasil. O que a A. observou foram alguns indivíduos homossexuais, na Bahia, que, por coincidência, tinham encargos religiosos. Mas isso é um fenômeno puramente individual, e nada tem que ver com as práticas religiosas; não há significação ritual ou cultural. Eu mesmo conheço alguns pais-de-santo homossexuais, como são homossexuais alguns negros, mulatos e caboclos, que nada têm que ver com o culto. Os casos isolados que a A. observou não têm, pois, significado étnico nem cultural; não estão ligados a nenhuma tradição africana. (Ramos, 1942, p. 188)

Herskovits foi mais cauteloso na sua crítica, admoestando a autora apenas por ter enfatizado demais a homossexualidade de sacerdotes masculinos: “há muitos sacerdotes tanto ‘ortodoxos’ quanto de caboclo que não têm nenhuma tendência à inversão” (Herskovits, 1947, p. 125).

Desde então há intensa discussão sobre o tema. A antropologia posterior defendeu a posição de Landes, mesmo tendo tomado atitude mais crítica em relação à sua posição um tanto essencialista sobre a homossexualidade “passiva” e “ativa”. Estes termos, supostamente universais e correntes nas ciências sociais e médicas da época, são, no fundo, “traduções” de termos nativos brasileiros hoje em dia: “bicha” ou “viado” e “bofe”. Estudos posteriores confirmaram as tendências observadas por Carneiro e Landes: René Ribeiro em Recife (Ribeiro, 1954), Seth e Ruth Leacock e Peter Fry em Belém (Fry, 1982; Leacock, 1975), e Patrícia Birman no Rio de Janeiro (Birman, 1995). Como Landes, estes autores não procuraram na África uma interpretação para as suas observações: buscaram desvendar a lógica cultural dos terreiros no Brasil. Em *Para*

inglês ver, mostrei uma relação entre os poderes mágicos dos pais-de-santo e a sua sexualidade considerada desviante na sociedade envolvente e, ao mesmo tempo, sugeri terem combinado bem os papéis de gênero feminino e masculino nas suas trajetórias dentro do culto. Patrícia Birman, mais fiel a Ruth Landes, concentrou-se em deslindar a lógica de gênero nos candomblés do Rio de Janeiro, baseada na associação entre a feminilidade e a possessão. J. Lorand Matory, por sua vez, engenhosamente reconheceu a lógica simbólica da relação na situação contemporânea brasileira mas *também* na cosmologia ioruba que entende a relação entre uma pessoa e seu espírito no momento da possessão como relação entre feminilidade e masculinidade. Argumentou convincentemente que a relação entre “desvio” e possessão por mim postulada simplesmente não explica o prestígio das mulheres no candomblé. “Na articulação entre concepções populares brasileiras de gênero e o abrangente simbolismo ioruba de relações cósmicas, as bichas e as mulheres são depositárias *normais* do poder divino” (Matory, 1988, p. 230, 231). Mesmo assim, segundo o esquema e a lógica de Matory, os candomblés mais tradicionais deveriam ser os mais tolerantes à presença de filhos femininos quando de fato é o oposto que ocorre. De acordo com Landes, são justamente os candomblés “de caboclo” que possuem o maior número de filhos e pais-de-santo homossexuais.

A questão do *status* da África para a interpretação do Brasil contemporâneo, que foi o centro da disputa entre Landes, Carneiro e Frazier, de um lado, e Ramos e Herskovits, de outro, continua até os nossos dias. Mas agora essa questão é mais complexa, porque está cada vez mais próxima aos sentimentos e à política. Uma crescente ênfase na questão racial no Brasil incentiva a busca de origens africanas e a celebração destas no cenário contemporâneo brasileiro. Quão distinto parece ser o Brasil do final do século XX daquele outro Brasil da década de 1930...

De fato, estas poucas palavras de apresentação não seriam completas sem uma referência à questão das relações raciais, que, como notamos, foi o que conduziu Ruth Landes a Salvador. É muito comum para os antropólogos mudarem os seus projetos de pesquisa diante da “realidade”

encontrada no campo. Mas neste caso não há mudança propriamente dita, mas sim uma reviravolta quase completa. Como declara Landes no seu prólogo: “Este livro acerca do Brasil não discute problemas raciais ali — porque não havia nenhum. Descreve, simplesmente, a vida de brasileiros de raça negra, gente graciosa e equilibrada, cujo encanto é proverbial na sua própria terra e imorredouro na minha memória” (p. 34).

Lendo estas palavras hoje, o leitor pode concluir que faltava a Landes qualquer senso crítico, por não perceber o racismo à brasileira. Mas, nos idos das décadas de 1930 e 1940, esta imagem sobre o Brasil era amplamente aceita, no País e no resto do mundo. Na verdade, há boas razões para supor que a idéia de “democracia racial” tenha sido consolidada por ativistas, escritores e intelectuais que olhavam para o Brasil a partir de terras onde a regra era a segregação. Por exemplo, negros dos Estados Unidos que visitavam o Brasil voltavam cheios de elogios. Líderes como Booker T. Washington e W. E. B. DuBois escreveram positivamente sobre a experiência negra no Brasil, enquanto o nacionalista negro Henry McNeal Turner e o jornalista radical Cyril Biggs chegaram ao ponto de defender a emigração para o Brasil como refúgio à opressão nos Estados Unidos.⁷ Em 1944, o escritor judeu Stefan Zweig achou que o Brasil era a sociedade racialmente mais harmoniosa que havia visitado.⁸ Na época de DuBois e Landes, então, considerava-se o Brasil uma “democracia racial”, onde as relações entre pessoas de cores diferentes eram fundamentalmente consonantes. Há boas razões para se pensar que alguns problemas, assim como algumas belezas, estão nos olhos de quem os vê.

Notas

¹ Luitgard Oliveira Cavalcanti Barros publicou uma versão mais ampla desta crítica que ela encontrou na Coleção Artur Ramos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nesta versão, Ramos começa com cópias da correspondência entre ele e Guy Johnson sobre o relatório (Barros, 2000). Édison Carneiro

afirma que o artigo foi rejeitado pela revista *Sociologia*, de São Paulo (Carneiro, 1964, p. 227).

- ² É possível que Landes tenha utilizado esta expressão no seu relatório para Gunnar Myrdal.
- ³ Uma parte desta correspondência se encontra em Barros, 2000.
- ⁴ Veja Corrêa, 2000.
- ⁵ “Não encontrei na Bahia nenhum grupo de ‘negros puros’ ou negros que estivessem isolados dos brancos, amarelos ou pardos. É possível, é claro, que o professor Herskovits tenha achado tais grupos e que entre estes grupos traços da cultura africana estivessem presentes na sua vida familiar” (Frazier, 1943a, p. 402).
- ⁶ “Um antropólogo brasileiro e um antropólogo americano traduziram o termo ‘pai-de-santo’, para o inglês, como ‘father-in-saintliness’” (Frazier, 1943a, p. 404).
- ⁷ Ver Michael George Hanchard, 1994.
- ⁸ Ver Spitzer, 1989 e Zweig, 1960.

Referências Bibliográficas

- BIRMAN, P. *Fazer estilo criando gênero: possessão e diferença de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduerj/Relume Dumará, 1995.
- CARNEIRO, É. Uma falseta de Artur Ramos. In: *Ladinos e crioulos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- CLARKE, E. *My mother who fathered me: a study of the family in three selected communities in Jamaica*. Londres: George Allen & Unwin, 1957.
- FRAZIER, F. Rejoinder by E. Franklin Frazier. *American Sociological Review*, n. 8, p. 402-404, 1943.
- _____. The Negro family in Bahia, Brazil. *American Sociological Review*, n. 7, 1943.
- FRY, P. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: _____. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- HANCHARD, M. G. *Orpheus and power: the Movimento Negro of Rio de Janeiro and São Paulo, Brazil, 1945-1988*. Princeton: Princeton University Press, 1994.
- HERSKOVITS, M. The Negro in Bahia, Brazil: a problem in method. *American Sociological Review*, n. 8, 1943.
- _____. Review of *The city of women*. *American Anthropologist*, n. 50, 1947.
- KERR, M. *The people of ship street: on a Liverpool slum*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1958.
- LEACOCK, S. A. R. *Spirits of the deep: a study of an afro-brazilian cult*. Nova York: Anchor Books, 1975.
- LIMA, Vivaldo da Costa. *A família de santo nos candomblés gêge-nagôs da Bahia: um estudo das relações intergrupais*. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- MATORY, J. L. Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras. In: REIS, J. J. (org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- RAMOS, A. Pesquisas estrangeiras sobre o negro brasileiro. In: _____. *A aculturação negra no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1942.
- _____. O ethos do negro no novo mundo. In: BARROS, L. O. C. (org.). *Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2000.
- RIBEIRO, R. Problemática pessoal e interpretação divinatória nos cultos afro-brasileiros do Recife. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 31, 1954.
- SMITH, R.T. *The Negro family in British Guiana*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1956.
- SPITZER, L. *Lives in between: assimilation and marginality in Austria, Brasil, West Africa 1780-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- YOUNG, M. D.; WILLMOTT, P. *Family and kinship in East London*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1957.
- ZWEIG, S. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

Nota à 1ª edição brasileira

É com alegria e desvanecimento que vejo este meu livro traduzido no Brasil.

Vinte anos depois, relendo esta crônica juvenil da maravilhosa Bahia, percebo com prazer que, no intervalo, o candomblé ganhou novas forças e se fez amado e admirado em todo o país, e que a herança africana, tão ciosamente guardada e preservada pelas mulheres do culto, está sendo incorporada doce e firmemente ao patrimônio cultural de todos os brasileiros, em escala cada vez maior.

Desejo agradecer, de todo o coração, ao eminente *scholar* (e candomblezeiro) dr. Édison Carneiro o cuidado e o interesse com que reviu, reajustou e anotou esta tradução, em especial quanto a nomes e pessoas, costumes e particularidades locais. Desde o começo, em 1938-1939, as minhas pesquisas muito se enriqueceram com a sua orientação e ajuda; mas as interpretações são de minha responsabilidade.

R. L.

Prólogo

O material para este livro foi colhido durante uma pesquisa antropológica de campo na Bahia e no Rio de Janeiro, em 1938 e 1939, generosamente apoiada pelo Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais da Universidade de Colúmbia e dirigida pelo Departamento de Antropologia da Universidade. Muitas pessoas, de diversas maneiras, ajudaram, de todo coração, com orientação, conselhos e críticas indispensáveis. Nos Estados Unidos a dra. Ruth Benedict e o dr. Franz Boas, da Universidade de Colúmbia, já falecidos, deram-me simpatia e apoio seguros. Igualmente amáveis e instrutivos foram o dr. Charles S. Johnson, o dr. e a sra. Donald Pierson, o falecido dr. Robert E. Park, da Universidade de Fisk, o falecido sr. Walter White, da Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor, a dra. Margaret Mead, do Museu Americano de História Natural. Os srs. Morris Ernst, Alexander Lindey e Drew Pearson proporcionaram-me valiosas apresentações.

No Brasil, todas as pessoas que encontrei ensinaram-me muito. Os meus constantes tutores, sem os quais me perderia – e cuja indulgente paciência sempre recordarei – foram o etnólogo dr. Édison Carneiro, os eminentes missionários dr. e sra. Hugh C. Tucker, d. Heloísa Alberto Torres, então diretora do Museu Nacional, d. Dina Venâncio, que me ensinou português, e minhas amigas particulares no Rio, srta. Isabel do Prado, sra. Kate di Pierri e srta. (hoje sra.) Maria Júlia Pourchet. Além disso, mantive, na Bahia, valiosas conversações com o dr. Nestor Duarte, que então estudava o papel das mulheres negras na história brasileira; com o dr. Hosannah de Oliveira, notável especialista em doenças infantis; com o cônego Manuel Barbosa, líder de pensamento liberal; com o jovem e

talentoso poeta dr. Áidano do Couto Ferraz; com o cônsul americano Robert Janz e sua equipe, em especial George Hasselman; com o missionário Peter Baker; com todas as outras pessoas mencionadas no livro e com algumas outras que preferem não ser mencionadas.

O Brasil me deu uma compreensão totalmente inesperada da facilidade com que diferentes raças poderiam viver juntas, de maneira civil e proveitosa. Assim, quando regressei ao meu país, passei a encará-lo com um espírito crítico novo. Mais tarde, trabalhando durante os anos de guerra na equipe do Comitê Presidencial de Práticas Equitativas de Emprego, e vivendo por algum tempo no Deep South, senti-me como perdida ante os intermináveis casos de "conflito racial" que eram de minha atribuição. Finalmente, após seis anos, voltei às minhas recordações de harmonia do Brasil. Este livro acerca do Brasil não discute problemas raciais ali — porque não havia nenhum. Descreve, simplesmente, a vida de brasileiros de raça negra, gente graciosa e equilibrada, cujo encanto é proverbial na sua própria terra e imorredouro na minha memória.

R. L.

1

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, a Universidade de Colúmbia me enviou ao Brasil para realizar uma pesquisa antropológica sobre a vida dos negros naquele país. Ouvíamos contar que a sua grande população negra vivia fácil e livremente em meio à população geral e queríamos conhecer pormenores. Desejávamos, também, saber de que forma a situação inter-racial diferia da nossa, nos Estados Unidos. Tratava-se de um projeto sociológico que excitava a imaginação de poucas pessoas. Somente um ano mais tarde o impacto da guerra fez do negro e dos seus problemas parte do noticiário cotidiano.

Sabíamos muito pouco acerca do Brasil por essa época; entre os meus colegas havia o sentimento geral de que eu estava sendo mandada ao extremo do tabuleiro do mundo, de onde somente a sorte me pouparia de cair. Tensamente, eu considerava as precauções recomendadas. Inocularam-me cinco ou seis soros, iguais aos ministrados, alguns anos mais tarde, às tropas combatentes no Pacífico. Comprei muitos vestidos e sapatos, porque tínhamos a noção de que lá não poderiam ser comprados. Enchi uma mala inteira com sabonetes e outros artigos de toalete, de modo que, mais tarde, os guardas aduaneiros no Rio deram tratos à bola para saber se cobriam ou não a taxa regularmente arçcadada sobre mercadorias comerciais; e só abandonaram essa idéia quando os convenci a verificar a minha carta de apresentação à Divisão Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller. Fui instruída na conduta apropriada a jovens senhoras em país latino.

Grande parte dos nossos conhecimentos sobre o Brasil, naquele tempo, estava longe de ser tranquilizadora. A Região Amazônica era um

“inferno verde”, de acordo com um romancista inglês; a enorme selva entre o Planalto Oriental e os Andes, chamada Mato Grosso, era uma terra onde índios bravios erravam, matando os brancos. Apenas o general Rondon penetrara esses domínios selvagens, a fim de dirigir a construção de linhas telegráficas. O litoral era a zona mais segura, com uma população densa vivendo em grandes cidades. O presidente Vargas se fizera ditador, liquidando, da noite para o dia, todas as instituições democráticas: eleições populares, congressos federal e locais, imprensa livre, sindicatos livres, reuniões públicas livres. Algumas revistas e jornais norte-americanos noticiavam como a oposição era perseguida, os seus membros denunciados como “comunistas”, forçados a se esconder ou exilar, às vezes presos, às vezes torturados.

Quanto ao povo, o mundo não-político, praticamente nada sabíamos. Não possuía o fascínio e a simpatia associados ao México e às Antilhas. O Rio de Janeiro estava a 4 mil milhas marítimas do porto de Nova York — distância enorme antes da Guerra, como o indicava o preço da passagem. Do fundo da nossa mente espiavam os estereotipados rostos escuros de sul-americanos, que O. Henry nos apresentara, uma geração antes, em sátiras arrasadoras. E a língua portuguesa do Brasil, bastante diferente do espanhol e falada apenas naquele país entre todos os da América Latina, dificultava ainda mais a nossa simpatia. O último contato de importância entre a nação americana e o Brasil se dera durante a Primeira Guerra Mundial, quando a Marinha estacionara navios na Bahia e no Rio; mas nem mesmo as lembranças desse período permaneciam.

Especialistas tinham ido ao Brasil, como acontecia comigo daquela vez, e escrito informes excelentes nos campos da geologia, da engenharia e da história. Esses livros, pouco divulgados, estavam recolhidos a umas tantas bibliotecas de regiões distantes do país, em benefício de um punhado de estudiosos. Assim, quando eu, como pesquisadora da Universidade de Colúmbia, tentei obter informações sobre o Brasil nas magníficas bibliotecas da cidade de Nova York, na verdade quase nada encontrei. As fontes eram incrivelmente restritas.

Mais ou menos por essa ocasião soube que a Universidade de Fisk, escola de negros de Nashville, Tennessee, possuía a melhor coleção de livros e material diverso sobre o assunto, a leste do Mississipi. De fato, alguns membros do corpo docente haviam dedicado anos de pesquisa em centros da raça negra no Brasil. Soube-o por acaso, numa festa, e quase tão casualmente fui convidada pela Universidade a ensinar, estudar a coleção e “acostumar-me com os negros”, antes de partir para a sombria e verde terra ao sul do Equador.

Oito anos já se passaram¹ e hoje parece incrível que a distância entre as raças no nosso país fosse tão grande a ponto de justificar a minha estada durante um ano entre negros, apenas por ser branca e, portanto, precisar acostumar-me com eles. Retrospectivamente, parece surpreendente que eu tenha sido enviada a outro país para estudar a operação da sua política racial, com base na simples suposição de que a coexistência pacífica de dois tipos físicos de homem requer dispositivos reguladores especiais. Acho que o cônsul brasileiro também se surpreendeu, quando estive no seu escritório em Nova York para obter o meu visto e expliquei esse propósito.

— Negros! — Exclamou. — Por que você deve *estudá-los*? Não são diferentes dos outros cidadãos do meu país!

E pediu para ver a minha ficha policial.

Mas, nos Estados Unidos, os negros eram considerados, mesmo pelos liberais e pelos homens de ciência, como uma espécie de tribo — não a mesma dos homens brancos, não a mesma dos homens modernos. Relembro como isto estava cristalizado em mim, dez ou doze anos antes, quando me ofereceram a oportunidade de realizar uma pesquisa antropológica numa *reservation* de índios americanos ou entre negros.

Fui, então, para Fisk. Era ousadia, não porque a escola fosse sulista, mas porque era de negros. Havia a tradição do Tennessee de Jim Crow e

¹ Este livro surgiu em 1947. (Nota de Édison Carneiro).

de linchamentos ocasionais, com o sinistro acompanhamento de ódio, piedade, horror, histeria. Criada na rebelde Nova York, treinada na provocativa dialética da minha ciência que declara serem todas as raças igualmente humanas, e nesse sentido iguais, cheguei à estação de Nashville preparada para a controvérsia. Veio ao meu encontro o chefe do departamento no qual eu deveria trabalhar — um professor negro de reputação internacional, de fala suave e irônica. Notei que estava tenso e alerta. Naqueles dias, era uma experiência extravagante para brancos e negros trabalhar como iguais, num campo profissional; e somente agora, enquanto escrevo, compreendo perfeitamente com que habilidade aquele professor conteve a efervescência de um caldeirão borbulhante.

Acostumei-me aos negros, como se esperava que acontecesse, mas de maneira imprevista e extenuante. Os negros da Universidade — os meus superiores e colegas do corpo docente, os meus alunos, a maioria deles de origem muito humilde — sentiam-se irritados e autoconscientes quanto à sua posição na América e talvez se tenham aborrecido ainda mais ao me verem e aos dois ou três outros instrutores brancos trazidos da Universidade de Colúmbia. Nós, os nortistas, éramos tão inocentes e entusiastas! Os negros nos ensinaram algo sobre os estilos raciais do Sul, como os haviam aprendido, com medo e desconfiança, e de um modo ou de outro logo me fizeram ver que seria melhor não pretender agir como uma igual, dentro de uma equação honesta de raças e classes, mas como uma patroa bem educada segundo os padrões clássicos. Assim haveria menos sofrimento para todos. O Sul, acreditavam eles, corrompe todos os que lá chegam.

Não era isso o que os meus companheiros tinham em mente quando instaram por que me preparasse para estudar os negros do Brasil vivendo entre os negros da Universidade de Fisk. Os intelectuais de Nova York não conhecem o Sul e sempre se sentem chocados a um breve contato com aquela região. Por outro lado, os meus amigos negros do Sul jamais haviam experimentado a ausência do obsessivo pensamento em termos de raça que distingue o Brasil.

— Vocês, os brancos, vêm aqui nos ensinar — disse-me, confidencialmente, um excelente estudante de cor de Fisk — porque não podem

obter emprego numa escola branca respeitável. Estão nos explorando. Se fossem realmente competentes na sua profissão, seriam contratados por uma escola branca.

Esta afirmativa desafiadora, carregada de desconfiança até mesmo para com simpatizantes brancos, era peculiarmente norte-americana. Como eu deveria entender mais tarde, nada tinha a ver com as atitudes da raça negra no Brasil.

A viagem marítima para o Rio foi longa — doze dias calmos e luminosos de abril sobre o Atlântico. Latino-americanos de diferentes nacionalidades voltavam aos seus lares. Um argentino de Buenos Aires, produtor da nova indústria cinematográfica do seu país, demonstrou-me como o seu grupo estava aprendendo bem uma espécie norte-americana de intolerância.

— Você vai para o país dos macacos! — exclamou, com escárnio e desapontamento, quando eu disse que planejava passar cerca de ano e meio no Brasil. — Ora, são todos pretos, atrasados como na África.

Surpreendi-me com a sua veemência, pois, então, estávamos menos familiarizados com as ideologias da Argentina.

— Você os encontrará balançando-se nas árvores, suspensos pelo rabo — continuou. — Seria melhor ir à Argentina, onde estão os brancos.

Lembrando a minha experiência na Universidade de Fisk, tentei ser razoável. Disse-lhe: — Talvez você mudasse de opinião se chegasse a conhecer um negro amável, bem educado. E alguns têm a pele tão clara quanto eu... É bem possível que você não os reconhecesse!

Ele me olhou de alto a baixo. — Então, você é uma negra...! — disse em tom desconcertado e surpreendido, sem que eu me preocupasse em corrigi-lo. — Mal posso acreditar — acrescentou — e sinto não poder vê-la no Rio.

Deixou-me um bilhete, ao desembarcar, dirigido a “minha querida Negrita”.

Ao chegar ao Rio, eu precisava apresentar-me a altos funcionários do governo e da polícia federal, a fim de provar a minha identidade e a inocência política dos estudos propostos. O governo receava espões, na ocasião, e todas as pessoas suspeitas eram atormentadas como “comunistas”. Um professor do Norte do Brasil, muito conhecido, de excelente família, mas de política adversa, foi rotulado de “comunista”, com a explicação oficial de que estudara no Teachers College da Universidade de Colúmbia, e atirado na prisão. E agora lá estava eu, da Universidade de Colúmbia. Aconselharam-me a não “falar”, a não discutir a política brasileira, nem o governo ou os princípios democráticos, nem a Rússia, nem o comunismo, nem figuras públicas como o presidente Roosevelt; não fazer perguntas, não bater fotografias, não conversar com a classe inferior, que poderia estar descontente por causa da inflação e da insegurança política geral.

Finalmente, fui apresentada a um notável ministro do governo,² de reputação internacional, merecidamente respeitado pela sua lealdade às nações democráticas e aos seus princípios. Era um homem alto e simpático, louro, natural do próspero e europeizado estado do Rio Grande do Sul, perto da Argentina. Entreguei-lhe uma carta de amigo comum de Washington.

— Seja bem-vinda! — disse-me, com um sorriso amável, apertando-me a mão.

Ofereceu-me uma poltrona ao lado da sua escrivaninha, no seu enorme e arejado escritório, que dava para um delicioso pátio cor-de-rosa, onde uma fonte central faiscava ao sol, atirando um jorro d'água no ar.

— Esta carta diz que a senhora não é um desses repórteres sensacionalistas. Ótimo. O Brasil precisa ser corretamente conhecido. Espe-

² Osvaldo Aranha. (Nota de É.C.).

cialmente a sua situação política, e, uma vez que vai estudar os negros, devo dizer-lhe que o nosso atraso político, que tornou esta ditadura necessária, se explica perfeitamente pelo nosso sangue negro. Infelizmente. Por isso, estamos tentando expurgar esse sangue, construindo uma nação para todos, “enbranquecendo” a raça brasileira.

Isto deixou-me um tanto confusa e perturbada.

Eu estava dolorosamente atordoada naqueles dias. A maneira pela qual a vida estava arrumada em Nova York, em Nashville e no Rio de Janeiro variava como diferentes mundos em diferentes planetas. No Rio eu estava na orla do mundo que conhecera. O clima e o povo, os sons e os olores eram estranhos, discrepantes, hostis. Mas a principal dificuldade era o meu desconhecimento da língua.

Suponho que somente um norte-americano pode sentir-se impaciente ante a necessidade de aprender uma nova língua, de memorizar regras e exceções gramaticais, de captar as expressões idiomáticas que realmente fazem de alguém um cidadão daquele universo. A impaciência me dominava, mas, obviamente, nada seria possível se não me tornasse capaz de usar o português. É indizível esta impotência de não ter uma linguagem, uma fala humana. Não se pode transmitir nem receber coisa alguma, o pensamento fica paralisado e todas as nossas intuições falham. O esforço de aprender a falar, a urgência de compreender tumultuam o cérebro, a tal ponto que, às vezes, eu pensava, estupefata, na engenhosidade dos primitivos ancestrais humanos que se preocuparam com a invenção da linguagem falada.

Passei, pois, três meses no Rio, adquirindo, como podia, a intrincada e idiomática linguagem e aprendendo também a linguagem que não é de língua, mas se exprime pelos dedos e pelas mãos, até mesmo por movimentos ondulantes dos braços e dos ombros, pelo brilho do olhar e por muitos movimentos sutis que se desenham levemente sobre um rosto e dão cor às tonalidades da voz. Tudo isto forma o cidadão do Rio, a personalidade especial do carioca, e foi a ponte através da qual penetrei na vida ainda mais estranha e mais remota da cidade nordestina da Bahia, onde planejava concentrar os meus estudos.

A Bahia foi, desde o começo, o meu objetivo. Grande porto de mar, capital do rico estado da Bahia e, outrora, capital do país, sempre desempenhou um papel decisivo nos negócios internos e externos do Brasil. Por causa da antiga escravidão e da sua rica economia agrícola, possui uma densa população negróide. Também a possuem outros estados do Nordeste, mas a Bahia é conhecida pela qualidade excepcional da vida folclórica dos seus negros. O que os negros fazem na Bahia é “típico” do Brasil. Os versos e as melodias por eles compostos e inspirados, o seu modo de cantar, os tipos de orquestração, as danças, os esportes, diversões, alimentos, bebidas, vestuário, literatura, o Carnaval que dura meses, as formas de culto religioso, até mesmo a personalidade e a beleza física das mulheres são parte preciosa do Brasil. Da Bahia vêm as formas e os símbolos a que se apegou o chauvinismo nacional. Mais tarde, Carmem Miranda levou-os à Broadway e a Hollywood. Heitor Vila-Lobos apresentou-os em harmonia e temas melódicos, no Carnegie Hall. Cândido Portinari pintou os ecos cariocas dessa vida, que o Museu de Arte Moderna de Nova York exibiu após o encerramento da mostra da Feira Mundial. Os negros da Bahia inspiraram uma literatura rica e variada, motivaram cientistas e romancistas. Os jornais tratam das suas atividades como coisa normal. Os cientistas sociais do Brasil se dedicam a esses cidadãos negros tão completamente como os seus colegas mexicanos o fazem com os índios, com o mesmo caráter de apreciação lisonjeira e de expiação do passado.

Assim, parti para a Bahia, e pela primeira vez nessa exploração através de diferentes mundos de idéias estava conscientemente pouco à vontade. E o estava porque já aprendera o suficiente para compreender que não tinha ponto de referência, nem teoria ou crença a sustentar ou demolir. Sabia, porém, que nunca mais deveria ser tão ingênua quanto à linguagem de “igualdade racial” como quando cheguei a Nashville. Lá, um homem poderia ser torturado e morto pela sua cor física. No Brasil, isso só poderia acontecer pela sua cor política. Mas podia acontecer e, assim, a questão não era “segurança ou “liberdade”, apesar da diferença dos termos. Em Nashville, um negro poderia chegar ao *college*, mas a sua

alma estaria sempre doente. Na Bahia, todo negro podia andar de cabeça erguida, dizia-se, mas no Rio achava-se graça (ou fingia-se fazê-lo) dos seus modos africanos. A gente do Rio, em particular — mas não os eruditos —, me preveniu contra os grupos de cultos herdados da história africana do seu povo. São chamados candomblés na Bahia e macumbas no Rio, variando a terminologia devido às diferentes línguas africanas que antigamente se falavam nessas cidades. Espalhavam-se histórias de arrepiar os cabelos de feitiçaria praticada por esses grupos, levando à loucura, à violência e à morte. A Bahia era a Meca de tudo isso; e assim a cidade era às vezes chamada “A Mulata Velha”.

— Você precisa mesmo ir? — gemeu a minha professora brasileira.

Contorceu o rosto jovem e simpático, simulando horror, e depois riu, citando uma canção: — A Bahia é boa terra; ela lá e eu aqui.

— Uma mulher branca, sozinha, lá? — disse um americano da Geórgia, em tom reprovador. — Você sabe o que os negros farão.

Não pude partir antes de ser liberada pelo Ministério da Agricultura e obter aprovação militar. Eu era uma estrangeira, na verdade indesejada, mas tolerada por me ter identificado como “cientista”, que não buscava emprego pago, antes gastaria dinheiro. Esperava-se que eu entrasse em contato com as autoridades da Bahia e, como deixei de fazê-lo — pensando que as cartas amáveis eram simples cartas de apresentação a serem usadas apenas em caso de necessidade — a polícia secreta foi notificada e eu fui seguida constantemente e afinal recebi ordem de sair da região. Mas isto se deu meses mais tarde.

Esta bem-intencionada pesquisa de relações raciais não podia furtar-se ao fragor dos tempos. Naturalmente que não, pois as ideologias fascistas eram apenas versões mais novas de amplas motivações que se haviam cristalizado, no nosso país, como intolerância racial. O Rio era uma área de dumping para mercadorias alemãs, italianas e japonesas, e o Brasil figurava entre os muitos países sul-americanos atraídos por acordos comerciais fáceis, e propícios, com as nações do Eixo. Em consequência, transatlânticos do Eixo atulhavam o imenso porto do Rio e proporcionavam

aos passageiros um serviço de cabotagem muito mais eficiente do que o fornecido pelas frotas de outros países ou do próprio Brasil. Eu poderia ter viajado de avião para a Bahia, mas era incomparavelmente mais econômico embarcar num navio alemão. Ao subir o portaló do limpo e belo navio, passei pelos seus oficiais elegantemente vestidos que saudavam os amigos com um rápido "Heil Hitler!". O Exército do Reich acabava de anexar a Áustria e dezenas de grandes famílias alemãs tinham vindo do estado agrícola de Santa Catarina, no Sul, e comprado passagem para a Grande Alemanha. Enxameavam por toda parte e falavam com franqueza da necessidade econômica de expulsar os judeus — talvez os judeus pudessem tomar o seu lugar no Brasil; cantavam, dançavam, saboreavam a excelente comida e a música durante as refeições e sentiam-se incrivelmente felizes por deixar o Brasil, que lhes dera um lar e sustento por muitos anos. Para eles, o Brasil era uma terra híbrida, brutal — e Hitler os salvara dela.

Preciso dizer que me sentia insegura e confusa? A minha pesquisa antropológica encontrava-se agora privada da segurança, da santidade da torre-de-marfim. Eu deixara a minha terra democrática, de língua inglesa, com as suas leis fidedignas que permitiam a uma cientista branca estudar, com toda dignidade, a prolongada mas incruenta batalha das raças; eu a deixara para o país de um ditador, cuja língua difícil e cujos costumes desagradáveis — pois as mulheres eram tão cerceadas nos seus movimentos quanto a oposição política — me faziam sentir desorientada e desesperada, como se estivesse na selva; e, além disso, de repente via-me frente a frente com pessoas que davam voz a crenças nazistas e embarcavam para lutar por elas. O meu treinamento em ciência pura não me preparara para tais acontecimentos (acho, entretanto, que muitos jovens americanos honestos também estavam mal preparados então, mesmo aqueles que insistiram em combater na Guerra Civil Espanhola) e eu imaginava, um tanto alarmada, o que aqueles nórdicos diriam ou fariam se soubessem que a obra científica do meu mestre³ fora lançada às chamas nas primeiras fogueiras de Heidelberg.

³ Franz Boas. (Nota de É.C.).

O comissário-de-bordo examinou cuidadosamente os meus papéis. Eu olhava, desolada, os retratos oficiais de Hitler nas paredes. Aquela face me infundiu horror àquela cilada flutuante e uma frenética ansiedade pela hora de escapar para a Bahia. Hitler já invadira dois países europeus, mas eu não imaginava que viesse encontrar as suas forças e os seus símbolos no Hemisfério Ocidental. Quando terminou, o comissário apertou-me a mão e disse com simpatia: — Por Deus! Entristece-me ver a senhora na Bahia com todos aqueles negros! Quando acabar o seu trabalho, vá à Alemanha. Precisamos de gente boa como a senhora.

Era de manhã cedo, num domingo quente, de céu claro, e a cidade de dois andares da Bahia — a Cidade do Salvador — estendia-se branca e ofuscante acima das águas. Estivadores negros se aglomeravam nas docas, esperando o navio atracar. Senti-me completamente suspensa no espaço, no tempo, nos pensamentos. Quão longe, quão longe estava isto dos livros, da biblioteca e mesmo das salas de aula de Fisk!

2

Não era fácil viver na Bahia. Quero deixar claro este ponto e dizer que quase tudo ali era difícil. Como “Alice no país das maravilhas”, eu chegara àquela terra exuberante, de colorido dramático, sem consciência da minha própria personalidade, da diferença constante entre ela e as outras. A mulher norte-americana moderna é um fenômeno estranho e incômodo num ambiente daqueles. Nos meses seguintes entendi-o um pouco, ao observar turistas passeando pela cidade.

Na Bahia, velhas tradições ganhavam ameaçadora vida diante de mim. Para começar, não havia possibilidade de alojamento ou diversão para uma moça solteira, desacompanhada, sem família e independente. A minha pele clara e saúde atlética destoavam naquela cidade tropical, de gente de compleição escura. Os meus bons vestidos eram demasiadamente bem talhados, assexuados, indiferentes. E os sapatos! Não me embaraçava o fato de serem maiores do que os de qualquer outra pessoa; mas, de vez em quando, o seu estilo se tornava muito incômodo. Por exemplo, eu tinha um lindo par de sapatos de laço, de couro preto e camurça, do estilo chamado *ghillies* nas lojas da Quinta Avenida. Achava-os cômodos e bonitos. Certa noite, porém, por volta das 11 horas, uma jovem, que passava na rua com um vestido de cauda, pôs os olhos em mim, parou, fitou-me e de repente começou a gritar. Eu sumi, depressa. No dia seguinte, soube tratar-se de uma prostituta devidamente autorizada, que deveria ter percebido não ser eu do seu tipo, mas temera que fosse uma competidora no seu campo de ação, porque os meus *ghillies* se assemelhavam aos sapatos usados na sua profissão!

Assim que cheguei, travei conhecimento com membros da pequena colônia norte-americana, que levavam uma vida irritada e aborrecida nos altos mais bonitos e arejados da cidade. Vinham do Texas, de Oklahoma e da Geórgia e obedeciam a normas rígidas nas relações com “nativos”, “negros”, “ralé” e judeus. Foi o meu primeiro contato com um grupo assim – e eu estava vulnerável. Os casais se separavam por infidelidade e por excesso de lazer e ociosidade. Por outro lado, o grupo, como um todo, estava ligado pelas intimidades resultantes da tristeza, das paixões e das afeições fugazes, e pela proteção vital que cada qual prometia contra a solidão total. O conjunto importava intensamente, ninguém importava pessoalmente; e certos acontecimentos posteriores demonstraram-me que não tinha qualquer espécie de lealdade, seja para com a família, com o país ou com os amigos. Alguns contaram-me histórias sobre as suas próprias pessoas, às vezes pormenorizadamente, às vezes em fragmentos, às vezes com franqueza; e, em certa ocasião, preveniram-me de que, sem a menor intenção de minha parte, eu era a terceira figura num trio amoroso. Lembro com carinho, porém, de uma senhora de uns 25 anos, graciosa e inteligente, que animava aquela colônia macabra como uma rosa silvestre numa vinha. Mas até mesmo ela sentia-se atingida pelo tédio tropical, desesperadamente infeliz na Bahia, desesperadamente aborrecida com o seu casamento, com um desesperado sentimento de culpa quanto aos seus desejos de fuga. A modo de se castigar, contou-me como procurava desencaminhar outras pessoas, a fim de ter companhia na sua solidão. Depois, trouxe-me flores do campo para apagar a lembrança da sua disposição de ânimo.

Nenhuma dessas pessoas se interessava pela vida da Bahia, pelas grandes transações agrícolas, pela atarefada navegação, pela prospecção de petróleo, pelas famosas escolas superiores, pelas ruidosas feiras e mercados, pela colorida vida folclórica à sua volta. Tinham um completo desprezo pelo ambiente, tão amargo e fútil que chegava a adoecê-los fisicamente. Era possível vê-los murchar, de mês para mês.

– Estou parado neste imprestável buraco – dizia-me o jovem cônsul texano – por causa da aposentadoria. Mas apenas vegeto de um ano para

outro. Vivo para o dia em que possa me aposentar e voltar à civilização. Não posso esperar até os 40 anos.

Todos bebiam demais para o clima; sonhavam com o adultério; e, com exceção da minha encantadora amiga, ninguém se preocupava em aprender português ou fazer amizade com os "nativos". A colônia britânica era um pouco mais bem ajustada e os alemães realmente casavam e viviam entre os baianos.

Os meus patrícios me condenavam porque não me associei ao Iate Clube, nem me juntei ao seu círculo. Eu não poderia estar com eles, pois isso perturbaria a paz conjugal. Não havia casas ou apartamentos que eu pudesse alugar. Aluguei, então, um quarto no melhor hotel da cidade.

Esta frase devia ser incrustada de estrelas vermelhas e douradas. Porque as mulheres decentes — outra frase a incrustar — não devem viver desse modo nas regiões obedientes à tradição no Brasil. E assim apareceu uma leve nuvem no meu horizonte político, a qual, nos últimos meses, escureceu e cobriu todo o céu. Como soube mais tarde, eram mulheres de certo estofado, embora de classe alta, que viviam sozinhas em hotéis, vindas em bando do Rio, por causa dos muitos oficiais das tropas federais então no Nordeste. Parecia-se admitir, todavia, que eu não era uma mulher assim e se esperava que eu tivesse um marido, um amante certo, uma dama de companhia. Mas, nos meses seguintes, não apresentei nada disso. Foi então que se decidiu, parece, que, como eu vinha da Universidade de Colúmbia e estava em contato com membros de Congregações de escolas superiores da Bahia — muitos dos quais tinham sido exilados ou detidos em diferentes ocasiões por oposição política a Vargas — e dedicava minha atenção à gente negra nos arrabaldes abandonados, eu devia ser uma espiã de Moscou. A polícia secreta observou-me durante meses, três vezes por dia, mas não tomei conhecimento disso por muito tempo e, quando o soube, já completara os meus estudos. O cônsul americano parecia concordar com a polícia da Bahia, e assim me vi obrigada a recorrer ao cônsul britânico e isso também contribuiu para confundir a minha antiga admiração pelos direitos do cidadão sob a bandeira dos Estados Unidos.

Em especial quando, ao escutar um negro falar inglês no cais, lhe perguntei, com prazer: — Oh, você é de Chicago?

— Que lhe importa? — retrucou. — Estou no Brasil agora, e sou livre!

Assim desfiz as malas no hotel, onde fiquei cerca de um ano, com os olhos de gavião do jovem e suave gerente alemão constantemente sobre mim. Se ele não era um nazista, o garçom da sala-de-jantar era, e o dominava. Esta impressão se robusteceu, sobretudo quando o garçom, nédio e mal-encarado, se tornou íntimo do alto e garboso coronel das tropas federais, e os dois me espiavam sorratamente, logo que um negro ia buscar-me para um passeio pelos arrabaldes. Havia olhares e murmúrios por toda parte e medo — sim, medo por toda parte. Ocasionalmente, corria a notícia de que um conhecido do ensino superior fora arrastado para a cadeia, perto da praça da cidade, ou de que um candomblé fora invadido por suspeita de dar refúgio a um inimigo político e, finalmente, até eu mesma recebi telefonemas misteriosos. Talvez isso significasse que eu fazia parte, agora, do mundo em que me precipitara; mas não era divertido. Não. E, de certo modo, era uma experiência inútil, pois nada provava quanto a relações raciais.

Ainda que como a ingênua Alice, fiz alguns amigos. Cartas de apresentação de eruditos da Universidade de Fisk e do Rio de Janeiro levaram-me em particular a um jovem etnólogo baiano, chamado Édison Carneiro. O dr. Édison tinha apenas 27 anos, mas o número e a originalidade dos seus estudos sobre o negro brasileiro e os candomblés e a solidez da sua reputação faziam-me esperar um homem muito mais idoso. Por outro lado, 27 anos significam maturidade muito mais adiantada no Brasil do que nos Estados Unidos — e Édison já estivera homiziado e preso por causa da sua oposição a Getúlio Vargas e devia ser preso novamente, durante a minha permanência.

Pareceu-me significativo que Édison fosse um mulato, da cor trigueira chamada parda no Brasil. Era significativo porque as cartas de apresentação vinham de colegas brancos, que não haviam mencionado a sua raça ou cor. Para eles isso não importava. Aceitavam-no pelo seu

provado valor como jornalista e como erudito. Em momento algum percebi, de sua parte, qualquer preocupação especial com a minha raça.

Vinha de família pobre mas boa, qualificada de fidalga. O pai, de tez clara, era professor de engenharia, aposentado, de ótima reputação por trabalhos originais. A tia parecia índia e era diretora de uma escola. Um dos tios era juiz. Um irmão mais velho era advogado conhecido. Uma das irmãs mais moças era ruiva, a outra morena, e ambas estudavam para serem professoras. Era o tipo de família às vezes chamada de “negros brancos”, por muito respeitada. Não, não ligava a raça a assuntos pessoais ou sociais, pois planejava, então, uma viagem pelo Sul dos Estados Unidos, para estudar as condições locais. Quando lhe disse: — Não, você não pode fazer isso — ele protestou: — E por que não? — insistiu. Tive de explicar: — Lá existe o Jim Crow e eles o incomodarão com o pretexto da sua cor. — O seu rosto se contorceu como se eu o tivesse chicoteado sobre os olhos. Pensei, agoniada, que um americano não devia ter de fazer tais coisas a outros seres humanos.

Édison empreendia as suas próprias pesquisas de campo entre os negros, colhendo material para o jornal que o contratara como repórter e para o novo livro que projetava escrever. De modo que concordamos em fundir os nossos recursos, os nossos conhecimentos, o nosso tempo, as nossas observações. Preciso dizer que a devedora fui eu? Na verdade, a sua companhia convenceu a polícia de que eu era politicamente culpada; mas, naquela terra, onde a tradição trancava as mulheres solteiras em casa ou as lançava à sarjeta, eu teria sido incapaz de me locomover, a menos que escoltada por um homem de boa reputação. E ali estava ele. Além do mais, para os negros era a melhor garantia possível de que eu não era uma espiã da classe alta, nem uma simples enxada; e, até certo ponto, ele anulava o mal-estar que sentiam na presença de estrangeiros. Ainda que eu não fosse tão obviamente uma gringa (— O rosto dela é branco como um lençol — diziam as crianças, arregalando os olhos. — É por isso que ela fala gringo), os negros teriam hesitado em falar comigo sozinha, para meu próprio bem. Uma mulher deve ser extremamente jovem ou muito velha

para estar à vontade naquelas partes do Brasil. Mas Édison, que vivera entre eles toda a sua vida e os descrevia na imprensa diária, apresentava-me e era considerado o meu “protetor”.

Na Bahia há alegria de viver, alegria tangível como as jovens palmeiras que emolduram igrejas nas colinas e ascendem negras e vívidas contra o horizonte incandescente. Era o que eu sentia certas manhãs no meu quarto de hotel, quando o som de música distante ecoava ao longo das ruas estreitas e me despertava para a luminosidade das 5 horas. Sentia-o quando perambulava pela cidade e passeava nos bondes abertos, vendo meninos de pé-no-chão, calça curta e imensos chapéus-de-palha apregoando doces e jornais em cestas que traziam nos braços; olhando negros descalços ou de ruidosos tamancos, subindo e descendo, ao lado dos seus burricos, as íngremes ruas calçadas de pedras redondas; observando negras, com vestidos muito armados de algodão, andando de pés nus ou com pequenas sandálias para muitos destinos ignorados, parando a todo momento para sorrir e tagarelar com os conhecidos. Havia algo naquele fluxo de transeuntes apressados nas ruas limpas e ensolaradas ou descendo os superlotados elevadores ao ar livre que ligam a Cidade Alta à Cidade Baixa, algo que convencia a mim, uma estrangeira, de um grande bom-humor. Sentia que era bom estar entre essas pessoas e queria ser uma delas. O céu límpido e sem nuvens formava uma moldura de encantamento para todas as coisas e tudo se tornava gracioso. Melodias eram difundidas pelos alto-falantes à porta das lojas e, de certa maneira, isso era agradável. Os meus tímpanos reclamavam, mas o meu coração assegurava que era bom. Recordava amiúde o aviso de um entendido: — Tome cuidado com o latino quando estiver quieto. Mas, enquanto estiver animado, tudo vai bem.

À noite, a alegria se transformava em música, quando as pessoas se visitavam e os jovens saíam em grandes bandos, apenas para andar, de

roupa limpa, e riam calmos, cantando, às vezes, os estribilhos do último Carnaval. Afinal, tarde da noite, quando a maioria das famílias se preparava para dormir, algumas negras velhas vagueavam pelas ruas sombrias e, olhando o céu baixo, entoavam cantos, de melodias claras e melancólicas de origem africana, e de versos em parte africanos e em parte portugueses, comerciando as guloseimas, comidas e bebidas, que tinham para vender. E esses cantos pesarosos eram ternos ao ouvido, embalavam a cidade.

Sabia que não seria possível estudar a Bahia como o faria com uma galeria de arte, nem com certas tribos indígenas das nossas *reservations*, onde se podem contratar indivíduos que se plantem numa cadeira, durante meses seguidos, e falem de si mesmos. Teria de persuadir os baianos a me deixarem participar da sua vida. Teria de abrir caminho para o fluxo humano e tornar-me parte dele. Para estudar as pessoas, deveria viver com elas, apreciá-las e procurar, constantemente, fazer com que gostassem de mim.

Não era simples. São gente muito ocupada, para quem cada hora tem uma finalidade e que, de modo peculiarmente latino — talvez também africano —, mantém os estranhos à distância. Alguns a consideram arrogante. Acho que os seus modos são orgulhosos, mas amáveis. As mulheres mostram isso no seu porte, eretas como árvores quando passam pelas ruas principais balançando à cabeça tabuleiros de doces, as saias engomadas ondulando ao passo decidido e largo, a face escura e calma protegida do sol.

As pessoas da classe alta, em geral bem-educadas e exercendo profissões liberais, gostam imensamente dos negros e adoram exibi-los. Quando dizem “negros”, designam apenas o tipo que vi nas ruas — a gente trabalhadora mal-remunerada, que se distingue pelas roupas, pelas músicas e por outras características incomuns. Não pretendem indicar meramente indivíduos de determinada cor; e, de fato, geralmente dizem “africanos” ou “afro-baianos”, em vez de “negro” que é considerado pejorativo. Um termo preferido é “preto”. Mas nem “preto”, nem “negro”, nem “africano” são usados com referência a pessoas desse tipo físico que ocupem posições

na classe superior. A educação ou o dinheiro, isolada ou conjuntamente, retiram um indivíduo do pitoresco grupo dos “negros”.

Um domingo, pela manhã, o dr. Hosannah de Oliveira, conhecido pediatra para quem eu trouxera uma carta de apresentação de amigos do Rio, ofereceu-se para levar-me de carro pela cidade, a fim de me mostrar os “africanos”. Nosso carro deslizava, a buzina tocando, para cima e para baixo, nas ruas estreitas, enquanto o chofer tentava montar os pneus nos trilhos do bonde. Paramos, de repente, quando um padre atravessou a rua, avançando o sinal. O automóvel era um lindo Chrysler, novo, e obviamente o seu idealizador jamais imaginara um terreno assim. Chegamos, afinal, ao grande mercado da Cidade Baixa, à beira da baía, ao lado das docas e armazéns de cacau e envolvido no seu fedor. Por todos os cantos havia pretas de saias e torsos coloridos e blusas brancas que refletiam a luz do sol. Eram, em geral, mulheres velhas, na aparência robustas, confiantes em si mesmas, profundamente interessadas no trabalho do momento. Geriam açougues, quitandas, balcões de doces e frutas e as barracas onde se vendiam especiarias, sabão, contas e outras especialidades vindas da costa ocidental da África. O comércio com a África se fazia desde o carregamento do primeiro navio negreiro. As relações haviam sido tão íntimas, antes da emancipação, que as firmas comerciais e a corte do vice-reino na Bahia haviam permutado emissários e títulos nobiliárquicos com as cortes tribais da África Ocidental. A Igreja Católica chegara a incluir a Bahia no bispado africano de Angola. Os brasileiros tinham boas razões para considerar a Bahia como a porta de entrada para a África Ocidental. Uma negra eminente havia mesmo chamado a cidade de “Roma Negra”.

O doutor me contava: — Estas são as pessoas que você terá de conhecer; portanto, não se assuste. Têm um temperamento muito brando e responderão a todas as suas perguntas.

Apontou para uma senhora gorda, sentada por cima das pernas no chão, as saias vistosas espraiadas ao redor, um lenço amarrado com graça à cabeça. — Tia Júlia — disse o doutor, com clareza, dirigindo-se a ela —

quais são os seus santos? — Tinha em mente os santos católicos, que os negros identificam com as divindades africanas dos candomblés. Olhando-o, suspicaz, ela respondeu numa voz sumida: — Eu não tenho santo, meu senhor.

— Nenhum, titia? — O doutor se ergueu e sorriu para mim: — Ela não está disposta a explicar. Está com vergonha. — Afastando-se um pouco, como se procurasse ver um objeto em perspectiva, observou: — Veja o tipo físico dela. Não é propriamente puro-sangue da Costa do Ouro, porque não é muito preta; tem um bronzado claro, cor de ouro. Talvez tenha sangue árabe ou português. Tem as maçãs do rosto largas e salientes e lábios bastante finos. O nariz é dividido, mas muito chato. — A mulher estava escutando.

— Seu doutor, eu não sou de *qualidade*⁴ — falou, humilde — mas a minha mãe era. Paz à su'alma. O pai dela era branco. Meu pai era africano.

O médico aquiesceu e lançou-lhe uma moeda. Continuamos a andar, até que ele vislumbrou uma preta alta de cabelo branco encarapinhado.

— Agora vá você e faça-lhe uma pergunta — insistiu.

— Não tenho coragem — protestei. — Além do mais, ela não entenderia a minha pronúncia!

Então, ele falou com a mulher: — Como vai, tia Luzia? — disse, polidamente. — Quero dois sapotis. Vejo que está usando um colar de coral. De que santo é?

— D'Oxum, seu doutor — respondeu, com naturalidade, com voz rouca.

O doutor voltou-se para mim. — Disse que o santo dela é Oxum. Oxum é uma divindade africana e, segundo eles, é também Nossa Senhora.

⁴ Isto é, branca, ou de tez clara. (Nota de É.C).

Não me agradava aquela excursão. Talvez estivesse errada, mas sentia que aqueles negros baianos deviam ser abordados de maneira mais pessoal, de um modo que lhes testemunhasse mais claramente o meu respeito. Na verdade, eu queria vê-los vivendo a sua própria vida, e não apenas escutar as suas respostas às minhas perguntas. E, sem dúvida, eu não poderia fazer perguntas enquanto não conhecesse a vida deles.

Foi depois disso que conheci Édison. Fôramos ao cais, uma tarde, esperar um navio que trazia amigos do Rio. Sentamos num caixote e conversamos. Ele riu, mas também se exasperou quando lhe descrevi as experiências do domingo. As suas idéias sociais eram democráticas e ele achava que os negros tinham sido tratados com condescendência devido à sua situação econômica precária.

— Os aristocratas sempre condescendem — resmungou, em voz calma, carregada de intensidade, tirando baforadas do seu cigarro — e quando alguns deles resolvem estudar candomblé, colhem material chamando os negros aos seus escritórios para entrevistas, porque são muito orgulhosos ou muito preguiçosos para visitar os templos nos arrabaldes. Mas você tem de ir a eles. Você não pode esperar que se portem com naturalidade num escritório ou num hotel. E eles saberão que você os respeita, se for a eles. Eu a apresentarei.

Durante os meses seguintes, visitei pessoas, dia e noite, comendo com elas nas suas casas, conversando tardes inteiras sobre coisas do seu interesse, passando dias e semanas em cerimônias e festas aborrecidas. Demos presentes; percorremos distâncias sem fim, de táxi, nos arrabaldes abandonados, e de barco para as ilhas próximas na baía; gastamos longas horas e perdemos muito sono e afinal quase ficamos doentes de cansaço e de calor. Precisávamos estar constantemente disponíveis, com paciência e cordialidade infinitas, sempre alertas, sempre prontos a tomar notas e tirar instantâneos de maneira discreta.

Tive de ser paciente com os baianos, mas Édison teve, além disso, de ser paciente comigo. Não somente o meu modo de pensar e a minha conduta lhe eram estranhos, mas também, como escritor, sofria diariamente

a tortura de ver mutilada a sua amada língua. Posso imaginar o que sentia, porque de vez em quando eu estremecia ouvindo-o tentar uma conversação em inglês. Mas os brasileiros são incomparavelmente bondosos com os estrangeiros que lutam por aprender “o idioma de Camões” — como o denominam, na sua admiração pelo grande poeta épico de Portugal; e se dispõem de tal modo a cooperar que “comprenderiam até chinês”, como costumava dizer a minha patriótica professora carioca. Sempre fui humildemente grata à paciência de Édison, qualidade que, dizia ele, era muito útil no Brasil e fora herdada de distantes antepassados da África.

Bem cedo compreendi que a minha pesquisa da Bahia não era algo unilateral, que eu podia limitar como quisesse ou começar e acabar à vontade. A minha ação fora decisiva sobretudo para a minha vinda à Bahia e depois disso eu estava mais ou menos à deriva nas marés da opinião pública. Estou certa de que muito pouca gente acreditava nas minhas boas intenções. O fato de ser americana imediatamente me atribuía o papel de aventureira. Eu era um espécime, uma curiosidade para os 350 mil e tantos habitantes da cidade e arredores. Os jornais haviam informado os seus leitores acerca da minha chegada e dos meus propósitos e percebi que logo começaram a lembrar os americanos “malucos” que conheciam dos filmes de Hollywood. Elogiavam os americanos da tela pela sua “coragem”, mas, sendo latinos, davam mais valor à discrição — e sorriam, com escárnio, das nossas *girls* escandalosas, de pernas à mostra, e dos nossos bandidos barulhentos. (Adoravam Mickey Mouse). Como só havia cerca de duzentos norte-americanos na Bahia e perto de 2 mil outros perdidos na população carioca de 1 milhão e meio, as imagens dos filmes não podiam ser corrigidas através de uma experiência concreta com figuras de carne e osso. No Rio, as crianças me achavam tão estranha que iam atrás de mim nas ruas, gritando — Americana! Americana! —, e garotos, nos bondes, em algazarra, faziam palhaçadas e procuravam falar o inglês que aprendiam na escola. Na aristocrática Bahia, eram mais comedidos;

mas, como disse, a polícia deu forma às indagações e incertezas latentes da população, rotulando como “espionagem” as minhas atividades. Levavam-me demais a sério para acreditar que eu fizesse tudo apenas pela ciência. Os eruditos e intelectuais tratavam-me com amabilidade generosa e grave, simpatizando com os meus propósitos; contudo, eu era para eles uma novidade quase tão grande quanto os negros para mim.

É uma estranha experiência para um americano descobrir que não importa. Era o que sentiam os nossos compatriotas na Bahia. O povo estava acostumado a ver homens de negócio ingleses e alemães e suas famílias; quando, às vezes, me tomavam por alemã, não aumentava o meu prestígio insistir enfaticamente em que eu era dos Estados Unidos. Os negros raramente estavam certos quanto à localização dos Estados Unidos; sabiam que ficavam para lá do oceano, mas supunham que na Europa. Os americanos eram um pouco mais conhecidos no Sul, onde havia maior contato com o mundo exterior e onde viviam muitos ingleses, grandes colônias de japoneses, tantos alemães e italianos que estados inteiros eram dominados por eles.

Indústrias importantes eram controladas por esses outros nacionais, embora a Standard Oil trabalhasse satisfatoriamente no Rio.

Eu preenchia um requisito popular de conduta ao estilo americano, dando a impressão de ter dinheiro. Admitia-se que eu fosse rica e, independentemente do fato de que se espera de todos os americanos que sejam ricos (e loucos por dinheiro), esta crença era um sinal de reconhecimento social, pois, acreditava-se, nenhum “aristocrata” precisava trabalhar para ganhar o pão de cada dia. Na realidade eu chegara apenas com uns 2 mil dólares para todas as despesas durante mais de um ano. Mas o povo, que dispunha de quantias infinitesimais para viver, raciocinava que uma mulher que viaja, mora em hotéis e toma táxi deve nadar em dinheiro. E, sem dúvida, eu estava bem provida, pois o poder aquisitivo do dólar americano era alto e eu o gastava com cautela.

Para facilitar o trabalho e as minhas apresentações, Édison e alguns outros, como o elegante dr. Estácio de Lima, da Faculdade de Medicina,

começaram a orientar-me quanto à conduta fora da cidade, no seio do povo.

— Não use um vestido assim tão bonito, de seda branca — disse o dr. Estácio de Lima, observando-me. — Ficaré imundo.

Ele mesmo vestia um elegante terno de linho, engomado. Mas o que queria realmente dizer era que as mulheres negras usavam vestidos de morim tão simples que o meu, bem cortado, as envergonharia.

— E use sapatos comuns — advertiu. — As estradas são poeirentas.

Ainda uma vez, o conselho não era tanto por causa do terreno quanto porque as mulheres andavam com calçados quaisquer.

Édison foi mais longe: — Não fale quando estiver comendo com outras pessoas — comentou, calmo e incisivo. — Eles podem pensar que a comida não está lhe agradando... E por que não usa pó-de-arroz? Isso a protegeria contra queimaduras do sol. Afinal, as mulheres daqui vivem neste clima há séculos e sabem o que fazem... E não vá sozinha ao cinema! Os homens podem se tornar insolentes e você talvez não possa defender-se. Se eu estiver por perto, posso intervir. Não seja teimosa! Não estamos nos Estados Unidos da América!

Édison pertencia à vanguarda radical em luta pelos direitos da mulher; mas preferia não lutar no interior dos bastiões da tradição baiana, nem no curso de uma pesquisa social.

4

A primeira pessoa com quem Édison acertou uma visita formal foi um negro de cerca de 80 anos conhecido como Martiniano – o seu verdadeiro nome era Martiniano Eliseu do Bonfim. Era uma instituição na Bahia, e na verdade em todo o Brasil; consideravam-no um sábio no seu mundo. Nascido no Brasil sob a escravidão, de progenitores que haviam comprado a sua própria liberdade, foi enviado pelo pai mais ou menos aos 14 anos a Lagos, na África Ocidental, e estudou as tradições tribais de seus antepassados da selva e aprendeu inglês nas escolas missionárias. Isto significa que, embora católico praticante, como os pais, Martiniano passou pelas provas e cerimônias pagãs. Assim decorreu a sua juventude e quando, na flor dos anos, voltou à Bahia, precedia-o uma reputação de vidente e mago. A selva ao redor de Lagos representava para o seu povo o mesmo que Oxford e Cambridge para os ingleses. O que os pais haviam feito por ele se enquadrava na melhor tradição da comunidade negra da Bahia. Sacerdotes pagãos eram frequentemente importados antes de 1888 – o ano da emancipação – para atender às necessidades da população escrava; e os libertos concentravam todas as energias a fim de financiar as suas próprias visitas ou as dos seus filhos à Nigéria. As visitas constituíam uma espécie de Hégira e conferiam aos viajantes permanente prestígio. Havia influências maometanas na Bahia, dada a presença de escravos hauçás, e isso ajudava a manter vivos os ardentes vínculos com a terra dos ancestrais. Para o mundo de Martiniano, Lagos era Meca; certa vez mostrou-me fotografias de vapores que levavam negros baianos para Lagos. Muitos permaneceram lá e se tornaram líderes da comunidade. Martiniano, porém, voltou à Bahia, onde a sua inteligência perspicaz, a

sua personalidade dominadora e os seus conhecimentos esotéricos foram reconhecidos e o conduziram rapidamente à fama entre os adeptos do candomblé. Os cientistas procuravam-no às vezes para obter informações e o seu nome se notabilizou entre eles graças ao maior cientista social do Brasil, o dr. Nina Rodrigues.

Quando fomos vê-lo, Martiniano – como Édison explicou – tinha a sensação da derrocada da sua época. As instituições africanas do Brasil eram menos populares, estavam perdendo a sua vitalidade, os seus líderes estavam morrendo, e para o velho tudo isto era terrível e indigno. Ele não podia compreender que se tratava de uma conseqüência inevitável da emancipação dos escravos, com que as oportunidades e as solicitações de assimilação aumentaram grandemente.

Era um negro puro-sangue e se orgulhava ferozmente disso; condenava a mistura com o sangue branco e a camuflagem dos traços negros, como espichar os cabelos. Denunciava a indiferença pelas línguas ancestrais das tribos ioruba, eve⁵ e afins; censurava com paixão a ignorância dos padrões morais e das tradições africanas. Parecia-lhe terrível que a nova geração não se importasse com as práticas do culto e que os padrões atuais de tais práticas estivessem sendo rebaixados e barateados. Sentia o chão fugir-lhe sob os pés e se assustava. Não por si mesmo, dizia, mas pelo seu povo, por quem se sentia responsável e sobre quem temia ver abater-se a caprichosa vingança dos desprezados deuses africanos. Alertou o povo uma e muitas vezes e finalmente decidiu isolar-se.

Este era o seu estado de espírito na ocasião; cinco anos depois, morria. Vigoroso como era de corpo e de espírito, sei que morreu por sentir que nada mais o prendia a esta vida. Deve ter travado amarga luta espiritual durante esses anos, pois, para um africano da sua crença, a morte significa o fim. A alma ou a personalidade que sobrevive à carne alarma os negros que durante todo um ano a aplacam e, afinal, em

⁵ Em todo o livro a autora prefere dizer *ioruba* em vez de *nagô*, como se diz na Bahia. *Eve* é o nome genérico dos jeje. (Nota de É. C.).

complexos ritos de candomblé, a relegam a um esquecimento execrável. Martiniano, porém, sabia, com a parte católica do seu ser, que a sua alma era imortal. Pergunto-me se esta convicção lhe dava algum consolo. Os dois mundos que se guerreavam no seio do seu povo sem dúvida haviam chegado a um beco sem saída e a visita que estou a ponto de descrever refletiu o desequilíbrio, o desespero que ele sentia.

Martiniano era homem orgulhoso e mesmo arrogante, e a razão que Édison lhe deu para a minha visita foi a de que eu desejava conhecê-lo como presidente da recém-criada União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia. O próprio Édison era o secretário e o objetivo da União era impor os altos padrões tradicionais de conduta e defender os grupos de culto contra a polícia. Era um dos derradeiros esforços de Martiniano por preservar as glórias do passado e, para isso, contava com o apoio entusiástico dos mais eminentes eruditos do Brasil, se não das autoridades governamentais.

Era uma tarde ensolarada de agosto, quase ao findar o inverno, e começava a fazer muito calor quando Édison e eu partimos para visitar Martiniano. Édison estava meio doente. Era de constituição franzina, como a maioria dos da sua classe na Bahia, mas a sua curiosidade intelectual era infinita e a sua força de vontade impressionante. Sentindo-se pouco firme nas pernas, chamou um táxi para nos levar à zona dos cortiços da Cidade Baixa onde o velho morava.

Martiniano não tinha telefone, mas Édison o avisara da nossa ida pela lavadeira da sua tia, que conhecia o vendeiro da esquina próxima à igreja dedicada a São Jorge, patrono de Martiniano. Como Martiniano muitas vezes orava na igreja, o vendeiro com certeza o veria.

E o viu, como nos informou quando paramos para saber. Era o octogésimo aniversário de Martiniano, disse o vendeiro um tanto excitado, e, para celebrar o fato de o haver alcançado, fizera uma surpresa à sua jovem amásia, Matilde, casando-se com ela na igreja! Havia sete anos de calma associação doméstica, mas Martiniano sabia — todo mundo sabia — que esse casamento agradaria a Matilde, embora não obrigasse tanto como

um casamento civil. Convidara todos os seus amigos a assistir ao ato. Matilde emocionara-se a ponto de não poder mexer um músculo.

Andamos para a casa de cômodos, de certo modo contentes. Édison, porém, não se deixou tomar pelo sentimentalismo e observou: — Sabe por que as pessoas não se casam legalmente no Brasil? Porque é muito caro. E depois não podem divorciar-se. Um amigo meu teve de ir a Montevidéu e naturalizar-se uruguaio para divorciar-se. Mas isso custa uma fortuna!

A casa de cômodos, uma velha construção de três ou quatro andares na zona mais antiga da Bahia, ficava no sopé de uma ladeira. A rua chamava-se Caminho Novo, nome que lhe deram em tempos de progresso, muitas gerações antes, quando escravos a pavimentaram com grandes pedras. Um tráfego contínuo e denso, chuvas e lixo haviam passado pela rua, e ainda o faziam, de modo que as pedras se haviam tornado lisas como cetim e, com o declive, era impossível andar sem se apoiar em alguma coisa. Agarrei-me ao braço magro de Édison e, quando as coisas ficaram demais para ele, cambaleei até a parede de uma casa. Tivemos de nos agachar um pouco. Os roceiros e trabalhadores, que jamais tinham visto nada diferente, andavam confiantemente, devagar, de pés descalços e calosos tão vigorosamente preênsos como mãos, e ao mesmo tempo guiavam os seus burros. Os pés nus certamente pareciam mais eficientes do que os meus sapatos de couro (especialmente fabricados para “uso nos trópicos”), que escorregavam e eram duros demais para se amoldarem aos acidentes da pavimentação.

A casa, disse Édison, pertencera outrora a um fazendeiro, que a usava como mansão urbana. Livros inteiros têm sido escritos acerca deste período da evolução da Bahia, quando os escravos desbravaram a selva e ergueram as cidades. Agora a casa era uma ruína, mas seria habitada até que o telhado caísse sobre os moradores. Quando chegamos à entrada, o odor penetrante de urina era forte e acre. As paredes de pedra estavam molhadas e até mesmo gotejavam, de água das chuvas e de umidade, e os degraus da larga escadaria de madeira estavam quebrados em pontos vitais. O vão da escada era negro e sem luz. Para nós, foi uma façanha, uma proeza de equilíbrio subir os três lances até a morada de Martiniano.

Édison se divertia; dizia que era de grande vantagem para o velho que a escada guinchasse e rangesse à menor pressão, pois assim lhe avisava se as pessoas iam ou vinham. Como era mago e vidente, procurado por pessoas de todas as classes e cores em busca de solução para toda sorte de problemas, a polícia o considerava feiticeiro. Esta era, e é, uma profissão ilegal no Brasil, e a polícia de vez em quando o perseguia. (A opinião da polícia, nesse ponto, coincidia com a dos cientistas, para não mencionar a dos clientes). As escadas o alertavam, de modo que tinha tempo para preparar uma explicação.

Ao atingir o nosso andar, após uma escalada tortuosa, batemos à porta. O velho noivo a abriu, sorrindo cordialmente, os olhos avermelhados chamejando na face escura. De pé, ereto e vigoroso, vestia um traje preto que costumava usar em enterros, como explicou mais tarde.

— Dr. Édison, que surpresa! — exclamou, com grande afabilidade, abraçando-o à moda brasileira. Parecia encobrir Édison, pois, embora não fosse alto, o seu ar e o seu tronco volumoso davam-lhe a aparência de um gigante. Gostei dele imediatamente, embora logo pensasse: Que velhaco! Senhor, que velhaco! Havia algo de astuto e de premeditado no seu todo.

— Quero apresentar-lhe d. Ruth, Martiniano. — Édison apresentou-me, cerimoniosamente. — Ela lhe traz lembranças de amigos do Rio.

— É uma grande honra. — Martiniano parecia aumentar o fluxo de amabilidade e me beijou a mão. — Sentem-se, sentem-se. — Puxou duas cadeiras empoeiradas. — Grande honra que uma senhora visite a casa de um pobre negro... um velho africano! — Espalmou as mãos, compridas e vigorosas mãos, num gesto de fingida súplica.

— Ouvi falar e li sobre o senhor durante muito tempo — respondi.

— Pode confiar em d. Ruth. — disse Édison, cautelosamente. — Inteiramente. E ela quer saber mais coisas a respeito dos africanos.

Martiniano ouvia e assentia com a cabeça, sorrindo de modo deliberado, alerta e maravilhado por trás do sorriso. Édison tentou uma conversação: — Que casa! Que escada! Precisa morar aqui, Martiniano?

— Que pode fazer um pobre negro, dr. Édison? Todo mundo pensa que eu tenho muito dinheiro, mas, desde que o dr. Nina Rodrigues morreu, não tive mais um emprego regular. E os negros estão sempre aqui, pedindo coisas! Devo ter centenas de afilhados e todos eles me visitam e todos esperam pelos meus presentes! Tenho um morando comigo agora, o pequeno Carlinho, um meninozinho mimado que não quer estudar. Mas que vou fazer? O pai esfaqueou a mãe dele e agora está na cadeia, e a mãe doente. Tenho até medo que o pequeno cresça com o gênio do pai. Tem só 5 anos e não quer estudar!

Enquanto falava, Martiniano desobstruía uma mesa grande, empurrando lápis e livros para o lado, tirando o pó e arrumando as cadeiras para nós. O sol quente penetrava pelas janelas e nós nos afastamos delas o mais que pudemos. Como soube mais tarde, o apartamento era grande para um homem pobre com uma mulher e uma criança apenas, mas nenhum visitante casual poderia imaginar que contivesse cinco quartos, todos dando para a enorme e nua sala de estar em que então estávamos e de onde uma janela se abria para uma horta, plantada no declive que sustentava aquela parte da casa. A mobília estava completamente gasta.

— Sabia que os antigos africanos costumavam morar nesta parte da Cidade Baixa, dr. Édison? — continuou Martiniano, enquanto a mulher vinha ajudá-lo a tirar o paletó preto. Ninguém apresentou Matilde, que imediatamente saiu. — Depois que meu pai comprou a alforria de minha mãe, vieram morar nesta zona, onde havia uma aldeia inteira de negros, tanto escravos como libertos que ficaram na cidade para fazer trabalhos especiais para os senhores que viviam no interior. Lembro que os estivadores costumavam reunir-se em certas esquinas, nos domingos e feriados, e os que eram livres usavam casaca e chapéu-de-pêlo! Ele riu. — Mas eram verdadeiros africanos — disse com seriedade. — Não se misturavam com os brancos e conheciam a sua religião.

— Precisa contar isso a d. Ruth, uma tarde dessas — sugeriu Édison. — Ensinar as crenças africanas...

Martiniano mais uma vez espalmou as mãos — Ensinar, eu? Que sei eu? Eles me chamam de babalaô, o senhor sabe, um vidente, um olhador.

Que bobagem! Tudo o que posso ensinar são línguas. Culpam-me de coisas, porque fui um grande amigo do dr. Nina Rodrigues, que Deus o tenha!, quando andava estudando os candomblés, há quarenta anos passados. Por que seria eu um babalaô? Só para me meter em encrenca? Nem mesmo visito os terreiros, desde que d. Aninha, descanse em paz!, se foi. Considero-a a última das grandes mães. Ela realmente procurava estudar a nossa antiga religião e restabelecê-la na sua pureza africana. Ensinei-lhe muita coisa e ela chegou até a visitar a Nigéria. Minha mãe também era uma grande mãe e eu ainda sacrifico aos seus deuses. O templo de Aninha era dedicado a Xangô; dr. Édison, o senhor se lembra, o senhor escreveu sobre isso nos jornais. Sinto saudades dela agora. Acho que toda a Bahia sente. Não faço questão de pisar em nenhum dos outros templos, mesmo que me convidem. Nenhum deles faz as coisas corretamente, como ela fazia. Não acredito que saibam como falar aos deuses e trazê-los para dançar com eles nos terreiros dos templos. Acho que muitos deles estão fingindo, especialmente essa tal Sabina!

Martiniano estava agitado e sentou-se, empertigado, esticando o pescoço para ver do lado de fora da janela. De repente, chamou: — Carlinho!

— Senhor? — respondeu bem debaixo da mesa uma voz ressonante de contralto, doce e profunda como a de uma mulher. O menino se pôs de pé, uma linda criança robusta, com uma pele de um bronze aveludado, cabelos curtos e encaracolados e enormes olhos negros, brilhando sob longas pestanas que lançavam sombras azuladas sobre as escleróticas. Lançou um olhar tímido, galante, para mim, e eu, deleitada, retribuí o seu sorriso. Tinha dentinhos brancos e agudos numa boca carnuda de contorno agradável. Pensei — o rosto arredondado pertence a um anjo da Renascença — e ele já o sabia! Vestia um pijama branco rasgado; de repente, Martiniano deu-lhe um cascudo para que tomasse tento das calças que caíam.

— Pegue a sua carta de abc e vá estudar! — ordenou, rispidamente.

— Sim, senhor — respondeu, obediente, o menino. Pegou o livro amarfanhado no chão, afastou-se num galope, descalço, e agachou-se num canto como um boneco gorducho. Fixava os olhos no livro e em

seguida dirigia olhares furtivos para mim e para Édison, até que Martiniano mandou que lesse um pouco.

— Que boa memória tem o menino! — observou Édison, careteando, porque Carlinho “lia” as palavras corretamente, a despeito de o livro estar de cabeça para baixo. Foi-me impossível resistir, corri para ele e o tomei nos braços. Era forte e pesado, mas eu o joguei para o alto, até que ele riu, tímido, em tom profundo. Possuía um encanto extraordinário e uns olhares tão travessos! Imaginei que devia estar realmente contente com aquele velho aparentemente severo, aquele velho e sagaz feiticeiro africano. Mas como se portará na Bahia dos anos 1950, com Universidade, cinemas, rádio e candomblés a clamar pela sua atenção? Que acontecerá à sua herança de tradição e pensamento africanos, que, naturalmente, Martiniano lhe forçará pela garganta abaixo? Gostaria de vê-lo agora.

— A senhora deve deixá-lo no chão, d. Ruth — advertiu Martiniano, com certo desagrado; e continuou a falar no trabalhoso inglês que aprendera em Lagos havia mais de meio século. — O menino é ruim! Não quer estudar a lição! Só quer brincar com as crianças. Olhou ameaçadoramente para Carlinho e continuou em português. — Mandei que ele ficasse naquele canto estudando.

Dividida entre os dois, coloquei o menino no chão e fiquei a observá-lo enquanto trotava de volta ao canto.

Mal as coisas se haviam acalmado e já Martiniano chamava de novo em tom agudo: — Carlinho!

— Senhor? A voz era profunda, ressonante, respeitosa.

— Fique onde está e estude!

Era claro que Martiniano não se sentia à vontade. Édison não o ajudava com uma conversa qualquer e eu estava deliberadamente reservada e em silêncio. O velho começou a remexer nuns livros muito manuseados, na mesa empoeirada, até encontrar um com figuras de famílias negras da Bahia e parentes importantes de Lagos.

— Veja estes, dona — disse-me, e recitou-lhes os nomes. Inesperadamente, um menino entrou correndo para visitar Carlinho e saíram os dois saltitando pelo meio da vasta sala; alguns pintinhos escapuliram de um cercado num canto e ficaram passeando sob os nossos pés. De repente, Martiniano se empertigou, chamando: — Carlos! Ô Carlinho!

— Senhor?

— Venha cá, menino. — O garoto apareceu segurando as calças.

— Não lhe mandei estudar?

— Sim, senhor.

— Assim você vai ser inútil como o seu pai e fará a sua mãe chorar... Vá embora, agora! — Martiniano voltou-se para mim dizendo: — Às vezes penso que ele vai ficar maluco.

Os olhos brilhantes de Carlinho voltaram-se para nós, depois ele agarrou a cartilha rasgada e se ajeitou para “estudar”. Mas, outra vez, Martiniano chamou, com voz penetrante: — Carlinho!

— Senhor?

— Vá dizer a d. Matildes⁶ que traga água de beber e farinha de mandioca.

— Sim, senhor. O menino pulou como uma bola, alegre por haver reconquistado as boas graças do velho. Suspirei aliviada.

Martiniano retomou o assunto.

— Os tempos mudaram, d. Ruth, como o dr. Édison bem sabe. Estão acabando com os velhos africanos. Os moços não querem saber da verdade. Querem ostentação, dinheiro, barulho. Mas as verdades importantes devem ser mantidas em paz e em sigilo. Não me sinto mais deste mundo. Os moços blasfemam — tudo isso me choca.

⁶ Forma coloquial, popular, de Matilde. (Nota de É.C.).

— Acho que muita gente chega a se sentir assim, à medida que o tempo passa e que os amigos morrem — Édison tentou confortá-lo. — Meu pai também começou a lamentar-se.

— Ah, o dr. Antônio! — aquiesceu Martiniano, respeitosamente, para mostrar que se lembrava do pai de Édison.

— Talvez seja porque o senhor não conhece bem os moços, sugeriu Édison. — Por que não vai visitá-los e, quem sabe, lhes ensinar alguma coisa?

— Não! Não! — O velho negro rejeitou, obstinado, a idéia, balançando a mão direita, num gesto impaciente de recusa. — Não, eu conheço todos eles, conheci os pais e os avós deles. Houve apenas uma mulher que sabia fazer as coisas e esta já morreu. Fui irmão dela nos templos e por isso me chamavam babalorixá. Sabe o que quer dizer? — perguntou, com orgulho. — Na língua ioruba significa “pai-de-santo”. Aninha era “mãe-de-santo”, *iyalorixá*. O senhor não escreveu isso no seu livro, dr. Édison? Eu tinha a mesma graduação e trabalhava com ela, mas agora vou abandonar o candomblé. Não há mais lugar para mim. São todos uns falsos!

A voz seca e áspera soava furiosa e desesperada. Num gesto final, bateu com a mão aberta na mesa e eu vi, atônita, as suas compridas e fortes unhas amarelas. Na África, como na velha China, disse Édison mais tarde, eram símbolo de lazer e autoridade.

— Eles modificam as coisas — prosseguiu Martiniano, voltando-se para mim com um olhar incômodo. — Não posso agüentar isso. Veja Maximiana — Tia Massi, como a chamam. É a chefe do mais velho templo do Brasil, o Engenho Velho, que deve ter mais ou menos 150 anos. Mas ela faz tudo errado e, ainda pior, tenta fazer baixar as almas dos mortos no seu templo! Isso é um sacrilégio! — gritou, realmente horrorizado. — Só os homens devem encarar os mortos! Mas, no Engenho Velho, as *mulheres* encaram os mortos e fazem-lhes perguntas!... Por isso me afastei.

Édison procurava apaziguar Martiniano e eu escutava tudo em grande confusão. Eu nunca vira uma cerimônia de candomblé e as regras

de funcionamento do culto eram tão misteriosas para mim quanto as da Igreja Católica. Édison dizia: — E o seu filho? O senhor não pode instruí-lo?

— Não adianta — suspirou o velho. — Ele não pode aprender. Não tem cabeça para nada. Desde que a mulher morreu ele passa de um terreiro para outro, e isto não dá certo com a gente africana. Ninguém confia no sujeito que vive de cá para lá. Pensam logo que a gente está bisbilhotando os segredos e fugindo à responsabilidade por um templo. Todo mundo espera que a gente pertença a um templo só. É como uma sociedade de auxílio mútuo, o senhor sabe. O terreiro é da pessoa e todos ajudam, se a pessoa trabalha por ele.

— De qualquer modo, não acredito muito nessas moças que dirigem os terreiros hoje em dia. O que elas querem é fazer dinheiro e arranjar homem. A maioria é muito moça para se dedicar aos deuses. Afinal de contas, Menininha tem só 42 ou 43 anos e o sangue ainda lhe corre quente nas veias! Mas a experiência dela é das melhores, porque foi treinada pela tia, d. Pulquéria, que tornou famoso o templo do Gantois.⁷ Foi lá que o dr. Nina Rodrigues realizou as suas pesquisas, o senhor sabe, e ele achava que não havia outra como d. Pulquéria. Mas, hoje em dia, no meio dos serviços religiosos, elas estão pensando em outras coisas: no homem com quem estiveram ontem, no homem que verão amanhã, nos homens que as estão vendo dançar. Isso não está certo, quando deviam estar louvando os deuses! E os novos templos de nação de caboclo... Meu Deus, estão acabando com tudo, estão jogando fora as nossas tradições! E permitem que *homens* dance para os deuses!

— Não, não tenho a quem ensinar. Tenho um afilhado de 16 anos que me ajuda a arranjar as ervas, mas não está interessado nas coisas dos africanos. Deixou-se cair, tristemente, na cadeira. — Morrerei com tudo o que sei. Estou fora de tudo agora, embora eles me chamem o “rei do

⁷ Leia-se Gantoá. Esse era o nome do antigo proprietário francês da roça em que se localiza o candomblé. (Nota de É.C.).

candomblé”. Nem sequer tenho dinheiro bastante para viver. Os senhores vêm como vivo. Mostrou a sala com um gesto, depois sorriu, de modo um tanto desagradável, embora se esforçasse por ser obsequioso, e observou: — Sou apenas um pobre negro de baixa qualidade.

De repente me ocorreu que ele se preparava para pedir dinheiro emprestado.

Empurrou a cadeira para trás: — Bom... Ô Carlinho! — berrou, inesperadamente.

— Senhor? — Soou a voz agradável, quase debaixo dos seus pés. — Senhor?

— Deu o recado a d. Matildes?

— Sim, senhor, — replicou a criança.

Logo em seguida, a voz da mulher se fez ouvir: — Já vou, já vou.

Ela entrou na sala, trazendo uma bandeja de prata pela alça lavrada que se destacava do centro como um mastro fino, ao redor do qual descansavam taças e colheres em pequenos compartimentos. Fui-lhe então apresentada e ela confirmou a apresentação com um olhar dolorosamente tímido. Em outras ocasiões sempre me impressionou sua grande timidez, que a isolava dos outros como se a afligisse uma grande dor, e que se parecia a mãos que afastassem os demais. Era uma mulher alta e robusta, de expressão sombria, mas eu sabia que era generosa e boa; e cheguei a compadecer-me dela pelo seu casamento com um homem que tinha duas vezes, ou mais, a sua idade, pois aparentemente aceitara a opinião do marido, de que não era digna dele mas tivera a sorte de tê-lo, e servia-o com humildade. Matilde jamais conversava na presença do marido, de modo que mal retribuiu os nossos agradecimentos e deixou a sala logo após colocar a salva sobre a mesa, diante de Martiniano.

O velho riu de mansinho, pondo à mostra os dentes sadios e amarelos. Esfregou as mãos e considerou os objetos à sua frente. Havia

água, farinha, limão e açúcar. — Ninguém imagina como é boa esta bebida brasileira — exultou — especialmente num dia quente. Pensam que é preciso ter gelo, sorvete e soda! Mas isto é o certo para refrescar o estômago. Vejam só! — Agiu com elegância e precisão, como um cozinheiro com um prato raro. — Vejam. Primeiro, um bom copo d'água filtrada. Depois, uma colherada de farinha... Olhem como é alva, como os grãos são finos! Terceiro, um quarto de limão. Agora, açúcar! — E despejou uma colherada bem cheia. Agitando a mistura no copo, cantarolou: — Bebam isto, meus caros amigos! Bebam isto! Quero ouvi-los dizer: — Ah-h-h!

Encheu um copo para cada um de nós e de fato a bebida era suave e refrescante. Então preparou uma para si, lenta, cuidadosamente, e, por fim, saudou a bebida — Ah-h-h — dando estalos com a língua e sorrindo. — É de encher as medidas, hein? Agora, olhem como faço, e comam a farinha do fundo. Quando acabamos, Martiniano dirigiu-se a mim, observando: — Podia-se fazer fortuna vendendo uma bebida assim na sua terra, não é?

Eu o olhei em sobressalto.

— Bom, terei prazer em ajudá-la, quando desejar os meus serviços — propôs Martiniano, falando cuidadosamente em inglês para indicar afabilidade. — Imagino se a senhora poderia confiar em mim para um pequeno empréstimo, d. Ruth, só um pouco, já que seremos amigos e eu vou lhe ensinar o que sei. Explicou que precisava de dezesseis dólares para poder cumprir certas obrigações rituais. Poderia pagar dali a um mês, pois lhe haviam pedido para tratar de alguns “negócios” da grande cidade do Recife, Pernambuco.

Muito embaraçada, dei-lhe o dinheiro como presente de núpcias.

— Minha senhora — proclamou, levantando-se e curvando-se com dignidade. — Agradeço-lhe e estarei sempre ao seu inteiro dispor. A senhora tem o coração de uma brasileira. Eu e Matildes lembraremos sempre esta ocasião.

Apertamo-nos as mãos e, após demonstrações de amizade, Édison e eu fizemos laboriosamente o nosso caminho escadas abaixo. Martiniano ficou à porta, abençoando-nos e murmurando adeuses na língua ioruba da tribo de seu falecido pai. Ao alcançar a rua, amparamo-nos a uma grade enferrujada e olhamos para as janelas. Lá estava o casal, observando-nos e acenando atenciosamente como se costuma fazer com quem viaja.

— São guardiães dos velhos tempos — disse Édison, sentimentalmente. — Mas, cuidado com ele! — Sorriu. — É uma velha raposa.

5

Contratamos um táxi naquela noite e rodamos ao longo da baía. O motorista era um dos prediletos de Édison, porque conhecia os templos de candomblé, o complicado calendário das suas cerimônias, os visitantes e os participantes, mas não revelava esses segredos à polícia. Ele mesmo raramente entrava num templo e portanto não se podia considerá-lo um devoto; mas os pretos confiavam na sua discrição. As incursões policiais ocorriam tão inesperadamente e podiam ser tão violentas que era vital para os adeptos do templo ter amigos em muitos lugares. O chofer era Almerindo e o seu rosto simpático e bondoso dominava um corpo alto e harmonioso. Falava pouco e era muito tímido. De vez em quando, para ter companhia, levava consigo a sua dócil filha de dez anos e os dois desfrutavam, juntos, compridos e agradáveis silêncios. Mas naquela noite ele estava só e Édison apenas lhe disse: — Vamos para onde haja ar fresco.

Eu me recostei; era refrescante receber o vento úmido de ar marinho. Édison começou a cantar uma nova melodia num ritmo encantador de marcha:⁸

Ó jardineira, por que estás tão triste?

Mas o que foi que te aconteceu

Ele sempre cantava músicas brasileiras e falava do folclore do Brasil. Não me recordo de que jamais me fizesse perguntas acerca dos Estados Unidos e suponho que, como outros intelectuais, achasse que nada tinha a aprender conosco. Os brasileiros diziam que a sua vida

⁸ Marcha de Benedito Lacerda e Humberto Porto, 1939. (Nota de É.C.).

espiritual se nutrira exclusivamente da França e desdenhavam, embora também admirassem, as nossas gigantescas indústrias de automóveis e do cinema. Pensavam nos Estados Unidos em termos dessas indústrias, embora o pai de Édison, que era um cientista, tivesse dado ao filho o nome de um grande inventor americano. Estou certa de que Édison achava natural e louvável que eu tivesse empreendido uma longa e dispendiosa viagem com o único propósito de observar a vida entre os negros da longínqua Bahia. Eu era uma americana inteligente.

— Édison — disse eu — como entender a Bahia, se eu não aprender o candomblé em primeira mão? E como fazê-lo sem conhecer algumas das mulheres de quem Martiniano falou? Aninha morreu, infelizmente.

— D. Aninha poderia ter explicado tudo — concordou ele, gravemente. — E morreu há menos de um ano. Era muito inteligente e impressionava a todos. Já lhe contei que ela me fez ogã?

— Ogã?

— É um posto honorário no candomblé, acessível a leigos de certa distinção. — Riu brandamente. — Partilho essa honra com muitas pessoas eminentes e com alguns negros humildes. Espera-se de nós que demos proteção ao templo, na forma de dinheiro e de prestígio. Aninha descobriu que o meu anjo-da-guarda era Xangô, deus do trovão e rei na região ioruba; de modo que me elevaram a ogã da corte de Xangô. Naturalmente, peguei na alça do caixão no funeral de Aninha. Você não pode imaginar como foi concorrido o enterro.

— Muita gente?

— Acho que todo mundo da Bahia estava lá, ainda por cima, visitantes do Rio e do Recife. Só uns poucos puderam entrar na igreja para a missa de corpo presente. Os jornais falaram do assunto o tempo todo.

— Tinha tanta influência assim?

Ele assentiu com a cabeça. — Era uma personalidade forte. E ao mesmo tempo maternal e simpática. Era grande, concluiu, com simplicidade.

— Tinha família? — insisti.

— Muitas vezes pensei nisso — disse com um ar de curiosidade. — Era muito mais velha do que eu, tinha talvez uns 40 ou 50 anos. Nunca falava de si mesma, mas achávamos que tinha dois filhos no Rio. Deixou tantos bens que talvez eles apareçam para reclamá-los. Não sei se chegou a se casar. Era muito bonita quando moça, como você verá nas fotografias do seu templo.

— Não é pouco comum que uma mulher chegue à notabilidade no Brasil?

— Não na Bahia — sorriu ele. — Não no mundo do candomblé. A coisa aqui é outra. É quase tão difícil que um homem chegue a ter renome no candomblé quanto parir. E pela mesma razão: acredita-se que é contra a sua natureza

— Candomblé — explicou, na sua voz apressada e mansa — é um sistema de cultuar os deuses, ou santos. A palavra é da língua ioruba e significa mistérios, ou ritual. O sistema é originário da África, os deuses também; mas, como todas as pessoas são católicas praticantes, os deuses africanos estão fundidos com os santos católicos. Você ficará espantada ao ver a facilidade com que se misturam. Até Jesus está presente, identificado com o idoso deus Oxalá. Maria se funde com a mais amável das jovens deusas; e o Criador é distante, bem distante, em ambas as crenças.

— Uma grande diferença entre o candomblé e o catolicismo é que os africanos tentam trazer os seus deuses à Terra, onde os possam ver e ouvir. E esse é o trabalho mais notável das mulheres que são sacerdotisas num templo. A mulher é possuída por um santo ou deus, que é o seu patrono e guardião; diz-se que ele, ou ela, desce na sua cabeça e a cavalga e, depois, usando o seu corpo, dança e fala. Às vezes diz-se que a sacerdotisa é a esposa de um deus e às vezes que é o seu cavalo. O deus aconselha e faz exigências, mas, em geral, apenas cavalga e se diverte.

— Assim, você pode compreender por que as sacerdotisas exercem grande influência entre o povo. São as intermediárias dos deuses. Mas

nenhum homem direito deixará que um deus o cavalgue, a menos que não se importe de perder a sua virilidade. O seu espírito deve estar sempre sóbrio, e jamais atordoado ou tonto com a invasão de um deus.

— Aqui é que está o busflis. Alguns homens se deixam cavalgar e tornam-se sacerdotes ao lado das mulheres; mas sabe-se que são homossexuais. Nos templos, vestem saias e copiam os modos das mulheres e dançam como as mulheres. Às vezes têm melhor aparência do que elas.

— Mas isso não pode acontecer nos grandes templos ioruba de que Martiniano falava. Não no de Aninha, de Massi ou de Meninha. Acontece com frequência em grupos de culto sem tradição, chamados de caboclo, que vêm proliferando por toda parte. Martiniano os mencionou. Caboclo refere-se aos índios do Brasil e esses cultos veneram espíritos indígenas que acrescentaram ao rol das divindades africanas. Segundo os altos padrões da tradição ioruba, os caboclos são blasfemos porque são ignorantes e indisciplinados, porque inventaram novos deuses à vontade e porque admitem homens aos mistérios... Pessoalmente, acho que a música deles é bonita e alegre! Você verá que as cerimônias ioruba são muito solenes.

— Rigorosas para com os homens, não? — perguntei, pensando na hierarquia da Igreja Católica.

— Bom, há lugar para os homens. Financiam os terreiros. Tocam os instrumentos musicais para as danças sagradas, abatem os animais nos sacrifícios e coletam ervas. Fazem muitas coisas, mas não vão até a tontura. Podem até dançar, mas com sobriedade e sozinhos, jamais na companhia das mulheres. As mulheres são sagradas para os deuses quando no interior dos templos, compreende? E se supõe que os homens estejam profanados pelas suas relações comerciais e com outras mulheres. Imagina-se que o sangue dos homens seja “quente” e isso é considerado ofensivo aos deuses para quem as mulheres se prepararam.

— Martiniano não se queixou do sangue quente das mulheres?

— Das mais jovens, sim. Ele acha que as mulheres só devem ser sacerdotisas-chefes, mães, como são chamadas, quando idosas e libertas de todo desejo.

— É difícil para os homens manter a sobriedade?

Ele riu.

— Às vezes. Você verá. Alguns homens realmente têm a paixão do sacerdócio e estabelecem organizações de culto na linha das tradições das nações de Angola ou do Congo. Há um sacerdote de Angola que dirige o seu próprio templo. É Bernardino; os fiéis o respeitam porque o seu trabalho é bom. É um homem grande e forte, que dança maravilhosamente bem, mas em estilo feminino. Há um simpático e jovem pai Congo, chamado João, que quase nada sabe e que ninguém leva a sério, nem mesmo as suas filhas-de-santo, como se chamam em geral as sacerdotisas; mas é um excelente dançarino e tem certo encanto. Todos sabem que é homossexual, pois espicha os cabelos compridos e duros e isso é blasfemo. — Qual! Como se pode deixar que um ferro quente toque a cabeça onde habita um santo! — exclamam as mulheres.

— E Martiniano? Com certeza ele não dança?

— Que idéia! Não, naturalmente que não. Treinou-se na África como mago e vidente. Assim adivinhou o futuro para Aninha e outras mães, e para quem quer que lhe pagasse. Ainda o faz, mas tudo é muito secreto e sagrado; e por isso o nega. Adivinha lançando búzios consagrados, que decifra depois que caem, e utiliza ervas especiais que manda o afilhado colher; costumava dirigir o sacrifício ritual de bodes e bois sagrados e acho que adivinhava lendo nas entranhas e nas omoplatas deles. Conhece todos os tipos de ritos e fórmulas mágicas, para o bem e para o mal, não tenho dúvidas. No templo de Aninha, onde ela organizou uma corte de ministros do deus Xangô, ele tinha a graduação máxima e era chamado “irmão da mãe”. Isso tem mais valor do que ser chamado de “pai”; de fato, a todo ogã as pessoas se dirigem como “pai”... Agora Martiniano está solto. Ele é religioso e gostaria de ligar-se a um novo templo, mas o seu prestígio é tão grande que faria sombra a qualquer das mães restantes e provocaria dificuldades. Além disso, havia tão poucos magos experientes como Martiniano que as mães tiveram de aprender a fazer essas coisas pessoalmente e na verdade não precisam mais de um babalaô. Não são como Aninha. Ela queria tudo às direitas e em grande estilo.

— Poderemos ver uma cerimônia um dia desses? — sugeri.

— Ótimo — assentiu, pensativo. — A temporada começa no Engenho Velho dentro de alguns dias. Iremos lá.

Descemos do carro para dar uma volta. Estávamos na praia, à beira da baía, num bairro distante da cidade. Era cedo ainda, mas a noite cai pesadamente e o céu sempre parece negro e próximo. A atmosfera estava límpida e uma lâmpada brilhante clareava a rua. Andamos até uma estreita rampa de concreto e, olhando a calma e escura baía, vimos uma velha fortaleza abandonada.

— É bonita! — disse Édison, a voz calma. — Mas é uma terra que até mesmo o diabo esqueceu.

A cabeça e o rosto escuros e castos, os olhos castanhos e infantis, as pequenas mãos finas, sempre brincando com um cigarro, ocultavam tremenda intensidade. Os jovens americanos que eu conhecia não se preocupavam tanto com os problemas do seu tempo. Ele notou minha expressão de surpresa e riu de mansinho.

— Vocês, americanos, são tão ricos que não podem entender a nossa pobreza... Mas nós temos uma espécie de ouro: os negros e a música do samba! Vou escrever um poema que se chamará “Terra de Ouro”!

6

Fomos ao Engenho Velho num domingo de tarde, quando o templo devia inaugurar o período de festas cultuando Oxalá, o idoso pai dos deuses africanos. Oxalá era também Deus, “na vida católica”. Tomamos o bonde na cidade, perto do meu hotel, na elegante rua Chile, e rumamos para o arrabalde chamado Mata Escura.⁹ O lugar ainda parecia uma floresta e, quando o bonde parou ao pé do alto morro onde ficava o templo, pude apenas ver árvores imensas que se elevavam contra o céu claro. Localizamos uma escada, talhada na terra vermelha e macia, com um corrimão de madeira do lado direito. Subindo devagar, enquanto eu tirava fotografias da paisagem, Édison observou: — Acredita-se que este seja o templo mais velho do Brasil; deve ter uns cento e cinquenta anos. Quando foi construído, nos tempos da escravidão, o mato era uma selva e o templo ficava bem escondido. Mas agora a liberdade e a civilização alcançaram os negros.

— São gente pobre, Édison?

— Pobre! Você jamais compreenderá como! Vê como a pele deles é áspera, como os dentes são cariados? Há décadas que não comem suficientemente. A fêria média de uma mulher de candomblé é de uns cem mil réis por mês, se tanto. E isso para o sustento dela e dos filhos e para as suas obrigações com o templo. — O tom de voz tornara-se mais seco e tranqüilo, como se sufocasse a sua indignação.

⁹ O candomblé do Engenho Velho fica adiante da Mata Escura, no lugar chamado Joaquim dos Couros, no Rio Vermelho de Baixo. Chamam-no, atualmente, Casa Branca. (Nota de É.C.).

— E os maridos, Édison?

Ele acendeu um cigarro e encolheu levemente os ombros.

— Maridos? Não há muitos, e de qualquer modo não são de confiança. Esta não é uma confortável sociedade burguesa, dona. Hoje em dia não há trabalho bastante para todos os homens. Eles não ganham o suficiente para si, quanto mais para sustentar família.

A velha casa que era o templo apareceu diante dos nossos olhos e eu vi que não estava na coroa da colina, mas apenas no dorso de um lance numa série de aclives que podiam ser íngremes ribanceiras. O templo era como qualquer moradia popular, apenas maior; era uma construção primitiva e oblonga de barro caiado, coberta de telhas, em geral em bom estado. Após as 365 belas e pretensiosas igrejas da Bahia católica, era um desapontamento; contudo, não era simplesmente a pobreza dos fiéis que o mantinha naquele estilo. Acho que o viam como uma conexão deliberada com o passado humilde. Os negros sempre se orgulharam da sua história como escravos, e o candomblé era uma criação dos escravos. Havia razão para orgulho, pois foram os negros que tornaram produtivas as florestas e as minas; além disso, comandaram regimentos do exército e até mesmo lutaram vigorosamente contra as autoridades para conquistar a liberdade. A aparência e o caráter da construção mantinham vivas as recordações desses feitos.

O edifício principal estava rodeado de casas menores, de barro e madeira, que se agarravam às íngremes ladeiras, e sombreado por maciço arvoredado que se projetava para o céu. Soube mais tarde que cada árvore tinha uma história sagrada, cada barracãozinho era dedicado a alguma divindade. Quanta vida transcorrerá ali! Durante século e meio, houve uma sucessão de mulheres, as mães do templo, que atenderam a todas as necessidades da sua gente e regularmente entretiveram os deuses na sua carne. Édison disse que, segundo alguns, a primeira mãe fora uma mulher livre especialmente trazida da África Ocidental; enquanto outros diziam que se tratava de uma escrava brasileira, cuja alforria fora comprada por uma associação de ajuda mútua de libertos.

— Precisamos avisar a uma das filhas que estamos aqui — observou Édison — para que nos dêem um bom lugar quando a cerimônia começar... Ô Jilu! — chamou, ao avistar uma mulher alta e magricela que saía, apressada, dos fundos da casa. — D. Jilu!

Ela se voltou para nós. — dr. Édison, meu pai! — saudou, amável, e se aproximou. Tinha um ar um tanto ausente. — Me desculpe. Estamos tão ocupadas com os preparativos desta noite, e eu tenho de quentar a água dos banhos!

— Quero apresentar-lhe d. Ruth. É uma amiga da América do Norte e está aqui hoje para homenagear Pai Oxalá. Ela trouxe rosas brancas para o altar. Ele entregou-lhe o pequeno ramo que vínhamos trazendo sob o calor abrasador.

— Oh, muito obrigada! Naturalmente, todo mundo quer agradar o velho Papai — disse ela depressa. — E agora me desculpem... Tenho de ajudar os outros e depois tomar um banho. Tia Massi está derrubada com o santo. Até loguinho. E foi embora.

— Bom, ela já sabe que você está aqui e vai contar às outras. É o que importa, por enquanto. Assim não suspeitarão de você.

— Jilu! — admirei-me. — Que nome esquisito!

— O nome de batismo é Januária. Jilu é um apelido. A maior parte das pessoas tem apelido. O nome verdadeiro de Tia Massi é Maximiana. Até o presidente Vargas é conhecido pelo apelido de Gegê.

Muita gente, agora, vagava pela roça. Édison explicou que eram mulheres que ajudavam o templo em várias tarefas. Cada uma tinha funções especiais, dependendo do seu lugar na hierarquia. Jilu, por exemplo, era uma equede, mulher do templo que nunca serve de médium para um deus; era uma espécie de “escrava” das mulheres que serviam. (Quando nos conhecemos melhor, ela me falou com certo desdém das mulheres que “ficam tontas, que não podem controlar a cabeça”). Crianças vinham com as mães e pouco depois chegavam homens, vindos da cidade, e ficavam à espera de que a cerimônia começasse. Todo mundo estava de branco,

por ser esta a cor emblemática do deus que se festejava, Oxalá, bastante idoso para experimentar quaisquer desejos; e era por isso que eram brancas as rosas que eu trouxera para o altar. Crianças saltavam e corriam ao redor de nós e, afinal, duas delas agarraram as mãos de Édison e nos levaram às pequeninas casas, cada qual dedicada a uma divindade diferente, construídas, às vezes, em volta do tronco desmedido das árvores sagradas. Importunavam Édison, que fingia esquivar-se e pilheriava com elas; tagarelavam estridentemente, com irreverência, sobre a função a começar, sobre os trajes das sacerdotisas e sobre os seus próprios anjos-da-guarda. Raramente os adultos lhes davam atenção, de modo que a dócil submissão de Édison era um regalo. Nos seus vestidos e camisas brancas, giravam em torno dele, que se mantinha em pé como um poste com o terno cinza-escuro e o chapéu de feltro que esquecera de trocar por brancos.

Ele consultou o relógio e me disse: — Já são quase 5 horas e vai ter começo uma cerimônia especial, chamala padê. É para despachar o diabo para as estradas, para afastá-lo do caminho dos deuses esta noite! O diabo se chama Exu, uma espécie de demônio muito engraçado, que até parece um parente. A cerimônia é curiosa. Entremos para assisti-la.

Passamos então a porta principal do templo, acima da qual se havia pintado uma cruz branca em honra de Jesus, que é Oxalá. Atrás da porta havia uma gaiola grande contendo uma massa de ferro, e aquilo era Exu; que não deve estar na sala ao mesmo tempo que os deuses. Apenas algumas mulheres lá estavam e ouvimos uma equede, num cômodo interno, pedindo à mãe-pequena que aparecesse. Logo ela apareceu — uma mulher enorme e impressionante, chamada Luzia, que era a segunda na direção do templo. Tinha um ar de cansaço ao falar com as mulheres, estendendo-lhes a mão com grande indiferença para o beijo de saudação. Cada uma delas pedia: — A bênção, minha mãe? — Deus lhe abençoe, minha filha — concedia, numa voz profunda, rouca, nem de homem nem de mulher, mas de sibila.

Movia-se e falava com lentidão, majestosamente, encaminhando-se para um banco baixo e curvo, pintado de branco, que circundava uma

coluna branca no centro da sala. Édison me disse que ela era considerada bonita porque era forte e cheia de carnes. A pele era tão preta que o rebordo dos olhos e o interior da boca pareciam de coral, por contraste. O cabelo, uma verdadeira carapinha de negro, tornara-se quase branco, tão branco que às vezes fazia a sua pele preta parecer cinzenta. Por conseguinte, não era moça, pois se diz que “negro quando pinta, três vezes trinta”. Mas aparentava vigor e confiança e eu soube que fizera bom dinheiro, para uma baiana, vendendo carne numa gamela, no Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros. Na ocasião estava em retiro de luto no templo, pranteando a morte do marido. Tirara as pesadas jóias de ouro e, embora fosse consagrada à jovem deusa Oxum, que é uma das Virgens Maria, e portanto estivesse obrigada a usar as cores dela, coral e ouro, naquele dia estava na verdade em traje de luto.

Sentou-se no banco, afastando as coxas como um potentado oriental e apoiando nelas os cotovelos. As saias ondulantes formaram um círculo imenso no chão. Começou a entoar os cantos e as velhas que estavam perto se levantaram e dançaram de pés descalços. Ela continuou a cantar e as velhas ergueram do chão as oferendas de dendê, cachaça e pipocas, com as quais deveriam comprar a boa vontade de Exu, compensando-o pela sua expulsão da casa. Ela cantou mais ainda e uma velha dançarina pegou as oferendas, uma por uma, e as foi despejando pela escadaria que subíamos de tarde; Exu deveria ir atrás das oferendas. Observando-a, eu teria dito que Luzia não estava de modo algum interessada naquela rotina, pois a sua voz profunda e monótona puxava indolentemente as canções e os seus olhos tristonhos estavam fechados. Mas não posso afirmar, pois a haviam despertado de uma madorna e, afinal de contas, ela conhecia tão bem os seus deuses quanto a mãe, a tia e as irmãs antes dela. Quantas centenas de vezes cantara o padê, negociando com o dócil demônio para que deixasse em paz os deuses e carregasse o mal para as encruzilhadas?

Quando me retirei, horas mais tarde, naquela noite, escorreguei nos degraus de barro que desciam em curva precipitada da porta do templo até a linha do bonde, e torci gravemente o tornozelo, porque as libações para Exu tinham tornado o terreno lamacento e viscoso. Luzia me disse, em

desespero, que eu pisara em cheio no mal que deveria ter sido carregado pelo demônio e que, em vez disso, todo ele se transferira para mim. O meu tornozelo, na verdade, não sarou senão muito depois de eu ter deixado a Bahia. As sacerdotisas me benzeram regularmente com folhas mágicas, mas eu era uma paciente difícil; e elas chegaram à conclusão de que alguém me pusera mau-olhado. Acostumei-me a pensar nisso. X

Terminado o padê, fui apresentada a Luzia e depois Édison e eu saímos da casa, para esperar o início das cerimônias principais. A noite tropical se abatera de repente e luzes piscavam na escuridão aveludada e quente, vindas das casas do terreiro. Inúmeras pessoas estavam chegando, então, e vozes e outros sons pareciam movimentar-se devagar como se abrissem caminho com esforço através do calor. A gente se acumulava em torno da ponta da escada. Sacerdotisas e equedes corriam, agitadas, para cá e para lá. Alguém advertiu Édison para que não se aproximasse da cozinha e da sala de jantar, na parte posterior do templo, pois as mulheres estavam lá, tomando banho e se vestindo. Em outro compartimento, Tia Massi ainda estava estirada na cama, possuía pelo seu deus Oxalá, cercada pelos seus assistentes. Podíamos ouvir uma mulher cacarejando pelos corredores: — Gente! É tarde! Tá na hora de começar! — De repente vimos, ao lado do templo, uma meninazinha dormindo profundamente sobre um caixote em meio à barulheira. — Provavelmente não comeu o dia inteiro — notou Édison, com pena. — As mulheres estão muito ocupadas. As crianças brasileiras são as mais largadas do mundo.

Mas eu estava pensando ainda em Luzia: — Ela era casada mesmo? — perguntei a Édison. Eu ainda não tinha entendido que isso não tinha importância. Ele disse, bom, é provável que nunca tenham sido realmente casados aos olhos do governo ou da Igreja, embora fossem católicos praticantes. Mas eram casados aos olhos do povo e fiéis e bons um para com o outro. Durante muitos anos venderam carne na sua tendinha. A carne ficava coberta de moscas como em qualquer mercado brasileiro, mas todo mundo, afinal, precisa comer carne. Além disso, há algum tempo compraram uma vendinha onde Luzia vende adornos e gêneros sagrados para o culto. Em vista da sua excelente reputação nos negócios e na

religião, sempre teve muitos fregueses. Após tantos anos de vida longa e atarefada ao lado do marido, ponderava Édison, ser-lhe-ia difícil agüentar sozinha.

Mas, na verdade, observou ele, a gente do candomblé nunca se sente sozinha. As outras sacerdotisas as completam. Além do mais, há calor humano no constante fluxo de protetores e clientes que vêm, com os seus problemas particulares, suplicar receitas, conselhos e a simples boa vontade de alguém que os escute. A uma sacerdotisa fica bem dedicar-se a esses assuntos. Haveria talvez uns quarenta anos, ou mais, desde que Luzia fora feita “filha” sacerdotal. Não poderia ter o segundo lugar no Engenho Velho se não fosse a mais antiga em tempo de serviço, ou a imediata à mais antiga. X

— Tem deveres especiais? — perguntei.

— Quase tudo é de sua responsabilidade — respondeu ele. — Juntamente com a mãe, toma todas as decisões de importância para o templo. Além disso, ouve as lamúrias de inúmeros clientes e resolve os seus casos. Eles lhe pagam pelo serviço, mas ela destina boa parte do dinheiro para a manutenção do templo. Há pouco tempo ela mandou construir uma pequena capela para Oxum num alto próximo daqui.

— Tem filhos? — perguntei.

— Só se sabe do marido — respondeu Édison. — Agora, ela manda rezar missas pela alma dele na igreja da sua santa padroeira, Nossa Senhora da Conceição da Praia. Luzia e o marido eram tão amigos, comentou ele, que deve ter sido duro para ela despachá-lo duma vez por todas, ao estilo africano, enterrando até as recordações dele.

Uma graciosa mulher dos seus 30 anos, de tez clara, saiu do templo nesse momento e cumprimentou Édison. — D. Ruth — disse ele, voltando-se para mim — quero apresentar-lhe Mãe Totônia. Tinha uma aparência pouco comum de distinção e era a única mulher que jamais vi em tais ambientes sem o traje rendado das baianas; usava um vestido cinzento talhado como o de qualquer mulher da classe superior.

Édison adivinhou as perguntas que me ocorriam. — Sim, ela é mãe por direito de herança — explicou, depois que ela se foi. — Mas é óbvio que não é dessas coisas e a sua estória é patética. Seu verdadeiro nome é Antônia e foi a tia que a criou que lhe deu o apelido. Essa tia era a mãe do Engenho Velho e tinha a esperança de treinar Totônia para sucedê-la. Mas a menina vinha de outro ambiente. Os pais eram mulatos respeitáveis que se opunham à vida do candomblé, e não lhe permitiriam completar o noviciado como sacerdotisa. Mas a tia estava decidida e era sabido que transmitiria a chefia à sobrinha. De repente, a tia morreu, Totônia estava inteiramente despreparada e continuava sob pressão da família. Tivera muito mimo em casa e não parecia ter o expediente e a ambição necessários a uma mãe, em especial à mãe do mais importante templo de todo o Brasil. E não pôde alçar-se à expectativa. Houve tempo em que Martiniano quis desposá-la, o que lhe teria sido de grande ajuda; mas a família, socialmente superior, lho proibiu. Bom, a menina era a mãe de acordo com a última vontade da tia e, assim sendo, entrou no templo para treinar-se um pouco mais. Não muito depois, quando ainda em retiro, surpreenderam-na em intimidades com outra sacerdotisa. As mulheres ficaram muito perturbadas, pois consideravam isso um abuso contra a santidade do templo e do cargo dela; mas não puderam ou não quiseram exonerá-la e indicaram a mais antiga delas para atuar como mãe — Maximiana, ou tia Massi, como a chamam.¹⁰ Deram a Massi três assessoras: uma é Luzia, outra Eugênia, que reside habitualmente no Rio, mas vem para as cerimônias importantes, e a terceira é Totônia.

— Pobre Totônia — disse eu. — Não se enquadra em nenhum dos mundos, não é?

— Bom, ela é uma mulher simples e amável e deviam tê-la deixado casar e não forçá-la a assumir responsabilidades. Acho que agora remediaram as coisas. Todo mundo gosta de Massi e das suas assessoras e Totônia é uma dama simpática e sem preocupações.

¹⁰ Maximiana Maria da Conceição, já falecida. (Nota de É.C.).

Pensei em como deveria ter sido terrível para ela receber o templo de presente, com as suas cinquenta e tantas sacerdotisas, as suas centenas de participantes e de clientes e o seu rigoroso calendário de obrigações rituais.

Entramos de novo e uma sacerdotisa chamada Juliana saudou Édison e deu-nos umas cadeiras brancas em bom lugar. — Pai — exclamou ao saudá-lo e lhe beijou a mão. Disse que estava morando em Ilhéus, no sul do estado, com o filho, que era da polícia; tinha vindo apenas para a cerimônia. Comecei a achar que este era realmente um templo de matriarcas e que os homens, embora desejados e necessários, eram principalmente espectadores.

A grande sala estava agora iluminada à eletricidade; bonitas tiras de papel crepom branco enfeitavam o teto e os fios elétricos, emoldurando uma meia dúzia de lâmpadas pendentes. As nossas cadeiras brancas estavam perto da orquestra de atabaques, cujos tocadores se postavam no fundo da sala, de frente para a entrada, dissimulados atrás de uma coluna pintada de branco. As cadeiras eram lugares de honra e as únicas da sala.

Os homens começaram a bater os atabaques e algumas filhas já idosas se puseram a dançar em honra do deus da noite; vestiam as rendas brancas de preceito e dançavam num amplo movimento circular ante os tocadores. Eram de pele escura, fortes e grandes, e nada tinham dos modos recatados que a classe alta considera femininos e sedutores. De fato, pareceram-me homens vestidos com as saias das baianas.

De repente ouvi uma voz estridente de mulher tirando canções que os tocadores de atabaque levavam adiante. Era Eugênia, que viera do seu ateliê de costura no Rio para comemorar e ajudar. Era uma mulher de meia idade, bonita, clara, gorda e bem vestida. Enérgica como uma líder jovial, cantava em alta voz e dançava por toda a sala com a ligeireza de um patinador. Tirava uma cantiga após outra, na ordem preestabelecida pela hierarquia dos deuses. No banco construído à volta da coluna central jazia impassível uma velha sacerdotisa sonolenta, os cabelos como flocos de neve. Ante o meu olhar inquiridor, Édison respondeu que era uma ex-

alabi - mulher

escrava vinda da África havia mais de cem anos. Também sacerdotisa, era dedicada a Oxalá e, por ser tão velha, chamavam-na Papai, como ao deus. Uma delicada menina de nove anos, já dedicada à deusa Oxum, entrou na roda das dançarinas e, ao passar perto do Papai, parou um instante e beijou-lhe a mão em saudação.

Os tocadores preparavam-se agora para uma noite de júbilo. Tinham de ser homens e eram eles quem, com a voz dos seus atabaques, convocavam os deuses a baixar na cabeça das mulheres. A voz dos atabaques era o agente e as mulheres moviam-se de acordo com as suas ordens. Havia três atabaques de tamanho diferente, com nomes tradicionais e sons característicos, e todos tinham sido “batizados”. Os tocadores eram pessoas importantes do templo, chamados ogãs, e estavam então sob a regência de um visitante, ogã de outro templo com o qual o Engenho Velho tinha relações de amizade. (Entre alguns templos existia grande e amarga rivalidade, a ponto de se acusarem mutuamente de servir veneno na comida.) Esse ogã era preto, gordo e amável e tinha fama de ser um cantor versátil e dramático de hinos do culto.

Observei atentamente os tocadores. Como batiam e ritmavam! Em exuberantes padrões claramente golpeados ou fraseados, esqueciam-se de si mesmos tão completamente quanto as dançarinas que depois cairiam no transe sagrado. Inclonavam-se sobre os instrumentos, tamborilando de leve com uma rapidez somente possível naqueles que estão surdos a tudo mais. Observá-los era como espionar alguma coisa de muito íntimo. Às vezes, acontecia rápida mudança de mãos, quando um jovem ansioso, depois de muito implorar, conseguia apossar-se das baquetas dos tambores ou quando um velho experimentado arredava dele as baquetas para uma demonstração de técnica, nem mesmo pensando em sentar-se, mas inclinando-se sobre o atabaque e o seu tocador. Um homem fazia o acompanhamento, em voz tão rouca de tanto cantar que não mais se distinguia; de certo modo, no entanto, convencia. As filhas estavam sentadas no chão à esquerda dos atabaques, perto de minha cadeira, e, acompanhando as batidas, entravam com as respostas cantadas. Observando a orquestra com a atenção de um colega veterano, estava sentado perto um velho ogã; vestia-se imacu-

ladamente de linho, com uma faixa de cetim vermelho atravessada no peito; era também um visitante e a faixa era o emblema do seu cargo no seu templo. Visitantes leigos, vestidos de branco, lotavam os bancos desconfortáveis e a limitada área vaga, deixando apenas o espaço suficiente no centro para a movimentação ritual das dançarinas; todos tinham a atenção concentrada nos tocadores de atabaque.

Eugênia cumprimentou um homem à porta e o acompanhou até a orquestra. Édison tocou-me o braço. — É Felipe Néri — disse em voz baixa. — Em breve vamos visitá-lo.

Felipe era primo de Martiniano, filho de uma irmã da mãe do velho, parentesco tido entre os descendentes de africanos como muito chegado. Vinte anos mais moço do que Martiniano, era robusto, preto e bonito; o bigode e os cabelos brancos e crespos lembravam um pouco Teddy Roosevelt. Os olhos eram muito grandes e pestanudos e o rosto tinha uma expressão amável. — Chamam-no “filho de africanos” — explicou Édison, sorrindo — e não se conhece maior elogio.

A mãe fora uma sacerdotisa famosa e, quando descobriu que o filho tinha um santo ou divindade protetora — Martiniano deve ter adivinhado isso — ela decidiu aplacar e amansar a divindade com uma cerimônia ritual chamada “assentar o santo”. Parece que o deus é rude e perturbador para com os seus protegidos até ser abrandado por uma sacerdotisa. Em consequência “deu-se de comer à cabeça” de Felipe, isto é, cumpriram-se as cerimônias de alimentar o orixá africano, cuja morada humana é o cérebro. E o de Felipe era um deus tempestuoso. Era o jovem Xangô, também chamado Xangô de Ouro. Mas Felipe jamais animou o seu deus a baixar, embora cantasse nos ritos do templo um repertório extraordinário, tocando, como um demônio, todos os três tambores africanos, nos intrincados ritmos de invocação também dançava divinamente, embora somente em funções domésticas. Jamais iniciara uma sacerdotisa, jamais aderira a uma casa de culto.

— É um homem de verdade — assegurou-me Édison. — É honesto. Mas, dona, não seria maravilhoso se pudéssemos nos deixar levar, como essas mulheres? De que alegria estão possuídas!

Mal terminara de falar quando um clarão pareceu rasgar o ar e estarrecer a todos. Os deuses tinham baixado! Também me senti aterrada e inquieta. Vozes clamavam — Abram caminho! Abram caminho! — E os circunstantes abriam alas para dar passagem até a porta. Os tocadores batiam e cantavam num frenesi, as filhas dançavam solene e pesadamente, quando, do meio delas, uma mulher saiu correndo em direção à porta. Era levada pelo seu deus, que tinha baixado e a possuía e resmungava pela sua voz. Disparou pela escada escorregadia das oferendas a Exu e sumiu na noite escura e quente. Os que a observavam disseram que tentara subir pelo liso tronco das gigantescas jaqueiras e em seguida atirar-se no riacho que corria junto ao poço ao pé do declive. Um ogã corria-lhe no encalço, tentando contê-la e impedir que se machucasse. Nesse momento uma assistente começou a dançar diante de Édison, curvando a cabeça e resmungando como uma agulha de vitrola ao fim do disco. Parece que a cadeira dele estava no caminho e ela queria passar e acompanhar a primeira mulher. Mas Eugênia, saltou no círculo das sacerdotisas e impôs as mãos fortes na possessa. — Ninguém mais deve deixar o recinto! — ordenou em alta voz, receosa de que alguém caísse pela escada. Já a primeira tinha torcido o pé. Todos estavam muito excitados.

E então o inesperado aconteceu e incendiou as almas no Engenho Velho.

Os atabaques elaboravam um padrão fantástico de sutil sincopado, os homens se inclinavam sobre eles, equilibrando-se nos calcanhares, de modo orgiástico. (A marcação básica era em geral de duas semicolcheias seguidas de uma colcheia ou uma colcheia e uma pausa, sendo a melodia africana um simples canto monótono que às vezes adquiria um caráter mais rápido e mesmo ibérico.) Eugênia movimentava-se de um ponto para outro, animadamente.

De repente um branco, moço e magro, cambaleou para a dupla fileira das dançarinas. A fila escura moveu-se maciçamente, ignorando-o. Via-se que estava possuído porque fazia as rígidas contorções de um cavalo do deus Omolu e as desenvolvia dramaticamente na horrenda

representação de alguém atacado de coréia. Olhei para Édison e vi que ele estava fascinado. O moço tentou correr para a porta, mas foi contido por duas velhas equedes. Elas queriam retirá-lo do círculo da dança, mas, sem lhes dar atenção, ele voltava, cambaleando muito, apertando as palmas das mãos contra as orelhas na manifestação habitual do transe. Todo mundo esticava o pescoço para ver. Os ogãs zombavam dele, pasmados: — Nunca vi uma coisa destas! Que descaramento!

Eugênia dava muxoxos de reprovação no círculo sagrado e gritou para Édison: — Eu sei quem é! É do candomblé de Procópio.

Enfim, como se contorcesse horrivelmente para todo lado, as equedes deram por finda a luta e lhe permitiram dançar com as mulheres. Tiraram-lhe sapatos e meias — pois somente os pés descalços devem tocar o chão durante a dança, afrouxaram-lhe a gravata e o colarinho para que não sufocasse com as contorções, tiraram-lhe o paletó e o relógio-de-pulso e arregaçaram-lhe a boca das calças.

Então ele dançou, com a impetuosidade de um animal que escapa da jaula. Era o deus, era Omolu e São Roque, era o senhor das lesões, das chagas e das pestes. Dançava sozinho no círculo, precedido e acompanhado pelas equedes que vigiavam para que não se machucasse nem machucasse os outros. Os olhos dele pareciam fechados; mas podia orientar-se e sabia quando parar para conceder a alguns privilegiados os abraços do deus. A sala estaria em silêncio se não fossem os tambores que executavam as suas débeis ordens e acompanhavam as cantigas que murmurava em voz roufenha e sumida de sonâmbulo. Por um instante as suas pálpebras se escancaravam, os olhos fixos e arregalados. Dançou de modo genial, embora com posturas espantosamente forçadas, agachando-se com a perna direita curvada por trás da esquerda. Às vezes, emitia o ruído de agulha de vitrola — uh! uh! — em especial quando se calavam os tambores e o canto. Pareceu-me que o vazio desses intervalos induzia crises na alma do dançarino, durante as quais ele ficava imóvel, excitado, sem apoio. Numa dessas vezes, o moço tentou cantar, mas a sua garganta estava tão contraída que os sons escapavam mesmo aos que apuravam o ouvido para captá-los.

Quando, finalmente, alguém os escutou e os atabaques fizeram o acompanhamento, ele dançou com abandono.

Depois de sete longas danças, o número prescrito para um cavalo, as mulheres o levaram para um quarto dos fundos para fazê-lo voltar ao estado normal, por meio de técnicas engenhosas supostamente secretas, e vesti-lo. Não se arreceavam de modo algum da sua divindade. Eugênia, por exemplo, valsava perto de nós e, apontando desdenhosamente para o chão, disse: — Olha o bonito relógio dele! — Depois, mostrando um minúsculo e murcho botão de rosa: — E isto para a abotoeira dele. Horas depois, o rapaz saía às pressas, os cabelos revoltos, a gravata torta, o olhar transtornado. Uma semana mais tarde, ao voltar, chamaram-lhe a atenção para um aviso pregado na coluna central:

Por meio deste, pede-se aos cavalheiros o máximo respeito.
Os homens são proibidos de dançar entre as mulheres que celebram os ritos deste templo.

Desde então, durante horas e horas, diferentes deuses baixaram em várias sacerdotisas, que eram em seguida levadas para os fundos da casa a fim de vestir a paramenta especial. Mais tarde, todas foram alinhadas em pomposa parada, andando como sonâmbulas, oscilando sem segurança, às vezes em sacudidelas violentas, e guiadas passo a passo pelas solenes equedes que as mantinham em ordem. Eugênia anunciou que “todos” os importantes ali estavam, exceto Exu!

Todos, com certeza! A atmosfera de festa estava tão carregada que, pela primeira vez segundo os presentes, Felipe Néri foi forçado a fugir de um templo!

Ele dirigia os tocadores de atabaque, que pareciam em desvario, e tirara uma dezena de canções belicosas para o seu deus Xangô, enquanto observava a divindade dançar na pessoa de uma encantadora sacerdotisa, quando, de repente, bateu com força as mãos espalmadas sobre as orelhas e correu da sala, como se dependesse disso a sua vida, pela escada escorregadia abaixo. Isto só poderia significar uma coisa, como Édison

explicou, agitado. Ele havia sentido tão fortemente o impulso divino que receava ceder. Mas as mulheres riam, com admiração, porque seu Felipe tinha provado a sua virilidade, pois se livrara de dançar. Ele não voltaria naquela noite e a sua jovem esposa também saiu, para acalmá-lo.

Então os atabaques tocaram uma canção de despedida da qual todos os deuses participaram, dançando. Os convidados que partiam beijavam a mão das sacerdotisas da sua afeição. Muitas vezes ouvi a voz sonolenta e ressonante de Luzia dizer: — Deus lhe abençoe minha filha. — Perto de mim uma mulher de meia-idade, de rosto bondoso, exclamou: — Não é bonito de ver? Que bom se *eu* pudesse dançar com um deus (...) Mas não posso, nunca pude (...) Minha filha dança (...) Como será sentir um deus baixado na cabeça da gente? Mas o deus me deu um abraço hoje e me disse que tudo vai correr bem.

Só muito depois soube que as atividades do templo tinham continuado ainda por muito tempo após a nossa partida. As mulheres que tinham sido possuídas pelos deuses deviam ser trazidas de volta ao estado normal, despachando-se as divindades.

Nunca assisti a esse processo, franqueado apenas a mulheres de graduação hierárquica — embora a possessão por si mesma seja desestimulada entre as sacerdotisas mais antigas dos ioruba, que gostavam de imaginar-se como dominadoras das divindades em vez de servidoras delas — e era um dos grandes segredos das práticas do templo. Mas fui informada a respeito por sacerdotisas que vim a conhecer:

A mulher possuída não tem consciência de coisa alguma. É dominada pelo seu deus contra a sua vontade e, quando o deus pela primeira vez a cavalga, ela pula como cavalo selvagem. O rosto fica rígido, o corpo é tomado por estremeções violentas, perde o equilíbrio, e transmite uma impressão geral de tensão e dor. É então que a equede (que jamais tem o transe) deve guiá-la, para impedir que inadvertidamente machuque as outras ou a si mesma, quando a sua cabeça começa a baquear, como se deslocada. Logo porém o “cavalo” é dominado e começa, em profundo transe, a executar magistralmente a dança para o seu deus. E então, animada

pela divindade, ela passa a *ser* a divindade, e a equede a conduz a fim de vesti-la com as luxuosas roupas da divindade. Durante as próximas doze horas, mais ou menos, como naquela noite no Engenho Velho, a mulher vive em transe, com a obrigação de dançar ante os atabaques, proibida de comer, de beber ou de satisfazer outras necessidades. Nunca vi nenhuma delas tossir ou escarrar, bocejar ou espreguiçar-se, nem ir ao banheiro. As criaturas em transe respondiam apenas a sinais da mãe ou dos atabaques.

Por conseguinte, despachar o deus era considerado coisa muito delicada. Como se podia ver, as mulheres tratadas cuidadosamente despertavam louçãs e repousadas, enquanto as que não eram bem cuidadas, como o rapaz branco que “caiu no santo”, voltavam a si aturdidas, tremendo, aflitas, prestes a retornar ao estado anterior. As leigas eram muitas vezes tratadas apressadamente, como os homens, e também as sacerdotisas cujo transe era de pequena duração. Em geral, porém, dava-se muita atenção à técnica de despachar. Certa mãe proibía as suas filhas de visitar outros templos, temendo que caíssem no santo e os seus deuses fossem despachados de modo negligente em outros sacerdócios; e chegava a preveni-las contra a possibilidade de lhes darem veneno a ingerir.

O despacho dos deuses era praticado entre os ioruba num cômodo especial conhecido pelo termo africano roncó. Os deuses sentavam-se numa fila de cadeiras. Auxiliares do templo desdobravam esteiras no chão batido, traziam uma pilha de panos brancos e enchiam jarros d'água. Uma assistente da mãe chamava uma equede para ajudá-la a despir os deuses da sua paramenta e, começando pela mais antiga na hierarquia do templo, deixavam cada qual vestida apenas com uma anágua (cujo nome secreto era rabo). Então depositavam cada qual dos sonolentos deuses numa esteira, na posição que tomaria a sacerdotisa para saudar o seu deus: de lado, o que se chama dobale, se o deus era feminino; de bruços, icá, se era masculino. A equede, tendo mergulhado os dedos na água limpa, fazia uma cruz nas costas das mãos do deus, depois na testa e no peito dos pés e em seguida, brutal e repentinamente, puxava-lhe os cabelos no alto da cabeça e na nuca (aqui reside o deus). Em continuação, cobria-lhe todo o corpo com um pano branco. De repente arrancava o pano, cortando o

ar como para produzir uma corrente de ar, e gritava o nome do deus. Três vezes arrancava o pano de cima do corpo. Depois, segurava-lhe os braços puxando-os, juntos, para cima e para baixo, três vezes, cada vez com mais força. E, por fim, dava-se água a beber à mulher em transe — a primeira coisa que bebia em muitas e muitas horas.

A auxiliar a levantava, abalada e angustiada, e a sentava numa cadeira, onde a aguardava um banho de esponja. A água do banho, chamada abô, era sagrada e secreta, preparada com ervas maceradas e o sangue do sacrifício de animais, já de alguns meses, de indescritível mau cheiro. Mas o cheiro era retirado do corpo por um sabão especial, importado da África Ocidental e famoso no Brasil inteiro.¹¹ Vestiam-na, então, mas sem lhe enxugar o corpo. Se a mulher devia ficar no templo, a equede vestia-a apenas com uma comprida camisola atada num dos ombros.

É que o deus partira, fora despachado. Em seu lugar viera um travesso diabrete chamado erê. Os erês são sempre crianças, como os santos Cosme e Damião, e se imagina que sejam filhos de Xangô e Iansã, os deuses do trovão e do relâmpago. Era, na verdade, um estado secundário de transe, mais leve e mais suportável que o primeiro, e as mulheres com erê podiam fazer coisas perfeitamente normais. Podiam falar, embora numa linguagem especial de fala e gestos infantis, uma mistura de africano e português estropiados. Davam-lhes, dissolvidos em água fria, o simples e sensaborão acaçá, o seu primeiro alimento em muitas horas. Ficavam então brincando nas esteiras como crianças.

Os erês podiam ser divertidos e inofensivos, porém muitas vezes usavam linguagem e gestos indecentes e tinham de ser censurados severamente pela mãe. Podiam furtar coisas uns dos outros e dos circunstantes e correr à volta do templo dando palmadas nas pessoas (teoricamente a mãe pode exemplar uma sacerdotisa recalcitrante). Dizia-se que um deles, não havia muito, atacara um vendedor ambulante que passava pelo templo e virara a sua carreta, fazendo com que perdesse todo o seu estoque.

¹¹ Sabão-da-Costa. (Nota de É.C.).

Alguns corriam para os bosques vizinhos e trepavam às árvores, outros tentavam comer urtiga (o que era outrora considerado prova de verdadeira possessão), outros tentavam dar fim aos cachorros. Um deles podia furtar uma panela de galinha e comê-la toda, por mais dura que estivesse de acordo com o estilo de matança e cozimento rituais; fugia com ela para um canto escondendo-a sob a roupa. Certas mulheres bebiam garrafas inteiras de azeite ou de mel.

— Mas nunca adoecem por isso — dizia-se. — Parece que lhes faz bem.

— E os ogãs? — perguntei.

— Eles ficam por aí, achando graça — disseram-me as sacerdotisas.

Todas as pessoas em estado normal se atarefavam, tirando as coisas do caminho dos erês ou chamando-os à ordem; certas mães achavam necessário fechar portas e janelas. A despeito das suas diabruras, os erês jamais pediam ou se serviam de alimentos que fossem tabu para as sacerdotisas, como pão ou chá, e não se esqueciam de empregar as palavras secretas especiais, como “água preta” por café e “falecido” por carne cozida.

Lá pelas três da manhã, a mãe pedia uma trégua. — Basta! — ordenava. — Vá dormir ou vá embora! — Se um erê se queixava de fome — Estou com um buraco na barriga! — dava-se-lhe comida pela última vez. Outro queria urinar e o anunciava como uma criança, dizendo — Quero fazer pipi. — Se algum deles queria dormir, dizia: — Vou me embiocar num canto pra cochilar. — Por fim, eram todos postos a dormir no pequeno e escuro cômodo reservado às noviças, enquanto as sacerdotisas em estado normal dormiam noutra parte.

Os erês dormem o tempo que querem, às vezes largados como mortos para o mundo, durante vinte e quatro horas. Quando acordam, as sacerdotisas, sóbrias, não se lembram de nada, estão irritadas e se recusam a brincadeiras ou importunações. Uma filha mais velha as leva ao roncó para lavar-lhes as partes genitais e a boca com água morna e calmante.

Depois de beber açaçá e de brincar um pouco, as mulheres se sentem mais à vontade. São informadas, então, das suas extravagâncias.

— Mas algumas ficam abaladas — disse-me uma sacerdotisa. — O trabalho dos deuses é uma força misteriosa que avassala a gente. Eu não gosto dele. A gente vira uma escrava do santo e às vezes fica manifestada três dias! A gente não tem necessidades, o corpo amortece, não se sente nada até que chega o erê.

Pode verificar-se confusão se o erê não for “chamado”, somente quando a possessão tem lugar numa cerimônia particular. Faz-se com que a mulher volte à normalidade pelo caminho mais curto, chamando-a pelo nome de batismo e não pelo do deus. Uma leiga mereceu ainda menos atenção, por ser “pagã”. A auxiliar apenas lhe bateu três vezes na nuca e no peito dos pés, chamou-a pelo seu nome de batismo e a mandou embora, conquanto parecesse tonta.

O dia seguinte ao do despacho dos deuses era feriado. Terminada a função pública, todo mundo estava repousado. Amigos das mulheres percorriam as dependências do templo e gostavam sobretudo de um jogo de multas. O objetivo era fazer com que a sacerdotisa ou o ogã de um deus masculino se comportasse como mulher. Transpor a linha dos sexos era tabu e os apostadores multavam as vítimas, obrigando-as a pagar cerveja e outros refrigerantes para a turba que passava por ali, divertindo-se com os desgostos dos perdedores. Por exemplo, o “cavalo” de um deus pediu ao “cavalo” de uma deusa um gole da sua cerveja. Quando este distraidamente lho deu, o primeiro correu para a mãe, queixando-se de que uma mulher tinha dado um presente a um homem! Ou uma mulher, ao passar por um deus, discretamente lhe pôs uma flor no cabelo. Então, também foi queixar-se à mãe e todas as sacerdotisas desfilaram diante dele, protestando. — Que é isso? — exclamava ele. — Eu nunca botei flor no cabelo! — E os outros insistiam: — Pois passe a mão na cabeça e tire-a de lá!

Em outro tipo de brincadeiras estavam envolvidos os tabus sagrados. Por exemplo, alguém derramou óleo no vestido branco de uma devota de

Oxalá que cozinhasse no templo. Novamente a mãe foi convocada, pois a comida de Oxalá deve ser preparada sem tempero e a inocente pecadora teve de comprar um cabritinho e cerveja de multa.

Ao pagar a multa ou resgate, a culpada era conduzida a um trono na sala das cerimônias. Dignitários do templo, sacerdotisas e vizinhos eram convocados. A mãe anunciava o montante e, no chão, diante da culpada, era colocado um prato, em que ela atirava todo o dinheiro que podia. Talvez atirasse 50 cents. — Mas uma mulher vale mais do que isso —, protestava a mãe. Então, as mulheres e os ogãs que serviam deuses do mesmo sexo que o da culpada atiravam outras moedas, liberando a mulher e cobrindo-lhe a vergonha. A mãe, sorridente, retirava então a redimida da cadeira, os atabaques soavam alto pelo deus desagravado e as mulheres dançavam em seu louvor. A mãe dividia o dinheiro apenas entre aquelas que serviam divindades femininas, pois na Bahia somente mulheres devem receber presentes! Édison me disse que presenciara certa vez uma brincadeira dessas no Engenho Velho e que reparara que as servidoras de deusas haviam ganho uma pequena fortuna, pois a maioria das mulheres ali servia divindades masculinas!

E assim terminava o estado de transe e a mulher voltava à normalidade, dois dias após ter sido vista possuída — e como um deus — nos ritos públicos.

7

Uma coisa a que nunca me acostumei foi ao sentimento de classe na sociedade brasileira. Suponho que jamais o levei a sério. Ele tem apenas uma ligação indireta com a raça ou a riqueza e está associado mais intimamente a idéias que são algumas vezes tão distintivas quanto *noblesse oblige* e outras vezes simplesmente pretensiosas. Em Édison encontrei um dos melhores exemplos da chamada “classe alta”.

Era um liberal, e até mesmo o consideravam radical em certos círculos; mas absolutamente não era um homem do povo. A sua natureza de classe pertencia a um sistema de pensamento diferente da sua ideologia política e social. Isto se revelava na sua vestimenta e na sua fala, no seu próprio interesse pelos negros, e provinha da sociedade em que fora educado. Não estava absolutamente cômico disso e talvez achasse graça nesta minha opinião.

Jamais notei essa qualidade especial na sua relação comigo ou com os seus amigos brasileiros. Éramos iguais em educação e em todos os demais padrões; alguns de nós tinham mais dinheiro e alguns menos, e Édison era dos que tinham menos. A qualidade emergia nas suas relações com os negros. Ele era o seu protetor e eles desejavam que fosse o seu protetor. Pelo modo de lhe falar e de lisonjeá-lo, elevavam-no acima de si mesmos. Eram corteses com todo mundo, mas eram mais calorosos e alegres com os seus pares do que com ele. Mulheres de todas as idades gostavam dele pela delicadeza das suas maneiras, pela sua pele clara, o seu cabelo “bom” e o seu corpo juvenil. Jamais tomava liberdades com elas e de fato tivera de resistir a algumas

investidas, pois algumas delas gostariam de tê-lo para uma ligação não-oficial. Gostavam dele porque era um aristocrata.

No Brasil um aristocrata jamais aparece em público em trajés informais, não importa a quanto vá o termômetro. No ano em que conheci Édison, e o via quase todo dia, ele nunca apareceu sem chapéu, paletó, colarinho e gravata. Sair em trajés menos formais seria desrespeitoso para comigo e comprometeria o respeito que lhe tinham os negros. Tinha também o seu próprio orgulho no caso. Os negros, por outro lado, vestiam-se de acordo com os ditames do tempo e durante o forte mormaço do verão os empregados no comércio circulavam de pijama.

Um aristocrata jamais consente que as mulheres da sua classe andem sozinhas depois do pôr-do-sol, enquanto as negras sempre andam sós, mesmo quando acompanhadas por um homem. Por isso pensavam que eu tivesse alguma relação de parentesco com Édison e, uma vez que éramos obviamente de raças diferentes, houve quem pensasse que eu era esposa dele. Ao contrário dos costumes dos povos de língua inglesa, o fato de ser de raça escura não o excluía da aristocracia, nem o impedia de casar-se com uma branca. De fato, sabia-se de louras alemãs casadas com negros baianos. Quando Édison não podia acompanhar-me, pedia a um dos seus amigos que o fizesse, em geral ao jovem poeta Áidano do Couto Ferraz, filho de antiga família branca da Bahia. Não confiava nos negros, nem nos militares, nem na sofisticada aristocracia. Presumo que tivesse as suas razões. Sei que ficou muito aborrecido certa noite, quando resolvi ir ao cinema sozinha, porque o meu comportamento inconveniente se refletiria sobre meus aristocráticos amigos. Até a tia dele, que era a matriarca da família, teve um alívio ao me encontrar por achar que eu era feminina e convencional, “não como as inglesas”. Mas nunca senti a imposição da aristocracia, como a sentia Édison.

No nosso país, esperamos que todas as pessoas de cor se sintam mutuamente ligadas. Ignoramos o fato de que talvez isso não aconteça

e que, pelo contrário, existam dentro do grupo negro várias classes mutuamente indiferentes e até hostis. No Brasil nem sequer se sonha com tal suposição. Todos sabem que as diferenças de educação, de ocupação e de distinção de família criam um hiato tão grande quanto o americano, que se baseia apenas na cor.

Por conseguinte Édison encarava a gente do candomblé como se o fizesse por cima de um abismo. Para ele eram espécimes, embora naturalmente seres humanos com o direito inalienável de viver como quisessem. Todos os intelectuais brasileiros têm essa opinião, que é surpreendentemente romântica em vista das suas convicções democráticas. Os intelectuais russos do século XIX sentiam o mesmo em relação aos servos da gleba. De certo modo essa atitude distante e protetora, por mais apaixonada que possa tornar-se, é desagradável para uma americana criada ao “norte da linha”, pois nega a humanidade comum proclamada nas convicções da democracia jeffersoniana. Contudo, todos compreendiam a atitude de Édison, que era a mesma deles, e não a minha, que se originava de outro esquema de vida. E respeitavam Édison, sabendo dos riscos que correra nas mãos da polícia, enquanto apenas toleravam as boas intenções que Édison lhes dizia que eu tinha. Quando se tratava de acreditar, e confiar, ele era o homem.

Como tantos jovens intelectuais do Brasil, tinha uma apaixonada simpatia pelos povos oprimidos econômica e politicamente em todo o mundo e se tornara conhecido como um batalhador. Entre outras coisas, procurava ajudar a gente do candomblé a viver do modo que desejasse. O governo o pôs *hors de combat*, jogando-o repentinamente na cadeia, com vários amigos seus da Universidade, durante cerca de dez dias em 1938, no primeiro aniversário da ditadura. Agora, tudo o que Édison podia fazer era insistir em que se reconhecesse aos negros o direito de render culto aos seus deuses — que eram também os santos católicos — como o entendessem. Mas também isso era perigoso porque a polícia estadual (cujos próprios parentes eram adeptos do candomblé) tinha ordem de realizar batidas repentinas contra as casas de culto.

Na ocasião, os grupos de culto eram acusados de ninhos da propaganda comunista. Muitas vezes pensei nessa acusação, que me foi feita, gravemente, pelo elegante coronel-comandante das tropas federais na área. Na sua maioria, os negros não sabiam ler nem escrever; nunca iam ao cinema, e a sua vida transcorria entre os locais de trabalho e os templos. O receio da propaganda comunista era muito generalizado e o meu próprio cônsul, cuja despreocupação americana estava bastante intimidada pelos fatos correntes da Bahia, me preveniu de que não estava em condições de me defender em caso de dificuldade. A ameaça à vida política da República me parecia tão insignificante quanto aos Estados Unidos. Era certo, contudo, que os negros e os intelectuais estavam sendo os bodes expiatórios das dificuldades do governo. E, quer quisesse, quer não, eu estava sendo arrastada com eles. Uns seis meses mais tarde, numa abafada noite de fevereiro, quando eu esperava pelo bonde que nos levaria aos arrabaldes, Édison disse, no seu cuidadoso inglês: — Acho que um secreta está vigiando você. É um preto, vestido como operário. — Voltei-me para Édison, espantada e incrédula.

— É verdade — sorriu ele. — Tenho longa experiência de descobrir *secretas*. São muito bisonhos. Quando tomarmos o bonde, vamos sentar no banco cara-dura, para poder vê-lo de frente. E assim fizemos.

Quando chegamos à casa da sacerdotisa que íamos visitar e lhe contei, espantada, o que acontecera, ela respondeu calmamente: — Já sabíamos disso há muito tempo. Não lhe dissemos nada para não assustar a senhora.

Édison se divertia. — Bom, agora você sabe que é perigosa. Você é amiga de quem não deve, você não deve ser vista nem com negros nem com gente formada. Ou acabará na cadeia conosco, o ano que vem! Estimada colega, agora você está na República do Brasil.

Antecipei-me na história, mas esta foi a atmosfera em que me encontrei pouco depois de chegar à Bahia. Não se sentiam essas coisas tão nitidamente no Rio, porque lá estava a sede do governo central e a polícia federal era poderosa. Nem mesmo a malograda tentativa

de assassinar Vargas, ocorrida pouco após a minha chegada ao Rio e a apenas uma quadra do meu hotel, teve repercussões na cidade. Os negros do Rio não eram conhecidos como “comunistas”; eram mais temidos como feiticeiros e glorificados como malandros, pois eram muito pobres. Mas na Bahia eram levados a sério de todas as maneiras — e, se os intelectuais eram comunistas, por que não o seriam os negros com quem se ligavam?

8

Prosseguindo no seu programa de me apresentar àqueles que eram bons exemplos do modo de vida dos negros, Édison me levou a visitar o primo de Martiniano, Felipe Néri.¹² Íamos celebrar o sexagésimo aniversário de Felipe e o seu protetor São Jerônimo e partimos naquela tarde, em companhia de Martiniano, para a casa de Néri, num arrabalde distante. Era uma longa viagem de bonde para um bairro pobre, de trabalhadores. O terreno era incomumente plano. Martiniano e Édison conversavam; eu, sendo mulher, apenas ouvia e observava.

Quando chegamos, Felipe, que era estivador, acabava de regressar do trabalho. Trabalhador e assíduo, mantinha uma linda casa para a mulher, Vitória, moça e bonita, e para os filhos gêmeos dela, de 4 anos, que não eram filhos dele. A casa era como as outras da rua, estreita e comprida, de reboco cor-de-rosa, coberta de telhas de barro queimado que reverberavam ao sol. Os móveis, que pareciam novos, eram do estilo frágil e pouco cômodo, encontrados nas casas dos operários que podiam adquiri-los.

Martiniano nos fez entrar (a porta estava encostada) e, enquanto aguardávamos, na sala da frente, que Felipe se lavasse e mudasse uma roupa limpa, falou-nos sobre ele. Os modos do velho eram alegres e obsequiosos: — É um bom sujeito, muito bom mesmo. E como dança! Os senhores precisam fazer com que ele dance. E como as mulheres

¹² ...Conceição, também conhecido por Felipe Mulexê e Felipe Xangô de Ouro. (Nota de É.C.).

gostam dele! Todos os meninos da redondeza são filhos dele, uns quarenta, e ele aceita todos. Se uma mulher se aproxima dizendo que o filho que traz nos braços é dele, Felipe concorda logo. Todos os meninos têm o nome dele.

Felipe, que chegava à sala, ouviu essas palavras e sorriu de leve. Calculei que essa era uma maneira habitual de caçoar.

— E os filhos de Martiniano? — perguntou ele a Édison. — Eu, pelo menos, reconheço os meus. Gosto de vê-los. Dois dos tais quarenta filhos entraram na sala com os gêmeos de Vitória. Ele os encarou, satisfeito, e disse: — Estou ensinando esses malandêus a dançar e eles aprendem depressa.

Levantou-se e propôs a Martiniano: — Eh, velho, vamos lá dentro tratar do pirão. Vitória e os meninos fazem sala às visitas.

Saíram juntos da sala, mas Felipe surgia de volta, de vez em quando.

Vitória se demorava e, enquanto estávamos sós, Édison falou-me dela. Era da mesma idade dele, disse, 27 anos; mas a maternidade e o trabalho pesado lhe haviam arredondado o corpo, de modo que parecia mais velha. Tinha confiança nele porque, certa vez, Édison tomara conta de uma amiga dela, que desejava que ele a “fizesse feliz” permanentemente.

Quando moça, Vitória herdara algum dinheiro, mas o padraсто o esbanjara — e tinha ido água abaixo a esperança de se educar e a ambição de fazer-se professora. Mas orgulhava-se de si mesma e tinha uma bonita aparência com a sua cor de chocolate, as suas feições delicadas, os seus dentes perfeitos (tão raros na Bahia), os cabelos alisados e as unhas pintadas de cor-de-rosa. Sustentara-se lavando roupa e durante anos tentara estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Os seus padrões morais eram rigorosos, ao contrário de algumas meninas brancas de boa família que, coitadas, tinham acabado nos prostíbulos que abrigavam mulheres-da-vida, ganhando apenas para viver o dia-a-

dia. Afinal, a professora lhe dissera que não poderia estudar com proveito se continuasse a trabalhar — quem o consegue no abafado clima da Bahia? — e foi então que teve necessidade de consolo. E pela primeira vez se entregou a um amante. Só mais tarde, tarde demais, percebeu que o homem era um ladrão e um tratante. Era ele o pai dos gêmeos. Ela passou tão mal do parto que foi removida para um hospital e, a partir de então, ficou estéril.

Voltara a ocupar-se da casa do padraсто e a trabalhar quando rebentou a Revolução de 1930, em que Vargas contestou os resultados das eleições e venceu pela força militar. A Bahia ficou sob estado de sítio. Os soldados eram desordeiros e cruéis; saqueavam e violentavam. Ao voltar a casa, certo dia, com uma cesta de roupa, dois soldados a detiveram e exigiram que se lhes entregasse. Pouco tempo antes, três policiais armados tinham abusado do mesmo modo de uma amiga sua. Ela se recusou; e sendo uma mulher robusta, os manteve à distância até que eles a esfaquearam. Caiu ensangüentada na rua e eles a violentaram como quiseram. Depois os vizinhos a recolheram e cuidaram dela.

Na sua longa convalescença Vitória encontrou Felipe. Indignado com a história dela, veio visitá-la quando soube que estava desamparada. Era mais de trinta anos mais velho do que Vitória e vivia com outra mulher, de modo que, com toda inocência, tomou-a sob a sua proteção. Durante dois anos visitou-a diariamente e sempre deixava dinheiro para ela e para o padraсто, e até alugou uma pequena casa para eles. Ela continuava sem poder trabalhar e assim passavam muito tempo a conversar, enquanto ela lhe cosicava as camisas. Ele jamais falava de amor e parecia considerá-la apenas como a sua protegida, uma enternecedora jovem.

Então (contara a Édison) certa noite a mulher com quem Felipe vivia lhe fechou a porta na cara e o expulsou da sua própria casa. Cansado de transportar carga o dia inteiro e sem saber o que fazer, vagou pelas ruas escorregadias da Cidade Baixa até as 11 horas da noite. Eventualmente ocorreu-lhe ir à casa de Vitória. Quando contou

a sua história e lhe pediu licença para pernoitar, ela lhe disse, e era verdade, que não havia onde. Ele respondeu: — Bem, então me deixe dormir na sua cama. Ela consentiu e ele caiu no sono imediatamente.

Depois disso, ficou. Disse a Vitória que, apesar dos muitos filhos que tivera, nunca dera sorte com as mulheres. Sempre o traíam; mais cedo ou mais tarde estava sustentando não só a mulher, mas também o seu amante secreto. Isto abalou Vitória profundamente e, reconhecida pela sua bondade, tomou a resolução de provar-lhe que era “séria”, capaz de uma afeição firme. Constituíam um lar agradável e viviam juntos em boa harmonia.

A essa altura da história ela entrou na sala. Parecia moça e sadia, com um ar de satisfação, e eu jamais teria suspeitado que tivesse passado dificuldades. Sentou-se num frágil sofá, escabreada demais para esboçar um cumprimento, e começou a arrumar o vestido de uma grande boneca feita à imagem da raça branca.

— Então, vai entrar nos concursos? — perguntou alegremente Édison.

Referia-se às janeiras — festas que vão de dezembro a janeiro e até o Carnaval, em que gente de todas as classes das cidades litorâneas, branca e preta, católica e pagã, educada e analfabeta, canta e dança e faz romarias em trajes de fantasia. As janeiras são tidas como ensaios para os três dias do Carnaval; mas os brasileiros, e em especial os baianos, participam delas com tal fervor que, em verdade, as transformam numa antecipação do Carnaval, convertendo este no auge frenético de um crescendo de magníficos folguedos. Os amigos se organizam em grupos chamados “ranchos” ou “ternos”, que deveriam representar cenas do nascimento de Cristo. Mas em geral se esquecem da Natividade e concentram o seu interesse em lírios, peixes e lobos ornamentais e engraçados, figuras sem sentido, incidentes da história da escravidão, e se vestem com extravagância e executam músicas e danças populares. As organizações sociais e comerciais oferecem muitos prêmios às melhores apresentações e as maiores competições se realizam

sempre no adro das grandes igrejas. Alguns grupos visitam as casas dos conhecidos, como os cantores de cânticos de Natal da Inglaterra, e em toda a região reina a alegria.

— Vou. — Vitória respondeu calmamente à pergunta de Édison, absorvida pela boneca rechonchuda e peituda que segurava para nos mostrar. Explicou com orgulho, no seu modo seco, quase enfadado: — Ela vai ser a deusa das águas. É a nossa Janaína. Eu queria penteá-la.

Édison lhe deu o seu pente de bolso e carinhosamente ela arrumou as soltas tranças castanhas da boneca. Depois espetou compridos brincos de “diamante” perto das orelhas da boneca, dizendo:

— Foram oferecidos por um primo de Felipe, dr. Édison. Não é linda? Mas ainda não tem nome. Padre João vem amanhã batizá-la. Quer ser o padrinho? — Felipe passava pela porta nesse momento e ouviu o pedido. Parou para lembrar-lhe, num sussurro de repreensão, que ela já convidara Martiniano: — Mulher, não se lembra que o “professor” vai fazer o despacho dela amanhã?

Fiquei surpreendida ao ouvir isso, porque despacho, segundo os jornais do Rio, era magia negra. Segundo Luzia, significava invocar Exu e, às vezes, também os deuses Ogum e Omolu, que fazem com que o mal se afaste e fique apenas a boa sorte. Aparentemente, um despacho podia ser feito em meio a louvações a Jesus, Maria e José. Contudo, certamente não era mais estranho do que o calor que senti em janeiro, os ritmos africanos e as caprichosas canções que ouvi no Natal e as bênçãos concedidas à maioria dessas coisas pela Igreja Católica e, a intervalos, pelas forças policiais do Estado.

Vitória não se perturbou com a observação do marido. Continuou a cuidar da boneca. — Ela precisa de colar e pulseira condizentes com os brincos — disse. — Será que pode oferecê-los, d. Ruth?

Prometi e ela não fez comentários. Sabia que a boneca estava para tornar-se a morada de uma deusa, que a bênção do padre faria dela um fetiche místico; e todos se sentiriam honrados por dar um presente ao fetiche. Tirou de uma cesta um pedaço de veludo vermelho

e começou a bordar nele umas flores verdes, falando sobre as fantasias que havia costurado durante o mês passado para os figurantes do seu “rancho”.

— Tenho trabalhado tanto — disse — que não tenho tido tempo de dormir e adoeci de gripe a semana passada.

Por que, pensei eu, rabugenta, não canalizam toda essa energia para o trabalho? Por que não se esforçam mais por programas sanitários e sociais? Por que gastam tanto de si mesmos em brincadeiras ou imaginando deuses? Por quê? Bem, disse para mim mesma, uma das razões naturalmente era não serem doutrinados nesses objetivos mais saudáveis. Outra era a de serem realmente muito pobres e quase sem instrução. Outra ainda que encontravam algo de real nas janeiras, profundas satisfações pessoais que não podiam fruir de outro modo.

Felipe, por exemplo, era estivador, um bom estivador. Mas até onde podia chegar com o seu trabalho? Antes da ditadura, havia um sindicato profissional e os operários tinham conhecido melhores condições de trabalho. Mas agora o escopo das atividades sindicais estava limitado pela situação econômica geral, que era de depressão e estagnação. Felipe não desejava ser da diretoria do sindicato e não se interessava em ter influência sobre os demais. Era um homem honesto, sem instrução, e não via meio de enriquecer. Contudo, nunca fora necessitado, o que diz muito. Sempre pudera comer e vestir-se, sustentar as suas mulheres, presentear os filhos e os amigos, contribuir para o terreiro da sua devoção. Não havia uma posição de destaque para ele no candomblé, pois fugia da possessão pelo seu Xangô e nem sonhava tornar-se pai-de-santo. Os cuidados com o culto incumbiam ao sexo feminino. Já era muito ser um ogã, que dava dinheiro e conselhos quando pedidos. A sua grande qualidade era tocar os atabaques que transmitiam a voz doce e tentadora dos deuses.

Todo atabaque, toda música, toda dança o interessavam; apreciava as suas modalidades e a sua beleza. Não tentava dominar os deuses e evitava complicações com eles. Em vez disso, lançara-se à tarefa secular e alegre de organizar um “rancho”. Trabalhava muito e os seus

membros o elegeram presidente. Para ele isto significava reconhecimento e oportunidade artísticas.

Essas coisas vieram à luz nas observações de Édison e de Felipe, quando este, por vezes, voltava à sala.

Afinal, Felipe nos chamou para os fundos da casa, para jantar. A cozinha era ao mesmo tempo a sala de jantar. Os presentes não se sentiam muito à vontade conosco, era claro, e os gestos e expressões eram calculados, como os que assumem para demonstrar respeito e boas maneiras. Édison, como de costume, estava tranquilo e simplesmente se sentou pronto para comer.

— Nada de “farol” aqui! advertiu-me e eu sorri ante a gíria, pois “farol”, naquela acepção, queria dizer exhibir-se, gabar-se.

Os negros estavam sempre calmos e mesmo entre si não se tornavam barulhentos e extravagantemente ativos como os negros americanos; o seu bom-humor e a sua sociabilidade demonstravam-se apenas através de sorrisos e expressões amáveis do rosto. Os seus modos eram controlados e discretos e, pelos meus padrões americanos, os nossos anfitriões eram desprovidos de cordialidade. Mas sei que estava enganada.

Era uma refeição de gente pobre, e portanto copiosa, mas sem variedade. Consistia principalmente em legumes preparados em azeite-de-dendê, alguns ovos cozidos e muita farinha de mandioca; carne e peixe eram caros demais. Mas é surpreendente como boa mandioca sabe bem quando se está com fome e sem se importar com requintes dietéticos, como calorias e vitaminas; e os baianos misturam farinha com tudo. Às vezes fazem-se bolos da fécula, sem tempero e sem outra mistura senão água, e eles os comem como se fossem maçãs! Nos tempos da Colônia e da escravidão, quando os baianos eram mais ricos, costumavam comer açúcar do mesmo modo; relatos históricos, diários e gravuras revelam o enorme consumo de açúcar puro, presumivelmente porque havia tão limitada variedade de comida. E essa

espécie de dieta aparece na pele e nos dentes estragados das pessoas, embora, em outras áreas de escravidão, os negros tenham um patrimônio melhor do que os outros por causa da maior rudeza de vida e de dieta. Felipe, Martiniano e Vitória eram grandes e fortes, de dentes saudáveis e brilhantes. Quando se passava deles para Édison, percebia-se que este estava muito distante do sangue e da história deles.

Nós, os adultos, nos sentamos numa pequena mesa redonda e as crianças se amontoaram à nossa volta, para serem servidas por Vitória. Houve silêncio durante a refeição; Martiniano, porém, movimentava o ambiente, entrando e saindo. Soube, depois, que executava atividades secretas relacionadas com o *despacho* da boneca. A cozinha estava iluminada apenas por uma pequena lâmpada elétrica, nua, que pendia sobre a mesa.

Quando terminávamos a refeição, algumas moças, dançarinas do “rancho”, que voltavam do trabalho na cidade, deram uma chegada à casa para discutir pormenores das fantasias. Vitória se animou então, discutindo modelos de chinelos de veludo vermelho e amarelo. Édison brincou com ela e começou a cantar, com a sua voz segura e cadenciada: “Anunciaram e garantiram (...) que o mundo ia se acabar (...) que o mundo ia se acabar (...)”. Ela fez que não ouvia e ele então tentou persuadir Felipe a dançar para mim. — Não, seu doutor — respondeu Felipe, devagar, sorrindo como se fosse para uma criança. — Não, preciso me poupar. O ensaio da noite passada só terminou na hora de pegar o trabalho, hoje de manhã. E tenho outro ensaio hoje.

Édison riu e disse, voltando-se para mim: — Está vendo? Nada consegue cansar essa raça! É extraordinário! Conheço lavadeiras que andam léguas após o trabalho para dançar, dançam até a madrugada e quando vão embora estão inundadas de suor. Podem morrer de pneumonia, mas qual nada! Os deuses as salvam.

Felipe sorriu de novo. O seu modo calmo sugeria uma grande reserva física. — Seu doutor, estudar demais atrapalha as idéias. Mas

o trabalho pesado nos conserva fortes e a brincadeira braba nos conserva moços. Na Bahia tudo é maravilhoso! Como é que diz o ditado? “A riqueza do Brasil está na roda do tambor”. Portanto, vamos dançar! Bateu na mesa e sorriu.

— É uma terra de ouro — concordou Édison.

— Venha ao nosso próximo ensaio — sugeriu Felipe. — Será anunciado nos jornais. O Rancho do Robalo é capaz de ganhar este ano, mas teremos de enfrentar uma dura competição. Venho ensaiando a minha gente há semanas. Temos fantasias, dançarinos e acrobatas muito especiais! Não creio que haja iguais em parte alguma. Somente o Clube dos Fantoches pode nos fazer sombra, porque é de gente rica e, como os seus membros são aristocratas, podem influenciar a comissão julgadora. Mas na verdade não creio que alguém tenha chance contra nós. Parece que todos vão sair este ano, apesar da morte do Papa! Até os ogãs e as filhas do templo de Menininha estão ensaiando em segredo, embora ainda estejam de luto pelo ogã Bibiano. Ouvi dizer que os prêmios são excepcionais! Venha, seu doutor, nos dar uma palavra! Precisamos da inspiração dos homens de cultura.

— Viva o Robalo! — gritou Édison com humor, levantando-se. — E qual o tema das canções, seu Felipe?

— Venha ver-nos desfilando à uma da manhã no dia 6 de janeiro, no grande largo diante da Igreja da Lapinha, em homenagem aos Reis Magos. O senhor vai ver e ouvir.

— Se a polícia não proibir — interveio Martiniano, que tinha completado o despacho lá fora. — Estão dizendo que vão fechar de novo os candomblés.

— Os comerciantes oferecem prêmios — objetou Felipe, brandamente.

— A Igreja quer celebrar o dia dos Reis — Édison encerrou o assunto, vivamente. — Já instalaram os cordões de lâmpadas no Largo

da Lapinha e na fachada da igreja e agora estão construindo tabladós para a exibição dos “ternos” e dos “ranchos” e palanques para as primeiras bailarinas. Não se preocupem. — Está vendo, primo? — Felipe sorriu para Martiniano, que trazia uma cadeira para a mesa.

— Ninguém gostou da comida? — disse o velho com graça, como resposta. — Com tanta conversa, a comida deve estar horrível. Agora, d. Ruth, veja este molho de azeite temperado com camarão. Eu mesmo ensinei a Vitória como fazer. Coma-o e viverá para sempre.

— Se Deus quiser — disse Vitória como um eco, piedosamente, servindo-o.

Pouco depois nos retiramos, pois os Néri estavam tão preocupados com os seus deveres no rancho que nos incomodava vê-los sentados e ansiosos na polida ociosidade que a nossa visita lhes impunha. E tenho o prazer de comunicar que o chefe de polícia protelou a ordem de fechamento dos candomblés até 7 de janeiro.

Embora Mãe Menininha¹³ ainda fosse moça segundo os padrões afro-brasileiros, pois estava com quarenta e poucos anos, era provavelmente a mais importante sacerdotisa da Bahia após a morte de Aninha. Todo mundo sabia da sua existência e dela falava com respeito. Um congresso de estudos do negro realizara uma festa no seu templo no ano anterior (serviu-se champanha, disse-me o dr. Estácio de Lima) e então grandes figuras à imagem de Menininha e de algumas das suas assistentes, como bonecas do tamanho de gente, foram feitas e colocadas em exposição permanente no pequeno museu da Escola de Medicina. Mais tarde soube que uma revista popular do Rio publicara uma reportagem ilustrada acerca do seu templo.

Essas atenções se deviam em parte à força da sua personalidade e em parte à reputação do seu templo, conhecido como Gantois. Ao chegar ao Rio, o eminente estudioso do candomblé dr. Artur Ramos falou-me dela com admiração. Li páginas sobre o templo tanto nos livros dele como nos do seu grande mestre, o dr. Nina Rodrigues, que fora o primeiro a revelar os candomblés ao mundo da ciência. O dr. Nina Rodrigues concentrara as suas pesquisas no Gantois, então dirigido pela eminente Mãe Pulquéria, tia de Menininha, e os seus escritos inflamaram de tal forma a imaginação dos brasileiros que se tornaram o núcleo de toda uma escola de pensamento. Esses escritos são inigualavelmente precisos e vívidos e animados de simpatia, embora apresentados

¹³ Escolástica Maria de Nazaré. (Nota de É.C.).

da Lapinha e na fachada da igreja e agora estão construindo tablados para a exibição dos “ternos” e dos “ranchos” e palanques para as primeiras bailarinas. Não se preocupem. — Está vendo, primo? — Felipe sorriu para Martiniano, que trazia uma cadeira para a mesa.

— Ninguém gostou da comida? — disse o velho com graça, como resposta. — Com tanta conversa, a comida deve estar horrível. Agora, d. Ruth, veja este molho de azeite temperado com camarão. Eu mesmo ensinei a Vitória como fazer. Coma-o e viverá para sempre.

— Se Deus quiser — disse Vitória como um eco, piedosamente, servindo-o.

Pouco depois nos retiramos, pois os Néri estavam tão preocupados com os seus deveres no rancho que nos incomodava vê-los sentados e ansiosos na polida ociosidade que a nossa visita lhes impunha. E tenho o prazer de comunicar que o chefe de polícia protelou a ordem de fechamento dos candomblés até 7 de janeiro.

9

Embora Mãe Menininha¹³ ainda fosse moça segundo os padrões afro-brasileiros, pois estava com quarenta e poucos anos, era provavelmente a mais importante sacerdotisa da Bahia após a morte de Aninha. Todo mundo sabia da sua existência e dela falava com respeito. Um congresso de estudos do negro realizara uma festa no seu templo no ano anterior (serviu-se champanha, disse-me o dr. Estácio de Lima) e então grandes figuras à imagem de Menininha e de algumas das suas assistentes, como bonecas do tamanho de gente, foram feitas e colocadas em exposição permanente no pequeno museu da Escola de Medicina. Mais tarde soube que uma revista popular do Rio publicara uma reportagem ilustrada acerca do seu templo.

Essas atenções se deviam em parte à força da sua personalidade e em parte à reputação do seu templo, conhecido como Gantois. Ao chegar ao Rio, o eminente estudioso do candomblé dr. Artur Ramos falou-me dela com admiração. Li páginas sobre o templo tanto nos livros dele como nos do seu grande mestre, o dr. Nina Rodrigues, que fora o primeiro a revelar os candomblés ao mundo da ciência. O dr. Nina Rodrigues concentrara as suas pesquisas no Gantois, então dirigido pela eminente Mãe Pulquéria, tia de Menininha, e os seus escritos inflamaram de tal forma a imaginação dos brasileiros que se tornaram o núcleo de toda uma escola de pensamento. Esses escritos são inigualmente precisos e vívidos e animados de simpatia, embora apresentados

¹³ Escolástica Maria de Nazaré. (Nota de É.C.).

sob o ponto de vista huxleyano da época, que denunciava as práticas dos negros como inferiores, por serem pagãs e também, sem dúvida, por terem sido escravos os negros até pouco antes. Os estudiosos modernos exaltam esses escritos e também o espírito que levara Nina Rodrigues a apreciar os valores humanos do candomblé, mas abandonaram as antigas interpretações de "inferioridade racial" em favor de considerações sociais e psicológicas.

Pulquéria e mais tarde Menininha tinham atraído distintos baianos como ogãs. O dr. Estácio de Lima era ogã da deusa da própria Menininha, Oxum, e ouvi dizer que tanto o dr. Nina como o dr. Artur Ramos eram ogãs. Essas ligações davam prestígio ao templo e refletiam, ao mesmo tempo, a sua importância. Os ogãs formam uma espécie de junta de diretores. Soube também que os templos protegem os ogãs, quando necessário; por exemplo, quando Vargas se fez ditador, os seus adversários políticos tiveram de esconder-se e os templos se mostraram muito acolhedores.

Édison disse que Menininha se agastara com ele por motivos ligados com a União dos Candomblés, em que ele e Martiniano se haviam empenhado, e à qual pertencera o Gantois; e por isso achou aconselhável que eu lhe fosse apresentada por outra pessoa. Isso foi fácil. O dr. Estácio de Lima se ofereceu imediatamente para me ajudar. Era do Instituto Médico-Legal do Estado da Bahia, curador do museu do candomblé e professor da Faculdade de Medicina. Sorrindo, alegre, disse-me que o chefe da orquestra de atabaques do Gantois, um preto chamado Manuel, era funcionário antigo da Faculdade de Medicina e íntimo de Menininha. Manuel arranjaria tudo; além disso, a casa de Menininha na cidade ficava perto da Faculdade, no largo. Que sorte!, exclamei, satisfeita por não encontrar empecilho no meu caminho. Mas não foi fácil falar mais com o dr. Estácio de Lima, apesar da sua gentileza e cortesia. Penso que, por ser ele tão completamente um aristocrata, as formalidades dominavam as suas relações. Os aristocratas brasileiros sorriem, conversam e obsequiam muito, mas tudo isso ergue pesada barreira entre os indivíduos. Não duvido também de que se

sentisse constrangido comigo, uma estranha vinda dos democráticos Estados Unidos, pois regressara recentemente de um exílio político voluntário na França.

Contudo, jamais esquecerei a sua única tentativa de se mostrar gentil comigo na Faculdade de Medicina. A polícia baiana acabava de capturar no interior um jovem e celebrado bandido caboclo chamado Lampião e a sua jovem amásia Maria Bonita. Tendo perseguido o grupo de bandidos durante tantos anos que a caça motivara empolgantes baladas denunciadoras da simpatia popular, os soldados decapitaram Lampião e Maria Bonita, quando afinal os capturaram. As cabeças foram trazidas para o Instituto Médico-Legal, onde as puseram numa urna com salmoura. Essas cabeças, cada qual num recipiente separado, me foram mostradas entusiasticamente pelo dr. Estácio de Lima naquela tarde quente, na sombria e morna biblioteca. Estarrecida, eu observava o jovem e simpático professor, que parecia tão bem na sua roupa branca, o cabelo preto contrastando com a face pálida, expondo os recipientes à luz. — Deve ter sido uma cabocla bonita — observou, olhando o rosto da moça. — Era muito clara. A senhora não pode ver Lampião distintamente, o rosto já está escurecendo.

Sei que muitos baianos teriam invejado esse privilégio meu.

Enquanto esperava que o dr. Estácio de Lima arranjasse o encontro com Menininha, e vários dias se passaram antes que Manuel pudesse me levar, conversei com outras pessoas que a conheciam. Uma delas foi o dr. Hosannah de Oliveira, que me acompanhara no grande mercado à beira do cais num domingo recente. Rico, um aristocrata, dirigia uma famosa clínica para crianças pobres e tinha persuadido algumas senhoras ricas da cidade a custear um banco de leite. Através de longa e exasperante experiência, sabia quão profundamente as pessoas se impressionavam com os ensinamentos do candomblé. Vinham de boa vontade à clínica, se as suas sacerdotisas assim aconselhassem, mas, ainda depois das prescrições e conselhos médicos, recorriam às ervas e às fórmulas mágicas do seu culto ou, mais amiúde, usavam umas e outras

ao mesmo tempo. Uma gestante ou uma lactante procuravam o dr. Oliveira quando lhes dava na telha, mas raramente deixavam de contribuir para os caros e complicados ritos do seu culto, quando lho ordenavam os dirigentes do templo. O doutor sabia quantas crianças tinham nascido fora dos laços do matrimônio, quantos irmãozinhos e irmãzinhas tinham a mesma mãe e diferentes pais, quantos adolescentes tinham de trabalhar ou mendigar porque não havia homem em casa. Conhecia bem a mistura de sangue entre os pobres, a maioria das pessoas era pobre, e não via mal nisso.

— Somos todos brasileiros — dizia, despreocupado. — É o que importa. Temos o mesmo espírito e estamos nos tornando cada vez mais o mesmo povo. O preto nos dá a sua maravilhosa força e o seu bom-humor. O índio, a sua melancolia. O português empreendedor traz todos esses elementos juntos! A única coisa que realmente me preocupa é o alto índice de doenças venéreas. É terrivelmente alto. Possivelmente 85% dos meus pacientes estão atacados de sífilis. As crianças já a possuem ao nascer, têm pouca *chance* de imunização. A sífilis não parece afetar tanto os pretos quanto os outros. Na classe alta, nós, médicos, temos podido persuadir as pessoas a se tratarem, quer os sintomas sejam ou não evidentes. Mas que podemos fazer com os pobres? Mesmo que lhes ofereçamos tratamento gratuito, são ignorantes demais para compreender e aproveitar a oportunidade. Bom, não nos preocupa qual a raça que está no sangue humano, mas a doença que carrega.

Outro amigo médico com quem falei, o dr. João Mendonça, dirigia o asilo de alienados. Como todos os intelectuais formados nas escolas superiores da Bahia, tinha grande conhecimento sobre candomblé, que lhe interessava muito. Não podia deixar de conhecer Menininha — chamava-a pelo seu nome formal, Escolástica. Ele acreditava que, à sua maneira, entre a classe de pessoas, originada física ou espiritualmente dos antigos escravos africanos, ela sobressaía tanto quanto os doutores em leis ou em medicina. Era a guardiã de uma filosofia religiosa e a administradora da instituição dela. Tinha poder de mando sobre centenas

de almas em razão da sabedoria e talento sacerdotais e por direito de herança recebido das mulheres que a haviam precedido no cargo. Sim, conhecia e respeitava Escolástica. O que o surpreendia era que tão poucos adeptos dos templos fetichistas enlouquecessem; pelo menos, de quase nenhum tivera notícia. Concluía que os escoadouros emocionais e sociais desses grupos eram extraordinariamente satisfatórios. Atribuía a nada mais anormal do que hipnotismo o próprio fenômeno da possessão, quando o deus baixava numa mulher (ou num homem voluntarioso) e a obrigava a dançar, a cantar e aparentemente a perder a sua verdadeira identidade.

— Veja os estudos de Nina Rodrigues — declarou certa vez. — Ele espetou alfinetes nas sacerdotisas, quando dançavam, e elas não sentiram dor. Passou objetos à frente dos seus olhos e as pupilas não os focalizaram. Viu-as dançar horas a fio sem jamais pedir para satisfazer necessidades naturais e aparentemente sem demonstrar cansaço. Essas coisas não são loucura, são hipnotismo. Além disso, supõe-se que somente mulheres caem nesse estado e a loucura não respeita sexo. A própria d. Escolástica me disse que quanto mais velha a sacerdotisa e quanto mais acostumada ao transe, tanto mais controle possui sobre o seu deus e menos freqüentemente cai. Ora, a progressão da loucura é justamente o contrário: as pessoas não melhoram simplesmente com a idade e com a repetição da possessão.

Conversei também com o dr. Nestor Duarte, professor da Faculdade de Direito. Escrevia um livro sobre a história da mulher negra no Brasil e os seus estudos o haviam impressionado profundamente quanto à sua independência e coragem. Conhecia bem as mães e, naturalmente, também Menininha, cuja casa na cidade não ficava muito longe da sua escola. A mulher negra, na sua opinião, era no Brasil uma influência modernizadora e enobrecedora. Economicamente, tanto na África como durante a escravidão no Brasil, contara consigo mesma e isso se combinava com a sua eminência no candomblé para dar um tom matriarcal à vida familiar entre os pobres. Era um desejável equilíbrio, supunha, para o rude domínio dos homens em toda a vida latina.

Observou que as mulheres do candomblé jamais se prostituíam, mesmo quando pobres, que eram livres no amor, mas não o comercializavam. Algumas até tinham educação superior e as poucas que dispunham de recursos tentavam exercer profissões liberais. Eram seres humanos bem desenvolvidos na época em que o feminismo levantava a voz, pela primeira vez, no Brasil. O jovem dr. Nestor Duarte achou graça quando lhe mostrei o programa que me haviam dado num cinema do Rio de Janeiro. Na última página estava impresso um artigo intitulado "Será necessário às mulheres a educação superior? O argumento era que a educação superior não fazia da mulher uma mãe mais terna, nem a capacitava a amamentar melhor o filho. Pelo contrário, privava-a do seu encanto e diminuía as suas *chances* de casamento. No entanto, o mais alto fim da vida de uma mulher era casar-se e ter filhos. O dr. Nestor Duarte divertiu-se pensando no espanto que tais argumentos provocariam em Menininha e na sua gente.

— E d. Menininha tem marido, d. Ruth; um advogado chamado Álvaro MacDowell,¹⁴ um homem de compleição tão clara quanto a dela é escura. Têm duas filhas, Cleusa e Carmem, ambas claras, ambas estudando e ambas sacerdotisas, embora muito moças. D. Menininha mesma se sustenta e estou certa de que as suas filhas farão o mesmo, quando se casarem. Essa espécie de mulher tem vivido com independência por tanto tempo, por incontáveis gerações, que não posso imaginá-la dependente e trancada em casa, ainda que se eleve à classe média. E isso é excelente para nós no Brasil. Como vocês na sua terra, não poderemos ter homens sadios sem ter mulheres fortes e sadias. Sim, conheço Menininha e a admiro.

Outros também a conheciam. Entre esses, alguns frades do convento de São Francisco que realizavam um estudo científico das crenças fetichistas do culto, e o padre Barbosa, vigário da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia e guardião dos arquivos da sua velha

¹⁴ ... de Oliveira. (Nota de É.C.).

irmandade de negros libertos. Havia também um médico alemão, um diplomata italiano e vários escritores que a conheciam. Era uma personalidade.

Já então eu estava ansiosa por encontrar Manuel e tornei a perguntar ao dr. Estácio de Lima. — Amanhã — assegurou, começando a falar-me dele.

Manuel, cujo apelido muito conhecido era Amor, tinha agora quase 50 anos. Quando, na infância, ficou órfão, Mãe Pulquéria o levou para o templo, onde viveu até o seu primeiro casamento. Até onde se podia lembrar, trabalhara em misteres diversos no departamento de fisiologia da Faculdade de Medicina; e agora conhecia quase tanto o assunto quanto os professores. A sorte arrumara de tal maneira a sua vida que o trabalho e as crenças tradicionais do candomblé se entrelaçaram. Outra pessoa consideraria isto uma felicidade; Manuel, porém, tinha sentimentos muito desencontrados quanto a Menininha e às suas auxiliares e até ao próprio candomblé. A segunda e jovem esposa, Maria José, por apelido Zezé, era uma sacerdotisa "feita" por Menininha e o casal vivia a pequena distância do templo. Tinha desentendimentos periódicos com Zezé, sabidos por todo o mundo do culto, sempre motivados pelos deveres rituais dela para com o templo. Não queria que a mulher seguisse a carreira de sacerdotisa; contudo, em vista das circunstâncias, a sua batalha era vã, pois a opinião pública, entre os negros, era contra ele. Ficou taciturno, após um período em que desandava a gritar e a atirar coisas, e passou a frequentar casas suspeitas. Zezé, infeliz e confusa, mas inflexível, queixou-se ao dr. Estácio de Lima, e mais tarde a mim, de que, quando Amor a obrigava a faltar às suas obrigações religiosas, a sua deusa invariavelmente a castigava. A deusa era a valente e jovem guerreira Iansã, também conhecida como a Santa Bárbara dos relâmpagos. Zangada, Zezé contou que certa vez Iansã lhe batera na cabeça com tal força que a vista escurecera durante semanas. Em outra ocasião Iansã lhe torcera o braço esquerdo, que pendeu sem movimento durante meses. Amor não queria que ela dançasse nas cerimônias públicas do culto, quando se

vestia no esplendor da baiana e os homens podiam encará-la à vontade. (Ao ouvir tais coisas, imaginava se Amor não se deixara afetar pelas concepções sociais dos professores da classe alta entre os quais trabalhava.) Ele não queria que Zezé caísse em transe nem passasse dias inteiros longe das suas vistas. Não queria que ela dormisse longe dele, com as outras sacerdotisas, pois só Deus sabia o que poderia acontecer entre elas e os ogãs que chegavam de visita, após o trabalho na cidade. Acho que Zezé se envaidecia com o ciúme dele e, embora fosse uma boa mulher, nada fazia para dissipá-lo.

Amor tinha três filhos, já crescidos, da primeira mulher, falecida alguns anos antes, e havia tentado por todos os meios mantê-los afastados do candomblé. Naturalmente, todo o seu mundo estava contra ele e é provável que jamais pudesse realmente desligar-se da mãe e dos atabaques do templo. Tenho a certeza de que acreditava de verdade nos fetiches, amava a sociabilidade das suas crenças e se sentia feliz quando professores de ensino superior — os seus próprios empregadores — o consultavam à busca de informações. Após deixar a Bahia soube que quebrara a mobília da casa, durante novo acesso de raiva; e, pouco depois, morreu.

Encontramo-nos os três na Faculdade de Medicina, na tarde combinada. — A senhora já ouviu falar de seu Manuel, d. Ruth? — gracejou o dr. Estácio de Lima. — Aqui está ele.

— Não exagere, o senhor é muito gentil, seu doutor! — exclamou Manuel polidamente, falando muito depressa. — O dr. Estácio é o príncipe dos homens — acrescentou para mim, com afabilidade e cerimônia, mantendo-se muito apumado e sorrindo de modo forçado.

Tinha pele preta e luzidia e corpo esbelto e robusto. Usava um velho costume azul-marinho, um surrado chapéu de feltro preto e sapatos pretos gastos; e as suas feições fundiam-se na escuridão geral até que sorrisse. Então os seus dentes luziam, brilhando como pérolas. Pensei que se podia falar com os dentes daquele homem como se fala com os olhos de outras pessoas, porque eram a alma do seu rosto, cada dente comprido e branco com a sua individualidade própria.

— Desejamos levar d. Ruth para ver Menininha — disse o dr. Estácio de Lima.

— Fui lá hoje de manhã e falei com ela — respondeu Manuel, piscando rapidamente os olhos pequenos e fundos para mostrar que o assunto era sério. — Ela está à espera. Estou às ordens.

Ele se pôs ao lado do dr. Estácio de Lima, com o seu porte exageradamente ereto, e nos guiou através da praça para a ensolarada rua do Cruzeiro de São Francisco e em seguida até o sombrio quarteirão onde ficava a casa de Menininha.

— A senhora viu as bonecas do nosso Museu Nina Rodrigues — observou, para mim, o dr. Estácio de Lima. — O segundo Congresso Afro-Brasileiro teve lugar aqui, o ano passado,¹⁵ a fim de estudar o candomblé, e achamos que devíamos expor algumas verdadeiras filhas-de-santo. Assim, contratamos costureiras para fazer bonecas de tamanho quase natural, representando Menininha e as filhas dela.

— São uma maravilha! Menininha está tal-e-qual! — confirmou Manuel com a sua fala apressada e gutural. — D. Ruth, a senhora era capaz de jurar que ela está na sua frente. E que Congresso!

Nesse momento os dois homens avistaram a sacerdotisa e soltaram exclamações. Fiquei pensando se alguém de fora poderia imaginar a posição que ela ocupava. Estava sentada na penumbrosa entrada da casa, com um xale preto enrolado na cabeça e no peito, a despeito do calor, com um tabuleiro de doces num pequeno suporte perto dela. O rosto estava de lado, porque, de baixo, olhava fixamente para cima, conversando com a filha, Cleusa, que se inclinava para fora de uma janela ao lado.

— Menininha! — chamou Manuel.

Ela voltou devagar a cabeça, abrindo os grandes olhos meigos, e sorriu graciosamente.

¹⁵ 1937. (Nota de É.C.).

— Doutor! — cumprimentou, levantando-se pesadamente. — Como está, minha senhora? — disse ao me ser apresentada, estendendo a mãozinha gorda.

Dizia-se que se orgulhava dos pés e mãos delicados, sem nenhum calo, pois jamais tivera de fazer trabalho pesado. Tinha cerca de metro e meio de altura, era gorda e de tez escura, de cabelos encarapinhados, e lhe faltava um dente bem no centro da boca. O vestido não era bonito, nem asseado. Notei que havia dignidade nela, momentaneamente acanhada, mas acostumada a mandar.

Reparei no seu rosto cheio e em forma de coração, nos seus lábios e nariz pequenos e grossos, na sua fresca pele bronzeada.

— D. Ruth quer conversar com a senhora, Menininha — explicou o dr. Estácio de Lima.

— É muita honra, doutor! — admitiu ela na sua forte e doce voz de contralto. — Receber uma amiga sua é uma distinção. E queremos lhe dizer que estamos contentes com a sua volta de Paris.

O dr. Estácio de Lima fez um aceno com a mão delicada e a brindou com um bonito sorriso.

— Veja como me honram — gracejou.

Eu os observava com muito interesse. Um, o retrato vivo de um senhor do país; outra, uma negra humilde. Contudo, tratavam-se cortesmente de igual para igual, com a mesma brandura.

— Vamos embora, Manuel? — disse o dr. Estácio de Lima. Ambos se foram.

Menininha levou-me para dentro. Entregou o xale e o tabuleiro a uma mocinha e entrou na sala da frente, onde Cleusa se recostava à janela.

— Entre, minha senhora — insistiu a sacerdotisa, de modo imparcial.
— Vamos sentar e conversar um pouco.

Ela se arriou pesadamente numa frágil cadeira, pondo as mãos espalmadas nas coxas. De repente estava distante e apagada como uma Vênus da Idade da Pedra. Sem o xale, num vestido folgado de algodão, o seu busto enorme transbordava sobre o largo ventre que se avantajava sobre gordas coxas sustentadas por vigorosas pernas terminadas por mimosos tornozelos e pés. As mangas curtas deixavam ver braços grossos, massas de carne macia e firme que faziam covas fundas nos cotovelos e terminavam em pulsos e mãos de aparência frágil.

— Minha senhora — disse de modo sossegado, incomum nas mulheres brasileiras. — Quería me ver?

— Sim, senhora — repliquei com cautela. — Gostaria de saber umas coisas acerca do seu templo. Fala-se dele com admiração.

Ela sorriu devagar, com orgulho. — Então, minha gringa, é conhecido até no seu país? Toda a Bahia nos conhece, todo o Brasil. O nosso templo é um dos mais velhos do país. Durante as cerimônias o terreiro fica tão cheio que parece que toda a cidade está presente. Eles gostam de assistir ao candomblé porque sabem que somos honestos; que tudo sob a minha direção vem diretamente dos velhos africanos, como me ensinou minha Mãe Pulquéria.

Mesmo da cadeira tocou o chão com o primeiro e o segundo dedos da mão direita, reverentemente, como uma católica que fizesse o sinal da cruz. — E gostam de nos ver dançar. — O reflexo de um sorriso iluminou-lhe a face. — Eles dizem que somos o candomblé-dos-pés-de-fada.

Surpreendeu-me esse interesse pela dança, pois as práticas católicas não incentivam nenhuma forma de exuberância física. Respondi de modo inquiridor. — Considerarei um grande privilégio vê-la dançar, d. Menininha.

— Há de ver, qualquer dia — respondeu ela, com simplicidade. — A época das festas ainda está muito distante. Será retardada no nosso

terreiro, pois estamos completando um ano de luto pela morte de um dos nossos principais ogãs. Os santos não gostam de estar numa casa de morte e temos de esperar até que chegue o momento da purificação.

Somente meses mais tarde, após ter conhecido muitas sacerdotisas e ogãs (termo africano verdadeiramente anacrônico nessa sociedade matriarcal, pois quer dizer senhor ou patrão), após ter assistido a várias cerimônias e experimentado algumas das emoções que elas despertam, após ter começado a admitir a sua lógica, compreendi a enormidade do meu pedido a Menininha. Ela era uma grande chefe, a sua vida transcorreria num pedestal religioso. Não se lhe podia pedir uma demonstração, como não se podia pedir a um pastor que desse uma demonstração casual dos mistérios do seu credo.

Vim a saber que Menininha era uma das mais dotadas cantoras e instrumentistas do seu mundo e, a despeito da gordura, uma eminente dançarina. As filhas-de-santo, a quem treinara nos cânticos e danças cerimoniais, mencionavam com entusiasmo os seus êxitos. Para mim também ela surgia como uma figura hierática, dançando e declamando com alma os antigos e refinados padrões das suas tradições.

Nessa primeira tarde ela falou sobre os seus ancestrais. — Esta casa pertenceu à minha tia — disse, olhando em volta da sala e em direção a um retrato oval de mulher que pendia da parede oposta. — Chamavam-na a Grande Pulquéria.

O retrato lembrava Menininha, embora Pulquéria fosse mais magra e estivesse de pé e de cabeça erguida. Dizia-se que tinha sido uma ardente lutadora e que conseguira arrancar à polícia proteção para o seu povo. Naquele tempo, quando o povo ainda votava, os grupos de candomblé eram alternadamente tolerados ou perseguidos no interesse de uma ou de outra máquina política. Eram sempre vítimas de chantagem e Pulquéria estava decidida a acabar com esse abuso. Teve o apoio da sua jovem amiga Eugênia Ana Santos, mais tarde conhecida como Mãe Aninha. Aninha era também uma batalhadora e os seus retratos, mesmo os tirados pouco antes da sua morte, revelam orgulho e firmeza. Aquela

geração devia ter sido de grandes e bondosas mulheres, pensei eu, compreendendo por que Martiniano as pranteava.

Na sua voz disciplinada e cristalina, Menininha continuou: — Nas cidades do interior e nas fazendas ninguém quer acreditar que Pulquéria morreu.

Examinei novamente o retrato, reparando no torso de fazenda africana listada, o vestido de dona-de-casa da baiana, as pulseiras de ouro, grossas como algemas da era elizabetana, em cada braço, os colares de contas rituais, os pesados brincos de ouro aparecendo por baixo do torso. Via-se que era uma mulher abastada, que jamais fizera trabalho subalterno ou escravo.

— Também herdei dela o templo — disse Menininha, de olhos presos no retrato.

Senti quanto tinha amado aquela mulher e mais tarde reparei que olhava da mesma maneira para as suas filhinhas. Durante os ritos do templo, sempre se curvava ante os retratos e as relíquias da tia e ante as filhas, mas não se curvava ante ninguém mais.

— Minha falecida tia — tornou a tocar o chão — herdou o cargo da mãe dela, a grande Júlia — tocou de novo o chão — e Júlia fundou o templo depois de chegar ao Brasil. Primeiro, serviu como sacerdotisa no Engenho Velho — mãe e filha serviam juntas... Sabe como é na Europa, minha senhora. Nós, as mães, somos como as casas reais, passamos o nosso cargo somente a pessoas da família, em geral a mulheres. — Sacudiu a cabeça e suspirou. — Candomblé é uma grande responsabilidade. Às vezes fico pensando se terei forças para continuar e se tenho o direito de sobrecarregar as minhas filhas com ela.

— Como assim?

— Não tenho um minuto para mim! Sou escrava da minha gente, duzentas pessoas que dependem inteiramente de mim! Imagine! — Deu de ombros, mas não parecia realmente perturbada.

— Há muita coisa que preciso aprender, minha mãe — disse eu, suspirando ao pensar nos muitos imponderáveis da vida da Bahia. — A senhora sabe, não temos candomblé nos Estados Unidos.

— Não? — Mostrava surpresa e reprovação. — Lá não se acredita em Deus?

— Oh, acreditamos, mas o demonstramos de outro modo. Mas ainda temos muito que aprender.

— Deseja aprender conosco? — O tom era frio.

— É — aventurei.

— Mas aqui há segredos que não poderá aprender.

— Não são os segredos que eu quero, minha mãe. Desejo apenas compreender as suas crenças. Desejo aprender mais sobre Deus e sobre os homens, pois eles são meus irmãos.

Menininha não respondeu. Houve um silêncio, finalmente quebrado por uma preta corpulenta de meia idade, vestida de preto, que surgiu ofegante à porta.

— Minha mãe. — Saudou a sacerdotisa e caiu pesadamente de joelhos, levando a negligente mão direita de Menininha aos lábios. — A bênção — pediu, mecanicamente.

— Deus lhe abençoe, minha filha — disse Menininha de modo casual, sem sequer olhar para ela. — Não precisa ficar de joelhos. Não estamos no templo. Vai pegar um reumatismo nesse chão úmido. Sente. Que há de novo?

A mulher tomou de um banquinho baixo e o colocou ao lado da cadeira de Menininha, de modo a não encarar diretamente o rosto da mãe, o que seria falta de respeito. Sentou-se com os pés bem separados e com as mãos espalmadas nas coxas. Sorri ao ver essas mulheres que não faziam questão de ser graciosas. A sua preocupação quanto ao lugar era onde sentar-se.

— Estão falando dessa gringa — replicou a visitante, com uma cara de poucos amigos. — Parece que ela quer aprender a dançar. — Sorriu de leve. — Sem dúvida que há alguma coisa atrás disso. Com certeza vai espalhar o que aprender nos palcos da terra dela e ganhar bom dinheiro.

— Que bobagem! — censurou Menininha, gravemente. — É amiga do dr. Estácio. Ele mesmo a trouxe aqui em casa. Além disso, ele disse que é pessoa instruída, uma doutora. Não repita esses boatos bobos. Que mais você sabe?

— Na verdade, minha mãe, o que me traz é outro assunto. Que devo fazer com as coisas que o meu finado marido deixou? — Ritualmente, tocou o chão à sua frente. — A senhora dá um jeito nelas, minha mãe? É todo o material do sacrificador do templo. A responsabilidade é grande e, como não entendo nada disso, não quero mais essas coisas comigo. Eu não sei cuidar delas e os santos podem me castigar.

— Sim, o trabalho é grande — Menininha estava interessada. — Temos que pensar nisso. Venha para os fundos... A senhora me dá licença...? — perguntou, levantando-se vagarosamente. — Esteja à vontade, a casa é sua. Volto já.

Durante a minha permanência na Bahia pasmava-me a liberdade que as mães tomavam com o tempo. Menininha não voltou à sala aquele dia e como soube, subseqüentemente, sempre se atrasava, sempre demorava. Era um privilégio da sua posição, aceito como natural numa terra de aristocracia e escravidão. Que era o tempo? O tempo era o que se faz com ele, e ela estava sempre ocupada. Exigia pontualidade dos seus subordinados, mas para ela, pessoalmente, bastava aproximar-se do horário.

Passados alguns meses, após ter ganho um pouco da sua confiança, vim a saber o que acontecera nos fundos da casa. As duas mulheres tinham ido para a espaçosa cozinha onde ficavam os altares particulares que representavam os altares permanentes do distante templo

do Gantois, na roça. Sentaram-se a uma mesa de serviço sem toalha e Menininha tomou de búzios sagrados que atirava de modo especial, a fim de ler neles a vontade dos deuses acerca da solução do problema. Em seguida achou necessário instruir a viúva quanto ao procedimento certo. A gente do candomblé é em geral cheia de melindres e os búzios revelaram que a viúva, a despeito da sua feiúra, estava recomeçando aventuras que tivera no passado pré-conjugal. Já havia falatório nesse sentido e queixas de que ela não guardava o luto corretamente, porque o marido a deixara bem de vida. Menininha estava menos inclinada do que habitualmente à tolerância, pois se submetera a certos rigores preparatórios para esta cerimônia, que lhe faziam presentes as obrigações com que uma viúva deve conformar-se. Assim, com jeito, censurou a mulher, que nada disse, mas, não obstante, se retirou com os seus divertimentos para uma ilha distante.

Contudo, como eu supunha que Menininha voltasse aquela tarde, esperei — e por longo tempo observei moças e mulheres que entravam e saíam da sala. Comecei a pensar que vagavam por ali apenas para me olhar, embora nada transparecesse na expressão impassível dos seus rostos.

A sala parecia reservada a visitantes. Era comprida e estreita e cheia de sombras. A mobília barata estava gasta e empoeirada e era do feitio incômodo fabricado em grande escala para a gente mais pobre da região. Havia duas altas janelas que davam para a rua e Cleusa se recostava ao peitoril de uma delas, um pouco de lado, de forma que não pudesse ser acusada de me dar as costas. Permanecia ali, calada, desde o início da minha entrevista com a mãe. Como conversar com uma sacerdotisa-herdeira, de treze anos, distante e indiferente como parecia? Assemelhava-se a Menininha, embora de tez mais clara, e ia pelo mesmo caminho da mãe. Era muito bem nutrida, o seu formoso rosto brilhava e o seu corpo pesado se adivinhava no vestido curto e justo. Dizia-se que o pai desejava formá-la em odontologia, o que, no modo de pensar dele, não era incompatível com o sacerdócio no Gantois.

Ele mesmo, que era advogado, acreditava piamente no candomblé e representava os interesses da mulher ante as autoridades policiais. Pusera as filhas numa escola particular e para isso lhes dera vestidos modernos e atraentes. Dizia-se que Menininha fora uma ótima costureira, sustentando-se com essa profissão na mocidade. Agora, contudo, as sacerdotisas de menor graduação faziam os vestidos usados pelas suas filhas. Era um dos dízimos que lhe pagavam.

Havia outros cômodos, escuros e sujos, cheios de mesas e cadeiras quebradas. Crianças os atravessavam correndo à procura das filhas que trabalhavam na cozinha ou dos parentes nas vizinhanças. Algumas mulheres às vezes dormiam na cozinha, quando moravam longe e trabalhavam até mais tarde na casa da mãe. Colocavam esteiras no chão nu, e estas eram as suas camas. Os homens geralmente vinham de visita após o trabalho, mas não pernoitavam.

Dirigi-me à outra janela para ver o que estava absorvendo a atenção de Cleusa.

— Gosta daqui? — perguntei-lhe de repente.

— Gosto — replicou, esquiva.

— Ela fica aí toda tarde — comentou outra menina na sala.

Era um ótimo lugar de onde observar quem vinha da Cidade Baixa. As pessoas passeavam calmamente pelas calçadas estreitas, olhando para as janelas, à procura das caras mais ou menos conhecidas que todos os dias as observavam ociosamente. Passou um padre, com a sua batina de lã preta, segurando-lhe as pregas e olhando para a frente. (Que uniforme extravagante para os trópicos, pensei: calças de lã por baixo da batina e chapéu-coco na cabeça! E eu já estava transpirando no meu vestido de linho branco!)

Um mendigo chegou-se a ele, puxou-o pela manga choramingando, todo encolhido: — Reverendo, em nome da Virgem, gloriosa Mãe do Menino Jesus, me dê uma esmola pela sua bondade, que Deus

recompense para sempre. — Em voz ciciada e severa, sem o olhar, o padre disse ao mendigo que deixasse a bebida, fosse se confessar e se matriculasse num curso da igreja para a salvação das almas.

O mendigo se zangou. Olhou para a jovem Cleusa procurando apoio, depois correu para segurar pelo cotovelo um estudante de medicina. — Ilustríssimo — começou, timidamente. — Com certeza o jovem cavalheiro pode gastar alguns tostões. Pelas chagas de Cristo, estou muito necessitado. O estudante parou, embaraçado, e olhou para a sua própria roupa surrada; provavelmente não tinha um níquel no bolso e vivia a crédito, sob garantia da família. — Vá s'embora! Vá s'embora! — disse baixo ao mendigo, tirando um maço de cigarros.

Lembrei-me dos afortunados pedintes do Rio, a quem os transeuntes sempre dão um níquel, temendo que uma recusa possa pôr em perigo as suas *chances* no Paraíso.

Em seguida passaram duas mulheres, gentis criaturas de porte e vestidos que denunciavam riqueza e dignidade. Cleusa observou-as com admiração, enquanto elas esperavam que o tráfego parasse na esquina. A mais velha usava o elegante luto fechado exigido pela morte de pai, marido, irmão ou filho. Algumas senhoras jamais se livram desse traje. A mais moça estava de luto aliviado, num vestido de organdi preto e branco que lhe apertava as gorduras. Na cabeça levava um elegante chapéu raso de palha preta e brilhante, enfeitado de fina fita de gorgorão branco, e de encontro às faces maquiladas pendiam brincos de azeviche. Nas pernas, bonitas porque cheias, usava meias pretas transparentes e pisava em finos saltos altos e pretos.

— Que morena, bonita! — suspirou Cleusa para a moça que estava na sala, que se acercou dela para ver. — Que boa pele! Que cabelo preto! Que linha! — Acompanhou a senhora com o olhar até que atravessasse a larga praça, passasse além da Faculdade de Medicina e entrasse na velha Catedral, logo adiante. — Acho que vão se confessar! — riuse Cleusa. — A mais moça como anda! Parece um cavalinho de circo!...

Talvez seja a que o Padre X visita! — Fez uma careta de repente, e cobriu o rosto com as mãos. A outra garota rolava os olhos maldosamente.

Deixando a Catedral, em direção oposta, vinham algumas mulheres de cor, no rico e vistoso traje de "baiana". Sempre as achei uma maravilha. Sabia que trabalhavam duramente, lavando à margem de algum riacho onde esfregavam a roupa em alguma rocha acessível; ou com os seus tabuleiros, como vendedoras ambulantes; ou de pé, noite e dia, negociando nos mercados. Ir à igreja era para elas um bom descanso. Sentiam-se bem nos magníficos interiores das construções coloniais, na grande e serena tranquilidade dos bancos, nas conversas rápidas e amistosas com os padres, no desfile das elegantes fiéis.

O grupo tagarelava alegremente, rindo com moderação e pontuando a conversação com gestos lentos de mãos e braços, como numa dança. As mulheres estavam de chinelas e andavam com passos largos e vagarosos, as saias de vistoso algodão estampado se arredondavam com graça e, na cabeça, os torsos de fazenda colorida floriam ao sol brilhante. Cleusa sorriu e acenou para elas e, como se aproximassem, gritou: — A bênção! — As mulheres responderam como deviam: — Deus lhe abençoe, minha filha!

Pararam embaixo da janela para conversar com Cleusa, as mãos nos quadris. — Quais são as novidades? Como vai minha mãe? — Perguntaram por todos da casa, ignorando polidamente a minha presença mais que visível. A resposta era sempre a mesma: — Todos bem, graças a Deus — e as outras repetiam — Graças a Deus! — Despediram-se, seguidas por amáveis formalidades, como num eco: — Adeus, até amanhã!... — Até amanhã, se Deus quiser!

A noite tropical caiu de repente, trazendo a visita dos homens, e os chamados deles, partindo da porta de entrada, ressoavam até as mulheres nos fundos da casa. Todos me ignoraram polida, cautelosamente. Percebi, de repente, a minha estranheza e saí, murmurando um adeus para a silenciosa e vigilante Cleusa.

A filosofia, o misticismo e a emocionalidade do candomblé sempre me intrigaram. Aprendi a conhecê-lo do modo rotineiro, como alguém que aprende uma nova língua na escola, e me tornei uma de suas adeptas; as minhas reações, porém, eram tão distantes como as de uma máquina de calcular para com os números. Tomei-me de simpatia pela gente, admirava a qualidade da sua vida — que tinha a riqueza de um brocado — mas desejava saber mais. Estou agora convencida de que Édison tinha razão quando dizia que os seguidores do culto eram realmente bons católicos. Era preciso ser-se educado no catolicismo latino, medieval, ignorante das crenças e sistemas modernos, e a eles indiferentes, para chegar ao coração e à alma dos valores populares.

— Acho que a educação e progresso na verdade empobrecerão a existência deles — observei certa vez a Édison.

Ele quase concordou comigo, mas não podia aprovar a manutenção do lamentável *status quo*. A pobreza e o atraso do povo não eram ninharias.

— Não são materialistas — ponderou Édison — e, também nesse sentido, não são modernos. Os pretos são bons e afetuosos e até as relações e a filosofia do culto são afáveis. A sua religião proporciona uma resposta para cada situação. Parece que necessitam desse tipo de segurança. É de fato a única segurança deles.

— Ópio para o povo? — disse eu, meio como gracejo.

— Dê-lhe o nome que quiser. Mas o verdadeiro ópio é a ignorância e o analfabetismo em que vivem, coisa pela qual mal se pode culpá-

los! — protestou ele, com impaciência. — Culpemos os latifundiários e toda a nossa ineficiente economia. Na minha opinião, o candomblé é uma força criadora. Dá às pessoas coragem e confiança e faz com que se concentrem na solução dos problemas desta vida, e não na paz do outro mundo. Não sei onde estariam agora os negros sem o candomblé!

— Reparei que as sacerdotisas estão muito ligadas às pessoas.

— Muito — concordou ele. — Acredita-se que pais e mães conheçam todas as respostas, bem como os poucos adivinhos remanescentes, como Martiniano. As filhas conhecem certas respostas, conforme a duração do seu treinamento e experiência, e todos têm uma idéia geral do que se deve fazer ou daqueles que o podem fazer, pois todos são aparentados com alguém ligado ao candomblé.

— Como no catolicismo popular, tudo que acontece está misturado a algum mistério. Suponho que não se acredita que alguém morra de morte natural, nem faça um bom casamento por acaso, nem tenha êxito apenas por sorte ou talento, nem adoeça por motivos naturais; sempre há algum santo ou deus interessado, que está se vingando ou cobrindo de venturas o seu protegido, ou a magia negra está agindo. Os sacerdotes católicos ensinam ao povo as mesmas coisas que as mães, ou seja, confiança nos santos e obediência a mandamentos mais do que à própria razão. Deus é uma idéia familiar nesta cidade de catedrais. Os sacerdotes católicos dizem que é importante conhecer a sua vontade, mas que sob quaisquer circunstâncias é obrigatório obedecer-lhe! O povo fala de Deus 'na vida católica' e em Oxalá 'na africana'; e isto significa que acreditam estar praticando uma única religião, embora empreguem duas linguagens ao fazê-lo. A lógica popular parte daí. Deus tem Jesus e os santos para expressar a sua vontade. Oxalá, que também é Jesus e possivelmente toda a Trindade, tem uma porção de descendentes para expressar a sua vontade, e estes são os deuses ou orixás (possivelmente são descendentes no sentido em que nós, os seres humanos, somos filhos de Deus). Cada deus revela algum aspecto de Oxalá, como os santos o fazem com Deus. Você sabe que os nossos católicos

não cultuam Deus tanto quanto cultuam Jesus, Maria e os santos. E também acham que Oxalá é distante, idoso, sem cor. Os outros deuses, contudo, são exuberantes: brigam e amam como as divindades gregas, baixam entre os seus devotos para brincar e apreciam um pouco de agitação. É como na Idade Média. A gente fala com seres espirituais e vive parte neste mundo, parte no outro. Talvez seja mais acertado dizer que não há demarcação entre os dois mundos. Servem-se das forças celestiais tão casualmente quanto vocês, americanos, se servem da eletricidade; e ambas são igualmente necessárias... Pode imaginar o conforto que é acreditar e saber que se pode alcançar os ouvidos do destino?

— Imenso — concordei — embora eu mal possa imaginá-lo. Afinal de contas, a nossa geração americana foi nutrida com uma dieta de razão e de ceticismo. As generalizações científicas não nos dão muita sensibilidade para a natureza da fé ou do destino... Mas explique-me uma coisa. Nina Rodrigues conta casos de mulheres que caíam em transe em qualquer lugar, em qualquer momento, mesmo quando sozinhas e longe do templo. Isto ainda acontece?

— Bom, as mães ioruba ortodoxas não concordam com isso. Tentam disciplinar as sacerdotisas de modo que a manifestação dos deuses só se dê quando o calendário do templo o exige. De outro modo, o deus e a mulher se tornam anárquicos. Elas querem controlar essa força.

— Mas o candomblé nem sempre se confina às paredes do templo. Cidades inteiras saem a celebrar os mistérios em diversas ocasiões do ano. O Carnaval, por exemplo, foi trazido pelos católicos, mas aqui no Brasil os africanos se apoderaram dele e hoje em dia parece uma festa dos reis do Congo, em vez da antiga festa da Europa cristã. Mas gostamos do Carnaval, e os turistas também. O candomblé também se apoderou das janeiras e nos meses anteriores ao Carnaval a Igreja e os adeptos do culto começam a benzer tudo: automóveis, novos edifícios, empresas comerciais.

— Bom, agora estamos em setembro, e começam os rituais da nova estação. Começam fora de casa, no mar, nos rios, nas enseadas.

Agora principalmente a vez é dos pescadores e marinheiros. Todo mundo embarca com os seus sacerdotes e sacerdotisas para lugares especiais onde pedem à Mãe-d'Água boa sorte e bom tempo. Há várias dessas mães, mas a de que mais gostam é Iemanjá, uma das esposas do idoso Oxalá; às vezes chamam-na pelo nome indígena de Janaína. Cantam e dançam para ela nos saveiros, onde ela pode descer, e no auge da festa lançam presentes na água, coisas bonitas que uma mulher apreciaria. Chamam a isso "presente para a Mãe-d'Água". Se o presente afunda — e eles tomam medidas para assegurá-lo! — a deusa o aceitou e fará o que lhe pedirem. Como soam os atabaques! Como os santos montam os seus cavalos!

— Gostaria de ver isso — disse eu, imaginando a cena grandiosa.

— Verá — concordou Édison. — Mas terá de preparar-se para o ruído, o calor e bandos de crianças.

Tenho certeza de que os meus olhos brilharam por antecipação.

— O coronel Renato não vai gostar — caçou ele. — Ele porá você na lista negra. Ele acha que os templos são esconderijos para os radicais.

— Sou uma cidadã norte-americana...! — disse eu, ofendida.

— Mas está morando no Brasil, sob uma ditadura. Você decide. Só quis preveni-la. De qualquer modo, a polícia está sempre me vigiando.

— Se não lhe aborrece a minha companhia, gostaria de ir.

— Será uma honra para mim. Há um ou dois candomblés que eu mesmo gostaria de ver; quero escrever alguma coisa sobre eles. Um amigo meu, estudante de medicina, Reginaldo Guimarães, também quer ir. E Áidano, idem. Levará um dia inteiro. Os trabalhadores que moram no bairro de Itapajipe saem no terceiro domingo deste mês para fazer sacrifícios pelo ano que vem. Vamos lá. Sacrificam perto do lugar chamado Cabeceiras da Ponte e fazem uma feira que dura dois dias e duas noites. Já estive numa feira?

— Não.

— Ah-h-h! Aí está. — Demonstrou o seu contentamento fazendo estalar os dedos. — Ótimo! Há canto, música e competições de samba. Depois, o jogo da capoeira. Conhece capoeira?

— Não.

— É claro que não. É outra coisa que a polícia tenta proibir e, nesse caso, as mães estão de acordo. A capoeira é uma espécie de contenda que os escravos fugidos criaram. Assemelha-se ao *jiu-jitsu* e pode tornar-se muito perigosa. Soube que há uma academia no Rio que a ensina. Por aqui, tiraram-lhe o veneno, proibindo os golpes mais difíceis e violentos. E lutam com música!

— Por que as sacerdotisas se opõem?

— Bom, porque dizem que os homens da capoeira não acreditam em Deus. Tomam muita cachaça, são useiros e vezeiros em brigas, às vezes são transgressores da lei; é um outro mundo. Pessoalmente penso que é porque os capoeiras são todos homens e não há lugar para mulheres entre eles.

— E jogam capoeira na festa da Mãe-d'Água?

— Jogam, na feira, não na cerimônia. De muitas léguas ao redor vem gente para a feira; todos os chefes dos vários templos, ainda que se odeiem mutuamente; todos os melhores dançarinos e dançarinas; os melhores instrumentistas; as melhores cozinheiras! Lá é que você provará a verdadeira comida africana. Armam pequenas tendas para cozinhar e servir a comida — e vendem outras coisas também. Cada tenda foi benzida por um padre, imagine só, e tem nome e ostenta a sua linda bandeirola particular! Eu lhe digo, essa gente não dorme enquanto não acaba a feira. A excitação não o permite.

11

Fomos, pois, a Itapajipe naquele domingo. Édison contratou um saveiro com o seu remador e ficamos parados na enseada esperando que começasse alguma cerimônia. Outras embarcações mantinham-se também na expectativa. Mas as horas passavam e nada acontecia. Édison estava preocupado.

— Talvez este ano eles não tenham podido comprar os presentes — disse. — É a situação econômica geral. Devem estar muito sem dinheiro, na certa, e no entanto pagaram à polícia a licença para a feira. Os negócios devem estar pior do que eu pensava. Em geral, eles gastam até o último tostão nisso, pois acreditam que lhes traz boa sorte no ano que vem. E se não têm nem um tostão para oferecer à santa... Encolheu os ombros. — Não esperemos mais, vamos à feira. Mãe Sabina vai dar um grande presente na Barra a semana que vem e poderemos então ver a cerimônia.

Despedimos o bote e saltamos em terra. Senti a tristeza dos três jovens mudar-se em animação quando galgamos a íngreme encosta, passando através do capim alto para chegar de repente às clareiras onde estavam armadas as barracas. Eram frágeis construções de folhas de palmeira e de varas, encimadas pela bandeira nacional em verde e amarelo e pelos pendões dos deuses africanos em cores brilhantes. O nome de cada barraca estava pintado em letras e cores extravagantes num caixilho acima da porta de entrada — nomes de pessoas como os que se davam aos botes, aos burros, aos atabaques sagrados e aos campeões de capoeira. Eram nomes que me chamavam a atenção,

absurdos, mas evocadores do esplendor, das lendas e das veladas alegrias de um mundo de sonho. Um deles era Flor do Amor, outro era Filho de Deus, um terceiro Maravilhas da Arábia; outros eram Novo Mundo, O Conquistador, Os Reis do Oriente, As Três Belas Meninas. Édison ria-se deles, mas Áidano os rolava na língua apreciando o seu ritmo e sabor.

A fragrância da comida em preparo se exalava no ar aquecido. Não vi ninguém se esforçando por vender, se bem que as barracas estivessem cheias de fregueses. Havia enorme consumo de tapioca e de laranjada “americana” que, tenho certeza, fora engarrafada nos Estados Unidos havia muito, pois o seu sabor estava horrivelmente estragado por preservativos. Havia também aruá, que era a bebida da gente do culto, e água-de-coco, fresca, bebida no próprio coco.

Íamos de uma a outra barraca debaixo de um sol tão quente que sentia que sugava a água da minha carne. Édison não estava amável. — Deve usar pó-de-arroz, ó cabeçuda! — disse ele. — Diminui a transpiração. Afinal de contas, as brasileiras aprenderam alguma coisa acerca dos trópicos.

Provamos as comidas em diferentes barracas. Todas eram características da Bahia e conforme o receituário usado nos ritos dos templos. Havia acarajé e abará. Vimos uma moça ocupada em triturar feijão mulatinho, cozido e descascado, numa grande pedra cinzenta usada como ralo. Áidano falou-lhe em tom galanteador, ela deu uma risada, parou de trabalhar e escondeu o rosto. Essas comidas não se enquadravam na noção de um americano sobre a dieta tropical, mas eram tão deliciosas quanto indigestas.

O suor escorria pelo corpo de todo mundo, mas ninguém se incomodava com o calor. Assim são os brasileiros. Lembro-me de ter sabido que o grande elevador ao ar livre, que liga a Cidade Alta à Cidade Baixa, certa vez caiu no poço por estar superlotado. Uma das minhas amigas, uma brasileira, que nele estava, disse que os passageiros

aguardaram, calmamente, sob o sufocante calor, que chegasse o socorro. Esperaram cerca de vinte minutos, chamando o porteiro, de nome Aristóteles, que, afinal, com uma alavanca, os tirou de lá. Mas no intervalo conversaram polidamente, falaram do calor e esperaram sem pânico. O dr. Hosannah de Oliveira costumava dizer, a sério, que a paciência é uma virtude das mulheres brasileiras, porque elas são débeis e subnutridas demais para fazer qualquer outra coisa. O calor me dava a sensação de que o meu sangue ia estourar a pele; e agora eu podia entender a utilidade da pele escura. Algumas senhoras de idade eram obrigadas a usar sombrinhas e as moças amarravam lenços na cabeça em padrões tipicamente africanos.

Ao chegar diante do Navio Encantado, Édison e os seus amigos adquiriram todos os cocos à venda, que repartiram comigo, e bebemos o suco frio e ácido e comemos a polpa sem sabor, mas agradável. Lembrei-me de uma cozinheira da minha casa que me advertia todos os dias, no verão, de que eu teria morte horrível por comer maçãs frias com água gelada. Pensando nela, peguei uma porção das laranjas que os outros tinham comprado e mastiguei-as e chupei-as com delícia. Não havia com que me refrescar suficientemente. Depois compramos acaçá; como os demais alimentos cozidos, era servido num invólucro de folhas de bananeira, frescas, bonitas e verdes.

De pé à sombra do Navio, sem ter o que fazer, Áidano procurava uma distração e por isso propôs a Édison com divertido formalismo: — Mestre Antigo, conte umas histórias.

Édison sorriu com malícia e ralhou: — Você sabe que não se contam histórias durante o dia. A sua mãezinha não lhe disse que quem conta histórias de dia cria rabo?

— Deveras? — perguntei, lembrando-me de modos de dizer semelhantes nos Estados Unidos.

— É, creio que não queriam ser incomodados enquanto trabalhavam. Dizem que só os preguiçosos contam histórias de dia.

— E então? — repisou Áidano.

— Está bem, minha flor — respondeu Édison, realmente contente por poder contar as suas histórias. — A responsabilidade é sua. Vou contar uma história de Angola que ouvi de Mãe Germina.¹⁶ É sobre a deusa das águas.

— Certa vez uma gestante prometeu a Iemanjá, Rainha do Mar, que, se tivesse uma filha, lhe seria consagrada. A grande deusa das profundezas marinhas concedeu-lhe a graça. Nasceu uma menininha que cresceu grande e forte, mas a mãe esqueceu a promessa. A família morava aqui em Itapajipe, à beira-mar, mas não deixava a menina entrar na água.

— Um belo dia houve uma regata na Porto dos Tainheiros e toda a família tomou uma canoa para vê-la. Logo que chegou à beira d'água a criança ficou muito agitada. Gritava, puxava a roupa da mãe e da tia, dizendo: — Mamãe, veja a moça bonita que está me olhando! Olhe, titia, ela está falando comigo! — E, de repente, se atirou à água.

— A mãe e a tia gritavam, desesperadamente, e alguém foi chamar Pai Cachecol, aquele que agora tem candomblé no sul do Estado. O negro Cachecol veio o mais depressa que pôde, trazendo os atabaques africanos e uma bandeja de ouro. Mandou a orquestra tocar, entoou cantigas sagradas e mostrou a bandeja para a Rainha do Mar. — Tome isso, Iemanjá — gritava ele — e devolva a menina. — Iemanjá regateava obstinadamente com ele, tantalizando os assistentes, levantando a criança acima d'água e em seguida puxando-a de novo para o fundo. A mãe estava num desespero. Os grandes atabaques roncavam sem cessar, ritmando as cantigas da mãe-d'água, a Senhora Iemanjá de cujo ventre nasceram todos os orixás. Não podendo amansar a deusa com a bandeja de ouro, Cachecol jogou-a afinal no fundo da baía e só depois que ela desapareceu sob as ondas a criança veio à tona. Então Cachecol fez com que a criança fosse consagrada como sacerdotisa de Iemanjá.

¹⁶ ... do Espírito Santo. (Nota de É.C.)

— E a gente não se aborrece com os deuses quando eles agem dessa maneira? — perguntei.

— Na verdade, muitas vezes sentem-se culpados para com eles — respondeu Áidano. — É então que se lembram de que não cumpriram as suas obrigações.

— E, por outro lado, orgulham-se deles — acrescentou Édison. — Ouçam, vou contar outra história de Germina: — Todo mundo estava reunido na vila de Pojuca, à margem da linha férrea. O candomblé estava animado e uma sacerdotisa dançava possuída por Iemanjá. De repente deitou a correr e ninguém a pôde deter. Como louca, embarafustou pelo rio Catu adentro, completamente vestida. Desapareceu e o seu corpo não voltou à tona. No barranco os atabaques acompanhavam os cânticos sagrados, pedindo à deusa que a devolvesse. Muito tempo após a sacerdotisa saiu da água, parecendo a própria Iemanjá. Trazia vestimenta nova, muito bonita de ver. Ela regressou ao templo, dançando como jamais o fizera, e de madrugada voltou dançando para o rio. Entrou na água, depois saiu. E todo mundo ficou paralisado de espanto, pois as belas roupas tinham desaparecido e ela usava de novo as antigas. Por isso, lá se diz que a Rainha do Mar veio pessoalmente à terra àquela noite brincar com os seus diletos filhos na vila de Pojuca.

— Como disse Sosígenes Costa — declamou Áidano, como em sonho:

Formosa filha da África,
bendito fruto da África,
Bahia de Iemanjá
...és a rosa querida,
aberta junto do mar.

— Aqui está outra história com uma moralidade — continuou Édison: — Uma das sacerdotisas de Germina estava aborrecida com o cargo que tinha de Iemanjá, você sabe, as obrigações do culto que devia cumprir. Era no tempo em que a polícia perseguia os candomblés.

A deusa lhe apareceu em sonho, num vestido maravilhoso, e lhe disse que era possível realizar as cerimônias, se ela pedisse uma licença a determinado capitão da polícia. A sacerdotisa contou o sonho à família, mas não seguiu o conselho. Fora apenas um sonho, pensou. Em consequência, o pedido de licença de Mãe Germina foi denegado. Somente após quatro dias de baldados esforços a sacerdotisa resolveu dirigir-se ao capitão indicado no sonho. E o capitão ajeitou tudo imediatamente! Além do mais, o presente foi aceito pelas águas. Então Germina censurou brandamente a filha. — Não é ser teimosa sem necessidade? — disse-me ela.

— Formosa filha da África... — declamou Áidano. Os seus olhos sorriam. — Bahia de Iemanjá...

De repente, um grupo de rapazes surgiu perto de nós, cantando e sambando. Em pouco tempo uma multidão se reuniu num pequeno círculo, comprimindo-se para ver o rapaz que dançava no centro. Os homens vestiam roupas de linho branco ou de cores claras, camisas abertas no peito, e usavam bonés, chapéus baratos de palha, às vezes um usado chapéu de feltro. O calor obrigara muitos deles a tirar o paletó, que traziam ao ombro ou punham no chão. Todos gingavam da mesma maneira, os joelhos curvados e frouxos, o corpo dobrado, a cabeça espichada para a frente, observando atentamente o dançarino. A cabeça deste caía para trás, sobre o pescoço que oscilava como se estivesse quebrado; os braços, agarrados ao corpo, dobravam-se nos cotovelos e as mãos pendiam, vibrantes, dos pulsos. Alguns dos circunstâncias acompanhavam-lhe o ritmo batendo ruidosamente nos pandeiros com a palma, as costas e os dedos de uma das mãos. Outros tamborilavam com a mesma eficiência na copa dos chapéus de palha rindo gostosamente. Um deles manjava um instrumento chamado cuíca, que seria originário de Angola, na África Ocidental portuguesa, que produzia um som cru, monótono e um tanto indecente. Os homens riram-se com a cuíca e entoaram uma cantiga dos tempos de escravidão, cujo estribilho era: Deixa a cuíca roncar! E ela roncava, como num êxtase.

Ao primeiro ronco, outro rapaz saltou no círculo, tomando o lugar do primeiro. Dançava dramaticamente, arqueando as costas a ponto de quebrá-las, sacudindo os braços em gestos loucos, encolhendo e espoando as nádegas.

— Isso é que é samba! — disse Édison, tocando-me o braço com entusiasmo. — É o verdadeiro, não os passos arrastados que se vêem nas salas de baile! É formidável! Os negros esquecem tudo quando usam os pés!

O rapaz dançou furiosamente uns dez minutos e a melodia mudou duas vezes. Parecia-me que cada qual dos espectadores gostaria de estar no lugar do dançarino. Finalmente, um dos companheiros fez sinal ao rapaz para que lhe cedesse a vez. Fez-lhe sinal muitas vezes, até que o dançarino acedeu, batendo a barriga no outro, dando-lhe, como se diz, uma embigada.¹⁷ O outro saltou imediatamente para o estreito círculo. Não caíam em transe, mas certamente se abandonavam. Os olhos e os ouvidos dos rapazes estavam presos à dança e à música.

Édison e os seus amigos, porém, queriam ir adiante e ver outras coisas. Era agora difícil andar, pois as trilhas entre as barracas estavam tomadas de visitantes.

Após deixar os sambistas, encontramos moças de cor, de braços dados umas às outras cantando um samba de melodia graciosa e lenta, composto por Noel Rosa para o último Carnaval. Noel teve uma infância descuidada no Rio, boêmio dos bairros pobres da cidade, tão subnutrido e doentio que morreu mais ou menos aos 30 anos. Era extraordinário o seu talento, com uma espontaneidade e uma pungência muito apreciadas pelos seus conterrâneos cariocas. A capital de tal forma lamentou a sua morte que deu o seu nome a uma rua, o que é a verdadeira imortalidade para um brasileiro. As mocinhas estavam cantando a sua serenata "As Pastorinhas":

¹⁷ A autora prefere dizer embigada, como o faz o povo. (Nota de É.C.).

A estrela d'alva
no céu desponta
e a lua anda tonta
com tamanho esplendor
e as pastorinhas,
pra consolo da lua,
vão cantando na rua
lindos versos de amor.

Linda pastora,
morena da cor de Madalena,
tu não tens pena
de mim
que vivo tonto com o teu olhar.
Linda criança,
tu não me saís da lembrança.
Meu coração não se cansa
de sempre, sempre te amar.¹⁸

— Isso me dá nostalgia, não sei de quê — observei. — Faz-me sentir saudade.

— Esse era o jeitão de Noel Rosa — concordou Édison. — Ele conhecia a tristeza e a afabilidade do nosso povo. — Riu. — Em geral, vamos agüentando as coisas e até as cantamos. Às vezes, porém, odiamos, odiamos tudo... Pobre Noel! Era tão simples! O nariz era adunco e não tinha queixo. Dizia que a sua cara era como a de um rato e que mulher alguma seria capaz de amá-lo. Não sei se isso era verdade, mas em compensação compôs canções maravilhosas.

— É pura questão de opinião — retorquiu alegremente Áidano. — Certo dia, eu tinha de encontrar um amigo que chegava de navio. Vim à cidade, bem cedo, fazer a barba. Mais tarde soube que o meu amigo

só chegaria uma semana depois. Contudo, eu fizera a barba. Há quem considere isso uma boa compensação.

Logo nos deteve um mulato cor de cobre, de nariz de gancho.

— Olá, dr. Édison! — falou sorridente. — Veio festejar Iemanjá conosco hoje? Vai dançar e cair no santo?

Os dois homens cumprimentaram-se com um abraço à brasileira.

— Olá, Manuel! Olá, flor! Que há de novo? — respondeu Édison, e me apresentou o homem. — Este é Pai Manuel, um ótimo sujeito! Ouça, Manuel. Onde podemos encontrar alguma coisa boa? Candomblé, não. Capoeira? Há séculos que não sinto o cheiro de suor e de cachaça. Naturalmente, você é crente demais para se aproximar deles. Mas dê-nos algumas indicações. Deve ter ouvido qualquer coisa a respeito, hein, flor? — E bateu com força no musculoso ombro esquerdo do mulato.

— Dizem que Querido-de-Deus luta hoje. Vi um grupo levando berimbaus nessa direção. — Manuel apontou para a esquerda. — Com este calor, é uma boa caminhada — advertiu, mexendo com os olhos e dando estalos com os dedos.

— E daí? Somos homens e a moça é americana — isso quer dizer valente! Além disso, somos gente moça e não um “santo” velho como você, hein, seu Manuel?

— Ótimo. Mas não esqueça, os deuses baixam hoje no templo de Mãe Cotinha... Adeus. E o sacerdote seguiu o seu caminho.

— Então ele não quer assistir a capoeira? — perguntei. — É um homem pacífico demais?

— Qual nada! — os outros protestaram, rindo.

— Mas é verdade — ajuntou Édison — que os capoeiras não se importam com o candomblé. Talvez gostem de mais algazarra do que encontram no templo e é certo que a maioria dos homens pouco pode

¹⁸ Marcha-rancho de João de Barro e Noel Rosa, 1938. (Nota de É.C.).

fazer no meio de tantas mulheres em transe. Há tão grande tensão entre eles que você os julgaria inimigos. Talvez o tenham sido, na África. Talvez ainda continuem uma antiga disputa entre o candomblé ioruba da Costa Ocidental e a capoeira de Angola do Sul.

— Mas agora estão no Brasil — lembrei.

— É verdade, e estão há duzentos ou trezentos anos. Mas o Brasil sempre esteve próximo da África, especialmente pelo comércio entre as plantações e os mercados de escravos da África. O meu país concedeu honrarias a reis e chefes de tribos da Costa Ocidental! E muitas vezes os escravos sabiam mais do que os seus senhores portugueses. Por exemplo, ensinaram a alguns senhores a maneira de fundir o ferro. No seu país os negros chegavam a uma civilização tecnologicamente superior, mas, aqui, estavam em casa! Muitos negros maometanos sabiam ler e escrever, mas os seus senhores não.

— Os africanos trouxeram muita coisa para cá — comentei.

— É certo. E com os seus cultos fetichistas conservaram intata uma vida rica a despeito das grandes mudanças que ocorrem à sua volta. O mestiço de índio nada tem que se lhe compare. A sua vida é pobre e solitária, a montanha e o clima são penosos, a sua religião é estrênuo, obscura e fanática. Não há os sentimentos ternos e amistosos do candomblé. Pode-se ver isso pela própria aparência dos mestiços, quando forçados a deixar o interior durante as terríveis secas. Euclides da Cunha o descreve no seu livro clássico *Os sertões*.

Áidano ouvia atentamente. Ele e Édison sempre mantinham conversas instrutivas e, quando lhes faltavam novidades, apelavam para as lembranças e recitavam longos poemas dos seus poetas favoritos. No momento Áidano acrescentou: — Mas lembre-se, as tradições africanas são agora brasileiras — e nós as chamamos afro-brasileiras.

Lembrei-me de amigos brancos de Nashville e de Nova Orleans e tive a consciência nítida, naquele momento, da oposição entre as convicções que eu deixara nos Estados Unidos e as que estava encon-

trando aqui. A divergência entre elas era imensa. E, pensando somente nisso, suspirei: — Os meus conhecidos do Sul dos Estados Unidos ficariam horrorizados. Pensariam que vocês perderam o seu “orgulho”. Eu mesma, por estar acostumada com eles, tenho de fazer um esforço para acompanhar o raciocínio de vocês.

— Realmente? — perguntou Édison, e os outros diminuíram o passo para escutar. — Qual é a dificuldade?

— Bem, os norte-americanos pensam em termos de raça. Um preto é inferior a um branco por causa da sua raça.

— E a cultura do negro?

— Isso não importa. Não se imagina que um negro tenha cultura alguma, a não ser a que lhe vem do branco; e mesmo esta supõe-se que ele oculte.

Era embaraçoso explicar tais coisas, especialmente ante a incredulidade deles. Os jornais publicavam então a notícia do apedrejamento de uma casa comercial alemã do Rio de Janeiro,¹⁹ que anunciara precisar de empregados “arianos”. Lembrei-me disso e, sem dúvida, eles também. Édison rompeu o silêncio.

— Norte-americanos! — exclamou, com impaciência, e os seus amigos (que eram brancos, ao que parecia) o apoiaram. — Que se importam eles com a cultura! Que se pode esperar de um povo que se dedica ao vil metal! Loucos por dinheiro! Para eles, até tempo é dinheiro. Depois, baixou de tom e me disse, sem jeito: — Desculpe, cara amiga. Naturalmente você é uma grande exceção. Mas às vezes a raiva toma conta da gente.

Chegáramos ao lugar onde os homens se preparavam para a capoeira. Os espectadores se apinhavam à volta de um largo círculo e não havia nem mulher nem sacerdote entre eles. Num ponto do interior

¹⁹ A Casa Lohner. (Nota de É.C.).

do círculo estavam três negros altos, cada qual segurando um berimbau, com uma das extremidades apoiada no chão. Logo surgiram outros instrumentistas — um com um chocalho, outro com um pandeiro. Édison e os outros me ajudaram a chegar à frente e ficamos contentes por mudar de assunto.

Dois capoeiras estavam agachados diante dos músicos. Um era o campeão Querido-de-Deus, cujo nome de batismo era Samuel. Era alto, mulato, de meia-idade, musculoso, pescador de profissão. O seu adversário era Onça Preta, mais moço, mais baixo, mais gordo. Estavam ambos descalços, usavam camisas-de-meia listadas, um de calças brancas, outro de calças escuras, um de chapéu de feltro, outro com um boné que depois trocou por um palheta. Agachados, de chapéu e descalços, tinham um dos braços apoiado nas coxas e olhavam diretamente para a frente, descansando. Eram obrigados a guardar silêncio e a obrigação estendia-se à assistência.

A orquestra deu início à diversão, numa desafinada invocação; e esse fundo musical monótono, também, era essencial à ocasião. Era uma espécie de lamentosa tessitura anasalada, dentro da qual os homens realizavam maravilhas acrobáticas, sempre dentro da batida correta, enquanto os instrumentistas cantavam versos zombeteiros:

Tava no pé da Cruz
fazendo a minha oração,
quando chega Catarino,
feito a pintura do Cão.
E é, Aruandê!
Iaiá, vamos embora,
Iaiá, pelo mar afora!
É faca de ponta,
Iaiá, é de furá.
Iaiá, joga pra cá,
Iaiá, joga pra lá.
Ê é viva meu mestre,

Iaiá, que me ensinou,
Ioiô, a malandrage,
Iaiá, a capoeirage!
Iaiá, vorta do mundo
Ioiô, que o mundo dá!²⁰

Era uma canção de desafio, esperança e resignação, com fragmentos de idéias de rebeldia. Não possuía um tema único, bem trabalhado, mas resumia um tipo de vida e de protesto. E fazia começar a luta.

Querido-de-Deus balançava os quadris enquanto encarava o adversário, mostrando-lhe os dentes, e avaliava as suas possibilidades. A luta envolvia todas as partes do corpo, exceto as mãos, precaução exigida pela polícia para evitar danos. À medida que os movimentos se amoldavam à música, eles se movimentavam numa seqüência lenta, como de sonho, que mais parecia uma dança do que uma luta. Como o regulamento estipulava que os capoeiras não deviam machucar-se uns aos outros, os golpes tornavam-se posturas acrobáticas, de valor para o cômputo final, com nomes e classificação. Havia vários tipos de capoeira, com sutilezas na forma e na seqüência dos golpes e no modo de tocar os berimbaus.

Querido era prodigiosamente ágil nos difíceis encontros formais com o adversário e sorria constantemente, enquanto as canções rituais rolavam:

Disseram à minha mulher
que capoeira me venceu.
A mulher jurou pé firme
como isso não se deu.

E os berimbaus mudaram de toada mais uma vez:

²⁰ As canções citadas de capoeira e de samba-de-roda constam do livro de Édison Carneiro, *Negros Bantos*, 1937. [Nota da autora].

Era eu, era meu mano,
era meu mano mais eu.
Meu mano alugou uma casa...
Nem ele pagava, nem eu.

Impertinentemente, com movimentos bonitos, vagarosos e calculados, Querido deu uma leve cabeçada, sem tirar o chapéu da cabeça, na boca do estômago do adversário, derrubando-o, de modo que ele caiu de cabeça. Então a orquestra estrugiu triunfante:

Zum-zum-zum,
capoeira mata um!
Tiririca é faca de cortá.
Prepar'a barriga pr'apanhá!

Silenciados os ecos de desafio, terminada a rodada, os dois homens andavam e corriam sem descanso em sentido contrário aos ponteiros do relógio, um atrás do outro, o campeão à frente com os braços levantados, Onça Preta segurando-lhe os pulsos por trás, enquanto a orquestra cantava e tocava, enfadonha:

No tempo qu'eu tinha meu dinheiro,
camarada me chamava parente;
quando meu dinheiro se acabou,
camarada me chamou valente.

Aos poucos, repousados, o da frente girava para encarar o de trás e os dois se evitavam ao compasso das cantigas, sem jamais parar, balançando-se de um pé para o outro, à espera de golpes.

Capoeira vai te batê...
Camarada, bota sentido!

Advertiam os berimbaus. Os dois se defrontaram, Querido avançando, Onça Preta se esquivando, sempre no ritmo. Como Querido avançasse, curvando o busto e abaixando a cabeça para golpear a cintura do outro, Onça Preta inclinou-se para a frente, tentando evitá-lo. Na verdade apenas abriu uma brecha, por onde Querido entrou com a

perna direita, mantendo a esquerda esticada rente ao chão para sustentá-lo. Onça Preta atirou frouxamente os braços para trás e caiu para a frente por cima da cabeça que ia atingi-lo, descrevendo um arco perfeito. Rindo calmamente, como num elogio, os dois se levantaram, gingando em círculos, para relaxar os músculos, enquanto a orquestra aplaudia:

Ê aquindêrreis!
Ê Aruandê!
Que vai fazê
com capoeira?
Ele é mandingueiro
e sabe jogá...

Empenharam-se novamente em luta e de novo Querido foi o atacante, quase agachado como numa dança russa, oscilando, os braços curvados para a frente para equilibrar-se. Em vez de insistir na cabeçada como antes, inclinou-se de lado e, de repente, ergueu o corpo. Onça Preta se curvou para atacar, mas Querido pôs todo o peso na perna direita e raspou a cabeça do adversário com a esquerda, fazendo-o cair mais uma vez esticado!

Agora outro capoeira insistia em entrar na roda. Já o tentara antes, mas não lhe tinham dado atenção. Impaciente, empurrou Onça Preta para trás, apontando, indignado, para o canto onde os juizes marcavam a giz, no chão, os pontos que Onça Preta não soubera ganhar. E Onça Preta, amuado, lhe cedeu o lugar.

Querido, o herói, enxugou o suor do rosto e das costas e tirou o chapéu da cabeça para refrescá-la. Durante todo o tempo os espectadores se mantiveram quietos, apenas mexendo os pés para aliviar a posição e a excitação anterior. Daí a pouco os berimbaus choramingavam uma invocação para a nova rodada:

Quem te ensinou essa mandinga?
— Foi o nêgo de sinhá.
O nêgo custou dinheiro,
dinheiro custou ganhá.

Cai, cai, Catarina,
sarta de má, vem vê Dalina

Amanhã é dia santo,
dia de Corpo-de-Deus,
Quem tem roupa vai na missa,
quem não tem faz como eu.

Cai, cai, Catarina...

Para mim aquela era uma exibição incongruente e maravilhosa, para os outros era maravilhosa e inteiramente absorvente. Para eles estava certo. Mas os versos me levaram a conjecturas acerca de es-cravidão, rebeldia e escárnio e eu estava perplexa ante o estilo do espetáculo, que roubava à capoeira o seu agulhão original. A polícia suprimira o agulhão e os negros tinham convertido o remanescente numa fantástica e pungente dança. As canções teriam ainda significação para o povo? Lembrariam as lutas que as haviam inspirado ou apenas dramatizavam os homens negros, como o candomblé dramatizava as mulheres negras? As camadas de espectadores estavam imóveis, de rostos impassíveis.

De novo o desafiante e o campeão começaram a correr com os joelhos dobrados, os braços pendendo molemente, Querido divertindo-se com pequenos e complicados movimentos dos pés. De repente, um rapaz pulou no centro da arena sacudindo uma vasilha com dinheiro. Acabava de correr o chapéu recolhendo contribuições para os lutadores; e a orquestra, que manda no espetáculo, decidira que, em vez de repartir o dinheiro, devia deixá-lo no chão para que um novo par tentasse apanhá-lo com a boca, cada parceiro rechaçando o outro à moda da capoeira. O rapaz anunciou a decisão e colocou a vasilha no chão, enquanto os berimbaus zombavam:

Brincá com capoeira?
Ele é bicho farso...

E Querido ganhou! Mas, com o brio de um campeão, virou a vasilha no chão para começar a luta de novo:

Ora, pode vadiá!

Desta vez o recém-vindo ganhou. A turba dissolveu-se, inconfortável, sob o sol escaldante das duas horas. Édison estava encantado com a exibição, tendo-a assistido como um conhecedor, e mais tarde se gabou de ter ajudado a organizar um novo clube de capoeira que faria exhibições todos os domingos.

Preparávamo-nos para deixar a feira. Mas, de todos os lados, alguma coisa nos chamava a atenção e, a certa altura, fomos detidos por um grupo de mulheres de cor em trajés de baiana. Também elas estavam reunidas em círculo. A um lado estava uma orquestra masculina, cujos instrumentos eram uma palheta, uma cuíca, um pandeiro e um prato arranhado nas bordas por uma faca. Tocava-se para uma mulher que dançava no centro. Era o mesmo espetáculo que eu vira antes, na competição masculina de samba, mas um pouco menos atlético, pois, como Áidano acentuou, com fingida solenidade, elas não usavam calças. Cada mulher dançava sozinha, cedendo o lugar a outra, que escolhia, com uma embigada.

Reparei que três mulheres monopolizavam a dança, escolhendo uma a outra com regularidade. A despeito das saias enormes, os seus movimentos eram ativos, acentuando padrões delineados pelas coxas e pelos pés e, ocasionalmente, pelos ombros. Como na capoeira, a dança delas era uma série de figurações complexas, postas em relevo pela monotonia das melodias e do ritmo das canções. A parte superior do corpo descaía flácida, a cabeça pendia para trás, o peito e a barriga folgados, as nádegas se projetavam abaixo de uma exagerada curvatura das costas, os braços balançavam suavemente, enquanto as costas de uma das mãos repousavam na barriga e as da outra nos rins. Uma das dançarinas tinha a expressão enlevada de uma sacerdotisa em transe e só raramente cantava. Os músicos preferiam "tirar" os solos, enquanto os assistentes respondiam em coro.

Cada qual das três sambistas dava um toque peculiar à dança. Uma delas, magra e carrancuda, especializava-se em passos miúdos e numa figuração angular. Outra, mais alta, robusta, cobria um espaço muito maior com um floreado e Édison observou que o “verdadeiro” estilo africano era o dela. A terceira, elegante e pitoresca, era maneirista como uma dançarina profissional.

Às vezes uma mulher dava uma embigada num rapaz impaciente. Então ele pulava na arena em versões acrobáticas dos passos das mulheres, e deslizava de modo florido e belo. Era um grande dia para as sambistas!

Caçoando com as mulheres, os músicos às vezes paravam repentinamente no meio de uma frase. Isto causava um choque que até eu sentia, como o que se sentia nos templos quando a orquestra deixava as mulheres em transe suspensas num silêncio mortal. Mas aqui, sóbria, a dançarina era obrigada a dançar até o fim, mesmo sem acompanhamento. Os circunstantes achavam muita graça nisso e se sacudiam num frouxo de riso. Até os meus três amigos, que eram sofisticados eruditos e políticos, riam à socapa.

— Que quer dizer isso? — perguntei, melindrada por me deixarem de fora da brincadeira.

— Bom... Ela ficou “grávida” — riu Reginaldo Guimarães, o estudante de medicina. — Não de verdade! — Ele riu ainda mais, ao ver a minha expressão admirada. — Pegaram-na desprevenida, interromperam-lhe o prazer e a alegria. Ela se sente pesada sem a música. Ele riu de novo, divertido com a imaginativa sexual. Era de supor que as mulheres se exasperassem então, observou Édison, e por isso cantaram este samba para a dançarina:

Alevanta, muié, com a roda,
que home não sabe corrê!

Foi quando os músicos atacaram uma vigorosa cantiga que obrigava a dançarina a sacudir e requebrar violentamente os quadris. Surgiu

um berimbau com as suas notas chorosas, apareceram castanholas com os seus estalidos enfadonhos.

Era uma canção que, em palavras ousadas, convidava as mulheres a competir por um prêmio em dinheiro:

Ô mulher do balaio movidinho!
Ô que balaião!
Ô balaio de costura!
Ô que balaiinho!
Ô balaio de pão!
Ô mulher do balaio pequenino!
Ô mulher do balaio mais-ou-menos!
E, quando a mulher se saía bem:
Ô mulher do balaio grande!
— Bom balaio!

E, para persuadir outras a participar da competição:

Quem não bole não ganha...
— Diz-que-bole-bole!

Ao que retorquiu a dançarina:

— Vou bolir pra ganhá...
Já ganhei um vintém...
Já ganhei um tostão...

Os espectadores riam e cantavam, gingando com simpatia, sem sair do lugar.

Depois uma dançarina começou uma nova e complicada canção, que lhe exigia correr para a frente e para trás à procura de uma chave que perdera e que procurava freneticamente nas saias das mulheres e na carteira dos homens. Afinal localizou-a no centro da arena, com o que, aliviada, sambou com entusiasmo.

— Você viu a chave?
Cadê a chave, nêga?

– Eu perdi a chave,
a chave do baú.
Ai! meu pai me mata
se eu não achá essa chave!
A chave de ouro,
com corrente de prata!
Ai, meu São Crispim!
A chave de prata!
Cadê esta chave,
meu Sinhô do Bonfim?
Eu perdi aqui.
Ai, meu Deus do céu,
o que será de mim?
Ói ela aqui!
Graças a Deus!

A dançarina ganhou o prêmio em dinheiro e deu uma embigada num rapaz negro, enquanto os berimbaus gemiam:

Eu quero, mas não quero – eu quero!
Eu não quero, mas quero – não quero!

Partimos, decididos a encontrar um barco que nos levasse à terra e a um lugar fresco; e assim fizemos.

– Este é o ouro de que lhe falei, dona – observou Édison, prazenteiro, quando relaxávamos os músculos no barco. – A gente é boa, todos são poetas. As coisas que vimos hoje na feira prosseguem continuamente, de um modo ou de outro. A gente sempre canta, dança e brinca, inventa construções coloridas e jamais consente que ninguém se sinta pobre, nem só. Talvez o candomblé já não lhe pareça tão estranho agora.

– Tudo me parece estranho – repliquei, pesarosa – em especial à medida que aprendo mais. Mas estou começando a aceitar essas coisas como naturais, e isso ajuda. Após algum tempo poderei sentir-

lhes a lógica. Ainda preciso lembrar a mim mesma que estou vendo a realidade, e não um maravilhoso espetáculo.

– É a realidade – assegurou-me Áidano. – Todas estas coisas significam muito para o nosso povo. E nós também acharíamos a vida vazia sem elas.

– É mais do que um entretenimento para vocês?

– Para nós é vida, é o escopo e a poesia da vida. Quando vemos essas coisas sabemos que o povo é bom e que nenhuma ditadura pode subsistir. Somente o povo perdurará.

Ao desembarcar chamamos um táxi, que nos levou a um restaurante na minha elegante rua Chile, na Cidade Alta; e de dentro dele um aparelho de rádio gritava, a todo volume, um samba do último Carnaval, que então conquistara um prêmio e ainda se cantava em todos os salões de baile e clubes noturnos:

O que é que a baiana tem? } bis
Tem torso de seda, tem!
Tem brincos de ouro, tem!
Corrente de ouro, tem!
Tem pano-da-Costa, tem!
Tem bata rendada, tem!
Pulseira de ouro, tem!
Tem saia engomada, tem!
Sandália enfeitada, tem!
Tem graça como ninguém...
Como ela requebra bem...²¹

Fiz um aceno de cabeça para Áidano: – Há quem concorde com vocês, parece.

²¹ Esta canção e a seguinte são de Dorival Caymi. [Nota da autora].

Áidano sorriu, com languidez: — Penso como todos os brasileiros. Você diz isso porque não é uma de nós. Mas algum dia você também será uma brasileira!

O rádio começou outra canção, acerca da mulher que, de tabuleiro à cabeça, vende especialidades africanas:

Dez horas da noite
na rua deserta.
A preta mercando:
parece um lamento...

Iê abará!

Na sua gamela
tem molho cheiroso,
pimenta-da-Costa,
tem acarajé.

Ô acarajé ecô olalai ô
Vem benzê, hein? Tá quentinho!

Todo mundo gosta de acarajé.
O trabalho que dá pra fazer é que é.
Todo mundo gosta de acarajé.
Todo mundo gosta de abará.
Ninguém quer saber o trabalho que dá.
Todo mundo gosta de abará.
Todo mundo gosta de acarajé.

Dez horas da noite
na rua deserta.
Quanto mais distante
mais triste o lamento...

Iê abará!

A gente do candomblé havia gerado um panfletário, de nome Arsênio Cruz. A fala dos pretos muitas vezes liquêfaz o som do *l* em *r*, de modo que possivelmente o seu nome correto fosse Alsênio. Édison e os seus amigos caçoavam comigo por pronunciar às vezes as palavras tal como as aprendia dos negros, especialmente porque eu viera do Rio com pronunciado sotaque carioca, que é considerado pretensioso. Contudo, duvido que as variações baianas fossem meramente devidas ao analfabetismo dos negros, pois *l* e *r* se trocam frequentemente em espanhol e em português e entre as duas línguas. Por exemplo, branco em português corresponde a *blanco* em espanhol.

Arsênio era um boêmio, um homem que evitava o trabalho pesado, mas não era realmente preguiçoso. Adepto fervoroso do candomblé, tocava na orquestra do seu templo até ficar rouco no período das festas e batia os atabaques noite e dia, sem dormir, sustentado apenas pelo álcool. Amava a vida, que era o que os deuses significavam para ele, e temia a morte — que afugentava os deuses do templo — como um horroroso pesadelo. Eu o vi correr, de olhos vidrados, logo que ouvia o som das cabaças, por mais distantes que estivessem pelo mato adentro, o que significava a chegada de Egungum — a Morte.

Havia, porém, dezenas de outros ogãs tão dedicados, leais e assíduos quanto ele. Ele era singular porque editava um pequeno jornal de quatro folhas, *A Garra*, em que noticiava os pecadilhos de amigos e conhecidos de maneira arrasadora, que considerava “esportiva”. Por mais que os seus golpes ferissem, porém, o seu propósito declarado era puro — manter

“padrões morais”. Assim o disse a 28 de agosto de 1938, n.º 545 do décimo-terceiro ano de *A Garra*.

Eu o encontrei numa tarde quente de domingo, em novembro, quando ia, com Édison, ao subúrbio de São Caetano. Na ocasião davam-se festas em homenagem a Cosme e Damião, os santos gêmeos que protegem as crianças e trazem prosperidade e alegria às suas famílias. Tínhamos contratado o táxi de Almerindo para comparecer à festa dada por Mãe Didi e, quando chegamos à Praça, encontramos Arsênio. Édison exclamou, surpreso:

— Olá, seu Arsênio! Há quanto tempo não o vejo! Estava corrido da polícia?

— Oh, sim, doutor, um pequeno mal-entendido das autoridades. Mas já está tudo certo. — Arsênio falava muito depressa, com vivaz amabilidade, e um pesado cicio, como se a sua língua estivesse presa nos dentes.

— Ótimo, ótimo! Agora está livre de novo para arrancar dinheiro dos pobres diabos dos borocotós,²² hein? — caçou Édison, lembrando coisas que tinha lido. — Venha conosco ver a festa dos Meninos, seu Arsênio. Já está aqui e pode nos contar as últimas.

— Obrigado, doutor. É muita honra. Sou um pobre ignorante e nada sei, mas é um prazer acompanhá-lo.

Arsênio sentou-se no banco da frente com Almerindo, que era amigo dele, e o observava dirigindo o carro. Era excitante, pois se precisava de habilidade e sangue frio especiais para guiar um carro (o dele era um Chevrolet 1929) em qualquer parte da cidade da Bahia, por causa do extremo declive das ladeiras e das pedras do calçamento, tão escorregadias e tão irregularmente espaçadas que muitas vezes o carro não podia rodar sobre elas e tinha de montar nos trilhos do bonde. Nesse caso havia a probabilidade de uma colisão em cheio com um bonde que dobrasse uma esquina a toda velocidade. Almerindo manobrava com destreza, apenas

²² Os pontos mais miseráveis da cidade. (Nota de É.C.).

sorrindo quando parecia que o pior estava a ponto de acontecer. Mas era preciso sangue frio acima do normal para dirigir um carro pelas pavorosas estradas nos matos fora da cidade, de leito lamacento, fofo e cheio de profundos buracos. Almerindo, porém, fazia-o sem esforço. Quando, quase sem fôlego de tanto susto, o felicitamos, ele apenas sorriu, acanhado.

Arsênio tinha um temperamento totalmente diferente. Era barulhento e falador e tão divertido que até Almerindo ria. Tinha uma aparência interessante: era de cor brônzeo-avermelhada, com as delicadas feições aquilinas e a queixada reta que se encontra tantas vezes na escultura da África Ocidental. Mas as suas maneiras absolutamente não eram distintas. Qualificavam-no de “impertinente”, pois metia o nariz nos negócios de todo mundo e dava publicidade, livremente, às suas informações e opiniões.

— Deixe-nos ver essa sua folha, jornalista Arsênio — propôs Édison, jovialmente. E explicou para mim, rindo à socapa: — Esse negócio lhe dá dinheiro, quando não o atira nos braços da polícia. *A Garra* — bom, o nome é um achado! Mas diverte e Arsênio faz um trabalho muito interessante.

Arsênio se virou para nós, que estávamos no assento traseiro (onde sempre se sentam as pessoas importantes), e estendeu-nos o último número. — Sou apenas um amador, Mestre Édison — disse modestamente, mas bem sabia que era notável num homem da sua espécie tratar das letras.

O jornalzinho tinha em cada página duas colunas repartidas em parágrafos curtos, bem espaçados, fáceis de ler. O primeiro dizia:

Na rua 2 de Fevereiro há uma moça de nome X que se porta escandalosamente com muitos namorados. Essa conduta não fica bem a uma moça de família e, se ela não tiver cuidado, o seu querido pai vai se aborrecer muito.

Do assento da frente, Arsênio nos observava pelo espelho retrovisor. Édison sacudia a cabeça, sorrindo. — Na certa, todo mundo sabe de quem você está falando; é uma rua tão pequena! Você vai arruinar o nome da garota, homem!

– Não, não! – Arsênio estava categórico. – Ela está errada, tão moderna namorando homens casados. Estou tentando salvá-la e acima de tudo não quero que o velho pai dela leve essa vergonha para a sepultura. Ele não sabe de que espécie ela é, mas se ela continuar... Imagine só como as esposas dos namorados vão cair em cima dela!

– Suponho que algum pai já está encarregado de fazer um bozó²³ para ela.

– Eu não ficaria admirado, mas o aviso pode fazer com que ela pare a tempo... Toda a edição se esgotou! – declarou, com orgulho.

– Vai rodar outra?

– Talvez.

– Se a moça é como alguns casos que conheço – disse Édison, piscando o olho para mim – vai tentar comprar a segunda edição antes que a tinta seque. – Olhou significativamente para Arsênio, pelo espelho retrovisor. – E, se alguém achar que o nosso querido amigo passou da conta... Talvez ele tenha de se esconder de repente.

Arsênio protestou, perdigotando e ciciando.

Édison lhe deu uma palmada no ombro. – Estou brincando, amigo, você bem que sabe! Os melhores de nós já tiveram de se esconder de repente... Mas você esteve desaparecido ultimamente? Édison apontou, interrogativamente, para um parágrafo da primeira página:

Há duas semanas que *A Garra* não circula. Como simples medida de precaução, o seu diretor-proprietário obteve em juízo licença de livre circulação para este jornal, que é um órgão crítico, humorístico, desportivo e noticioso.

Foi-lhe dada pelo mais acatado dos nossos juízes, que declarou não haver razão alguma para sofrer qualquer embaraço.

²³ Feitiço. (Nota de É.C.).

– Eu estava apenas repousando – respondeu Arsênio, com um olhar malicioso. – O fígado não andava muito bem.

– Não haveria alguma relação com aquela encantadora morena, mulher do marinho?

– Não tenho a honra de conhecer essa senhora.

– Ou será que você contou a história sem se informar direito?

– Dr. Édison! Eu? Um homem honesto! E, sem dúvida para mudar de assunto, começou a cantarolar uma curiosa cantiga²⁴ do último Carnaval:

Anunciaram e garantiram
que o mundo ia se acabar.
Por causa disso
a minha gente lá de casa
começou a rezar.
Até disseram que o sol ia nascer
antes da madrugada.
Por causa disso nessa noite
lá no morro não se fez batucada.

Acreditei nessa conversa mole.
Pensei que o mundo ia se acabar
e fui tratando de me despedir
e sem demora eu fui tratando de aproveitar.
Beije a boca de quem não devia,
peguei na mão de quem não conhecia,
dancei um samba em trajes de maiô
e o tal mundo não se acabou.

Chamei um gajo com quem não me dava
e perdoei a sua ingratidão
e festejando o acontecimento

²⁴ Samba-choro de Assis Valente. (Nota de É.C.).

gastei com ele mais de duzentão.
Agora soube que o gajo anda
dizendo coisa que não se passou.
Vai ter barulho, vai dar confusão
porque o mundo não se acabou.

Todos nós cantamos juntos: “porque o mundo não se acabou”.

De repente, Arsênio fez sinal a Almerindo para levar o carro para um lado da estrada, onde estava uma menina. Era uma pretinha que, de cabeça baixa, encabulada, segurava uma caixa com as imagens dos padroeiros do dia. A caixa estava cuidadosamente enfeitada com um pano rendado, e as figuras de madeira de Cosme e Damião, que continha, estavam vestidas como cruzados medievais. Junto, como a observá-los, havia uma figura de cerâmica da mãe deles; era Santa Bárbara, que é também a deusa africana Iansã. Do outro lado viam-se raminhos de melindres, símbolo de Nossa Senhora da Conceição, que também é a deusa africana Oxum, que ajudou a criar os gêmeos.

— Minha filha — disse Arsênio com brandura, debruçando-se para fora. — Já recebeu muita esmola para os Meninos?

— Sim, senhor — murmurou a menina. — A bênção?

— Traga aqui a caixa. — Os homens tiraram moedas dos bolsos para lhe dar. — Já está pedindo esmola pra Cosme há quantos dias?

— Três. O senhor é a terceira pessoa hoje. Já cumpri a obrigação.²⁵ Amanhã é a festa. Olhou para o céu, animada.

— Amanhã! Vai comer um bocado, hein? Peça uma coisa boa para mim, menina!

— Sim, senhor! Adeus.

²⁵ A caixinha com os santos deve sair três dias e, em cada dia, recolher esmolas de três pessoas, no mínimo. (Nota de É.C.).

Tínhamos atravessado a cidade e estávamos numa zona agreste densamente povoada. O táxi, movimentando-se vagarosamente, conseguiu tração montando os pneus nos trilhos de aço do bonde, entre altos pés de árvore que assomavam de ambos os lados; e, quando a linha do bonde terminou, continuamos por uma estrada desnivelada e sem calçamento. Às vezes a estrada era plana, às vezes havia subidas alcantiladas e difíceis; a poeira era tão espessa, e nos secava de tal modo a boca e os olhos, que tivemos de fechar as vidraças. Afinal chegamos à nossa “rua”, que era um correr de casas de barro. Quando indagamos por Didi, cujo nome verdadeiro era Justa, um homem apontou para o fim da fileira de casas e disse: — Mora ali, naquela casa que parece um castelo. — Tivemos de indagar ainda várias vezes, antes de poder identificar realmente a casa. Era de construção melhor do que as outras, a frente de tijolos e vigas e os fundos de barro, e assentava numa ligeira elevação, como convinha à residência de uma mãe.

Quando entramos na sala de visitas, um mundo de crianças precipitou-se sobre nós, rindo e gritando. Por fim alguém as fez andar à volta de um preto velho e andrajoso que se encontrava no canto mais afastado da sala. O homem tirou os primeiros versos de uma cantiga:

— Dois-Dois!

— Minha mãe me dá de comê!

As crianças gritaram uma resposta aos santos gêmeos:

— Dois-Dois!

Ele continuou:

— Meu pai me dá de bebê!

Elas gritaram, rindo:

— Dois-Dois!

— Venha cá!

— Dois-Dois!

— Eu lhe dou de comê!

- Dois-Dois!
- Eu lhe dou de bebê!
- Dois-Dois!
- Eu tenho papai,
que me dá de comê.
- Eu tenho mamãe,
que me dá de bebê.
- Dois-Dois!
- Quem me dá de comê
também come.
- Quem me dá de bebê
também bebe.
- Dois-Dois!

D. Didi, rindo, veio da cozinha nos cumprimentar. Tinha pele clara e agradável e um sorriso alegre. O grande avental que trazia estava manchado, pois estivera tratando dos comes e bebes das crianças que deviam seguir-se. Os seus cabelos lisos e finos caíam-lhe sobre os olhos.

– Entrem! A casa é sua! – disse, com calor. Apontou para um mulato simpático de meia-idade, que vestia com apuro um terno cinzento da moda, e estava a um canto, como distante de tudo. – O meu amigo, o dr. Xavier. Façam-lhe companhia, por favor! O senhor sabe, dr. Édison, ele não gosta dos costumes africanos. E riu, tolerante, como se o amigo fosse uma criança mimada.

Arsênio murmurou para nós: – Sabiam? Esse homem, que tem diploma de advogado, é quem toma conta de d. Didi. Ele paga a casa e tudo mais. E gosta mesmo dela, embora se diga que ela pertence à humanidade.

As crianças, em bando, se divertiam. Mulheres vieram desobstruir o centro da sala; cadeiras e uma cama foram postas de encontro à parede. Notei que lá estavam mulheres jovens, uma delas grávida, desejosa de um parto feliz com a intercessão dos santos meninos; adolescentes que

sonhavam ter filhos; e uns 25 pimpolhos de 3 a 10 anos de idade. Algumas mulheres idosas trouxeram grandes travessas, cada qual abarrotada de uma iguaria diferente. Uma das travessas continha caruru; outra, amendoim torrado; outra, galinha cozida; outra, vatapá; outras ainda, acarajé e roletes de cana.

Cada travessa era deposta, uma de cada vez, sobre uma toalha no chão. Então o velho gritava: – Avança no caruru, meninada! – As crianças precipitavam-se, aos gritos, devorando a comida com a rapidez de um raio, comendo com a boca, as mãos e os braços. Quanto mais comessem, mais riquezas os deuses trariam à casa, tanto em dinheiro quanto em alegria, explicava-me Édison, enquanto Arsênio sacudia a cabeça em sorridente aprovação. Não era permitido o uso de talher. Quando as crianças se levantaram do chão, suspirando, risonhas, repletas e satisfeitas, tinham restos de verdura nos cabelos, nos olhos e nos narizes e pelos braços acima. Mulheres trouxeram toalhas, mas as crianças preferiam limpar-se nas saias de Didi, a anfitriã; e desse modo ela partilhava da felicidade e da fartura deles. Comer amendoins era coisa mais limpa. A essa altura as mulheres já tinham perdido as boas maneiras e, quando trouxeram a galinha, atiraram simplesmente os pedaços no chão e chamaram as crianças para que se servissem. Eu observava tudo aquilo com os olhos de minha maravilhada infância, imaginando a experiência de ter sido solicitada – não, instada! – a fazer o que quisesse para o bem de todos. As coisas se agravavam, meninos e meninas limpavam-se em qualquer adulto que estivesse à mão, ou nas paredes, pelo simples prazer de sujar as coisas. Quanto mais louca a desarrumação, quanto mais comida consumida, quanto mais ensurdecadora a barulheira das crianças, mais certo era o desfecho feliz que todos desejavam. Mas Didi tomava certas precauções, pedindo às crianças que tomassem cuidado com a sua cama e com a roupa das visitas.

Quando a comida toda acabou, o velho levantou-se e gritou, batendo palmas em tempo de marcha:

— Já comeu?

As crianças responderam jovialmente, agachadas no chão:

— Já!

— Já bebeu?

— Já!

— Já comeu?

— Já!

— Já bebeu?

— Já!

Após perguntar e obter respostas sete vezes, o velho suspirou profundamente: — Louvado seja Deus! — A oferenda aos Meninos tinha sido aceita! Até mesmo Édison e Arsênio refletiam nos seus sorrisos a satisfação geral. E eu também me senti bem, tal era o contágio na sala.

Cuidadosamente o velho e uma mulher idosa levantaram do chão a toalha, agora suja de comida, e pediram aos demais que os acompanhassem dançando em círculo, na direção contrária à dos ponteiros do relógio, e cantando solenemente ao compasso saltitante do samba:

Graças a Deus,

ô meu Deus!

Lôvado seja Deus,

ô meu Deus!

Lôvado seja, ô meu Deus,

o que Cosme e Damião comeu!

E acrescentaram em alguma língua africana:

Jambururu,

aêrê-ê-ê,

o macundê que São Cosme recebeu!

A toalha foi então levada, em passo de dança, para fora da sala. As crianças e as meninas maiores permaneceram, sambando individualmente no círculo em movimento. O velho voltou para o seu canto para comandar o canto e a dança. Édison comentou que as canções eram de procedência

vária: algumas da não ortodoxa tradição cabocla a que Didi estava ligada, tendo-a trazido do seu Estado natal de Pernambuco, no Norte; algumas da tradição ortodoxa ioruba. Os adultos estavam completamente absorvidos nas atividades das crianças e as observavam, rindo com prazer.

Enquanto a dança continuava, mulheres trouxeram comida em pratinhos de boneca para o altar de Cosme e Damião que havia na sala. Havia também outros altares, para gêmeos de menor prestígio, e me pareceu que as pessoas não se fartavam de multiplicar crianças. Havia altares para as gêmeas Carmem e Carmelita, para os gêmeos Durval e Durvaltércio e para os gêmeos João e Joana. Todos os altares foram servidos.

A animação começou a produzir efeitos inesperados. Enquanto dançava, a moça grávida começou a cambalear e a perder o ritmo. Os outros, então, cantaram para ela:

Canoa virô

no fundo do mar!

Ai, canoa!

Não me jogue na coroa!

Ela correu para fora e trouxe uma vareta em que espetou uma bandeirola de pano branco, provavelmente um emblema do seu deus Oxalá. Os outros não lhe deram atenção, cantando e rodopiando. O velho constantemente “tirava” novas cantigas:

Cosme e Damião,

menino vadio,

vai jogá espada

na beira do rio.

Viva a Sereia do Mar!

Dois-Dois veio,

Dois-Dois veio vadiar.

Veio brincar e vadiar,

Dois-Dois!

Os presentes observavam contentes a moça grávida, pois o seu arrebatamento era um bom augúrio para a sua condição, e diziam que os espíritos dos travessos gêmeos tinham entrado na sua cabeça. De fato, ela cantava, enquanto os outros continuavam a dançar:

Cosme e Damião,
sua casa cheira
a cravos e rosas
e a flor de laranjeira.

Cosme e Damião,
sua riqueza chegou
no Forte do Mar.
Santa Bárbara que mandou.

Ela agora dançava muito depressa, enquanto os outros cantavam. Ela gritava e as crianças respondiam.

- Olhe! Olhe ali!
- Dois-Dois!
- Olhe ali, no mato!
- Dois-Dois!

Então a moça deu a embigada numa mulher de idade, enquanto a alegre roda de garotos girava em torno delas. A velha, que dançava de olhos fechados, como se estivesse em transe, passou a vez a uma jovem mãe de 24 anos, que já tinha um filho de 11. O velho cantava, enquanto as crianças rodopiavam loucamente:

Bebida branca me deixa!

A roda partiu-se em duas, meninos por fora, meninas por dentro, em movimento contínuo. De repente, um menino, excitado, gritou, sem o sentir, a saudação do grande deus ioruba Xangô, quando baixa em alguém:

– *Ka-biê-silê!*

Os outros riram, encabulando o pobrezinho, e passaram a um ritmo mais lento:

Eu comprei meu pandeiro
Por mil e quinhentos!
Vou ver Juliana!

E ainda mais devagar, nadando em felicidade, cantavam, enternecidos:

Olh'o pass'o que não bole com a cabeça
– Olh'a coruja!
Olh'o pass'o que não canta na gaiola!
– Olh'a coruja!

Dançavam em fila, passando pela cozinha e saindo pela porta traseira da casa, circulando pelo terreno, cantando e dançando, zombando e rindo, espalhando as bênçãos dos Meninos.

D. Didi nos chamou para comer. Tinha-se lavado e vestira um florido quimono japonês, penteara os cabelos finos e empoara o bonito rosto. Levando-nos à cozinha, parou num pequeno cômodo para nos mostrar os seus altares particulares para os gêmeos católicos e para os gêmeos ioruba Douí e Alabá.

– O senhor sabe quem são, meu pai? – perguntou, sorrindo, a Édison. – Douí é a criança que nasce por último no parto tríplice ou que nasce normalmente depois de gêmeos. Alabá é a criança que vem depois de Douí. Eu tenho outros gêmeos aqui – Crispim e Crispiniano e Crispina e Crispiniana. Assim tenho muita felicidade junto de mim!

Eu estava comovida com a sinceridade dela. Olhei para Cosme e Damião no centro da multidão de deidades infantis, sorridentes, de pé, ombro a ombro, empunhando grandes adagas.

– Os velhos dizem que são irmãos, filhos da mesma mãe – observou Didi. – Outros dizem que são amigos que fizeram um pacto de sangue de eterna lealdade. Mas isso não importa, porque se estimam como irmãos.

Olhou, enternecida, para uma pequena e fina vela acesa diante deles, cercada por minúsculas quartinhas de água e por pequeninos alguidares, xícaras e pires de comida e vasos de flores. Um suave aroma de incenso pairava no ar.

Arsênio interrompeu, hesitante:

– Eu queria fazer um pedido, dona.

– Faça, meu filho – animou-o Didi, com simpatia. – Os santos lhe ajudam.

– Amém – respondeu, aproximando-se para murmurar junto à chama.

– E a senhora? – sugeriu Didi. – Não quer fazer um pedido? A casa é sua.

Eu pedi, silenciosamente, coisas boas.

Esperando por nós, à porta da cozinha, estava uma preta vestida de baiana, uma crioula, como diziam, que se virou para quatro outras, também de saias rodadas, para mandar que pusessem a comida na mesa. A cozinha não dava para todos nós; o chão, de terra batida, era desnivelado; a luz incerta das velas minorava a escuridão. Do lado de fora pessoas se apinhavam às janelas para ver o que se passava. Chegava mais gente ainda e as crianças se aglomeravam em torno de nós, encarando-nos com olhos enormes e brilhantes e pedindo a bênção, em voz apenas audível, quando instadas pelos mais velhos a fazê-lo.

– Você gosta da moça? – perguntou uma mulher à sua filhinha Julieta, que fixava em mim os olhos grandes.

A criança sacudiu a cabeça.

– Julieta gosta dela! – exclamou a mãe, rindo, para os circunstantes.

– E gosta do vestido dela, Éta?

A criança fez outra vez que sim.

– Ela gosta do vestido da branca! – anunciou a mãe, de novo. –

Acho que ela também gosta dos seus sapatos e meias de seda! Você acha que a moça é bonita, minha filha?

– Ela é bonita – estridulou a vozinha – e branca, branca como papel. É por isso que ela fala gringo!

– É por isso que ela fala gringo! – concordou a mulher, rindo.

– Vamos comer e beber – propôs Didi, e tomamos lugar num banco junto à mesa, que fora encostada à parede. – Um brinde a Cosme e Damião – disse ela, alegremente – com o bom vinho Moscatel trazido pelo dr. Xavier!

O pessoal nos observava como se fôssemos um maravilhoso espetáculo.

A comida estava posta numa mesa de madeira sem toalha, em enormes travessas: caruru-de-candoblé, farofa, feijoada, galinha, abará, castanhas-de-caju, ovos cozidos, bananas fritas, munguzá, vatapá. Na verdade, uma mesa farta. O meu apetite não podia competir com o dos outros, que comiam porções enormes, inclinando-se sobre os pratos enquanto manejavam os talheres. Para mim aquela excelente comida não tinha sabor, tão estranhos eram o cozimento e o tempero. Era também uma comida pesada, em especial numa noite quente. Mas os outros se deliciavam e demonstravam o seu apreço pelo silêncio total que guardavam. Por fim, serviram-se xicrinhas de café preto, muito açucarado. Somente depois que terminamos e deixamos a mesa é que as mulheres que serviam se sentaram para comer; e raspavam os pratos com os dedos, que em seguida lambeavam, antes de lavar as mãos, ao fim de tudo, numa bacia comum. Notando o meu espanto, Arsênio sorriu e Édison me explicou, no cauteloso inglês que usava para observações confidenciais, que aquele era o modo de comer da gente dos templos.

Sentei-me junto à parede e imediatamente uma menina de três anos pulou no meu pescoço. Era uma criança raquítica, de barriga inchada, ossos frágeis e salientes; pela sua pele pareciam correr arrepios febris. Tinha bonitos olhos, grandes e mortiços como os dos doentes, e lisos e abundantes cabelos. Falava com clareza, mas, a intervalos, de repente

punha-se a chorar, de modo que a irmã, que não teria mais de cinco anos, se inclinava por cima das pernas de Édison para abraçá-la e acalmá-la. Eram precoces, encantadoras e muito patéticas.

A mãe sentara-se numa cadeira e observava. Era o retrato em ponto grande das crianças, com a barriga saliente exagerada pelas vestes e postura das baianas. Caçoando com a menor, perguntou:

– Essa moça é sua parenta?

– É – respondeu a pequena.

– Está bem! – exclamou a mãe, com fingido desespero, olhando em volta da sala e sacudindo as mãos num gesto conformado. – Todos os brancos são parentes dela! Eu sou a única preta da família!

O pai, um rapaz escuro, se aproximou e disse à filha mais velha que o acompanhasse à casa.

– Não vou, não senhor! – retorquiu ela. – O senhor bebe cachaça.

O pai, atônito, se afastou. Édison, envergonhado por ele, tentou persuadir a criança a dizer que estava apenas brincando porque era dia dos Meninos.

– Mas eu não estou brincando! – protestou ela e desapareceu da sala.

– É o dia dos Meninos – riu Arsênio. – Não seria bom se também tivéssemos o nosso dia?

Era hora de partir e os visitantes deixavam a casa, sumindo no mato.

– Deus lhes acompanhe! – disse Didi, gentilmente. – Muito obrigada por terem vindo festejar os meus Meninos. Vão com Deus.

Arsênio nos levou ao barracão de madeira, de dois cômodos, onde combinara aguardar por Almerindo, o motorista. Eram quase 9 horas. O céu baixo estava escuro e limpo, salpicado de estrelas que de certo modo não iluminavam. De repente uma lua branca apareceu, derramando luz

sobre as árvores. Ouviam-se vozes de moças cantando para os Meninos, com acompanhamento de violão. Havia risos abafados e, uma vez, vi mulheres de amplas saias atravessando a estrada ao luar.

– Em noites assim, faz-se boa economia de luz – observou Édison.

Andando em silêncio, ouvimos um uivo, um gemido e um soluço. Édison pensou que fosse um cão uivando à lua ou um sarigüê; eu pensei que fosse uma mulher possuída por algum espírito; e Arsênio pensou que fosse uma mulher embriagada. Em seguida ouvimos os sons abafados de batidas numa grande cabaça e a dolente melodia das cantigas do candomblé, tranqüilas como acalantos.

– Cantam para afogar as mágoas – comentou Édison. – A tristeza das nossas noites!... É pior ainda no interior, onde as casas ficam a grande distância uma das outras. A lua brilha sobre os tabuleiros, onde nem uma folha se mexe, e de repente um cavaleiro surge ao longe.

Chegados ao barracão, contornamô-lo à procura da chave, pois a porta da frente estava fechada. Encontramos um pequeno nicho abrigando a pedra-fetiche de Exu, servo de Ogum, dono das encruzilhadas. Arsênio se ajoelhou para mostrar a vela acesa no interior e as pipocas atiradas ao chão, restos de recente sacrifício ao Exu que protegia a casa vazia.

– Compadre! – disse de manso para o espírito da pedra, agachando-se para vê-la e falando-lhe como se o fizesse ao padrinho de um dos seus filhos.

Um velho cego saiu de trás de uma árvore. – Quem está aí? – grunhiu.

– Arsênio, seu Eliseu.

– Hum. Pensei que algum estranho estivesse se arranchando aí.

Arsênio ergueu-se e limpou as calças. – Um homem nunca deve se esquecer dos santos, dona – disse ele, meio gracejando. – Se mantiver Cosme e Damião de bom-humor, lembrando de lhes dar comida de vez

em quando, não cairá do bonde, não quebrará a perna, o seu casamento será feliz, terá muitos filhos e ganhará bom dinheiro.

— Eu ri. — Não é que duvide, seu Arsênio, mas nunca tive sorte na vida.

— Vocês, americanos! — Arsênio acenou para mim, incrédulo. — Mas faça como digo e verá... Bom, amigos, entrem na casa, que eu conto uma história verídica a respeito.

Encontramos a chave no caixilho acima da porta, depois de acender uma lanterna de bolso que nos fez ver ninhos e coisas voando. O interior estava arrumado, mas coberto de poeira, como se não tivesse sido usado por muito tempo. O grande atabaque africano chamado rumpi, usado nos ritos dos templos, estava a um canto, a cabeça respeitosa coberta com uma toalha. Nas paredes viam-se “folhinhas” coloridas, mostrando poéticos índios selvagens e lúbricas mulheres louras, nos trajes próprios dos tempos do canã.

Reunimo-nos à volta de uma rústica mesa de madeira, no meio da sala. Arsênio remexeu até achar um lampião de querosene. Inclinou-se sobre a mesa para acendê-lo, o rosto brilhando de quando em vez à luz da chama; depois começou a falar, contente, olhando em volta e sorrindo:

— O Joãozinho queria casar e precisava de dinheiro. Fora sempre pobre e não sabia como se arranjar. Certo dia Cosme e Damião vieram à porta dele, dentro de uma caixa enfeitada de rendas trazida por uma menina que pedia esmolas. Ele deu os poucos tostões que tinha e fez o seu pedido aos Meninos. Pouco tempo depois, arranhou emprego como ajudante de uma mesa numa casa de bicho e os Meninos vieram e lhe disseram como fazer as apostas. Tinha de jogar sempre na centena 410, sem variar. Os Meninos foram leais com ele. Joãozinho ganhou. Depois casou e a mulher teve muitos filhos. As coisas corriam muito bem. Ele passou a banqueiro de bicho e ganhou dinheiro e fama apostando sempre no 410. Outras pessoas apostavam com ele e ganhavam também.

— Ele tinha, porém, a obrigação com os santos e todos os anos fazia um grande caruru de São Cosme para as crianças da redondeza. O resultado era que a sua casa nadava em dinheiro!

— Nesse meio tempo as filhas cresciam e iam à escola, onde aprenderam a se envergonhar do caruru: — Pai, essas coisas são só para pretos ignorantes! Agora somos gente boa! — O pai, para ser agradável, deu o caruru menos vezes, até que, por fim, deixou um ano de oferecê-lo. Então anunciou que não podia mais apostar no “bicho” da sorte. Os outros, na casa de bicho, continuaram, porém, como dantes; apostavam contra ele no seu próprio 410, ganhavam e ele tinha de pagar. Certa noite pagou, pagou, até falir. Voltou para casa sozinho; os outros, ante o seu desespero, foram atrás dele. Bom, encontraram-no morto. A própria família não sabia que ele ingerira veneno.

— Isso foi obra dos amáveis Meninos, meus amigos. Eles dão generosamente, quando se é bom para eles. E tiram, quando a gente se esquece deles. As filhas de Joãozinho tinham ficado muito orgulhosas, d. Ruth. Sabem disso lá na sua terra?

Eu raramente via a colônia norte-americana, principalmente por estar muito ocupada. A imensa população negra espalhava-se por toda a Bahia e as atividades do candomblé não cessavam. O esforço por compreender essa vida, através dos canais incertos de uma língua estrangeira, monopolizava minha atenção. Uma experiência semelhante com os índios americanos me ensinara ser de bom alvitre mergulhar inteiramente na vida deles por algum tempo, a fim de poder pensar e sentir como eles.

Passar da Bahia negra, ou de qualquer parte da Bahia de língua portuguesa, para a colônia norte-americana, era como saltar de um extremo para o outro. Por exemplo, soube que as senhoras norte-americanas, entre as quais as esposas do cônsul e do agente das máquinas Singer, me censuravam por andar na companhia de um homem de cor (a reputação que o distinguia era secundária). Isso foi um pouco mais longe no Rio: uma das minhas amigas brasileiras me contou, aflita, que o seu marido americano a proibira de me visitar, porque eu era *a nigger lover*. Decidi que não podia me desgastar ficando com raiva. Também a colônia norte-americana tinha medo do candomblé e difundia histórias terríveis de envenenamento, assassinios e orgias sexuais. Eu, que praticamente vivia nos templos e só encontrara homens e mulheres bem disciplinados, apenas podia levantar as mãos para os céus. Tentei explicar que na pior das hipóteses os padrões dos negros eram diferentes dos padrões norte-americanos; mas não era sensatez o que eles queriam.

E os baianos não gostavam dos meus compatriotas. Censuravam o comportamento das mulheres, que se vestiam sem cuidado e sem recato, bebiam muito e não só flertavam em público como falavam abertamente

dos seus casos sentimentais; censuravam os homens por beberem ainda mais e por se envolverem, às vezes, em escândalos com mulheres. Eram severos no julgamento por se terem desapontado, pois os norte-americanos que, na sua opinião, se comportavam pior, eram os que no início mais os tinham atraído com as suas feições juvenis e encantadoras e com os seus ares de estrelas de Hollywood. Os missionários escapavam a tais críticas, e até se mostravam simpáticos a elas, mas havia apenas um ou dois casais de missionários.

O meu contato regular com o mundo norte-americano era através do primeiro secretário do Consulado, um homem chamado Jorge. Ele cuidava da minha correspondência, um pormenor tremendamente importante para um americano em país estrangeiro. Mas a nossa amizade cresceu com os muitos e bons serviços que me prestou, de outro modo. Quando da minha chegada à Bahia, o cônsul generosamente sugeriu que o sr. Jorge me mostrasse a cidade, quando não estivesse sobrecarregado de serviço. Jorge o fez, de boa vontade, embora com a zelosa preocupação de uma tia solteirona.

Penso que a verdadeira natureza de Jorge era diferente, pois muitas vezes percebi certo brilho nos seus olhos, e baianos que o conheciam me disseram mais tarde que podia embebedar-se por ocasião do Carnaval como pouca gente. Possivelmente também em outras ocasiões. O próprio Jorge me disse que duas boas moças haviam desfeito o noivado com ele por causa das suas expansões no Carnaval. Ou, talvez, ele mesmo os tivesse desfeito, em vista de novas perspectivas que então se lhe abriam. Quando o encontrei, estava noivo outra vez. Um desses noivados que duram anos, presumivelmente por falta de dinheiro. Jorge não era bem remunerado pelo nosso governo.

Aproximava-se dos 40 anos, era um homem alto, esbelto, de cabelos vermelhos e ralos e grandes olhos castanhos numa pequena face clara e aquilina. Era extremamente asseado e elegante, com uma fragrância de água-de-colônia nas suas roupas de linho branco. Tinha de brasileiro apenas as mãos pequenas (delgadas e frias) e os pés pequenos — que admirava,

fazendo ver com tristeza que os meus pés eram provavelmente maiores do que os seus. Filho de mãe inglesa e pai brasileiro de origem alemã, parecia um desses retratos de ingleses dos séculos XVIII e XIX usando enorme gravata.

Embora não muito culto, Jorge falava perfeitamente o inglês americano que havia assimilado durante anos de serviço no consulado norte-americano. Não tinha nisso orgulho especial, seja por prezar muito a sua língua, seja por não ter imoderada estima pelos norte-americanos. Tinha o acentuado orgulho regional do latino que jamais deixou a sua cidade natal. Penso que se amedrontava ante a idéia de ir mesmo ao Rio, embora dissesse que este era um sonho a realizar na sua tantas vezes adiada lua-de-mel. Era um homem que fazia questão de ser honesto e permanecia pobre.

Jorge sabia que, tendo vindo para estudar a vida dos negros, eu desejava muitíssimo ver um candomblé. Isto foi antes que eu encontrasse Édison. Pedi-lhe que me acompanhasse. Ele se negou. A única vez que me negou alguma coisa. — Nem me fale nisso — disse-me, com calma e decisão, sacudindo um pouco a cabeça. — Detesto recusar-lhe algo, mas não vou. Isso é para gente ignorante, se me permite. Se alguma vez vir brancos por lá, não serão meros espectadores, acredite, mas crentes.

— Bem, e como é? — perguntei, um tanto exasperada.

— É superstição, magia negra. Dizem que matam gente e põem veneno na comida por dinheiro! Hipnotizam as suas vítimas. Você pode ver alguns dos objetos que usam no Instituto Histórico. A polícia apreendeu esse material em “batidas” nos templos. Não conheço muita coisa a respeito, mas, sei que é perigoso.

— O *Estado da Bahia* publica longos artigos sobre o assunto. Os negros estão sempre fazendo reuniões secretas, matando animais, dançando e batendo tambores no mato, na calada da noite... Nunca chegaremos a ser uma nação enquanto existirem os templos! Essa gente está por toda parte!

Onde quer que se vá sempre se encontra alguém que participa de candomblés, ou que acredita neles. Até a polícia acredita.

O local mais próximo dos candomblés a que me levou foi às casas de penhores.²⁶ Eram lojas grandes e impressionantes, onde se viam, entre outras coisas, magníficos ornamentos do tempo da escravidão. Tinham pertencido a sacerdotisas negras, umas libertas, outras escravas, compradas com dinheiro ganho dos vários modos permitidos pelos senhores. Havia pulseiras de três a quatro polegadas de largura, trabalhadas ou fundidas em ouro ou prata, e ornamentadas com medalhões de metal ou pedras preciosas, trazendo a efígie de alguma divindade africana. Algumas delas valiam uma pequena fortuna. Outro ornamento espetacular era de prata pesada e consistia de miniaturas de frutas, navios, casas, prataria — qualquer coisa que representasse valor;²⁷ usava-se preso ao cinto e era um amuleto do culto que trazia fertilidade e riqueza, acreditava o vendedor.

— Se quer saber mais — propôs Jorge — vamos visitar o padre Manuel Barbosa, vigário da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Está bem informado. As mulheres do candomblé visitam a igreja, e realizam cerimônias lá e na praça do mercado defronte... Ele é um radical. Encontra-se com os estudantes revolucionários e discursa para eles.

Entramos em contato com o padre, para quem eu tinha, também, cartas de apresentação. Encontrei-me com Jorge certa manhã, às 8h, no Consulado, na Cidade Baixa, e andamos alguns quarteirões até a igreja. Ficava na praia, branca e serena como um sonho de luz quente, parecendo distante das docas e dos armazéns com o seu cheiro acre de cacau e couro. Subimos os grandes degraus de mármore até a entrada lateral e depois penetramos no grande saguão, para ver o padre abençoar mulheres e crianças.

Era um homem baixo, quadrado, de meia idade, de tez vermelhaça, com feições miúdas; e, apesar do calor, usava uma batina de sarja preta.

²⁶ Prego ou macaco na linguagem popular. (Nota de É.C.).

²⁷ Balangandãs. (Nota de É.C.).

– Bom dia – disse eu, sem jeito, não sabendo como continuar.

– Venham para a sacristia – propôs energicamente o vigário. Levou-nos a uma sala de feitiço rombóide, de teto alto, fez-nos sentar junto à sua escrivaninha e depois disse, com calor e cortesia: – Então veio diretamente dos Estados Unidos!... Como eu gostaria de ver os meus amigos que lá estão!

– Aqui estão cartas deles – respondi.

Ele relanceou os olhos pelas cartas com um sorriso. – Então está interessada nos negros!... Vou lhe mostrar alguns documentos antigos desta igreja. – Puxou uma gaveta da enorme escrivaninha e dela extraiu um velho livro de assentamentos, de páginas compridas como as de um livro-caixa, que virava molhando o dedo, o olhar absorto. – Isso contém documentos que datam da construção do prédio, pouco depois de 1736. Aqui está – disse, empurrando para mim o livro – uma notícia datada de 1750: “Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Praia”. Já ouviu falar dela?

– Assemelha-se à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Rio?

– A mesma coisa – concordou. – Uma organização de ajuda mútua de negros livres, ligada à Igreja. Era apenas para homens. Estes documentos são cuidadosas anotações das mensalidades dos sócios e de auxílios por doença ou morte. As Irmandades agora estão mais fracas porque os negros desde a Abolição não têm tido grande renda.

Procurei dizer-lhe quanto me impressionavam o colorido e a continuidade da história da Bahia. Ele se animou com a declaração e afirmou: – É isso. O Brasil tem as suas glórias... Não quer ver a igreja agora, antes que eu vá atender a meus chamados?

Jorge, que vinha escutando pacientemente, ofereceu-se para mostrar-me a nave. Entramos os três na câmara fria, de altura imensa, onde uns poucos e vagos devotos erravam, fazendo reverências.

– Não há muito tempo, senhores e escravos oravam juntos – comentou o padre Barbosa – e o culto era mais fervoroso do que agora.

Ainda estávamos sob as influências místicas da Idade Média. Os fiéis tinham visões e ouviam vozes celestiais. Dançavam dentro da igreja, durante o Carnaval, e nem sempre estavam sóbrios quando o faziam. Imaginava-se que não estivessem na disposição de todos os dias – explicou, no seu modo vigoroso – mas fora de si mesmos. E às vezes penso que era melhor que se divertissem sob as vistas da Igreja do que longe dela.

– Ouvi dizer, padre, que se costumava fazer candomblé dentro da igreja.

– Sim – respondeu-me com naturalidade. – São católicos fervorosos, não esqueça.

Circulamos pela nave, acompanhando as paredes, enquanto o vigário, com vagar, salientava pormenores.

– Não há nada tão antigo no seu país, hein? – caçoou, satisfeito com a vantagem da sua terra.

– Duvido... Que santo é este, padre?

Era uma figura negróide vestida com um hábito de monge franciscano, uma tira de canhamoço rodeando-lhe a cabeça, um grande capuz caído nas espáduas, uma corda atada à cintura, sandálias nos pés nus, olhando ternamente o Menino Jesus agasalhado em seus braços.

– É São Benedito.

– Oh, um santo negro!

– Ele não era negro – disse o padre, enfaticamente. – Era bronzeado e nasceu na África do Norte. Um mouro. Foi pescador, rufião, bêbedo, ladrão, talvez assassino. Mas a sua alma foi salva e ele foi santificado.

– Ele me lembra São Domingos nos Estados Unidos e outros santos parecidos nas Antilhas.

– Muito provável. A senhora encontrará São Benedito em todas as igrejas brasileiras... Vamos arranjar tempo para visitar outras igrejas da Bahia.

A sugestão agradou a Jorge, embora não se interessasse pela religião, nem tivesse confiança em sacerdotes. Achava que as mulheres eram inevitavelmente influenciadas pelos sacerdotes e procurava impedir que a noiva se confessasse. Assim, quando deixamos o vigário, ele se prontificou a levar-me me às oitenta igrejas da vizinhança, essas grandes e ornamentadas edificações do tempo em que a Bahia era a rainha do Nordeste, capital do Vice-Reino, opulenta em açúcar, escravos e cavalos, deslumbrando os olhos de visitantes estrangeiros que fixaram o que viam em gravuras e escritos clássicos. Havia igrejas de diferentes ordens monásticas a alguns quarteirões umas das outras, bem como as casas das ordens, construídas por operários vindos de Portugal, empregando material importado da Europa. Eu não tinha grande entusiasmo por igrejas, estava muito mais interessada nas pessoas, mas concordei.

Viajamos de bonde ladeira abaixo e acima, por toda a esparramada cidade. Havia sempre música no ar: às cinco da manhã, bandos de pessoas iam cantando para o trabalho; às dez da noite, ouviam-se solitárias vozes de contralto de vendedoras ambulantes negras; nas horas quentes da tarde, os rádios berravam canções populares. Havia movimento contínuo nas ruas, especialmente numa zona antiga chamada Baixa do Sapateiro, distrito comercial da classe inferior, e no “comércio”, onde ficavam as bolsas de corretagem e as docas. Os pontos altos da cidade eram coroados por velhas igrejas e mosteiros, por novos arranha-céus e por belas casas de ricos fazendeiros e comerciantes. As partes mais baixas da cidade eram ocupadas por casas de cômodos e, nos subúrbios, por miseráveis choupanas de barro que alojavam a gente pobre — operários de fábricas, mascates, lavadeiras, estivadores e prostitutas. Quando o bonde alcançou a orla da floresta, correu ao longo de um talude, inclinando-se por causa da velocidade e da curva fechada, e nos vimos à beira de um abismo apavorante. Lá embaixo, entre árvores raquíticas, grama exuberante e tudo o que caía de cima, havia uma aldeia de casas de gravetos e barro dos pobres²⁸ — inteiramente à mercê das pesadas chuvas que faziam ruir

²⁸ Casas-de-sopapo. (Nota de É.C.).

as paredes das habitações, deslizar a terra da colina, cair torrões de barro em turbilhão. Estendida por cima do capim alto, que se dobrava elasticamente, vimos a roupa branca que as mulheres tinham acabado de ensaboar e deixado ao sol para corar.

Visitamos as igrejas imensamente ricas, simples e encantadoras na sua alvura exterior, enfeitadas de grades e cúspides trabalhadas e quase assustadoras nos seus altos e escuros interiores, com imagens de santos torturados em tamanho acima do natural. Lembro-me mais da igreja de São Francisco de Assis, construída em 1710, por ser o seu interior inteiramente pintado a ouro e por estar apenas a pequena distância da casa de Menininha na cidade.

Era impossível visitar a catedral e as igrejas mais populares sem passar pelos bairros mais pobres, e isto fazia Jorge sentir-se envergonhado. Não por causa da humilhante pobreza desamparada, mas porque eu, uma senhora, tinha de passar por ali. — A minha noiva nunca passará por aqui — observou, com um ar que sugeria que o mundo era um bem ordenado tabuleiro de xadrez, em que todos tinham um lugar certo. — Qualquer brasileira se envergonharia de andar por aqui! — Ele se apressou em acrescentar que com isso exprimia admiração, mas acho que dava livre curso à sua reprovação aos norte-americanos. Ele mesmo detestava passar por ali, pois um cavalheiro jamais faz esforço físico. Carregar até um embrulho leve está abaixo da sua posição social.

Em seguida, fomos de táxi a lugares difíceis. Sucedeu que, ao voltarmos à igreja do padre Barbosa, tivemos de descer de carro a ladeira de Nossa Senhora da Conceição, porque estava reservada àquelas infelizes mulheres da vida de mais baixa remuneração da Bahia. Nenhuma mulher pode descer aquela ladeira (exceto no Carnaval!) e poucos homens respeitáveis o fazem. As moradias são antigas, bem antigas, na verdade cavernas abertas no lado rochoso da colina. Vi mulheres à entrada, o corpo à mostra, os cabelos despenteados, dizendo palavras que, segundo me disseram, não se deviam repetir. Mais tarde, demos por engano num quarteirão melhor, onde as prostitutas cobravam muito mais e viviam em

graciosas casinhas, separadas por nacionalidades para conveniência dos fregueses. Uma mulher gritou para Jorge, com veemência: – É sua mulher?

– Claro que não! – replicou ele, indignado.

Eu jamais teria dado trabalho à polícia, se tivesse continuado a excursionar com Jorge; mas, por outro lado, nada saberia acerca dos negros, que eram os pobres e os ignorantes e, portanto, tabu para senhoras. Mas Jorge me tratava com muita gentileza, especialmente tendo-se em vista o fato de que reprovava todos os meus propósitos; e, quando me apresentou à sua noiva, uma linda morena, certifiquei-me de que confiava na minha respeitabilidade essencial.

Ele até me ajudou a escolher o quarto no hotel, o que deve tê-lo ferido muito, não somente por serem maldosas as conotações, como também porque podia permitir-se apenas morar numa pensão. Encontramo-nos menos vezes depois disso.

É impossível viver na Bahia sem uma lavadeira e por isso pedi ajuda à colônia norte-americana. Rose, senhora de um homem de negócios americano, era, na sua maneira despretensiosa, uma dona-de-casa eficiente e calculei que devia conhecer uma boa lavadeira. Fui visitá-la num domingo pela manhã.

Eu gostava dela porque era a única norte-americana sincera que conhecia lá. Sentia-se que achava bom viver. Era uma matrona suburbana típica de estado sulino, de uns 47 anos mais ou menos. Era extremamente bonita ao estilo clássico, com uma cabeça de Colúmbia num belo corpo esbelto. Usava os cabelos escuros arrumados em cachos no alto da cabeça e os seus olhos azuis-claros sempre se destacavam com os seus elegantes vestidos.

– Alô! – exclamou em voz rouca quando cheguei, sorrindo amavelmente. – Meu marido foi jogar golfe com um amigo, Tom, mas voltam mais tarde. Vamos sentar e conversar.

Falava sem parar, toda a colônia se queixava; mas não era maliciosa, embora informada de todos os mexericos. Naquela manhã disse-me que

o marido estava meio surdo, o que a obrigava a gritar, e que os dois estavam apaixonados. Só se haviam casado aos 40 anos, embora fossem primos e se conhecessem desde crianças, tendo vindo do mesmo estado. E, naturalmente, tinha uma lavadeira para mim, uma bonita cabrocha.

A campainha tocou e a esposa de Tom entrou na saleta sombria onde estávamos sentadas em duras cadeiras de madeira escura, do estilo que os brasileiros chamam de D. João VI. Ann era 15 anos mais moça do que Rose, tinha lindos cabelos ruivos, uma pele fresca e sardenta e feições regulares, mas, ao contrário de muita gente do Texas, não tinha vivacidade nem interesses. Cumprimentou-nos distraidamente e a nossa conversação foi bloqueada. Como soube mais tarde, Ann tinha um mórbido e consumidor ciúme do marido, um jovem homem de negócios de Oklahoma, irrequieto e enfadado, imaginando que as suas atenções eram para as mulheres das suas relações.

Por fim os dois maridos chegaram, bem-humorados devido ao golfe. Mas não havia o que conversar. Sim, um pouco de mexerico. Era acerca de uma jovem senhora leviana de quem todos eles pareciam gostar, referindo-se com admiração às suas aptidões para a língua portuguesa. Ela deveria estar presente naquele dia, mas, disse Tom animadamente, estava amuada com um insulto que lhe dirigira por brincadeira.

Quando nos separamos, Ann me convidou de modo casual: – Venha à nossa casa esta noite. Vamos dar uma festa.

– Vou buscá-la – propôs o marido.

– Ou mandaremos alguém buscá-la – ajuntou Ann. – Venha de vestido de noite.

Às 8 horas, Tom veio buscar-me no carro de um jovem estróina baiano, chamado Paulo. Era de família rica, de projeção na sociedade e o pai tinha importado o primeiro automóvel da Bahia (mais tarde vi a fotografia). Branco puro, descendente de recente linhagem francesa, era louco por norte-americanas, em especial pela jovem senhora de quem se

graciosas casinhas, separadas por nacionalidades para conveniência dos fregueses. Uma mulher gritou para Jorge, com veemência: — É sua mulher?

— Claro que não! — replicou ele, indignado.

Eu jamais teria dado trabalho à polícia, se tivesse continuado a excursionar com Jorge; mas, por outro lado, nada saberia acerca dos negros, que eram os pobres e os ignorantes e, portanto, tabu para senhoras. Mas Jorge me tratava com muita gentileza, especialmente tendo-se em vista o fato de que reprovava todos os meus propósitos; e, quando me apresentou à sua noiva, uma linda morena, certifiquei-me de que confiava na minha respeitabilidade essencial.

Ele até me ajudou a escolher o quarto no hotel, o que deve tê-lo ferido muito, não somente por serem maldosas as conotações, como também porque podia permitir-se apenas morar numa pensão. Encontramo-nos menos vezes depois disso.

É impossível viver na Bahia sem uma lavadeira e por isso pedi ajuda à colônia norte-americana. Rose, senhora de um homem de negócios americano, era, na sua maneira despreziosa, uma dona-de-casa eficiente e calculei que devia conhecer uma boa lavadeira. Fui visitá-la num domingo pela manhã.

Eu gostava dela porque era a única norte-americana sincera que conhecia lá. Sentia-se que achava bom viver. Era uma matrona suburbana típica de estado sulino, de uns 47 anos mais ou menos. Era extremamente bonita ao estilo clássico, com uma cabeça de Colúmbia num belo corpo esbelto. Usava os cabelos escuros arrumados em cachos no alto da cabeça e os seus olhos azuis-claros sempre se destacavam com os seus elegantes vestidos.

— Alô! — exclamou em voz rouca quando cheguei, sorrindo amavelmente. — Meu marido foi jogar golfe com um amigo, Tom, mas voltam mais tarde. Vamos sentar e conversar.

Falava sem parar, toda a colônia se queixava; mas não era maliciosa, embora informada de todos os mexericos. Naquela manhã disse-me que

o marido estava meio surdo, o que a obrigava a gritar, e que os dois estavam apaixonados. Só se haviam casado aos 40 anos, embora fossem primos e se conhecessem desde crianças, tendo vindo do mesmo estado. E, naturalmente, tinha uma lavadeira para mim, uma bonita cabrocha.

A campainha tocou e a esposa de Tom entrou na saleta sombria onde estávamos sentadas em duras cadeiras de madeira escura, do estilo que os brasileiros chamam de D. João VI. Ann era 15 anos mais moça do que Rose, tinha lindos cabelos ruivos, uma pele fresca e sardenta e feições regulares, mas, ao contrário de muita gente do Texas, não tinha vivacidade nem interesses. Cumprimentou-nos distraidamente e a nossa conversação foi bloqueada. Como soube mais tarde, Ann tinha um mórbido e consumidor ciúme do marido, um jovem homem de negócios de Oklahoma, irrequieto e enfadado, imaginando que as suas atenções eram para as mulheres das suas relações.

Por fim os dois maridos chegaram, bem-humorados devido ao golfe. Mas não havia o que conversar. Sim, um pouco de mexerico. Era acerca de uma jovem senhora leviana de quem todos eles pareciam gostar, referindo-se com admiração às suas aptidões para a língua portuguesa. Ela deveria estar presente naquele dia, mas, disse Tom animadamente, estava amuada com um insulto que lhe dirigira por brincadeira.

Quando nos separamos, Ann me convidou de modo casual: — Venha à nossa casa esta noite. Vamos dar uma festa.

— Vou buscá-la — propôs o marido.

— Ou mandaremos alguém buscá-la — ajuntou Ann. — Venha de vestido de noite.

Às 8 horas, Tom veio buscar-me no carro de um jovem estróina baiano, chamado Paulo. Era de família rica, de projeção na sociedade e o pai tinha importado o primeiro automóvel da Bahia (mais tarde vi a fotografia). Branco puro, descendente de recente linhagem francesa, era louco por norte-americanas, em especial pela jovem senhora de quem se

falara de manhã. Insistia em falar inglês, o que era desagradável para nós, pois, além de erros de gramática, tinha muito sotaque, balbuciava e gaguejava. Disse-me que pretendia visitar Nova York para a Feira Mundial e para negociar alguns contratos de engenharia. Imagino que ele não percebia a pouca importância dos americanos com quem andava, pois se inebriava, como se por champanha, com os convites que acreditava que arranjasse para ele nos Estados Unidos. Generoso ao extremo, colocava a sua pessoa, o seu carro e os seus recursos à disposição dos seus amigos ianques. O maior elogio que fazia aos seus amigos era quando dizia que “parecem artistas de cinema”. Os mexericos transformavam Paulo no amante perfeito e isto era a grande proeza dos seus 26 anos.

Paulo me pôs no assento traseiro do seu grande carro preto e arrancou, os pneus guinchando, por uma estrada que dava muitas voltas, até a casa de Tom. Esta era uma casa grande e branca e datava do tempo em que os fazendeiros se mudaram do interior para a cidade. Entramos em vastas salas, escassamente mobiliadas com peças vindas dos Estados Unidos. As luzes elétricas brilhavam e elegantes senhoras passeavam com os seus cavalheiros. Soube, depois, que aquele era o grupo alegre de americanos que, com os seus amigos ingleses e baianos, bebiam, jogavam cartas e flertavam muito.

Fui apresentada às pessoas que dançavam e depois alguém me tirou para dançar. As pessoas se olhavam com malícia, não guardavam segredo dos seus flertes e faziam gracejos pesados; saíam aos pares para salas distantes e voltavam rindo loucamente. Contudo, pareciam enfasiadas e fizeram com que eu me sentisse encabulada. Falavam sem cessar das suas ressacas, da mesmice bestial da terra, dos candomblés que as suas empregadas freqüentavam e que tinham alguma curiosidade de assistir.

— As mulheres, vocês compreendem, — disse um cavalheiro, com entonações significativas — dançam num frenesi, depois se metem nuas no mato para dançar um pouco mais. O doutor Rudel as viu de madrugada perto de casa.

— Ruth veio estudar essas coisas — interrompeu Tom, sorrindo.

Os outros olharam para mim. — Que interessante! — disseram as senhoras. — Precisa nos falar sobre isso. Gostaríamos de ir com você.

Então um inglês me tirou para dançar ao som de um disco que colocara na vitrola. Era um dos homens mais bonitos que eu já vira — pele queimada do sol, olhos cinzento-claros, cabelos cor de ferrugem corretamente penteados, uma bela figura, roupas bem talhadas. Tinha um humor malicioso. Assim que me levou de volta a uma cadeira, Rose veio falar-me dele. Jurou que não era feliz com a esposa. A mulher, disse ela, costumava buscar amores fora de casa, mas de repente sossegara para ter um filho nascido poucos meses antes. Olhei com curiosidade a mulher. Não era bonita e até mesmo tinha uma expressão um tanto grosseira, mas, quando mais tarde me convidou para jantar, achei-a agradável e o seu delicioso sotaque de Londres me encantou. Em casa, eram alegres e amistosos. Em festas pareciam cétricos e o desânimo flutuava como uma névoa sobre a sua elegante tagarelice. A mulher desejava outra vida, mas isso não parecia possível, porque o marido estava bem colocado numa grande empresa comercial inglesa. Obtivera promoções regulares, melhorando, embora devagar, de posto. A Bahia não parecia ter sido má para eles, mas disseram que agüentavam períodos de quatro anos, uns após outros, sem gozar férias, a fim de poder passar quatro meses na Inglaterra. Falavam como se se considerassem desarraigados e sem lar e transmitiam esse sentimento aos americanos.

Lembro uma atitude oposta, manifestada por um jovem inglês que encontrei mais ou menos nessa ocasião na Bahia. Tinha perto de 30 anos, era bem educado, inteligente, de boa aparência e trabalhava com um ordenado insignificante num banco inglês.

— Por que fica? — perguntei-lhe. — Se os seus parentes estão em Londres, por que não volta?

Do alto dos seus ossudos 1,90 metros ele sorriu para mim e, na sua voz profunda e suave, disse: — O mundo está superlotado. A Inglaterra tem pouco lugar para jovens ambiciosos. Precisamos nos dispersar pelas partes subdesenvolvidas do mundo.

— Mas na Bahia! — protestei. — Viver aqui durante anos, a 15 dólares por mês, perdendo a sua vitalidade, esquecendo o que aprendeu...!

Ouviu-me sorridente e suponho que já tinha pensado nisso tudo antes. — Nasci no Brasil — continuou. — Já é uma espécie de pátria e devemos ter paciência.

Outro casal interessante na festa era de brasileiros, mas ajustava-se bem ao ânimo tenso dos de língua inglesa. Rose também me falou deles. Na verdade, somente o marido nascera no Brasil. Tinha aparência dramática, era um nordestino alto e simpático e herdara alguns recursos. De meia idade, estudara em escolas missionárias metodistas do Brasil e num *college* metodista do Texas. Falava um inglês excelente e isso o ajudara a fazer uma carreira lucrativa como agente de várias firmas americanas.

A mulher, Sílvia, era um azougue. Não era bonita, com o seu corpo delgado, os seus saltados olhos castanhos num rosto comprido e trigueiro, mas era animada e sofisticada. De origem judaica, nascida em Paris, criada em Buenos Aires, num ambiente rico propiciado pelo florescente comércio de diamantes do pai, tinha muitas habilidades. Dançava, tocava piano, cantava, pilheriava e tudo isso fizera com que o marido se apaixonasse loucamente por ela, então com 18 anos. Casaram-se após um namoro rapidíssimo e agora, que ela estava com 34 anos e tinha um casal de filhos, o marido se tornara muito ciumento. Isto interessava vivamente à colônia norte-americana, embora esta se surpreendesse com a sinceridade dos sentimentos do marido de Sílvia.

Sílvia, com a sua mentalidade latina, aceitava o jogo. Disse-me mais tarde, no arejado conforto da sua casa branca de pedra à beira-mar, que vivia no constante temor das suspeitas do marido; somente na ausência dele cantava um pouco para si mesma e saía para um pequeno passeio. Mas notei algumas coisas naquela festa e em uma ou duas outras. Ela bebera um pouco de vinho e sentara-se ao grande piano, na sala cheia de gente ansiosa por se divertir, e tocou de tal maneira que todos os homens a cercaram movidos pelo desejo de cortejá-la. Somente o marido ficou de

lado. Sílvia disse-me que, após uma noite assim, ele deixava cair a máscara sorridente e gentil que usava para o mundo e esbravejava na intimidade do quarto de dormir. Ameaçava-a tantas vezes com o divórcio que isso já fazia parte do modo de falar dela. Sílvia diria — Oh, não posso velejar com você para a ilha ou encontrar-me com você para tomar chá, ou dar uma volta, ou fazer qualquer outra coisa fora de casa, embora adorasse fazê-lo! O meu marido se divorciaria de mim! — Dirigia a casa com eficiência e, ao mesmo tempo, sofria do coração e tinha enxaquecas, o que tranquilizava o marido. Uma esposa robusta não é encantadora e provavelmente não é fiel!

Quando contei a Édison essas coisas, ele se surpreendeu. Supunha que as pessoas do mundo norte-americano tinham tanto por que viver e eram tão “corajosos”! Algum tempo depois, um jornalista e uma distinta pintora de miniaturas em marfim chegaram à Bahia, vindos dos Estados Unidos, e ambos em pouco tempo decidiram, como eu, voltar as costas à colônia norte-americana e revigorar as forças com a vida exuberante dos negros.

Cheguei a conhecer muito bem Zezé, companheira de Manuel (Amor). Ela sempre se referia a si mesma como Zezé de Iansã, e não como sra. Silva, para demonstrar que “pertencia” à sua deusa e não a Manuel. Todas as sacerdotisas assim faziam e isso refletia a sua independência pessoal. Até hoje não posso lembrar os nomes de família nem mesmo das maiores mães, como Pulquéria, Maximiana, Flaviana e Menininha. O nome de família de Aninha é conhecido – Eugênia Ana Santos – porque os repórteres de jornal conseguiram descobri-lo; mas esse conhecimento reflete a importância que eles, e não ela, atribuíam a isso.

Zezé era uma rechonchuda criatura entre 25 e 30 anos. Édison a achava muito bonita e a sua opinião era a geral. Com certeza Zezé se acostumara a tais elogios, pois, quando às vezes me visitava no hotel e almoçava comigo no refeitório, olhava para todos os lados e me dizia com um ar enfadado de virtude ultrajada: – O chefe dos garçons está dando em cima de mim. Todos esses brancos também. Repare como ele vem para cá falar comigo. Eu podia fazer um bocado de dinheiro, se quisesse. Mas eu condescendi em viver com Amor.

E, de fato, o *maître* se chegava e, com exageradas reverências, lhe falava no seu português de alemão.

Tinha uma cor de café ralo, miúdas feições caucasianas e cabelos castanho-escuros em tranças ondedadas. Isso e mais os dentes de boa aparência e o corpo carnudo compunham a sua beleza. Era de um tipo tão estranho aos meus padrões que eu não podia formar juízo a respeito. Mas

costumava conjecturar a mistura de sangues que sugeria, especialmente porque a mãe e as irmãs pareciam ainda mais do tipo caucasiano, mas se diziam “índias”. Era a sua beleza “cabocla” que fazia com que se observasse que “condescendera” em viver com Amor, que, pobre coitado, era preto como couro de sapato. Na verdade, agira muito bem, o ordenado certo de Amor servia não somente a ela, mas também à mãe e às irmãs, quando necessário. Eu diria que fizera uma barganha difícil e estou certa de que sabia disso.

Gostava de dinheiro e foi assim que nossa associação começou. Amor nos convidara, a mim e a Édison, à sua casa perto do templo do Gantois e lá eu disse que gostaria de estudar sistematicamente os candomblés com uma sacerdotisa e que pagaria bem. Amor olhou para Zezé que, na sua maneira de “condescender”, se propôs para o trabalho. Explicou que tudo teria de ser feito em segredo, pois era contra as regras do candomblé dar informações a estranhos, e que eu deveria fazer crer a todo mundo que era apenas amizade o que havia entre nós. Assim, durante meses, fui várias vezes por semana à pequena casa de barro de Zezé – construída por Amor para aquela união – e conversei com ela sobre todas as coisas possíveis e imagináveis.

Ela era extremamente conscienciosa, mas enfadada; contudo, era tão inteligente que eu sempre aprendia muita coisa e tenho razões para acreditar na precisão das suas informações. Penso que a aparência de enfado provinha da sua culpa. Na verdade achava que não devia revelar assuntos do templo e tinha medo de Menininha. Por outro lado, Amor estava contente com a oportunidade de tirar alguma desforra de toda a confraria das sacerdotisas, especialmente porque aquilo se fazia sem direito conhecimento de Menininha e por dinheiro.

Comecei, então, a compreender o ressentimento de Amor quanto à carreira de Zezé. Faziam um ao outro ásperas reprimendas, ela fazia comentários acerca de mulheres que conhecíamos, homens viriam à casa caçoar, Édison diria às vezes coisas esclarecedoras – e em pouco tempo se armava uma história.

— A história era estranha e, embora tomasse corpo sob as minhas vistas, desenrolando-se durante toda a minha estada na Bahia, estive cega para ela durante muito tempo. Do ponto de vista de Amor, podia-se dizer que os cultos tinham por principal finalidade exhibir as mulheres no que tinham de melhor e mais excitante. Dançavam em público no palco mais espetacular de todo o Brasil e, quando possuídas por um deus, realmente começavam a dourar a pílula. Eram então ataviadas com dramáticas e ousadas vestimentas e dançavam e abraçavam e conversavam tão exuberantemente quanto queriam. Vinha gente de centenas de quilômetros em torno para ver os maravilhosos espetáculos apresentados durante a época das festas por templos como o Gantois e o Engenho Velho. Nada havia de comparável no Rio de Janeiro.

Por conseguinte, não faltavam admiradores às mulheres dos templos. De fato, como Zezé o dizia honestamente, era obrigação do homem olhar e admirar. Preto ou branco, pobre coitado ou aristocrata, dele se esperava que aplaudisse. Considerava-se natural que os homens dessem dinheiro para os sacerdócios.

— Ô gente! — exclamava Zezé, ante a minha obtusidade. — Não estou dizendo? É claro que dão! Ficam satisfeitos por dar. Sabem que os deuses os ajudarão. E era quase como se tivesse olhos na nuca o modo pelo qual se debruçava à espera de alguma reação de Amor, que se sentava ou cochilava detrás dela, do lado de fora, num frio bloco de cimento.

Édison disse-me que também se presumia que os homens tivessem relações sexuais com as mulheres dos templos. Evidentemente, Amor conhecia bastante esse aspecto das coisas, pois os estudantes da Faculdade de Medicina, onde trabalhava, várias vezes tinham tentado persuadi-lo a arranjar encontros. Eles achavam mais interessante estar com uma sacerdotisa do que com uma mulher comercializada num “castelo”,²⁹ porque a sacerdotisa era uma personalidade definida e, a seu modo, uma mulher “respeitável”. Havia sempre a possibilidade de que ela não aceitasse o

²⁹ Casa de tolerância. (Nota de É.C.).

amante, um risco que não se correria com uma prostituta. E era freqüente que não aceitasse dinheiro algum, embora o intermediário o recebesse. Édison disse que alguns templos faziam disso um costume, não tanto os mais convencionais e reputados, quanto os mais novos, que tinham sacerdotes masculinos. Esses sacerdotes usavam as suas sacerdotisas como chamariz, embora talvez as mulheres não estivessem côncias disso.

Essa facilidade de fazer o amor é habitual na Bahia e recusá-lo é considerado uma brutalidade e não uma virtude. Nem mesmo dos padres se espera que abram mão de mulheres,³⁰ nem isso diminui a autoridade do seu ofício.

— Ô gente! — dizia Zezé. — Um padre é um homem, não é? E um homem tem obrigação de fazer amor com todas as mulheres que encontre. Até a própria mãe. Cabe a ela rejeitá-lo, dizendo: Meu filho, não pode ser... Eu sou a sua mãe. Após algum tempo essa idéia deixou de me aterrar.

Os mais promissores entre os simpatizantes de cada templo eram feitos ogãs e chamados de “pai”. Muitas vezes me perguntei o que a palavra “pai” realmente significa para um preto baiano. Na maioria dos casos o templo é chefiado pela mãe, e nos sacerdócios do culto um “pai” é apenas uma espécie secundária de mãe. Ogã, em ioruba, segundo se diz, significa “amo e senhor”; mas, obviamente, isso não tem sentido no candomblé sob dominação feminina. A verdadeira afeição por um homem se revela quando a mulher o chama de “filho”, o que parece mais adequado à lógica da situação. Às vezes Zezé chamava Amor, que era quase duas vezes mais velho, de “filhinho”, e todos sabiam que então as coisas andavam bem.

O posto de ogã era oferecido a homens de dinheiro ou posição social. Édison era ogã de Aninha³¹ e, no momento, no Engenho Velho,

³⁰ “Não mandam (as mulheres) para o bispo”, diz-se na Bahia. (Nota de É.C.).

³¹ Eu era então disputado como ogã pelo Engenho Velho e pelos candomblés de Aninha e de Procópio, mas não me “confirmei” em nenhum. (Nota de É.C.).

uma simpática sacerdotisa o pressionava para que protegesse o seu Xangô. Assim como qualquer pessoa tem um anjo da guarda “na vida católica”, tem na cabeça um deus “na vida africana”; e o ogã é solicitado a ajudar uma sacerdotisa dedicada ao mesmo deus que reside na sua cabeça. O deus de Édison era Xangô e o de Amor um Xangô mais velho – ambos deuses do raio e do trovão. Uma família, a de Amor e Zezé, dedicada aos raios!

Quando um ogã ajuda uma sacerdotisa, ajuda-a a adquirir alimentos e material para o altar e para as festas do seu deus. É como se a sustentasse e ninguém se surpreende quando o ogã reivindica também os privilégios sexuais de um marido temporário. Imagina-se que isso não aconteça, contudo, durante o período sagrado das cerimônias, pois nessa ocasião, supõe-se, as mulheres estão frias e indiferentes a essas coisas; são, então, as “esposas dos deuses”. Evidentemente, Amor tinha pouca confiança na eficácia da proibição. Mas sempre me pareceu que as mulheres, nesse período, ficavam de tal maneira absorvidas pela possessão que se tornavam inacessíveis. E a aparência do estado chamado “esposa do deus” era levada literalmente até um rito “secreto” para trazer as mulheres de volta ao normal, lavando-lhes a boca e os órgãos sexuais com água fria. O deus não gostaria disso e deixaria por algum tempo a mulher em que residia.

Tem-se como certo que uma sacerdotisa “séria” está acima dos interesses do sexo; e as mães de renome se disciplinam nesse sentido. Mas a insistência dos homens e a própria natureza excitável delas subjagam as outras mulheres. Contudo, sabe-se de poucos casos sentimentais ou desesperados. Talvez porque a maioria dos homens tenha pouca coisa a oferecer às mulheres, talvez porque geralmente haja outro disponível, quando o antigo se revela uma decepção.

Para os homens o templo é um lar, um lugar de calma e de afeição com muitas mães que dão e recebem amor, que entretêm, alimentam e aconselham. Nas horas da noite e nos feriados é quase como um clube, onde todos os homens passam de volta do trabalho, trazendo cachaça, fumo e alguma coisa para comer. Muitas vezes trazem produtos de granja

de presente “para o deus”. Jogam uns com os outros e, embora se imagine que os templos ortodoxos não permitam que homens lá pernoitem, sempre podem sair pelo mato que cresce densamente à volta. No Gantois, o pai das filhas de Menininha e alguns outros ogãs de confiança tinham construído casinhas de um cômodo só onde se distraíam e dormiam, quando o desejavam. No verão tive ocasião de vê-los chegar e trocar de roupa, vestindo pijamas leves, e descansar sentados em cadeiras debaixo das árvores e, mais tarde, passear com as crianças. Podiam fazer o que quisessem, contanto que não violassem o templo e os votos temporários de castidade das sacerdotisas. Todavia, nas suas rudes censuras a Zezé, Amor sempre se mostrava cético. Isso a feria bastante; e, embora eu acredite que ela fosse leal, não me admiraria se isso lhe pusesse idéias na cabeça.

A maioria dos homens que vêm de visita é pobre demais para ter uma casa ou para se dar ao luxo de um entretenimento comercial. Raramente conhecem os pais e muitas vezes viveram nas ruas. São parasitas, e as mulheres negras é que garantem a sua estabilidade. E as mulheres têm tudo: os templos, a religião, os cargos sacerdotais, a criação e a manutenção dos filhos e oportunidades de se sustentarem a si mesmas pelo trabalho doméstico e coisas semelhantes. Se os templos não acolhessem os homens, eles seriam relegados permanentemente às ruas, onde se tornariam rufiões, como têm sido, há muito, no Rio de Janeiro. (No Rio, são chamados malandros; usam roupas velhas e esfarrapadas tão características que são quase um uniforme; e passam a vida em furtos e violências, quando não estão compondo canções). As mulheres não exprimem os seus receios de modo consciente, mas a sua compreensão se torna clara quando se mencionam os capoeiras – os lutadores de rua a quem detestam porque renegam o candomblé.

Certa sacerdotisa gostava de referir-se ao seu templo como uma associação”, uma “sociedade de auxílios mútuos”. Martiniano e Menininha muitas vezes usavam essa linguagem e Édison também dizia que a organização do candomblé oferecia a única segurança social válida para os pretos. Os homens o sabiam, dizia ele, e isso aumentava o respeito e

a amizade que tinham pelas mulheres do templo. Por contraste, o contato com prostitutas – únicas mulheres que tais homens podiam procurar – era inadequado, vazio de sentimentos pessoais, e muitas vezes difícil, pois os homens eram pobres e as prostitutas exigentes. Mas, se o homem, ou a mulher, era pobre, o grupo de culto procurava ajudá-lo. Tentava arranjar-lhe emprego ou apresentá-lo a alguém que pudesse ser útil ou, se estava em dificuldades com a polícia, o escondia sem fazer perguntas. Foi assim, na verdade, que Menininha encontrou o homem que se tornaria pai das suas filhas. O pobre do homem infringira a lei, embora fosse advogado, e se homiziou no Gantois até que a tempestade passasse. Ficou por lá tantos meses que se apegou a Menininha e embora, mais tarde, namorasse outras mulheres em outros templos, a mais profunda gratidão e lealdade eram para ela, que o havia socorrido. Legitimou as filhas, não obstante Menininha não concordar em casar com ele, e considerava o Gantois o seu lar, ainda que nem sempre a sua residência efetiva.

Menininha não se casou legalmente com ele pelas mesmas razões pelas quais as outras mães e sacerdotisas não se casavam. Teria perdido muito. De acordo com as leis do Brasil, país católico e latino, a esposa deve submeter-se inteiramente à autoridade do marido. Quão incompatível é isto com as crenças e a organização do candomblé! Quão inconcebível para a dominadora autoridade feminina! E tão poderosa é a tendência matriarcal, em que as mulheres se submetem apenas aos deuses, que os homens, como Amor e Martiniano e o consorte de Menininha, o dr. Álvaro, nada podem fazer além de enfurecer-se, censurar e brigar com as sacerdotisas que amam.

A maioria dos pretos, contudo, não pode enfrentar as despesas de um casamento legal, nem as responsabilidades de uma família. Felizmente a Igreja Católica batiza crianças nascidas fora dos laços do matrimônio e não contrapõe o nascimento à criança nem à sua mãe, assim como os templos.

Crianças e homens são bem-vindos para uma mulher do templo. São a sua família – e ela cuida deles com a mesma boa vontade com que

cuida do seu deus. Em troca, exige liberdade para si. A maioria das mulheres sonha com um amante que possa oferecer auxílio financeiro pelo menos até o ponto de aliviá-la da contínua preocupação econômica; mas não pensa em casamento legal. O casamento significa outro mundo, algo assim como ser branco. Dá prestígio, mas não necessariamente alegria de viver.

Embora as mulheres prezem a sua independência tornando-a tão encantadora que alguns homens cheguem a vestir-se de mulher a fim de entrar num sacerdócio, problemas de afeição e de família permanecem. Na ocasião esses problemas eram perturbadores no Gantois, porque a cara amiga e assistente de Menininha, Hilda, decidira ter um filho. Zezé me contou os acontecimentos de dia para dia, à medida que ocorriam. Ela estava muito interessada neles porque cristalizavam os problemas que qualquer jovem sacerdotisa de profissão devia enfrentar.

Hilda era mais antiga “no santo” e Zezé chamava-a “minha mãe”, pois Menininha tinha “feito” Hilda vinte e quatro anos antes, ao passo que Zezé tinha somente sete anos de “feita”. Hilda estava então com cerca de 30 anos, mais ou menos a idade de Zezé até onde vai esta espécie de cronologia, mas a graduação sacerdotal impedia amizade íntima. Contudo, Zezé sabia muita coisa dela.

Eu tinha visto Hilda no Gantois e reparara nela porque, entre as cinquentas e tantas mulheres gordas e fortes do templo, era a única magra. Devia ser muito nervosa, pois sempre se locomovia como se se atirasse contra alguma coisa, os olhos como que fixos sobre alguma preocupação íntima e a voz metálica embargada pela tensão. Era clara, quase branca na aparência, a não ser os cabelos crespos, e Zezé achava que ela poupava a sua beleza todos aqueles anos visando uma união proveitosa. E agora, aos 30 anos, deliberadamente engravidara de um homem que Menininha – sua mãe-de-santo e sua melhor amiga depois das suas irmãs – desprezava.

Zezé contou que Hilda estivera “louca” por um homem muito antes, quando tinha apenas 16 anos e negligenciara os seus deveres de sacerdotisa.

Encontrara-o, na verdade, no templo caboclo de mãe Germina e, para começar, como era uma filha ioruba, não deveria ter ido lá. Naqueles dias, Zezé e sua mãe costumavam frequentar o mesmo templo. As festas eram excitantes, embora se fosse lá tanto para arranjar novos amores como para presenciar o espetáculo. Zezé já era menina crescida, disse ela, e se lembrava de tudo.

Parece que Hilda viu de relance o jovem e o desejou. Nem antes, nem depois, desejara nenhum outro com a mesma paixão. Eram da mesma cor, mas ele era um aristocrata. A tez era amarelo-marfim e os cabelos crespos se acamavam em bonitas ondas compactas. Tinha os brandos olhos castanho-claros de que todos gostam, com pestanas espessas e sobranceiras arqueadas. Era alto e magro, de rosto fino, pés e mãos muito pequenos. Não era verdadeiramente bonito, mas extremamente atraente.

Não falara ainda com ele, mas inquirira das mulheres e soubera que estudava medicina, vinha de boa família e gostava de candomblé. Passava horas estudando os instrumentos e as canções dos ritos. Planejava-se fazer dele um ogã. Tinha 22 anos e chamava-se Diomedes.

Ela persuadiu a mãe a apresentá-los, mas o rapaz esteve distraído, embora se portasse de modo agradável. Dirigia-se-lhe polidamente como “senhorita” toda vez que a encontrava depois disso, por casualidade, e afinal ela disse para si mesma que o rapaz estava arredio por ter sabido que era donzela e querer evitar possíveis complicações com a polícia. (– Não quer dizer que a polícia se preocupe muito com gente assim! – interrompeu-se Zezé.) Ele se tornou uma obsessão para ela, que até pensou em se valer da magia de Martiniano.

Certa noite, no templo, a câmara das cerimônias estava repleta e quente. Da posição em que estava, do lado reservado às mulheres, ela viu Diomedes sair para a roça. Seguiu-o e, pegando-o desprevenido na escura noite abafada, disse bem junto ao ouvido dele (Zezé sempre sabia por menores interessantes e os relatava com a maior segurança): – Está quente lá dentro, não?

Surpreso, ele respondeu, com simpatia: – Boa noite, dona. Está, sim.

Andaram um pouco, falando dos tocadores de atabaque e da chegada dos deuses, quando, de repente, começou a chover. Correram para o estreito alpendre do templo, mas a chuva ainda os fustigava. — Vou abrir o meu xale — anunciou ela, com o ar de quem toma uma decisão, e o fez, passando-o à volta dos ombros dele e depois puxando-o à volta dos seus. O xale não dava para os dois, de modo que ela se encostava nele. Dali a pouco, ela se mexeu a fim de ficar de face para ele e logo se inclinou sobre o peito de Diomedes, cingindo-se com os braços dele e com o xale. Ele ficou quieto por um instante, talvez surpreso, e, depois, de músculos relaxados, pôs-se a acariciar-lhe brandamente os seios. Não se beijaram, mas ele encostava o rosto no dela. — Está chovendo muito — disse ele. — É capaz de demorar.

Na mesma posição, como se não o sentissem, continuaram a comentar os ritos daquela noite. Zezé, que em geral se mostrava realista ou indignada, contou a história com simpatia, e mesmo com inveja. Fiquei matutando se esta não lhe recordava alguma experiência pessoal.

Continuando a falar de Hilda, Zezé disse que o caso de amor começou naquela mesma noite e fez Hilda muito feliz, enquanto durou. Um casamento estava fora de cogitação, naturalmente, mas Hilda perguntou ao amante: — Não quer fazer a minha felicidade? — querendo dizer — não quer viver comigo? Mas ele respondeu: — Não, temos de seguir caminhos diferentes. O meu é um e o seu é outro. Você deve viver com outra pessoa. — Mas visitava-a quase todos os dias e lhe dava dinheiro, quando ela o pedia. Lá para o fim, passou quase dois meses na casa dela. Era no meio do mato, uma simples cabana de operário, mas ele apreciou a mudança de ares e estudou para os exames. Hilda ainda esperava prendê-lo, amando-o ternamente, e certa noite lhe disse: — Creio que estou grávida. Quem quer um menino sem pai?

— Ah, minha filha — respondeu ele, friamente — isso é problema seu.

No mês seguinte ela teve um aborto — porque estava fraca, explicou Zezé, penalizada — e se separaram. Mas Hilda foi atrás dele, e o importunou, até que caiu doente com apendicite. Levaram-na para o hospital; mas

certa noite, delirando, fugiu de camisola e caiu num jardim público. De madrugada alguém a encontrou e, como tivesse pronunciado o nome de Menininha, que a tinha “feito” quando tinha 5 anos de idade, levaram-na para o Gantois. Desde então ficara com Menininha, mantendo-se com costuras. A apendicite era apenas um castigo da sua deusa Oxum, a quem esquecera durante tantos anos, e desapareceu com o regresso ao templo.

Menininha foi boa com ela, como o era com todos os seus clientes. Talvez estivesse especialmente interessada no regresso de uma filha extraviada. Procurou ver em sonhos o futuro de Hilda e jogou preocupada os búzios sagrados, para saber que respostas continham. Por fim, pôde assegurar a Hilda que seria mais feliz agora, no templo a que pertencia, protegida contra ambições e ciúmes de outras pessoas, sob os cuidados da sua mãe, das suas colegas e da sua própria deusa, que tão imprudentemente negligenciara. Fez Hilda encontrar e dar comida a uma pedra-fetichê que representava Oxum, sua padroeira, e só podia permanecer no secreto quarto dos altares do templo com as outras pedras-fetichê. Quando as irmãs de Hilda caíram doentes, Menininha as curou também, até o ponto em que lhe pudessem pagar, e elas se tornaram noviças do seu renomado templo; quando juntaram bastante dinheiro, trabalhando como costureiras e lavadeiras, e ajudadas por parentes e amigos, completaram as curas, que eram, também, o treinamento sacerdotal delas. (Todos os clientes e noviças devem pagar adiantado, por ordem dos deuses). E assim toda a família de Hilda entrou para o templo e criou um novo mundo amigo para ela.

Agora Hilda estava grávida de novo. Zezé ouvira-a conversar várias vezes a respeito com Menininha, como a tinham ouvido outras sacerdotisas, porque não havia forro no templo e o som passava por cima das paredes. O homem era Rodolfo.³²

Rodolfo! Até eu me espantei ao saber. Eu jamais ouvira uma referência boa sobre ele. Contudo, era ogã do Gantois. Em tempos idos fora ogã, depois se transferira para outro templo e agora estava de volta.

³² ...Manuel da Costa. (Nota de É.C.).

Até o seu amigo, dr. Álvaro, consorte de Menininha, zombava da sua inconstância e deslealdade: — Um templo não é como uma mulher — dizia a Rodolfo, chamando-o de “esposa” para depreciar a sua masculinidade. — Você não pode deixá-lo por outro e depois voltar. O pessoal não acredita mais em você. — Mas parece que acreditava, por causa da mãezinha Hilda.

Rodolfo era vivaz e bem-apegoado. Nada se via do seu sangue negro, mas somente do branco e do índio. Tinha um fino nariz aquilino, linhas bem marcadas nos olhos e no rosto de pele cor de cobre claro. Os poucos cabelos brancos estavam sempre penteados e jamais dava a impressão de precisar barbear-se, como Álvaro. Usava ternos de panamá creme ou de linho, sapatos brancos, chapéu; somente quando o palheta modificava a alta abóbada que a natureza lhe dera se via como era estúpida e má a sua cara. E no seu mundo as mulheres o queriam porque era meigo e atencioso, era bonito e de tez clara e ganhava bem como mestre-de-obras. Mas passava dos 60 anos — muito velho pelos padrões baianos! E na sua longa vida dera à Bahia grande número de filhos escuros, todos de mães diversas, contudo reconhecíveis como seus. Tinha uma esposa idosa, ao que se dizia, mas jamais alguém a vira. Eu costumava imaginar se ela também o amava e se orgulhava dele.

O amigo de Zezé, Amor, agora o odiava porque recentemente trouxera ao Gantois um empregado seu, um português alto e audacioso que evidentemente estava interessado pelas mulheres e pela vida social e, portanto, desejava tornar-se um ogã. Após uma cerimônia, dirigira-se a Amor, que cuidava dos atabaques — Zezé estava encantada com o caso, embora se fingisse insultada — e perguntara: — Conhece aquela gordota bonitinha de Iansã?

— Sim?

— Eu preciso vê-la, seu Manuel! Nem quero saber as condições. Estou louco por ela... Preciso vê-la...

Amor resmungou qualquer coisa. Alguns dias depois, quando os dois homens estavam trocando pernas, na sala das cerimônias, Zezé entrou

para prestar reverência a Menininha e aos deuses. Amor virou-se para o português: — É essa a morena, não é?

— É, seu Manuel, e lhe agradeço se nos apresentar.

— É minha mulher, mas você pode falar com ela! — Amor estava furioso por ter o outro alimentado idéias a respeito da sua mulher. E, quando Zezé passou, Amor a chamou e repetiu para o português: — É essa, não é?... Zezé, esse cavalheiro quer falar com você.

— Comigo? Mas ele nem me conhece! Eu não sou ninguém...

— Ele a admira — disse Amor com uma alegria sinistra.

O branco então falou por si: — Você devia estar dormindo quando pegou esse sujeito — começou, querendo dizer que ela podia ter arranjado coisa melhor do que um preto. — Os seus olhos deviam estar fechados...

— Não, estavam bem abertos — respondeu Zezé, semilisonjeada, voltando-se para deixá-los.

Exatamente nesse momento entrou um outro ogã branco, um jovem empregado na cidade, que as mulheres consideravam bonito por causa da sua pele alva, do seu nariz bem feito e dos seus bastos cabelos ondedados, e Amor achou que já era demais. Acompanhou Zezé até em casa e se tornou tão violento que ela pensara em deixá-lo. E ele ligou o episódio a Rodolfo.

Menininha também parecia estar aborrecida com Hilda. Esta cosia camisolas para a criança que esperava, enfeitando-as com o paciente trabalho de agulha chamado barafunda. Puxava fio por fio de fazenda de algodão para fazer a barafunda, depois os costurava juntos, com linha de bordar, para obter um desenho florido.

— Minha filha — disse-lhe Menininha — você está mais pálida do que nunca. Vá se deitar. Pode coser mais tarde. O menino já tem 22 camisolinhas.

— Talvez eu tenha feito camisolas demais — concordou Hilda, segundo a onisciente Zezé — e eu estou doente porque os deuses estão com inveja.

O pai não está nada de acordo, e é por isso que não me dá dinheiro para a comida... Mas Rodolfo é realmente muito bom para mim acrescentou depressa, vendo o rosto da sua amiga tornar-se duro. Sei que a senhora o acha velho demais para mim, mas ele é forte e tem traços tão bonitos! Parece um branco... Eu não posso aceitar um preto... a senhora sabe que eu tenho sangue de qualidade. Quem melhor do que ele eu poderia encontrar no nosso mundo do candomblé? Como eles zombam de nós, minha mãe! Eu sei que Rodolfo é louco por mulher, mas é um homem de verdade apesar dos seus 64 anos...

— Sessenta e sete — interrompeu Menininha, calmamente. — Tem uma mulher velha; tem 43 filhos pelas contas dele; conhece todas as mulheres da rua, e não gosto do jeito com que Álvaro fala dele.

— É verdade, minha mãe, mas ainda sou moça. Eu quero filhos. Não estou me queixando da sorte; todo mundo tem a sua, e é difícil me contentar. E eu gosto de Rodolfo. Ele sustenta os filhos... e faz filhos muito bonitos.

— Eu já deixei de criticá-lo e, por sua causa, o aceitei de volta ao nosso templo, embora eu ache que ele não merece confiança alguma. Não desejo ralhar à toa, mas joguei os búzios e eles anunciaram infelicidade para você, não se lembra? Mas compreendo os seus sentimentos. Eu também já fui moça. Pelo menos, Álvaro não tem outros filhos nem outra mulher.

— Minha filha — suspirou Menininha — devemos nos dedicar apenas ao serviço dos deuses. Mas somos ambas muito moças para isso; mesmo eu. Os velhos africanos sempre diziam que uma sacerdotisa deve ser tão velha que não possa mais lembrar as paixões da juventude. Bom, as coisas estão mudando, degenerando, não há mulheres idosas aptas para o nosso trabalho. E em breve não haverá nem mesmo jovens aptas. Devo submeter as minhas filhas à nossa dura disciplina e responsabilidade? Álvaro e eu brigamos sobre isso agora. Ele diz que elas têm sangue branco demais, da parte dele. Olhe o que aconteceu com Totônia no Engenho Velho, diz ele. Ele quer que Cleusa seja dentista e Carmem

professora. Temos de decidir porque elas já estão crescidas, uma com 13, outra com 10 anos. Imagine se elas se casam! Olhou assustada para Hilda.

— Minha mãe... — Hilda deixou cair, nervosa, o trabalho.

— Não se preocupe, Oxum — Menininha chamou-a afetuosamente pelo nome da sua deusa. — Não se preocupe. Talvez eu fale sobre isso com Martiniano. Mas esta é a espécie de preocupação que você terá de enfrentar se tiver filhas. Você e Rodolfo vão ter filhos todos brancos.

— Se Deus quiser... — murmurou Hilda tristemente, enxugando os olhos.

— Mas fique certa de que tomaremos conta da criança — assegurou Menininha, afetuosamente. — Eu mesma vejo a que deus ela pertence e que sacrifícios devemos oferecer. Talvez se torne sacerdotisa ainda pequenina! — sugeriu, animadamente. — Arranjaremos um bom padrinho e lhe daremos um bonito nome.

— Se Deus quiser. — Hilda agradeceu-lhe. — A senhora é muito boa para mim, minha mãe. — Beijou a mão de Menininha e deixou cair uma lágrima de alívio.

— Oxum — disse Menininha, levantando-se e acariciando-a, ao sair para outros afazeres.

16

Havia três camareiras no meu andar do hotel, três das mais encantadoras mulheres que jamais conheci, três das mais pobres, mais desamparadas e mais atenciosas. Estavam muito curiosas a meu respeito, pois esse é o instinto maternal das mulheres baianas, e se admiravam de que eu vivesse sozinha, sem homem, rica e sadia como era. Não eram abelhudas, apenas chilreavam pelo quarto, que conservavam imaculado, e inquiriam alegre e cordialmente, repousantes como uma colcha numa fresca noite de verão.

Uma delas era Pureza Gomes. Lembro-me primeiro dela porque, apesar de toda a sua simpatia, se apagava inteiramente e, embora fosse mulata, se parecia e agia como a governanta que minha mãe trouxera da Alemanha para me criar. Berta me dera o primeiro exemplo de bondade e simpatia feminina (morreu ariana antinazista) e Pureza ajustava-se a ele.

Outra era Francine, um tipo “francês” de cabelos louros descolorados e olhos castanho-escuros que, de tão delgada e pintada, parecia uma prostituta, mas era boa e gentil como uma santa. Tinha um marido que vivia do pequeno ordenado dela e uma filhinha cuja vigorosa saúde era a sua alegria e cuja simples existência era uma constante surpresa que lhe fazia brotar lágrimas nos olhos.

A terceira era Augusta, mulata clara de cabelos ondedos e um gênio bom e expansivo. Mais moça do que as outras, tinha cerca de 30 anos, era magra como Francine e matronal como Pureza. Sendo ainda solteira, tinha mais tempo para conversar e, quando soube que eu estava interessada no candomblé, ficou satisfeita.

— Eu moro perto de d. Sabina — disse, com um sorriso infantil que mostrou dentes quebrados e falhas nos maxilares, mas se estendeu até os grandes olhos pretos — e freqüento o candomblé dela. As festas são lindas, são sempre as mais bonitas que há... Ela tem grandes poderes. Consegue tudo o que quer. Dizem que se transforma num morcego de noite e voa pelo campo. Dizem que às vezes vira um gato preto e geralmente leva uma sacerdotisa, Antônia, creio eu... Apesar disso, age bem com todos.

Daí, Augusta contou a Pureza, que contou a Francine, que contou a Eulália que trabalhava na lavanderia. Em breve todas as empregadas do hotel ficaram sabendo do meu interesse e as três camareiras vinham contar-me as novidades sempre que tinham um minuto de folga. Pureza nunca fora a um templo, pois se criara numa isolada cidade do interior e, depois de chegar à Bahia, estivera sempre ocupada demais em atender ao marido, amásio, naturalmente; mas desejava muito ir. Ouvira coisas desagradáveis sobre os candomblés, mas achava difícil acreditar nelas porque as sacerdotisas que conhecia, como Eulália do nosso hotel, eram muito boas mulheres. Escutava com interesse Francine, que era branca, contar-lhe que sempre ia a certa mãe aconselhar-se e informar-se sobre o futuro, uma mãe que morava bem no centro da cidade e cobrava preços razoáveis. Certa vez Eulália veio, encabulada, à minha porta, ao fim do seu dia de trabalho, vestida de “baiana”, e me disse que teria prazer em me acompanhar à próxima função no Engenho Velho, ao qual pertencia a sua filha, e em carregar os meus cadernos de notas e a minha câmara fotográfica. Levou-me, de fato, a várias cerimônias, taciturna e digna, respondendo, enquanto andávamos para pegar o bonde, os cumprimentos de comerciantes e profissionais liberais que, dizia, reconheciam a força do candomblé e, portanto, eram corteses com ela e com todas as “baianas”, e recusando-se a permitir que eu lhe pagasse a passagem.

Assim aconteceu que Augusta nos disse que Sabina estava preparando a festa da Mãe-d’Água. Eulália, no seu jeito firme e sem palavras, não queria saber dessa história, porque a gente ioruba considerava Sabina impostora, blasfema e vulgar. Pureza ouvia com a admiração boquiaberta de uma criança, de pé junto de nós, o rosto descansando no punho. Francine

estava encantada, soltando pequenas exclamações de prazer, planejando arranjar alguém que levasse a filhinha para ver. — Que lindas roupas! — disse. — Tal-e-qual no cinema! Adoro roupas de seda. E a senhora, d. Ruth? Pureza deu uma gargalhada e elas se dispersaram.

Lembrei-me de Édison e combinamos ir. — Mas que há contra ela? — perguntei.

— Bom — disse ele. — Ela praticamente não tem treinamento algum, do ponto de vista ortodoxo. O noviciado, sozinho, deve durar sete anos, depois que se entra no sacerdócio. Ninguém sabe ao certo de onde ela veio e vive numa terrível disputa com mãe Constância, que lidera a tradição cabocla a que Sabina diz pertencer.

— Cabocla?

— É um novo tipo de prática, que invoca espíritos de índios juntamente com os deuses africanos e os santos católicos. São templos que admitem homens no sacerdócio e em geral têm uma disciplina frouxa. Mas Constância tem uma sólida reputação porque foi treinada na ortodoxia ioruba antes de romper com ela e sabe perfeitamente o que faz. A mesma coisa acontecia com mãe Silvana, que se tornou famosa em predizer o futuro e tinha clientes até no Rio. Mas Sabina tem os seus adeptos.

Menininha nem gostava de ouvir pronunciar o nome de Sabina.

— “Aquele” se desenvolveu por conta própria. Nem santo nem mãe a fez. “Sabina do Vinho”! Agarra-se a qualquer coisa para não cair! E deixa que homens “caiam no santo”! Ela quer homens em volta! Quer dinheiro, também, não se interessa em ajudar os outros! O escárnio de Menininha era arrasador, mas tenho certeza de que as duas mulheres jamais se tinham encontrado.

Certa vez, ao passar pela avenida Sete de Setembro, na Cidade Alta, Édison me mostrou Sabina. — Lá vai uma mãe — e os velhos africanos vão se virar na sepultura para vê-la. — Ele olhava para uma mulher moça, com um elegante vestido branco e bem talhado, turbante branco e sandálias de couro branco; estava maquilada, os cabelos pretos espichados e

arrumados em “castanha”; conversava numa animação juvenil com o homem a quem dava o braço. O rosto voluntarioso lembrava o de um índio.

— Por quê? — perguntei. Édison sorriu.

— Bom, olhe para ela. Diriam, em primeiro lugar, que passa ferro nos cabelos. Nenhum santo de verdade desce numa cabeça que tenha sido tocada pelo calor. Depois, tem jeito de branca. Não lhe parece limpa, brilhante e moderna, como saída de uma fábrica? Como pode alguém saber que é mãe? Olhe que linhas esbeltas! — Estava divertido e talvez um pouco insultado. — A mulher africana deve ser gorducha, deve parecer acolhedora, como quem carrega crianças e gosta de homens. É por isso que é mãe! Mas Sabina... Bom, eles achariam que era fútil e doidivanas!

Voltamos a vê-la naquela tarde, desta vez na Cidade Baixa, perto do grande mercado. Havia mudado de roupa. Usava agora um vestido bem talhado, azul-claro, com um elegante solidéu e sandálias de couro azul. Édison abordou-a.

— D. Sabina — chamou, fazendo uma ligeira reverência.

Ela pareceu confusa e respondeu um pouco acanhada: — Doutor!

— Ouvimos falar acerca da sua famosa festa da Mãe-d'Água — disse ele, adulator — e gostaríamos de saber se nos concederá o privilégio de assisti-la. Depois apresentou-me.

Um brilho astuto lhe veio aos olhos. — Sim, sim, será muita honra para mim a companhia de vosmecês — disse ela, sorrindo afavelmente. — Começa no domingo às 8 horas da manhã no meu terreito e... — virou-se interrogativamente para Édison — espero que tenhamos uma notícia no jornal.

— Decerto — assegurou ele.

— Ótimo! A senhora não acha que eu pareça mãe, não é? — Com um riso alegre, fez uma pirueta coquete para mostrar o corpo. — Fui agora à delegacia tratar da licença do meu candomblé e o delegado me disse,

como um verdadeiro cavalheiro: — Bom, vá lá! Você não me parece mãe!
— Ela imitou a voz e as maneiras dele e riu outra vez.

— Mas naturalmente que é — disse Édison. — Quem a “fez”, dona?

— Ninguém. — O tom era cauteloso. — O senhor sabe que nós, as mães caboclas, não somos tocadas por mão humana. Quem me “fez” foi o espírito de um índio que veio a mim em sonho. Ele morreu há centenas de anos e é o meu anjo da guarda.

O assunto era melindroso e nos despedimos.

Bem cedo, no domingo seguinte, um magnífico dia de setembro, Augusta nos indicou o caminho do templo. Era também a casa de Sabina e ficava por trás dos quintais do distrito residencial da Barra,³³ construído na encantadora linha da praia por negociantes estrangeiros. Vencemos ruelas enlameadas e sinuosas e de repente vimos, de frente para o mar, a nova construção branca de barro e estuque, trepada numa íngreme colina.

— É ali — disse Augusta, detendo-se para olhá-la com admiração. Dois meninos gordos e nus, sobrinhos dela, vieram, correndo e tropeçando, atirar-se nos seus braços. — Aquela vaca é de d. Sabina — continuou Augusta, sossegadamente.

No sopé da colina, à procura de capim na planície limpa, estava a bela vaca branca, bem tratada, que existia apenas para fornecer leite à mãe. Subimos a colina pelos degraus cortados no barro e vimos um quintal cheio de roupa lavada.

— Ela é conhecida por essas coisas — observou Édison, fazendo um aceno de cabeça para a roupa lavada. — Sempre asseada, e mesmo com luxo. E bateu à porta.

Uma pretinha a abriu e, vendo-nos, gritou para dentro: — Chegaram!

— Para nós, acrescentou: — Esperem um pouquinho, estejam à vontade.

³³ Nas Quintas da Barra. (Nota de É.C.).

Ela nos levou por um apertado corredor até uma sala de visitas na frente da casa. Estava fresca, com o ar confinado havia muito pelas janelas venezianas fechadas, e tinha a limpeza imaculada de uma sala não usada. As paredes tinham sido pintadas recentemente de verde-pálido e cor-de-rosa. Os móveis eram do mesmo estilo dos de Felipe Néri e hesitei em sentar numa cadeira, com medo que se quebrasse. Percebendo-o, a menina apontou-me um sofá, depois sentou numa cadeira defrente e ficou nos olhando. Era uma bonita menina da roça e sorria toda vez que os nossos olhos se encontravam.

Dois homens chegaram para retirar os móveis que entulhavam a pequena sala; mas deixaram no centro uma mesa grande com os presentes destinados à deusa Janaína. Sabina disse depois que os presentes tinham estado em exposição em diferentes pontos da casa, durante mais de uma semana; reunidos na sala, pareciam um mostruário. Chegava gente para a cerimônia e cada visitante, ao entrar, contribuía com alguma coisa. Édison me disse que eu também o devia fazer e lá depusitei algumas moedas, depois recolhidas por meninos pela janela, e rabisquei um bilhete, como o faziam os outros, pedindo a Janaína sucesso e felicidade. Édison gostou e sorriu, embora ele mesmo não o fizesse.

As visitas andavam em volta da mesa e examinavam a imagem da deusa plantada num grande barco de papelão prateado, com duas velas, e com as vigias das cabines recortadas no casco. Um boneco vestido à marinheira estava de pé à proa, no leme, e outro na popa, junto ao cordame. O grande corpo da deusa, com uma lira descansando num dos braços, dominava tudo. Era uma boneca de louça cor-de-rosa, de feições brancas, de formas robustas, peitos fartos e rabo de peixe. Tinha cabelos castanhos e lisos que lhe caíam pelas costas, cuidadosamente penteados e presos com uma tiara de diamantes de fantasia; entre os grandes seios via-se um colar de brilhantes verdes; a figura tinha uma aparência voluptuosa. Duas bonecas menores, parecidas com ela, estavam inclinadas sobre a amurada, uma de cada lado, fazendo o papel de acompanhantes. Havia pequenas Janaínas de celulóide com harpas, de pé sobre a mesa, à volta do barco, em suportes de madeira enfeitados de papel florido. O barco vogava num

mar de sabonetes, sais de banho, estojos de pó, pentes incrustados de pedras, pó-de-arroz e bastões de carmim, o conjunto completo dos presentes femininos apreciados pelas seguidoras de Sabina. Havia pequenos e rombóides cartões de felicitações, com inscrições douradas – “Profundo respeito à princesa Janaína” – e cada cartão era datado e assinado por um ou outro dos fiéis. Depois Sabina pôs uma carta no grande navio prateado, em que prestava homenagem à “mais rica princesa do mundo” e pedia bênçãos para o seu templo, Bom Jesus da Lapa.

As sacerdotisas já estavam vestidas para a sua peregrinação no mar. Ostentavam versões em seda do gracioso estilo das “baianas”, exibindo as cores emblemáticas da deusa do dia, azul-celeste e branco. O vestido de Sabina era mais trabalhado do que os das outras. Era inteiramente de cetim branco da melhor qualidade e do ombro direito descia uma faixa de lindo *moiré* azul-claro. Como as outras, usava um comprido colar de contas brancas, emblemáticas do grande deus Oxalá, identificado com Jesus, padroeiro do templo de Sabina. Os homens do templo – sacerdotes masculinos, chamados “filhos”, tocadores de atabaque e ogãs – usavam roupas brancas e pequenos gorros azuis de marinheiro. Duas meninas de 6 anos, que gritaram os seus nomes como sendo Sidônia e Maria, e um garoto da mesma idade chamado Dunga também estavam vestidos para a cerimônia. As meninas vestiam-se de branco, com flores no cabelo, como noivinhas descalças. O menino trazia uma roupa de veludo verde e vermelho que Édison julgou mais apropriada para o Carnaval, como a do rei do Congo com o seu séquito. De fato, um dos tocadores de atabaque espantou o menino, gritando-lhe de repente pelas costas, “Salve o rei!”, e os outros tocadores, como se o tivessem ensaiado, tiraram com os dedos um som prolongado no grande tambor que rodeavam, repetindo alto: “El-rei!”. A mãe de Dunga, de vestido azul e branco, acorreu, protetora, ajeitando-lhe as roupas, arrumando-lhe a cabeleira, endireitando-lhe o diadema. Eu estava encantada naquela colina batida pelo vento.

À espera do sinal de partida, todos conversavam, fazendo previsões sobre o dia, imaginando qual seria a disposição de d. Janaína, preparando-se para uma boa festa, rindo, cantarolando, batendo nos atabaques. As

pessoas traziam, pendurados ao pescoço, amuletos, cruces, um signo-de-Salomão prateado e, sempre, uma figa. As figas são sempre usadas na parte posterior do pescoço, pois, de frente, todos têm olhos contra o perigo.

Um rapaz que carregava um pequeno tambor africano começou a tirar uma canção ritual, pedindo licença ao mar para começar a cerimônia. Pôs-se de pé à beira da colina, fitando o mar. Acelerando a cadência clamou com ressonante voz de barítono “Marchemos para as ondas!”, enquanto as vozes agudas das sacerdotisas respondiam em bonito coro. Um homem branco do interior, cunhado e principal assistente de Sabina, soltou duas salvas de foguetões. Com isto as rampas vizinhas se escureceram de gente que se comprimia para ver, abandonando almoço e trabalho.

A procissão desceu o precipitado declive, os atabaques à frente, Sabina no meio das suas filhas, os ogãs dos lados e à retaguarda para manter a ordem; enquanto Édison e eu íamos atrás de todos e as crianças dançavam para cá e para lá. Todos estavam descalços, exceto Sabina, que tinha chinelas brancas de salto francês e enfeites de pêlo como sinal da sua posição. Era a única mulher que não levava flores. Algumas filhas levavam à cabeça cântaros dourados ou prateados, com buquês de flores. Uma das filhas chamava a atenção porque trazia as roupas cor de ouro da deusa Oxum, que mora nas camadas superiores do mar, e já estava em transe, contorcendo-se tão violentamente que um ogã teve de livrá-la do cântaro.

A procissão serpeou ao longo do estreito caminho de barro vermelho que atravessa o arrabalde pobre e finalmente atingimos as ruas largas e movimentadas que levavam diretamente à enseada onde saveiros aguardavam para conduzir-nos através da baía de Todos-os-Santos. O céu estava azul, o vento soprava forte sobre a água. “Formosa filha da África... Bahia de Iemanjá... Trechos do poema voltavam-me à memória. Várias sacerdotisas levavam o navio de brinquedo e os presentes que deviam ser jogados à água para a deusa, outras carregavam cântaros, graciosos como ânforas gregas, cheios de água sagrada que devia ser derramada sobre a

deusa no auge do sacrifício. Cantavam-se hinos acariciantes para a linda e rica Oxum, para a mais velha e voluptuosa Iemanjá, e confundiam-nas, ambas, com Janaína:

Oxum, Oxum
é uma beleza.
Oxum, Oxum
é uma grandeza.

Em êxtase, Kaum, o tambor-chefe, gritou:

Eh, a sereia!
A sereia brincá na areia!
Sereia do mar levantou,
Sereia do mar qué brincá!
Iemanjá vem,
vem do mar.³⁴

Estamos na Idade Média, pensei, considerando a procissão, a baía, os saveiros desfraldando os estandartes dos deuses, a multidão guardada por policiais que observavam a cerimônia e esqueciam o comércio e a indústria.

Como se o tivesse ouvido, Édison comentou: — Isso também me tira o fôlego. Mas é o século XX no Brasil, na Bahia. É o mesmo universo em que vivem Hitler, Franco e Mussolini. Contudo, estamos numa terra de ouro, segundo os nossos amigos pretos, o país dos escravos e do candomblé. — Ele riu sem graça. — Olhe como essa gente acredita! É de partir o coração. Tudo isso significa muitíssimo para eles e tudo que se lhes falar de guerra e de questões operárias não passará de palavras vãs, tão distantes para eles quanto essas coisas o são para você. Bom, talvez sejam o único povo feliz que resta no mundo. — Não havia contentamento no seu tom de voz.

³⁴ Estes cânticos, e alguns dos seguintes, constam dos livros de Édison Carneiro, *Religiões negras*, 1936, e *Negros bantos*, 1937. [Nota da autora].

A polícia abriu caminho para que a procissão sacerdotal alcançasse a praia. Três remadores mulatos, baixos e truncudos tomaram pé e se aproximaram. Com as calças de algodão branco arregaçadas até acima dos joelhos, carregaram para os saveiros, com água até o peito, as 65 celebrantes. Depositaram Sabina e os seus íntimos no saveiro-capitânia e os demais nos outros. Vendo as pessoas aninhadas nos braços musculosos dos remadores, senti-me constrangida e desajeitada e me consumi em agonia quando chegou a minha vez e um remador me carregou. Outro carregou Édison, que ajeitou com cuidado o seu chapéu de feltro cinza quando o homem levantou o seu corpo leve. Fomos depositados no saveiro-capitânia, com Sabina, por ordem dela, as nossas roupas escuras destoando da vestimenta clara dos demais.

As velas foram desfraldadas no rumo de Monte-Serrate, um promontório bem no fundo da baía, a favor do vento de setembro. Eram mais ou menos 10 horas e o sol quente reverberava sobre a água azul, clareando o horizonte e inflamando com os seus raios os cântaros e as pedrarias de Janaína. Os espíritos pairavam no ar e Kaum clamava imperiosamente:

Agora, sim,
que nós podemos navegar!
Peixe Marinho,
Zaniapombo,
agulha de Iemanjá!

As mulheres se embalavam e sorriam com as cantigas e, ao passar por um penhasco em cujo topo se via uma velha e encantadora igreja branca, a filha de nome Antônia a saudou com um berro terrível:

— Salve Santo Antônio da Barra! Salve Santo Antônio da Barra!

As outras a secundaram alegremente, pois, como a igreja, Antônia era consagrada àquele santo-soldado, e continuaram com aclamações ao Senhor do Bonfim, que protege a Bahia, sendo Jesus e também Oxalá. A bonita Antônia começou a agitar-se como se em transe. Édison segredou-me que estava inclinado a não dar maior valor a esses transe fáceis,

imaginando que Antônia estivesse apenas emocionada com a ocasião e obcecada pela ambição de ser ordenada sacerdotisa.

Todo mundo cantava docemente:

Deus nos guarde hoje!
Salve o Senhor do Bonfim!
Salve a lua e as estrelas!
Salve o sol com os seus raios de ouro!

Percebeu-se que Mãe Sabina também estava “caindo no santo” e se deu início a um cântico para Iemanjá. Uma expressão de repouso e de prazer apareceu-lhe no rosto, os braços acenavam, estendidos, para todos os que se achavam no bote, o corpo se contorcia, o pescoço e os ombros tremiam e ela acariciava os seios. Era a deusa. Como os seus atos ameaçavam a estabilidade do saveiro, o marido lhe segurou os braços. Então duas jovens filhas se contagiaram e emitiram gritinhos com uma expressão de agonia nos rostos. Os atabaques batiam e rufavam. De repente, confusa, Sabina começou a sair do transe; pestanejava e sacudia a cabeça e parecia cansada e aborrecida. Seguiu-se um intervalo de expectante silêncio.

O tambor Kaum se mostrava inquieto e passou a entoar o cântico de um marinheiro embriagado.³⁵

Marinheiro,
agilenta o leme,
não deixa o barco virá.³⁶
Sou marujo,
que venho de Lisboa,
navegando pelas ondas do má.
Eu venho pelo mastro do meio.
pra trazê uma pomba reá.

³⁵ Martim-Pescador. (Nota de É.C.).

³⁶ Com duplo sentido: “Não me deixe cair em transe”. [Nota da autora].

O próprio Kaum “caiu no santo” em meio ao cântico, levando aos lábios uma imaginária garrafa e baqueando como bêbedo:

Meu pai é cachaceiro,
minha mãe é beberrona...

Mas os tocadores de atabaque devem conservar-se “sóbrios”, mesmo num grupo tolerante como o de Sabina, e ela lhe sussurrou, impaciente e áspera: — Sossega, sossega! — Kaum estava por demais absorto para ouvi-la e então ela o sacudiu com rudeza e lhe soprou com força em ambos os ouvidos. Um violento tremor apossou-se do pobre coitado, ele piscou os grandes olhos e sacudiu a cabeça com o ar de desorientação de alguém que de repente se vê despertado de profunda sonolência. Imediatamente adormeceu de leve.

Esses incidentes passageiros me embaraçavam, como se emoções particulares se manifestassem.

Os que estavam no segundo saveiro cantavam agora:

Noé, Noé, Noé,
sua barca ê-vem!
Ê-vem cheia de cabôco,
completa sem mais ninguém!

Uma mulata faceira, de azul, se levantou, cantando para Iemanjá, agitando os braços e a cabeça alegremente, com uma expressão de raro prazer no rosto.

Sabina, surpreendida, fez um ligeiro sorriso, dizendo que aquela moça, quando possuída, em geral dançava com ares macambúzios. Era evidente que um novo deus a possuía! Édison resmungou para mim que era errado ser “cavalo” de mais de uma divindade. Além disso, as mulheres ioruba aprendiam a cair em transe somente por ordem da mãe, a fim de revelar a vontade do deus em algum caso específico. Mas aquilo era uma orgia! O marido da moça, rindo, constrangido, e contudo com alegria, segurou-a para que não caísse do saveiro. Os outros mudaram de posição

para observar melhor. Em breve uma amiga da moça, que estava de vermelho, também recebeu Iemanjá e se levantou para dançar. As feições dela estavam decididas e imóveis, os olhos se arregalavam e por vezes mesmo se tornavam vesgos, os braços batiam no corpo, a cabeça se sacudia — era a imagem de uma fúria trágica. Seguraram-na para tirar-lhe os grampos dos cabelos, com medo de que lhe ferissem os olhos. Um dos atabaques ritmava a sua dança e ela deve ter chegado a confiar nele, pois, no momento em que parou de bater, ela também deixou de dançar. Contudo, permaneceu em transe, o corpo rigidamente curvado e os ouvidos tão condicionados que, quando uma vareta caiu, acidentalmente, emitindo apenas uma nota, ela estremeceu. E, quando o atabaque bateu de novo, ela dançou tão furiosamente que pôs em perigo o saveiro e tiveram de restaurá-la à normalidade soprando-lhe com força nos ouvidos.

Começou um novo cântico, para a grande deidade das doenças, chamada Omolu, conhecida no mundo católico como São Lázaro e São Roque. Mulheres caíam em transe, de novo. Os cânticos e os tranSES se sucediam e era evidente o contentamento de todos. Sabina mandou que servissem comida — acaçá, laranjas, balas, pão-de-ló. Os atabaques roncavam o tempo todo e a esposa de Kaum, possuída pelos Meninos, guinchava e se lambuzava comendo ao modo deles. Como se buscassem alívio, cantaram para Nanã, velha mãe dos deuses do candomblé e de todas as águas do mundo; e uma dupla de rapazes caiu em transe, gritando e dançando. Cantava-se docemente, em compasso de samba, para a Virgem Maria, que protegera os escravos:

Ô, que dia é hoje?
Dia de Nossa Senhora.
Nossa Senhora do Rosário,
Nossa Senhora das Candeia.

Duas sacerdotisas dançavam alegremente, defrontando-se. O atabaque “puxava” outros cânticos, numa batida excitante, com variações em torno da melodia e do ritmo fundamental, para depois aquietar-se em cadência tristonha:

Venho de bem longe,
de muito longe, meu amigo,
de muito longe.
Ai, venho de bem longe,
minha senhora Oxum.

Tínhamos chegado ao lugar fundo prescrito para as oferendas, um local sem correnteza. Um homem se levantou, oscilando, e esse foi o sinal para que Sabina mandasse que os três saveiros se reunissem.

Antônia, as lágrimas escorrendo, passava os presentes sagrados a Sabina que cuidadosamente os deixava cair, um por um, no espaço limitado pelos saveiros reunidos. — Por que está chorando, Antônia, minha filha? — perguntava, com afetuosa preocupação.

Presa de grande aflição, ela respondia, abafada: — Por nada... Por nada. — Mas não podia conter as lágrimas. Penso que a exaltação dos ânimos a tinha esgotado de tal maneira que não pudera resistir ao auge. A atmosfera estava indescritivelmente tensa.

Os volumosos presentes desciam a prumo para o fundo da baía e ouviam-se gritos selvagens: — Aceitou! Iemanjá aceitou! Janaína aceitou! Oxum aceitou!

Tinha-se agora a promessa. O próximo ano seria bom, pois a Mãe-d'Água tinha aceito as dádivas.

Foi um pandemônio. Sabina pulava, dançando furiosamente e por muito tempo com Iemanjá, de olhos fechados. Os homens se esforçavam por manter os saveiros em equilíbrio e à tona. A esposa de Kaum, Joana, tentou mergulhar na baía, desejosa de juntar-se à deusa, imergindo também até o fundo em sacrifício. Solenemente, o marido a puxou pelos braços. Antônia também quis saltar nas águas sagradas; e foi difícil contê-la, pois era forte, impetuosa e decidida. Soluçava tragicamente e se inclinava muito para as águas, levando de roldão os seus captores.

Fui apanhada pela onda de sentimento e lutei contra ela. Para meu alívio, Édison zombava:

— Admiro grandemente tudo isso, mas não posso levá-lo a sério. Sabina tem tal controle sobre os seus deuses! Pode mandá-los ir e vir. Com Menininha, com Flaviana, com Massi, a coisa é diferente — os deuses as angustiam. Olhe só para Sabina. Ela me dá a impressão de estar apenas trabalhando com afinco. Nos templos ioruba a mulher, em transe honesto, se locomove como uma sonâmbula, arrebatada e segura, e os seus olhos ficam vidrados. Não creio que as mulheres daqui pudessem agüentar as agulhas que Nina Rodrigues costumava espetar nas sacerdotisas de Mãe Pulquéria para verificar o seu estado!

— Mas elas acreditam que estão certas, não?

— Claro. Mas eu abomino ver corrompida a tradição clássica.

— E agora elas têm a certeza de que terão como viver no ano que vem e que os seus negócios particulares irão bem?

— É. — Ele concordou.

Os saveiros se balouçavam com a gente que caíra em transe e Kaum batia cada vez mais o atabaque, enquanto os outros cantavam:

Nossa Senhora,

Nossa Senhora é uma flor.

Finalmente Sabina mandou que se cantasse pedindo licença para deixar o lugar sagrado. Imediatamente os que estavam em transe ficaram “sóbrios” e começaram a cochilar.

Nos três saveiros carregados de dorminhocos não havia ninguém com quem conversar, à exceção de três crianças que tinham estado sóbrias e quietas o tempo todo. Agora era a vez delas. Caçoavam de tudo o que acontecera, cantando, dançando, rindo, rodopiando, contorcendo-se. Rosa Maria experimentou uma palavra blasfema, “mentirosas”, e a gritava a todo momento. Era como se dissesse “incrêu”. A gente era “mentirosa”, a cerimônia era uma “mentira”. Talvez fosse o eco do pai, pensei, pois o pai, que era o primeiro dos ogãs de Sabina, ria para ela, dizendo apenas:

— Minha filha, não diga isso — não fica bem. — Mentirosas! — gritou ela de novo.

Os saveiros, agora desembaraçados, voltavam rapidamente; as crianças cantavam. E, no momento de desembarcar, Kaum resmungava, exausto:

Venho de bem longe,

de muito longe, meu amigo...

O Ano Novo tinha começado.

A personalidade exibida de Sabina me intrigou, por ser tão diferente da conduta das mulheres ioruba, e decidi vê-la de novo, de modo informal. Se era realmente uma rebelde, eu queria saber por quê. E desejava agradecer-lhe a excursão do domingo.

Na sexta-feira seguinte, pois, dirigi-me às Quintas da Barra, à busca do caminho para a casa de Sabina. Era muito dela, pensei, morar no bairro mais fechado da Bahia, ainda que por trás das casas ricas. Senti-me bem nas avenidas claras e amplas – onde não se via vivalma – regalei a vista com as espaçosas residências de fachada de pedras brancas e coloridas construídas em estilo colonial espanhol e português. Com o correr dos anos, funcionários governamentais e comerciantes americanos e ingleses, não somente vieram morar ali com as respectivas famílias, mas haviam organizado um clube americano, um clube britânico, um iate-clube e um jôquei-clube, em que admitiam os brasileiros e alemães que preferiam; e assim tinham convertido o bairro num posto de vanguarda anglo-americano. Dentro daquele espaço, e dentro daquelas paredes, as mesmas trinta e tantas famílias se encontravam todos os dias, até que a encantadora área se tornara uma sombria prisão para elas. Mas não se permitiam qualquer liberação, nem mesmo uma espiadela. O cônsul britânico, canadense alto e simpático, costumava falar-me delas, de modo causticante, mas com profundo pesar no coração. Ele se enclausurara numa bela mansão de estilo antigo, no sopé da colina onde está a igreja de Santo Antônio da Barra – talvez tivesse sido um mosteiro dependente da igreja –, e praticamente ninguém podia nela penetrar. Não consigo recordar por que me convidou, exceto que reparara num velho anel de pérola solitária que eu

usava e comentara, como se o soubesse por experiência própria, que era um anel de pesar. Ele estava certo e eu tenho a impressão de que o pesar era algo que conhecia, e combatera bem, e sabia que os outros, na Barra, jamais poderiam enfrentar.

Mais adiante das belas avenidas, localizei ruas e caminhos toscos que levavam aos casebres de palha e barro dos pretos e os segui até a porta de Sabina. A casa dela era inconfundível, nova e grande, elevando-se acima das outras, como as igrejas dos tempos coloniais, na colina varrida pelo vento.

Tendo batido, fui introduzida na sombria sala de visitas por Odete, menina de 15 anos, filha adotiva de Sabina. Ela se retirou e logo Sabina apareceu, sorrindo e mostrando duas fileiras completas de dentes postiços. Os dentes indicavam recursos não muito comuns e meticulosidade, e o mesmo se diria dos seus imaculados vestidos de talhe moderno. Vivaz e alegre, deixou-se cair numa cadeira e exclamou ao modo costumeiro: – Muita honra a sua inesperada visita, minha senhora! – E cruzou braços e pernas, como uma moça de *college*.

– Foi tão boa domingo passado, dona – respondi cautelosamente, sem saber como mudar das maneiras ioruba formais a que me habituara – que me sinto sua devedora. E desejo contribuir com alguma coisa para o templo. – Pus algumas notas na mesa.

Sabina ficou muito contente, muito mais do que teriam ficado Menininha ou Luzia, pois ansiava por aplauso.

– Minha senhora – disse vivamente – o guardião deste templo, que é Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, lhe agradece... Olhê, estamos na hora do almoço. A comida é a de todos os dias, comida de pobre, e não sabemos servir; mas eu me sentiria honrada se almoçasse comigo. Se quiser se dar a esse trabalho.

Fiquei encantada, naturalmente, e o disse. Lembrei-me do formalismo do salão de refeições do hotel onde, por ser uma senhora de distinção, eu me sentava só e olhava, todos os dias, para os mesmos homens nas

outras mesas — alguns oficiais do exército estacionados indefinidamente na Bahia, os outros hóspedes de passagem a negócios, mas todos com a mesma aparência calculada e investigadora; às vezes as esposas desciam, mal-humoradas e distraídas, mas ultimamente tinham chegado de São Paulo e do Rio de Janeiro mulheres atraentes, de caráter suspeito, que faziam brilhar os olhos dos homens e, às vezes, sentavam às suas mesas. O *maître d'hôtel* vinha ter comigo e sussurrava: — A senhora deve estar ofendida com a presença dessas mulheres! — e eu tinha de olhar para outro lado para não ter de responder ao maldoso comentário dos seus olhos, pois ele não estava caçoando. E então vinha a comida, a mesma todos os dias: galinha, braba com certeza, tal a sua dureza e falta de sabor, ovos e goiabada. Como não me encantar o convite de Sabina?

Ela me conduziu por um corredor a um barracão nos fundos da casa, onde, disse ela, realizava as suas funções. Sentei-me e olhei em volta. Era uma sala enorme com grandes vãos ocupados por janelas que captavam todas as brisas e retinham todas as sombras. Das paredes, pintadas de verde-azulado, dependuravam-se aquarelas representando espíritos caboclos que “guardavam” o templo. Havia bancos junto às paredes e mesas e cadeiras espalhadas. Era um local agradável para o úmido verão da Bahia. Odete, que veio “botar” a mesa, abriu uma toalha branca de renda e arrumou muitos talheres, emborcando os pratos para protegê-los dos insetos e da poeira. A comida estava sendo preparada ao lado do barracão, num fogão sob um telheiro numa espécie de corredor cavado em terreno inclinado que limitava a casa por aquele lado.

Sabina chamou-me para a mesa e depois, a plenos pulmões, convocou várias sacerdotisas que atendiam a serviços domésticos nos cômodos interiores. Mas nenhuma delas, como me explicou, teria coragem de sentar-se comigo. Uma jovem senhora “branca”, do estado nordestino de Sergipe, se pôs a nos observar; estava morando temporariamente ali, para fazer o noviciado sacerdotal. Como também recusasse o convite, Sabina a repreendeu ruidosamente. — Mulher — disse rindo — a senhora norte-americana vai pensar que você não sabe usar uma faca ou um garfo. Vai achar que você é uma macaca ou, quem sabe, um passarinho, que pode viver sem

comer. Venha logo! Acha que a branca vai lhe morder? Por que não lhe mostra que está orgulhosa por ela ter vindo de lá dos Estados Unidos para aprender as canções, as danças e os remédios que você mesma está aprendendo? Ela até me deu um dinheirinho!

Mas a sergipana nem se mexeu, sentada num canto, curvada, de rosto impassível.

Comemos tranquilamente, Sabina servindo várias qualidades de peixe e de verduras e mantendo uma conversação sem nexos com as suas mulheres. Quando chegamos às pequenas xícaras de café preto, o famoso café pequeno³⁷ que regozija o coração e a alma dos brasileiros, cimenta amizades e alenta obras de arte, o marido de Sabina, Benedito, chegou. O tipo físico era o mesmo dela, baixo e robusto. Tinha uma boa vida como mestre-pedreiro e também saía pelas ruas vendendo leite e peixe. Era provavelmente o esteio financeiro do templo e com certeza se orgulhava das habilidades da esposa. Lembrei-me da deferência com que se lhe dirigira no domingo quando Sabina “caiu no santo”, chamando-a de “vosmecê”, e tive a impressão de que os dois eram bons amigos. Haviam-me dito que este era o segundo casamento de Benedito e que ele tinha filhos educados no Rio de Janeiro.

Sabina o saudou calorosamente: — Ah, o Velho chegou! O Homem do Candomblé!... Odete! — gritou para a garota rechonchuda.

— Senhora? — respondeu Odete, numa vozinha enfadada.

— Ponha o prato do seu pai... Você quer comer, Benedito?

— Se eu quero comer?!

Ele riu e me cumprimentou com um aceno de cabeça, enquanto tirava a camisa e se dirigia para uma pia a um canto. Depois de lavar-se, dirigiu-se à mesa e beijou a mão da esposa, que retribuiu. Eu gostava desse cumprimento à moda antiga, embora tivesse um ressaibo de feu-

³⁷ Era como se dizia, na ocasião, cafezinho. (Nota de É.C.).

dalismo e de hábitos anti-higiênicos; já o notara até mesmo nas ruas do Rio de Janeiro.

— Quer cerveja, Benedito? — perguntou Sabina, alegremente.

Animado, o marido respondeu: — Se quero cerveja?!

Odete lhe trouxe uma garrafa gelada, que ele esvaziou num copo.

— Que calor! — suspirou.

— Quer carne, Benedito? — Sabina enchia-lhe o prato de verduras e uma tigela com sopa.

— Se quero carne?! E quero feijão! — esbravejava, com fingida zanga, como se estivesse sendo privado da substância da vida; manejava os talheres com presteza e desembaraço, sem olhar para mais nada.

Enquanto Odete servia, Sabina me contou com orgulho que estava ensinando a menina a coser e que ela lia, escrevia e fazia contas melhor do que todos os seus companheiros de grupo. Odete trabalhava como se não ouvisse uma palavra. Ela saiu para varrer o corredor externo e Sabina prosseguiu dizendo que Odete já tomara nota de muitos cânticos do candomblé. Sabina a chamou para me mostrar alguns deles e a garota voltou para fazê-lo no seu jeito obediente e enfadado. A caligrafia era crua e defeituosa e a ortografia estava longe de ser correta; mas fiquei espantada com a aquiescência com que atendia aos inúmeros chamados triviais de Sabina. Estava muito bem vestida; com certeza seria a herdeira do templo. Lembrava-me a filha de Menininha, Cleusa, tão bem cuidada e bonita, e cumpridora das suas obrigações. Somente mais tarde, quando em companhia das amigas, garotas mais velhas e jovens matronas que faziam parte do templo, se descontraí e demonstrei alegria.

Sabina me fez saber que Odete tinha um meio-irmão, Antônio, que também estava sendo criado no templo. Naquele momento Antônio entrou no barracão, vestindo apenas calças, e apenas depois de Sabina insistir com voz aborrecida que fosse botar uma camisa, ele cobriu o peito com alguns farrapos. Era pouco desenvolvido para os seus 16 anos e prova-

velmente não muito inteligente. Também tinha um ar de enfado, mas em aparência não podia comparar-se com a irmã. Sabina disse com tranquilidade que às vezes se suspeitava do seu equilíbrio mental, pois já estivera possuído por várias deidades brabas, que o tinham feito contorcer-se como um epilético. O marido dela lhe estava ensinando o ofício de pedreiro. Ele começava a consertar a palhinha do assento de uma cadeira quando Sabina o interrompeu, pedindo água. Antônio se levantou devagar e cantou em protesto:

Ôi,
eu sou garçom,
eu sou garçom,
garçom eu sou.

Contudo, foi executar o mandado e Sabina reclamou: — Esse rapaz!

Mulheres começaram a vaguear, arrastando os filhos atrás de si. Alguns dos meninos se reuniram num canto do barracão e fingiram tocar os grandes atabaques numa cerimônia fetichista para as meninas; alguns ficaram perfeitamente imóveis, fitando-me; outros imitavam o meticuloso comer de garfo e faca; um garoto de 7 anos se virou de costas e urinou. Uma costureira idosa, frágil, alta, de cabelos brancos como uma fiandeira da Nova Inglaterra, chegou para tomar medidas para as vestes sacerdotais e alguém trouxe uma máquina Singer para ela. Todo o tumulto girava em torno de Sabina.

Tinha uma certa presença, ambição e confiança em si mesma, temperadas, contudo, pela simpatia que demonstrava para com os seus comandados. Gostava de ser a sacerdotisa-chefe, a conselheira e a curandeira e estava sempre acessível. Interessava-se por tudo o que lhe queriam contar, mas não admitia liberdades. Naquele momento estava tentando impor disciplina às crianças que corriam pelo barracão, como cachorrinhos novos. — Ô seu malcriado! — gritou para um deles. — Fora daqui! — O menino saiu, surpreso e quieto, mas, ao que parece, com tal boa-fé em Sabina, que em breve voltou, confiante como um animalzinho de estimação. Quando ele recomeçou o barulho e a correria, ela ralhou, irritada: — Ô seu

cão! Virgem Maria! Uma cabeça tão dura num menino tão pequeno! — e deu-lhe umas boas palmadas. O menino calou-se, de olhos espantados, mas alguns minutos depois tinha esquecido tudo e recomeçava. — Menino teimoso! — gritou ela.

Lembrando-me de palavras que escutara em certas ruas da Bahia, maravilhava-me a decência da sua linguagem.

Sabina pediu silêncio a fim de poder falar às mulheres a meu respeito, enquanto o marido, sentado num canto, escutava. — No país dela, a América do Norte, eles não sabem nada de candomblé. Ela veio de tão longe para estudar comigo, e depois que aprender ela vai voltar para a gente dela e ganhar muito dinheiro! — Envaideceu-se e acrescentou, provocante: — Talvez eu deva ir ao Rio e instalar um candomblé?

Uma das mulheres inquiriu, tímida e surpresa: — Mas ela é uma senhora de “qualidade”. E vai se misturar com a gente?

Outra perguntou: — Ela sabe qual é a nossa seita — sabe que somos caboclos e os outros são africanos?

Sabina se virou para explicar. — A senhora deve saber essas coisas. Este templo é protegido por Jesus e Oxalá e pertence ao Bom Jesus da Lapa. É uma casa dos espíritos caboclos, os antigos índios brasileiros, e não vem dos africanos ioruba ou do Congo. Os antigos índios da mata mandam os espíritos deles nos guiar, e alguns são espíritos de índios mortos há centenas de anos. Salvamos³⁸ primeiro os deuses ioruba nas nossas festas porque não podemos deixá-los de lado; mas depois salvamos os caboclos, porque foram os primeiros donos da terra em que vivemos. Foram os donos e portanto são agora os nossos guias, vagando no ar e na terra. Eles nos protegem.

Sabina se deteve e olhou em volta, para as mulheres atentas.

— Vou contar uma história. Era uma vez uma vizinha minha que era protegida por um caboclo chamado Flor-do-Dia, que ia visitá-la de

³⁸ Isto é, louvamos. (Nota de É.C.).

madrugada. Ele reparou, porém, que a vizinha mentia e brigava constantemente e, desgostoso, foi embora. Ela adoeceu gravemente e durante dez anos lhe suplicou que voltasse, fazendo custosos sacrifícios para ele. Finalmente o caboclo apareceu e lhe disse que estivera morto aqueles dez anos e estava agora com cem anos. A senhora veja, seu Flor-do-Dia tinha sido o espírito de um caboclo vivo, mas em geral o guia de uma pessoa é um caboclo que está morto há séculos.

Uma preta se aproximou de Sabina, indecisa, vinda dos fundos da casa. — É vosmecê que é d. Sabina?

— Eu mesma, minha nêga. Às suas ordens.

A mulher se aproximou ainda mais e, inclinando-se, lhe beijou a mão.

— Precisava de um *trabalho* — disse em voz baixa.

— Eu não faço despacho hoje, que é sexta-feira.³⁹ Venha amanhã depois das duas. — E, como a mulher hesitasse, repetiu: — Venha amanhã depois das duas.

De repente Sabina começou, com ar irritado: — Certa vez tive uma briga com Constância. — A expressão do seu rosto era severa e, como os seus olhos caíram de novo na cliente estranha, repetiu, impaciente: — Volte amanhã depois das duas!

— É, foi há uns dois anos que tive essa briga com Constância. Eu tinha ido à casa dela com minha filha Antônia e meu compadre Manuel. Pensei que a festa seria muito boa, porque ela está bem de vida pois o marido está no exército e ganha bem. Os anjos da guarda dela são Iansã e Oxalá, que são os meus também.

— Eu estava muito bem vestida, mas com roupa comum. Não gosto de sair em trajes de *baiana*. Constância fingiu contentamento por me ver

³⁹ A sexta-feira é dedicada a Jesus e Oxalá e, portanto, reservada às boas ações e à meditação. [Nota da autora].

e disse: — Ah, minha filha! Muita honra para esta casa de pobre! Você é rica, tem mobília da moda e luz elétrica!

— O caboclo queria que eu lhe beijasse a mão, como se eu fosse inferior a ela, mas eu não beijei! Eu disse: — Olhe! Nós também somos pobres! Mas não estamos visitando uma casa de gente pobre, não senhora!

Eu estava perplexa com aquela demonstração de mau-humor e não conseguia entender por que Sabina levava a mal as palavras de Constância. Mas, à medida que recordava o caso, a irritação de Sabina crescia.

— Aí o caboclo dela cantou uma cantiga nos salvando,⁴⁰ assim:

Ê-vem o vinho

Ê-vem o sol

Ê-vem a força

— E eu respondi:

Darei a recompensa.

Darei a recompensa.

— Mas ela era falsa! Interrompeu-me quando eu ainda estava cantando diante dos atabaques, pedindo:

Com licença!

Com sua licença!

Com licença de Zaniapombo!

Com licença do rei dos Capangueiros!

Com licença de *mamêto!*⁴¹

— Mas eu continuei cantando de qualquer maneira e já ia cantar outra cantiga bonita para a grande mãe, a *mamêtoganga*, quando um ogã me interrompeu! Um procedimento desses com uma visita! Ele se atreveu a fazê-lo somente porque era o amante de Constância e insistiu em me insultar com uma cantiga de insinuação.⁴²

⁴⁰ Isto é, saudando, cumprimentando. (Nota de É.C.).

⁴¹ Mãe. (Nota de É.C.).

⁴² Sotaque. (Nota de É.C.).

Minha mãe me ensinou num livro.
Ela era mãe na aldeia da Juremeira.
Quem quiser pode ver,
lembrando minha mãe d'umbanda
filha de Santa Barb'a do trovão!

— Fiquei pasmada! Paralisada diante dos atabaques! Ele estava dizendo que eu era uma ignorante! Então eu respondi! Cantei alto:

Se você não me conhece
não bula comigo,
porque
minha mãe é Santa Barb'a,
meu pai é o Senhor do Bonfim!

— Ah! Agora sim! Agora era eu quem insultava e eu estava ganhando porque todos tinham de cantar e dançar com a minha cantiga que era sobre os anjos da guarda deles! Como os atabaques batiam! Então Constância se levantou para dançar na minha frente e respondeu:

Sou eu que tenho pemba.
Sou eu que tenho pemba.
Somente na minha aldeia
se encontra pemba pra curar.

— Ela estava me insultando novamente, dizendo que somente ela podia curar doenças! Ela estava se exibindo e teria continuado, mas o pessoal se cansou da briga e gritou: — Chetruá! Paz! Chega de briga! — Um homem segredou-me que não havia intenção de ofensa e que depois eles se desculpariam; mas eu continuei com as insinuações:

Minha senhora Santa Barb'a,
ela mesma vem me ver.
Ela é a minha madrinha,
vem pra me defender.

— E aí Constância “caiu no santo”. Eu fiz o santo dela baixar! Ela cambaleava, os olhos revirados e fixos, a boca espumando. De todos os

lados corria gente para ampará-la. Posso dizer que as filhas dela estavam muito atrapalhadas. Bom, eu tinha vencido. Então continuei diante dos atabaques e contei mais vantagem:

Capangueiro é brigão,
Capangueiro tem munição.
Capangueiro ganh'a batalha
quando ele quer ganhar!

Sabina sorriu com a sua vitória. Cantou de novo a cantiga e se ergueu da cadeira para dançar sem sair do lugar. Rindo entre dentes, continuou: — Ela até quis roubar a minha filha Antônia, convidando-a a dançar com as filhas dela! — O seu tom era de censura e indignação. — Eu não gostei disso... E esse tempo todo compadre Manuel estava com medo. Ele tentou me puxar para fora e pediu que eu voltasse pra casa. — Pai Benedito não sabe nada disso e não vai gostar — disse ele. Sacudia a cabeça e me fazia sinais. Mas eu não ia deixar que ela me tomasse Antônia. Antes eu tomava as dela. Portanto, cantei:

Eu me chamo Capangueiro,
não nego meu naturá.
Sou filho de Oxalá
e neto de Iemanjá.

— Eles continuavam ainda gritando: — Chetruá! Trégua! Basta! — Então um rapaz “caiu no santo” pela primeira vez em sua vida e cantou para o meu caboclo:

Se você não me conhece,
de mim já ouviu falar.
Ouviu falar de Capangueiro,
da aldeia de Oxalá.

— E aí eu vim embora. Nem esperei que Constância acordasse para me despedir. Mas dei a todos uma amostra do que pensava. Gritei: — Que casa de candomblé! Que desgraça! Vão todos para as profundas do inferno! Nunca mais esse diabo de candomblé! — E jurei nunca mais visitar nenhum outro, também, e não visitei.

Correndo a vista pelas ouvintes, declarou solenemente:

— Todo mundo me inveja. Não gostam de mim porque sou moderna e asseada e eles são antiquados e imundos! Dizem que sou rica. Aquele ogã troçava: — Os seus caboclos não sabem dançar com lampião de querosene, só com luz elétrica! — E Constância tem má reputação! O pescoço dela é cheio de cicatrizes, das navalhadas que tomou por trair os amantes. A polícia sabe. Não é bonita, está velha, mas arranja homem com feitiço.

Édison e Menininha tinham-me falado de Mãe Constância. Conhecida como vidente, era irmã de Silvana, a primeira a quebrar as tradições ioruba e fundar os cultos caboclos. Sabina na verdade tinha começado a treinar-se na casa dela, disseram eles, brigara e tentara fazer despachos contra ela. Evidentemente, Sabina não podia esquecer a rixa. Naquele momento, bufava: — Hoje em dia, penso eu, faço mais “trabalhos” do que Constância. Todos dizem que devo me estabelecer como vidente no Rio.

Descansou, mas só por um instante. Ao ouvir Odete conversar com alguém num cômodo distante, levantou-se para investigar. Esperei-a o mais placidamente que pude, sob o olhar das mulheres. Após meia hora, Sabina voltou. — Vou me ocupar agora — anunciou à sua gente, como despedida, e fez sinal para que eu a acompanhasse. Levou-me à sala dos fundos da casa e fechou a porta que a separava do barracão.

A uma comprida mesa estava sentado um rapaz magro, mulato, de roupas baratas, mas asseadas, e cara desenxabida. — Como se chama, meu filho? — perguntou Sabina, amavelmente.

— Fernando — disse ele em voz baixa.

— Ele quer que eu lhe dê uns conselhos — explicou-me. — Não gostaria de assistir? Pode me pagar depois. — Surpresa, concordei, e Sabina, sentando-se junto ao cliente, observou: — Seu Fernando, a senhora estrangeira não entende bem nossa língua, pode falar à vontade.

Sobre a mesa havia uma linda toalha branca bordada. — A toalha de Oxalá para ver o futuro — explicou Sabina. Ela atirou à sua frente oito

búzios de adivinhar: — São os *dilegún*. Quando a gente os atira à mesa, eles ajudam a ver o passado da pessoa. Depois ela colocou um lindo búzio comprido em posição de apontar. Pôs na mesa uma corrente de prata de onde pendia uma figa de madeira escura, símbolo de boa sorte. À sua direita estava uma quartinha dedicada a Oxalá, cheia da água sagrada chamada maza. Pediu ao marido uma vela de tamanho médio, que representaria a vida do cliente; quando Benedito a pôs na sua mão, ela a colocou em pé, em cima da mesa, e a deixou acesa durante toda a consulta. Apesar do forte calor, teve de fechar a janela para que alguma rajada de vento não apagasse a preciosa chama. Em seguida pôs na mesa um colar sagrado de 22 contas de vidro; eram contas de um branco leitoso dedicadas a Oxalá, contas translúcidas cor de pérola dedicadas a Iemanjá, contas de um azul brilhante dedicadas a Oxoce, contas de ouro a Oxum, e outras, e todas estavam “fechadas” no fio por três contas azul-escuro de Ogum, deus das estradas, das disputas e das guerras. Contas preciosas e heráldicas dos deuses, que haviam coberto todo o caminho desde a África.

Ajeitando todas essas coisas, Sabina me disse que se preparara para a leitura da sorte tomando banho e dormindo separada do marido. De manhã tinha-se ataviado com um limpo vestido amarelo de Oxum e com quatro compridos colares de contas amarelas da deusa, “fechados” por três grandes contas leitosas de Iemanjá. Sabina então pediu a Benedito que saísse; ele o fez relutantemente, pois estava muito curioso a respeito do cliente e de mim; e, de fato, reapareceu mais tarde.

Sabina limpou os búzios e as contas na toalha diante da vela e pediu a Fernando: — Bote dinheiro na mesa.

— Quanto?

— Cinco mil réis.

Ele lhe deu a nota e ela a esfregou ao longo dos braços e das palmas das mãos dele, continuando até a toalha, e em seguida a colocou na mesa, por baixo das contas. Cantou, invocando as deidades da adivinhação em favor do cliente. Segurou alguns búzios acima da maza,

mergulhou dois deles no líquido, sacudiu as gotas à sua esquerda e enxugou os búzios na toalha sagrada.

— Isso dá muito trabalho — comentou. — É uma especialidade. Outros templos têm uma assistente que gasta o tempo todo nisso, mas eu, não. Eu só tenho Deus. — Jogou os búzios e os estudou atentamente. — Oxoce está trabalhando aqui — dirigia-se agora ao cliente — e você vai ter de fazer um *despacho* para se livrar da pessoa que está lhe perturbando.

— Quem é? — A voz era ansiosa.

Ela deu de ombros, ainda olhando para as conchas.

— Isso não sei. Pode ser até uma mulher... Agora, se o que eu disser não estiver certo, diga.

Fiquei surpresa ao ouvi-la ordenar um despacho, pois isso era magia negra, que se supunha repugnar às mães, pelo menos às da tradição ioruba. Lembrei-me de ter ouvido Menininha contar, indignada, que um homem a tinha procurado na sua casa da cidade para lhe pedir um despacho contra o amante da moça que ele mesmo desejava. (O despacho deveria ser uma trouxa com um galo preto e um retrato do rival, manchado de sangue, e coisas semelhantes). Ele lhe oferecera uma boa quantia, mas ela recusara, dizendo, severamente: — Saiba o senhor que eu sou mãe do culto africano, e portanto uma amiga dos outros, e não uma feiticeira perversa. Eu mantenho relações com os deuses, não com o diabo. Com certeza o senhor compreende. Posso curar uma doença sua e tentar alcançar a sua felicidade por todos os meios indicados pelos deuses, mas não posso trabalhar para o diabo.

O homem se desculpara, contou ela, dizendo que amava a moça e não tivera intenção maldosa.

Contudo, mais tarde me disseram que a substituta imediata de Menininha, d. Laura, praticava a magia negra, por mais contrário que isto fosse ao código sacerdotal. Mas também se dizia que d. Laura fazia questão de contrariar os deuses de Menininha, que considerava uma rival,

e não era possível contê-la; na verdade, afirmava-se que ela era muito conhecida e tinha inúmeros clientes.

É óbvio que Sabina, cujo templo seguia as práticas caboclas, não se preocupava com os padrões que regiam Menininha e a maioria das outras mães ioruba. Ouvindo-a referir-se tão abertamente à magia – embora provavelmente pensasse que eu não entenderia a sua linguagem coloquial – lembrei-me também dos jornais do Rio de Janeiro, que várias vezes por semana publicavam notícias sobre a magia negra praticada pelos negros cariocas, chefes de templo. Os jornais da Bahia não divulgavam tais notícias senão raramente, preferindo noticiar os espetáculos religiosos das mães. Mas os pais baianos podiam praticar a magia negra e por vezes se tagarelava a respeito das trouxas de despacho que, dizia-se, eram vistas nas encruzilhadas à meia-noite. (Eu nunca vi nenhuma, embora andasse pelos arrabaldes durante meses.) Martiniano, ao que se acreditava, era o mago de maior sucesso entre todos.

Agora eu observava atentamente Sabina.

Ela atirava os búzios continuamente em diferentes combinações e eu depreendi que a disposição em que os búzios caíam de cada vez indicava o número de búzios a serem usados na jogada seguinte. Às vezes ela usava todos os oito de uma vez, ou três ou quatro, ou um, outras vezes fazia duas ou três jogadas antes de declarar alguma coisa. Nós três olhávamos fixamente o que se passava na mesa. De cada vez ela virava o grande apontador para lugares diferentes da jogada, como se a ajudasse a decifrar novas significações.

Constantemente Sabina fazia perguntas a Fernando. No início ele não fez comentários, mas, como Sabina fizesse astutas conjeturas, se viu levado a contar a história da sua desventura. Revelou que morava com uma mulher, um pouco mais velha do que ele, de cuja fidelidade de repente tinha razões para suspeitar. Moravam juntos havia muitos anos. Um homem de cerca de 20 anos morava com eles e Fernando agora se espantava com o curioso fato de que a mulher começara a chamar o homem de “filho”, quando até então o chamara de “sobrinho”. Que significava aquilo? Com certeza “filho” significava amante?

Sabina, jogando os búzios com firmeza, os olhos presos neles, concordou. – Há uma grande perturbação aqui. Mas não está nem na mulher nem no “filho”. Está simplesmente em que você deixou de fazer a obrigação para Cosme e Damião. Não é verdade?

– É. – Admitiu ele.

De repente Sabina atacou por outro setor: – A mulher quer lhe deixar, mas somente porque tem ciúmes de você.

Fernando sorriu forçado.

Sabina, jogando os búzios de novo, continuou: – A mulher não tem um santo que a proteja... Agora, você é que está vivendo com duas mulheres. – Houve uma pausa. – Nenhuma delas é ruim. Você deve ficar com a mais velha. A mais moça está doente porque um deus a está afligindo. Ela diz que o rapaz está fazendo feitiço contra ela, não foi o que você me disse? E no entanto ela nunca o viu? Creio que ela está enganada. De acordo com os meus búzios, quem a está afligindo é Oxum, deusa do amor. Ela deve me procurar para tratar-se. Eu cobro barato, porque vejo que vocês são pobres.

– Mas agora, que é que eu faço com as duas? Devo deixar uma ou ficar com as duas? – Fernando preocupava-se apenas com o seu próprio estado de espírito e estava praticamente surdo ao interesse de Sabina pela sua amante.

Sabina não respondeu, mas continuou a jogar os búzios. Examinando a mesa cuidadosamente, viu que a mulher mais velha estivera doente, mas já se restabelecera: – O corpo dela está “fechado” para a doença agora. Mas só Cosme pode livrar você dos seus apuros.

Fernando resmungou que preferia a namorada, mesmo doente e não Maria, com quem vivia. Mas não podia abandonar Maria, disse, pois havia seis anos que vivia com ela e sabia que era boa companheira. Mas queria a nova! Como as duas mulheres moravam muito distantes uma da outra, Maria ainda não sabia da rival.

Sabina, inteiramente absorta, disse: — A mais moça está perturbada pelos sete espíritos maus — os pequenos demônios que servem a Ogum. São todos Exus. Eles a importunam e é ela não ficará boa, meu filho, enquanto não se tratar com banhos e fumigações. Devo lhe dizer também que ela é “média”,⁴³ devia estar no sacerdócio. Para curá-la, seu Fernando, é preciso expulsar Exu, é preciso despachar o Malino!⁴⁴

Fernando não parecia nem impressionado nem amedrontado. Talvez estivesse cansado ou talvez, afinal de contas, não fosse tão estúpido quanto o seu semblante sugeria. — Quanto vai custar? — perguntou.

Sabina virou-se para ele: — Arranje as coisas com ela. O preço dos banhos, da fumigação e das velas é uns 65 mil réis.

— Eu não ganho nem 200 mil réis por mês, dona — disse ele.

Sabina respondeu em voz baixa: — É por isso que estou lhe cobrando barato. Mas não se preocupe. — Foi ao cômodo vizinho, onde tinha os símbolos de deidades e espíritos africanos, caboclos e católicos, e voltou com uma enorme garrafa d'água. — Jogue um pouco desse pó de pemba dentro dela — mandou, estendendo-lhe um embrulhinho de papel — e prepare um banho para a criatura.

Com expressão absorta Fernando lhe estendeu uma nota de 5 mil réis. Sabina tomou-lhe do braço e, tentando escoltá-lo até a porta, advertiu, adúladora: — Você não mora longe daqui. Venha fazer um despacho para acomodar a criatura.

Mas o pensamento dele estava muito longe, colhido num labirinto de amor e de dever. — É um caso sério, dona, muito sério. A moça até febre tem. Que é que eu posso dar a ela?

Se estava exasperada, se pensava que o cliente se esquivava, Sabina não o demonstrou. Em vez disso, respondeu calmamente: — Ela precisa de

⁴³ Popularmente faz-se este feminino para médium. (Nota de É.C.).

⁴⁴ Pronúncia coloquial de Maligno. (Nota de É.C.).

um banho de ervas especiais e de um defumador de incenso. Isso lhe daremos aqui. Deixe o banho para depois. — Entregou-lhe outra garrafa grande de água dos altares. — Misture essa água com o pó e dê para ela beber. Olhe aqui, o rapaz não tem mesmo culpa nenhuma. A moça está imaginando coisas. O caso com as suas duas mulheres é que elas são ambiciosas demais, e isso é porque são atuadas por deuses machos. Os deuses têm de ser domados! A cabeça das mulheres tem de ser preparada para eles! Tudo vai dar certo quando se tornarem sacerdotisas. É o que dizem os búzios e as contas. Não há doutor que dê jeito na moça. Não seria bastante. — Ela gosta de se divertir? Quero dizer, gosta de cantar, de dançar e de ter ogãs a admirá-la?

Fernando ignorou a pergunta e pediu um amuleto para proteger a namorada.

Mas Sabina estava perdida nas suas reflexões e continuou explicando: — Isso é o santo dela quem decide. A doente com certeza é “média”, por isso é que está doente! Não sabe como agir com o deus que traz em si, e portanto vive aflita! Não compreende? Ela pertence ao deus Ogum, que controla as brigas e a guerra.

Fernando não parecia convencido. Resmungou que vivera muitos anos com a mulher mais velha e, no entanto, nunca soubera que tivesse um filho, que no início chamava de sobrinho; não sabia se podia confiar nela; tudo parecia uma mentira.

Sabina voltou à mesa e jogou de novo os búzios. Finalmente, apanhou-os, segurou-os acima da quartinha enquanto os rolava nos dedos e sacudia a mão uma ou duas vezes, e depois saiu para o quarto dos altares vizinho. Enquanto esperava por ela, Fernando exclamava baixinho para si mesmo: — Será possível que seja filho dela? Será possível? — Sabina lhe trouxe três pacotinhos coloridos de pemba, quantidade suficiente para a moça tomar três banhos curativos. Ele os recebeu distraidamente, exclamando ainda: — Senhor! Meu Senhor do Bonfim! Será possível? — O homem devia ter estado agoniado pela suspeita. De repente, decidiu-se, olhou para Sabina e declarou: — Vou ficar com as duas!

Homenzinho, pensei, você é dono da sua cabeça! Depois de todo o esforço que esta mulher despendeu para mudar o seu raciocínio! Ou você a usou simplesmente como caixa de ressonância?

Sabina fez que não ouviu a declaração do cliente e disse tranquilamente: — Traga a doente aqui amanhã. Meu guia vem às quartas e sábados de tarde.

Mas o homem não se deixou vencer: — Não posso, dona. Estou trabalhando. Mas ela vem. Ela conhece a senhora. Foi ela mesma que me mandou aqui.

Sabina exultou. — Mandou! Bem, isso é obra do caboclo dela. Você tem razão, não precisa deixar nenhuma das duas. Mas tem de fazer a obrigação para Cosme. Não precisa ser muita coisa, só um pouco de comida. Sabe como fazer?

— Maria sabe. Caruru?

— Ótimo. Mande ela fazer. Convide todas as crianças que você conhece para que elas se divirtam e lhe dêem sorte. Depois disso, Cosme lhe ajudará em tudo.

Mas aquelas fórmulas do candomblé não satisfaziam Fernando, que ainda não tinha chegado à sua própria solução. — Eu não quero deixar nem uma nem outra, nem uma nem outra — resmungava de vez em quando. Finalmente Sabina o levou até a porta.

Eu me perguntava por que Fernando fora tão difícil de convencer. Não era um crente? Se não, por que viera consultar a mãe? Seria cético quanto à religião em geral? Contudo, Sabina contava poder conquistá-lo e certamente o persuadira a comprar remédios que podiam ser apenas o primeiro passo numa dilatada relação. Seriam as mulheres menos céticas? Ou, quem sabe, Fernando não compreendera do que se tratava?

Na mente de Sabina não havia dúvidas. Ela voltou ao fresco barracão quase saltitando e, olhando para o marido, para mim, para a filha e para uma sacerdotisa que atendia a um serviço qualquer, começou uma linda e alegre canção:

Eu sou caboclo
que vem da mata.
Lá na mata eu sou rei!
Eu venho da mata virgem,
mas tenho bom coração.

Fez alguns passos de samba, gostava mesmo de cantar e dançar, e repetiu, com variações, a cantiga:

Lá das matas,
Lá das matas eu vim, meus camarados!
Lá nas matas eu sou sultão da aldeia.
Lá das matas eu vim, meus camarados!

Deteve-se diante de mim e pediu, confidencialmente:

— Venha amanhã aqui para ver o meu guia. Tenho certeza que ele vem! Deixe que ele lhe ensine coisas. Não vai pedir muito, apenas uns 900 mil réis por tudo!

Vai me coagir, como fez com aquele pobrezinho inocente, pensei, desconcertada; preciso detê-la e, contudo, não quero ferir-lhe os sentimentos; ela está positivamente inebriada de si mesma. — Não disponho agora dessa quantia, dona — respondi com calma — mas agradeço a oportunidade. Talvez a senhora mesma possa me ensinar? A senhora sabe tudo e pode cobrar mais barato para mim!

— Eu? riu impetuosamente: não esperava uma resposta assim. — Eu não sei nada! Sou apenas o instrumento dele! É ele quem sabe, e tudo o que sei foi ele quem me ensinou. Compreende? — O tom tornara-se repentinamente irritado, desesperado, como se soubesse que visava algo que estava muito fora do seu alcance. — Ele fala por meu intermédio!... Eu lhe digo, vá a qualquer outra casa e procure saber quanto eles cobram para dizer as coisas! Vá, se não confia em mim!

Calou-se de repente e propôs mostrar-me o cômodo onde guardava os belos trajes com que as sacerdotisas eram vestidas quando os seus respectivos deuses baixavam. Entramos no seu pequeno e bem mobiliado

quarto de dormir, onde as vestimentas estavam penduradas num grande cabide portátil. Eram belas e coloridas, como eu já sabia desde a cerimônia da Mãe-d'Água, e fiquei admirada de ver como estavam bem lavadas, especialmente porque cada qual consistia de metros e metros de fazenda cara.

– Primorosos! – admiti.

– Bom, venha amanhã – insistiu de novo.

– Ah, dona, não posso. Talvez daqui a uma semana...

Num instante, como se alguém a tivesse chicoteado, os seus ombros estremeceram convulsivamente, a cabeça descaiu, os olhos se entrefecharam, e ela gemeu profundamente: – Hum! Chame o Homem do Candomblé.

Estava histérica, imaginei.

Odete ouviu a ordem da mãe, olhou para dentro do quarto aflita e foi à procura do pai. Benedito chegou logo, também parecendo preocupado, e saudou o guia, beijando a mão de Sabina. O guia, na sua nova e grossa voz, chamou os ogãs Caetano e Manuel como testemunhas. Nenhum deles estava. Baixo, em aparte, o guia pediu a Odete que trouxesse uma cadeira, onde se sentou, e ele disse a Benedito que sentasse comigo na cama, defronte dele. Ouvindo gente do lado de fora, amigos e vizinhos que voltavam do trabalho, o guia mandou, impaciente, que Odete fechasse a porta do quarto de dormir e montasse guarda. Mas depois ele se levantou para abrir um pouco a porta, pois queria ouvir e ser ouvido!

O caboclo falava um português muito errado para mostrar que era mesmo um selvagem. – O que é que vosmecê quer? – perguntou-me. – Mas a enunciação e a gramática estavam de tal modo corrompidas que a pergunta teve de ser repetida várias vezes antes que eu pudesse entender. Que podia eu dizer? Eu não queria nada, mas não podia dizer isso, senão a mulher cometeria um ato de desespero.

– Bem – respondi cautelosamente – pensei que pudesse saber alguma coisa através do seu “cavalo”.

O caboclo fez um profundo – Ho-ho – e disse ao Homem do Candomblé que escutasse com atenção e repetisse para Manuel e Caetano – porque o meu cavalo não vai se lembrar de nada quando eu for embora.

– Sim, senhor, estou ouvindo – respondeu Benedito, lacônico. Não obstante, o caboclo reiterou a recomendação de vez em quando e, para mim, repetia com enlouquecedora freqüência: – Está ouvindo? Está prestando atenção?

A sacerdotisa em transe proclamou: – Meu “cavalo” não pode ensinar, meu “cavalo” só sabe o que eu lhe ensino. Só pode ensinar cantigas e danças, mas não pode ensinar a maneira de adivinhar jogando os búzios na mesa, nem como curar doenças. Eu é que faço essas coisas – não o meu “cavalo”, que é apenas o meu instrumento. Eu monto nela e ela trota. Vosmecê não pode aprender com ela, mas comigo só. Está ouvindo? A senhora compreende? Tem de fazer como o meu “cavalo” manda porque ela está cumprindo as minhas ordens. Agora, quando vai voltar? Outras mães e outros pais ensinam coisas superficiais, mas comigo o meu “cavalo” aprendeu os fundamentos. Eu ordeno que estude com ela – isto é, comigo, o Capangueiro... Então, vosmecê quer saber os segredos? Quer fazer como as filhas fazem? Ficar em retiro sete dias, de cabeça curvada, sozinha, sem sair de um quarto escuro, dando de comer ao dono da sua cabeça, deixando que o sangue dos sacrifícios caia sobre a sua cabeça e escorra pelo seu corpo abaixo? Quer dançar com as sacerdotisas, banhar-se na fétida água sagrada, cantar e dançar, ter os cabelos do corpo arrancados pelo meu “cavalo”? Quer?

Como eu não respondesse, sentindo que a situação era absurda e não provocada por mim, Sabina deu sinais de frenética ira. Decidi então aceitar o jogo e, no – Quer? – seguinte, respondi baixinho: – Sim, senhor.

– Bom, assim vosmecê vai fazer muito zimbo – quer dizer, dinheiro – e será muito querida de todos.

Sabina, possuída pelo caboclo, nesse momento se interrompeu a si mesma, exclamando várias vezes em voz baixa – Chetruá! Chetruá!

Chetruá! — e em seguida recomeçou a falar em tom mais regular: — Ordene que vosmicê pague um conto e quatrocentos em dois cheques. Está ouvindo, Homem do Candomblé? Um conto e quatrocentos. Além disso tem de comprar um bode para os sacrifícios, pagar toda a comida dos santos, etc. Todo mundo nesta casa trabalhará para vosmecê e no fim vosmicê é quem vai agradecer. É da sua obrigação me ajudar em tudo que eu fizer. Pode assistir a tudo o que se passa neste templo. E não esqueça, o trabalho é exaustivo. Daqui a três meses estará “feita” e começará vida nova... No momento vosmecê não está preparada para o jogo dos búzios; esse conhecimento é para os mais adiantados no culto. Só para aprender a jogar leva três dias inteiros... Preste muita atenção no que estou dizendo, pois vosmecê vai partir logo. O meu “cavalo” lhe ensinará como fazer as suas roupas de santo; elas são caras e vosmicê precisa de duas.

O caboclo se interrompeu, então, para perguntar a Odete, num rouco aparte, quem estava na casa.

— Joana — foi a resposta.

— Mandê entrar.

Joana, preta e esquelética, de cara ansiosa, entrou e se ajoelhou aos pés da mãe, beijou-lhe a mão e se sentou nos calcanhares, respeitosamente.

— Eu lhe abençoção, minha filha — disse o caboclo, sentando-se teso, com um movimento autoritário dos ombros, os olhos apertados, as narinas comprimidas de encontro ao beijo. — Eu lhe abençoção — repetiu a voz oracular e Sabina estendeu os braços rígidos para apertar Joana num rude abraço.

A tensão cedeu e me senti embaraçada. Que podia eu fazer? Que devia eu fazer? O meu dilema foi solucionado quando o caboclo cortesmente encarregou o jovem Antônio de me levar até o bonde. Ao entrar no quarto, o adolescente se estendeu no solo, na elaborada saudação que devem fazer os protegidos pela deidade masculina da guerra, e beijou a mão de Sabina. Levantei-me então para sair, aliviada, dizendo que outro dia, com mais vagar, trataria do assunto com o “cavalo”.

Antônio não era loquaz, mas respondeu às minhas perguntas. Enquanto andávamos sob a escuridão que caíra repentinamente, ele me explicou que Capangueiro chegara sem ninguém esperar e, embora sem dúvida cansasse Sabina, viria de novo no dia seguinte, pois descia duas vezes por semana e amanhã era um dos dias programados. Sabina era também cavalo do idoso Oxalá, que vinha duas ou três vezes por mês e dava audiência a quem o quisesse consultar.

Naquela úmida noite, no meu hotel de muitos andares, tive o primeiro pesadelo de que me lembro. Ouvi um agudo, lamentoso e desesperado grito e vi a enorme e agressiva cabeça de um gato furioso, que, de olhos chamejantes, se atirou sobre mim; e, na fração de segundo que precedeu o meu despertar, a cabeça do gato se desfez num arreganho sardônico. Senti-me arrasada ao levantar da cama, tremendo e suando. Quando assentei as idéias, veio-me, nítido, o pensamento: Sabina, maldita! Os olhos apertados e o nariz fungador do caboclo enquadrados pelos cabelos finos e fofos, as garras brutais na ponta das patas de veludo, a voz profunda que ocasionalmente se tornava uma voz feminina normal, o quarto pequeno e abafado com todos os que nele estavam mancomunados para me subjugar, de tudo isto viera o pesadelo. De tudo isto vinha a disposição de ânimo de todos os que “caíam no santo”.

— Não é concebível? — perguntei a Édison no dia seguinte, contando-lhe a estória.

— Não me admiraria. Mas estou surpreendido com a pressão que exerceu sobre você! É positivamente contra a ética! No longo trato que tenho tido com mães, nunca soube de nenhuma que tivesse invocado poderes mais altos para ganhar uma filha. É extraordinário! As mães “caem no santo” de repente para saber como solucionar problemas desesperados como doenças fatais, violações de tabus, despachos. Mas para ganhar você! E tanto dinheiro! — Ele esbravejava. — Eis por que organizamos a União com os templos de boa reputação — para proscrever essa charlatanice.

Quando lhe contei o que se passara, Menininha não se dignou comentar a ocorrência. — Quem é essa mulher? — perguntou, retoricamente. — A senhora a chama de mãe? Ela quer é ganhar a vida, e não ajudar os outros, e nunca foi treinada em candomblé algum. Está atrás da sua carteira de dinheiro, minha senhora, e do prestígio do seu nome. E vive combatendo Constância, que é uma grande mãe, porque Constância a batizou na lei de caboclo. Constância e Silvana, essas sim, são sacerdotisas! Silvana nem precisava jogar os búzios para ver. Olhando pela porta da rua podia dizer tudo sobre qualquer pessoa que fosse passando. Até o governador a consultou durante uma greve geral. Ela o ajudou contra o conselho dos seus próprios deuses e ele pagou seis contos de réis, e então os deuses acabaram com ela. Mas o governador teve sorte, porque fez o que ela dissera...⁴⁵ Como falar de Sabina como mãe? Ela não se importa com os deuses nem com as pessoas.

Raramente vi Sabina depois disto.

⁴⁵ Conta-se história semelhante com Rui Barbosa, que teria morrido por obra de Silvana. (Nota de É.C.).

Os templos frequentemente davam reuniões dançantes que nada tinham a ver com os deuses. Eram simplesmente uma ocasião para a gente moça se encontrar, ouvir música e dançar fox — e para amar, se o quisesse. Nessas festas o traje de baiana era posto de lado, como eram os tabus contra o cabelo espichado e o ruge. Muitas eram as discussões entre Menininha e Cleusa quanto ao uso do ruge, pois, mesmo no Gantois, os tempos modernos estavam chegando. Zezé e Hilda já tinham idade para não se deixar influenciar pelas novas tendências — e era mais uma censura que faziam a Sabina, a de que ela usava ruge. A vida na Bahia estava sobrecarregada de normas reguladoras da indumentária feminina e, durante a minha estada, o arcebispo fez novos pronunciamentos acerca do comprimento das saias e das roupas de banho das mulheres.

Édison dizia que os pretos eram tão loucos por dança que andariam léguas para ir a uma festa, se não tivessem o dinheiro do bonde, mesmo depois de um duro dia de trabalho: dançariam, rorejantes de suor, até a madrugada, e em seguida retomariam o caminho de volta ao trabalho. Só os deuses e o sangue negro evitam que morram de pneumonia, dizia com admiração, pois os brasileiros gostam de comentar a força física dos negros. Homens e mulheres estariam tão excitados, ao final do baile, que se amariam uns aos outros de modo casual, mal ocultos em algum vão de porta, despreocupados como bêbedos, até, que, por vezes, um polícia prendia um casal, em geral depois de servir-se da mulher. Às vezes, somente por bondade, a mulher se entregava ao homem que lhe pagava o bonde de volta; mas não considerava que houvesse necessariamente algum compromisso entre ambos depois disso. Se o homem quisesse

cortejá-la, teria de o fazer sistematicamente; de outra maneira, o homem não conseguiria nem mesmo que ela se sentasse junto dele no bonde e, quanto a dar-lhe o braço, era o supra-sumo da intimidade! Para a mulher negra, a sua companhia tinha mais valor do que as pedras preciosas.

A famosa Mãe Flaviana⁴⁶ estava para completar 90 anos e Édison disse, certo dia, que as suas filhas estavam planejando um baile para festejá-los. Ele comparecia freqüentemente a essas festas, pois conhecia o ogã encarregado de abater os animais dos sacrifícios;⁴⁷ e as achava interessantes. As mulheres e os ogãs alardeavam que Flaviana fizera tantas sacerdotisas que o templo ficaria rico, se cada qual delas contribuísse com dez tostões.⁴⁸

Assim, na tarde do domingo de aniversário de Flaviana, fui com Édison, no táxi de Almerindo, à sua "vila" perto do Engenho Velho. O dia estava quente e ensolarado, embora já fosse muito tarde. Édison cantava canções ligeiras, como de hábito, e a filhinha de Almerindo ouvia atentamente, empertigada no banco da frente. O templo era atraente — uma estrutura sólida, comprida, térrea, dominando várias outras construções na clareira. Um bode doméstico veio nos saudar e teve de ser afastado do automóvel. A nudez da casa me espantou. Aqui, como em outros templos, quase não havia flores, arbustos ou árvores ornamentais; as flores do altar eram sempre compradas nos mercados. As árvores altaneiras do mato próximo serviam exclusivamente como altares externos.

O templo era também a residência particular de Flaviana e de suas filhas, isto é, das filhas que dera à luz, e das filhas destas. Esse caráter privado levava os ogãs, tempos antes, a flanquear a entrada com duas grandes árvores de sombra, tão raras naquela cidade tropical desnudada de vegetação em favor de postes nus de fios telefônicos e de luz elétrica. Como outro indício do seu caráter privado, havia um atraente letreiro sobre o portão da entrada, coberto de estuque.

⁴⁶ Flaviana Bianchi, do Engenho Velho de Cima, falecida pouco depois. (Nota de É.C.).

⁴⁷ José Ferreira, *axogum*. (Nota de É.C.).

⁴⁸ Mil réis ou um cruzeiro velho. (Nota de É.C.).

Não obstante, o interior da "Vila Flaviana" era úmido e sombrio como o de qualquer outro templo convencional ioruba. O corredor que se estendia por todo o comprimento da casa era de barro batido e Édison e eu andamos por ele com cautela, receosos de pontos molhados e escorregadios. Fomos conduzidos a uma câmara semelhante a uma cela, no fim do corredor, e ficamos no escuro até que uma moça do templo acendesse uma lâmpada elétrica, dizendo: — Visitas pra senhora, minha mãe.

A velha Flaviana estivera deitada num estreito catre, cochilando. Sentou-se então e, de modo um tanto confuso, recebeu os nossos apertos de mão, estranha saudação para quem estava acostumada a beija-mãos, e, como resposta, deu a sua bênção de sacerdotisa. Édison lhe falou a meu respeito, mas não creio que ela tivesse escutado; nem mesmo teve curiosidade de olhar para mim.

Achei que no íntimo ela já não era muito deste mundo; o seu espírito estava tão distante! No catre, mantinha-se rigidamente ereta, equilibrando-se com movimentos das nádegas para trás, à moda das "baianas", e os seus velhos olhos, de bordas vermelhas no rosto preto, olhavam algo de irreal, acima e além de nós. Os ossos e o rosto eram delicados, frágeis e largos, e o cabelo espesso era branco como neve, curto e encarapinhado ao estilo masculino adotado pelas sacerdotisas que enrolavam panos à cabeça para carregar pesos. Vestia uma linda blusa de bainhas de laçada, tão larga e decotada que escorregava de um ombro e a sua textura mal encobria os peitos magros.

Enquanto a neta trazia cadeiras para nós, Flaviana disse a Édison, em voz apagada e falha pela falta de dentes, o que forçava a nossa atenção, que tinha ido à missa, cedinho, para festejar Oxum, sua deusa, que é também Nossa Senhora da Conceição. Mostrou-nos as cores de Oxum que usava no cordão de ouro e nos antiquados e largos braceletes de pesado ouro velho incrustado de coral, nos pequenos brincos de ouro e na ampla saia de tafetá rosa e ouro. Os seus finos dedos pretos deslizavam de leve sobre os adornos.

Como era o dia dos seus anos, Mãe Flaviana pusera à mostra as suas bonecas. (A deusa Oxum é uma jovem mãe e as bonecas representam

o mundo das criancinhas, sem as quais ela se sente infeliz.) Ela se virou para os pés do catre e nos apontou as bonecas que ali estavam recostadas em almofadas cor-de-rosa, ouro e azul-claro. Fascinada e enternecida, vi uma boneca, dois bonecos e um bonequinho louro de celulóide menor do que o meu polegar, com uma chupeta na boca e uma camisa-de-pagão como a dos bebês baianos. As bonecas maiores também representavam brancas, de olhos azuis e cabelos ruivos pintados nas cabecinhas de celulóide. Flaviana nos disse que tinham nomes. A boneca, embora fosse a maior, seria a mais moça: fora-lhe dada de presente alguns anos antes e tinha sido consertada para o aniversário. Usava uma touca de crochê, um vestido comprido, uma combinação e sapatinhos de crochê, tudo azul. Os bonecos usavam encantadores macacões marrons de pintas brancas, camisas brancas, sapatos e toucas pretos de tricô. Como pareciam exatamente iguais, Flaviana decidira que o menor era o mais moço. Ela os afagou, com afeição, e chamou a neta para trazer as maletinhas que guardavam as suas roupas.

Outras visitas entravam no quarto para cumprimentar a idosa mãe e entregar-lhe presentes embrulhados em papel colorido com cordões dourados. As sacerdotisas trouxeram mais cadeiras, alinhando-as em filas do catre até a porta. Na grande sala das cerimônias, próxima do quarto, os músicos começavam a afinar os instrumentos para a dança. Os visitantes, mal acabavam de dar os parabéns, corriam para perto da orquestra. Flaviana cessou a conversa, empilhou os embrulhos de presente na cama e os considerou tranqüilamente. Parecia cansada e perdida.

Então, numa efusiva confissão de temor, lembrou as suas dores, a sua fadiga, a surdez progressiva, a sua avançada idade. (Todo mundo lembrava quando Flaviana era bonita e poderosa, quando ninguém se teria afastado dela). Uma jovem sacerdotisa procurou confortá-la, dizendo gentilmente de vez em quando que Flaviana estava fatigada da missa da manhã e da chegada de Oxum, logo depois. Mas a velha matriarca não a ouvia e se deixou cair de novo em cima do catre, no meio das bonecas e dos novos presentes.

Seguimos então os outros. As luzes estavam sendo acesas por toda a parte, lâmpadas nuas e rudes combinando com a música estridente que a orquestra começava a tocar.

— Estão todos com roupa de cerimônia — disse Édison, com suave ironia. — Estilo de verão, a rigor.

Encarei-o interrogativamente.

— Olhe para eles — insistiu. — Todos os homens de roupa e sapatos brancos e camisas azuis. Todas as mulheres de vestido comprido azul. Fizeram-se elegantes para o fox. É formidável que Flaviana consinta nisto, mas não aparecerá a noite toda. Ficará lá dentro com Oxum.

Havia uns 15 homens e mulheres presentes e a orquestra de 4 figuras tocava num canto. A música era ensurdecidora e veemente como a de um clube noturno de *college*; era tocada devagar e os ritmos do fox quase se apagavam, pois os homens na verdade queriam tocar samba. Durante algum tempo, dançaram somente pares femininos e de repente reparei nos vestidos justos demais e nos alteados porta-seios na curva dorsal das mulheres se revelando com todo o exagero, as nádegas projetando-se pesadamente enquanto as dançarinas rodopiavam nos seus novos saltos altos. Embora fossem sacerdotisas, haviam desafiado a tradição, espichando os cabelos.

— Pobre Flaviana — disse Édison. — Ela deve ter sentido o cheiro do cabelo espichado, se é que não o viu. Ela até permitiu que pusessem ruge. Ruge e ferro quente... — Sacudiu a cabeça. — Os velhos africanos estão perdendo a partida para os cabeleireiros. Não admira que Martiniano se desgoste. E Flaviana não diz uma palavra sequer.

As moças se reuniam a um lado da sala e olhavam para os homens que zanzavam do lado oposto, aparentemente indiferentes, conversando e rindo como se estivessem a muitas léguas do baile. Moças e meninas continuavam dançando e os homens se chegaram aos poucos, cada qual dirigindo-se à dama de rosto sério e formal. Ao fim de cada parte, os parceiros corriam, como que apavorados, para o lado em que estavam os seus companheiros de sexo.

Achei aborrecida aquela falta de traquejo da roça, mas Édison estava interessado. — Veja, aqui eles aprendem a se tornarem sofisticados — disse, olhando à volta — e a deixar a África pelo mundo Ocidental e pelo século XX. Estão tentando pensar como nós. Se tivessem oportunidade, seriam tão convencionais como qualquer branco ou como qualquer preto educado. Estão brincando de romper com a pobreza, ainda que isto signifique ofender os deuses. Mas, naturalmente, mostram o seu verdadeiro caráter, de qualquer modo: as mulheres não se acanham de dançar e mantêm a ginga da *baiana*, embora o traje não seja próprio. Olhe aquela mulher procurando escapular do parceiro!

— O quê? — perguntei, perplexa.

— Sim, ela não está acostumada a ser segurada por um homem! Como a neta de Flaviana, ali. Antes dançou com uma moça e as duas estavam perfeitamente à vontade. Agora, está com um homem, e consciente disso. Não está feliz, é tão jovem e inexperiente e nunca teve namorado. Repare como estão sérios.

Édison era muito simpático, mas tinha esse hábito de pôr as pessoas ao microscópio, de modo que perdiam qualquer peculiaridade individual e de repente se tornavam um conglomerado de comportamentos. — Olhe! — continuou, os olhos brilhantes, soltando uma baforada do cigarro. — O rapaz está encostando a cabeça na dela e puxando-a para si, mas ela está afastando as pernas das dele! — Fez um ligeiro sorriso. — Ela está tentando escapar!

Eu trocei: — Creio que você está interessado nela!

— Não — e sorriu — mas já dancei com ela e é divertido ver de longe. É uma dificuldade guiar uma dama assim... Agora, há um outro tipo que você verá quando a festa for esquentando. Ela é mais velha e já teve muitas experiências com homens. Quando dança não se pode passar uma folha de papel entre o corpo dela e o do parceiro; e, com certeza, o homem começa a acariciá-la. Chamo esse tipo “dominador”. — Édison riu disfarçadamente e de brincadeira engrossou a sua voz de tenor até o baixo

forte. — Ele a enverga para trás e enfia a perna pelas saias dela. A mulher gosta e os dois ficam tão excitados que as crianças caçoam deles. Terminada a parte, o “dominador” bate palmas e mais palmas, gritando: Bis! Bis! Note que cada número dura mais ou menos dez minutos!

Édison estava observando a sala de dança enquanto falava, aparentemente reconhecendo os seus tipos, mas eu não o podia fazer.

— E há um terceiro tipo. Ela se mantém à parte, tentando imitar a classe alta. E demonstra o seu refinamento dançando à distância do braço! — Édison olhou para mim com malícia. — Mas ela acaba do mesmo modo que a outra que está sendo “dominada”... O homem que tira essa mulher distante é uma figura. Um dândi. Veste um terno branco engomado, bem lavado e bem engomado; usa sapatos brancos e até mesmo chapéu branco e às vezes gravata branca. Pôs água-de-colônia no rosto e no peito e até o lenço está perfumado: nenhum odor humano exalará! Faz com que as mulheres o considerem um homem importante, com dinheiro no bolso. Alguém deve ter-lhe dito que a pose faz o homem.

— Ele se aproxima da mulher distante sem uma palavra, mas com os braços rigidamente na posição de dança, e faz uma pequena reverência. Já viu isso em algum lugar, no cinema ou no teatro, e julga que a fala, em tais circunstâncias, é vulgar. Ela o aceita também sem uma palavra. Talvez ela não saiba nada do seu par, mas ele já descobriu se ela é comprometida, solteira ou donzela, pois pretende obter da noite mais alguma coisa do que dançar. Ele continua a desempenhar o seu papel aristocrático, sem a olhar, sem lhe falar e mesmo sem a tocar: segura-a apenas pelo pulso, para não a ofender tocando-lhe os dedos! Nada de intimidades entre eles! Ela faz o mesmo, segura um lenço da cor do seu vestido na mão que repousa no ombro dele. E, quando a parte acaba, ele não grita nem aplaude, leva-a de volta ao seu lugar e deixa-a sem quebrar o silêncio.

— Isso é apenas o começo. — Édison tinha-se animado com o assunto e demonstrava um travesso prazer nas minúcias. Falava agora com gestos imitativos e certa zombaria na voz. — Pouco depois ele novamente se

aproxima dela para nova rodada, ainda em silêncio; mas em breve arranja um jeito de tropeçar no pé da dama, como pretexto para um comentário. Logo que ela lhe responde umas duas vezes, ele acha que fez uma conquista e começa a virar os olhos e fazer trejeitos para chamar a atenção dos circunstantes. Muitos homens procedem assim, mas chegam a esse estágio mais cedo com os dois primeiros tipos... Agora o dândi segreda galanteios ao ouvido da mulher e ela responde, em voz alta, que não acredita, que não tem sorte com os homens, que ninguém gosta dela, que não é uma beleza! A essa altura o sujeito faz trejeitos terríveis para os circunstantes, para mostrar que está levando a dama para onde quer. A dama não pode ver, naturalmente, mas deve saber o que está acontecendo, porque já viu a mesma coisa com outros pares. Os homens riem com o parceiro dela. As mulheres sorriem e a animam, dizendo: — Nega, você pegou um homem..

Ambos sorrimos.

— Talvez você consiga ver um casal tirando uma linha — sugeri Édison, esperançoso. — É um hábito popular. Um homem gosta de uma mulher e lhe faz sinais com os olhos. Se ela retribui, isso significa que está interessada e que, de fato, o aceita. “Conversam” desse modo durante algum tempo. Ele vai tirá-la para dançar, dirigindo-se a ela com grande formalidade, como “senhora”, depois misturará tudo e a chamará de “senhorita”. Depois disso, tudo pode acontecer, especialmente se a moça tem mais de 20 anos.

Eu me cansara de estar de pé, observando, e propus a Édison dançarmos também.

— Oh, d. Ruth! — respondeu ele, um tanto alarmado. — Não, não podemos. Falaríamos de nós do mesmo modo que estive falando deles. Depois os outros homens viriam tirar você — e haveria confusão! Pensariam que você está olhando para eles com segundas intenções! Você precisa comportar-se como uma senhora!

Ele ficou aflito e procurou distrair-me apontando uma criança de 6 ou 7 anos que chorava terrivelmente quando a tia a deixava para ir dançar.

Ele supôs que tinham dado bebida ao garoto, mas a tia disse que não, que ele chorava de ciúme. As pessoas pareciam estar constrangidas com a nossa presença e por isso partimos muito antes da meia-noite. A rechonchuda filha do ogã sacrificador insistiu em levar Édison até o nosso táxi, com outra moça a quem dava o braço, e comentou, amuada: — O dr. Édison sempre dança até não poder mais! Mas hoje — nem nada!

— Ah, meu amor! — caçou Édison, de bom-humor. — Você bem sabe que o meu coração é seu! Sabe como me sinto honrado com a sua amizade!

— Bom — ela resmungou — bom...

E apertou-nos as mãos molemente.

Matutei bastante sobre o baile, por ser tão diferente dos que eu já vira e por ser o primeiro em que homens e mulheres se reuniam ao modo costumeiro do nosso mundo. Era o convencionalismo do baile que me chamava a atenção e que o fazia parecer em desacordo com tudo o que me acostumara a esperar, pois as pessoas não se sentiam à vontade. O espírito peculiar, que era o delas, estava completamente ausente. As mulheres haviam renunciado ao comando, mas os homens não as tinham realmente substituído. Não havia outra idéia por trás do baile, exceto o namoro, nenhuma exibição de virtuosidade, nenhuma invocação dos deuses. Mas, logo que podiam namorar, faziam-no, e Édison me assegurou que, após a nossa partida, a atmosfera deve ter-se animado enormemente.

Senti que me tornara africana nos meus preconceitos, tão africana quanto Martiniano, Menininha e Luzia. Achei que as pessoas se tinham perdido a si mesmas, ao pôr saltos altos para o baile e ao abandonar os padrões que costumavam desenhar com os pés descalços no chão de barro, guiadas apenas pelas batidas dos atabaques, pelo ressoar de uma cabaça ou de um simples palheta. As canções da orquestra não podiam comparar-se com as que o povo cantava no candomblé ou nas festas de largo, embora as canções tradicionais fossem pouco mais do que monótonas variações de uma escala para outra. Mas os atabaques! Os homens punham neles o coração, como jamais o poderiam fazer com uma orquestra. Os seus ritmos de base eram impressionantes, vigorosos e claros, brilhantemente secundados pelos sons mais claros de pequenos ferros,⁴⁹ batidos

⁴⁹ Agogôs. (Nota de É.C.).

ora com força, ora devagar, e de cabaças cheias de contas que eram sacudidas com rudeza ou em arremessos circulares, que as faziam sibilar.

E como eram vívidas as formas tradicionais de dança, desde as solenes dos templos ioruba até as alegres e tresloucadas que se executavam na rua! O treinamento nos templos insistia na delicadeza e esse padrão se estendia ao samba, mas não ao fox que tinha visto e ainda tornaria a ver. O fox simplesmente não fazia sentido para as pessoas, mas gerações inteiras haviam elaborado e reelaborado os padrões das outras danças.

Qualquer pessoa podia entender que miríades de indivíduos tinham dançado e batido os velhos ritmos, ao passo que o fox não somente era novo como não se adaptava ao seu esquema de vida — provavelmente fora tomado de empréstimo às casas aristocráticas onde as mulheres trabalhavam.

Édison compreendeu-me perfeitamente: — E se você pudesse dançar com eles, novas comportas de informação se abririam.

— Como?

— Você entraria na intimidade das coisas. A dança deles é vida: é a sua grande avenida de compreensão e de resposta, o seu modo de pensar, a sua maneira de manifestar-se. Lembra-se das mulheres do Engenho Velho? Algumas estavam em transe, outras não; mas todas estavam perdidas na dança. Podia-se vê-lo, pois os seus movimentos eram sensuais e fluentes. Aquela simpática, Elizabete de Xangô, parecia namorar-se a si mesma e depois, quando o deus baixou, estava como que dominada por intensa paixão, a vida dela naquele momento alcançara a sua mais profunda significação. É pena que os homens não sejam habilitados a essa experiência, exceto quando anormais; imagina-se que sejam de matéria terrena e o mais que podem fazer é dançar nas ruas.

Ri, pensando no dogma oposto da Igreja Católica acerca do seu sacerdócio.

— É verdade — repetiu Édison, com seriedade. — Diz-se que o espírito do homem está nas ruas, e não voltado para dentro, sobre si mesmo, onde

pode ser um instrumento dos deuses. É sempre “quente”, excitado, mundano. E acho que estão com a razão — disse sorrindo.

O povo sempre tem razão, a respeito de si mesmo, eu o sabia. Fascinante era ver como funcionavam as suas escolhas. De repente recordei uma cena num novo templo caboclo que visitáramos certa noite. Os ritos tinham começado e um rapaz de 18 anos desenvolvia uma soberba versão teatral do samba, saltando para cima e para os lados como um astro de balé. Mas censuraram-no por trazer a rua para a cerimônia, embora nesse templo dissidente se permitisse aos homens dançar na companhia das mulheres. O rapaz retorquiu que estivera apenas brincando, e não blasfemando contra os deuses. Mas a mãe viu vaidade e atrevimento nos seus requebros e pulos selvagens, e disse que os deuses não poderiam sentir-se à vontade, a menos que as pessoas fossem dóceis e submissas: — As mulheres não se requebram nem se exibem — comentou asperamente.

— Agora sei que as mulheres são o sexo eleito — disse eu a Édison. — Acho-o natural, assim como sei que no nosso mundo os homens são o sexo eleito. Mas gostaria de saber que satisfação tem uma sacerdotisa em se identificar com determinado deus. Que é que a faz sentir que pertence a Oxum e não a Xangô ou a Ogum?

— A moda explica um pouco — disse ele. — O que é que faz um monge entrar para uma ordem e não para outra? Talvez tenha sabido que representa certos princípios que lhe são caros, talvez seja a mais próxima da sua casa, talvez tenha encontrado alguém da sua admiração vindo de lá. Aninha, por exemplo, era de Xangô e muitos dos seus ogãs e sacerdotisas são de Xangô. Menininha é de Oxum e o mesmo acontece a muitas das mulheres, enquanto muitos dos homens são dos maridos de Oxum, que em ocasiões diferentes são Xangô e Oxoce. Além disso Xangô tem sido favorito por muito tempo; é o homem viril, o governante despótico, o amante cabeçudo (Martíniano diz que foi um estupraador), e até ressuscitou sob a forma do raio. Às vezes, é o cavalheiro do cavalo branco; ora se diz que parece com Roosevelt, ora com Mussolini.

— Os outros deuses masculinos não são tão fascinantes. Ogum governa o ferro e as brigas, um tipo rabugento. Mas o ferro era um metal nobre

na África bárbara; e as brigas? Bom, o ferro era usado nos apetrechos de guerra. Omolu controla as pestes, em especial a varíola, e alguns dizem que tem parentesco com Ogum. É velho, parálítico e manhoso. Oxoce é um encantador e jovem caçador, um príncipe da classe de Oxum. E se acredita que o idoso Oxalá seja tão desapaixonado como Jesus. Naturalmente várias influências fazem a mulher se dedicar ao serviço de um ou de outro deus.

— As deusas têm grande encanto feminino. Você já conhece Oxum, a mais querida filha de Oxalá, uma princesa, a perfeita namorada e esposa. Iansã, a tempestuosa viquingue, é tida às vezes como esposa, às vezes como irmã de Xangô, e por vezes ela o penetra, de modo que Xangô se torna bissexual. Muitas vezes ela faz maldades com a gentil Oxum. Iemanjá, segunda esposa de Oxalá, é a popular Mãe-d’Água e é considerada um voluptuoso deleite. Nanã é a primeira esposa de Oxalá e é muito velha.

— Têm personalidades distintas, não?

— Muito, e elas se revelam de todos os modos imagináveis. O traje conta a história do deus ou da deusa. A cor indica a idade, o comprimento da saia o sexo; os enfeites de búzios são preferidos por um, as contas por outro, a relva por um terceiro, o ferro por um quarto, o ouro por um quinto, um martelo por um sexto, uma espada por um sétimo, e assim por diante. Cada deus prefere certos alimentos, cozinhados de modo especial; alguns exigem jejuns, outros festins; cada qual tem um dia da semana reservado para os serviços ou o retiro e cada qual se identifica com algum santo do calendário católico, de modo que certas missas têm de ser rezadas em ocasiões especiais! Além disso, cada deus é representado por um símbolo fetichista, uma pedra de certa forma e cor, e a pedra tem de ser “alimentada”, lavada e vestida, para que todo esse cuidado a faça “crescer” e multiplicar-se. Às vezes um deus “mora” numa árvore, ocasionalmente numa cobra, e todos esses pormenores são conhecidos.

— Santo Deus! Como elaboraram as coisas!

— E não é tudo! Cada deus dança de modo especial, e a sacerdotisa deve aprendê-lo ou o deus não se sentirá à vontade. Os ioruba o ensinam

de um modo, os de Angola de outro e os caboclos de outro ainda. Naturalmente, o temperamento da mulher não deixa de transparecer. Tia Massi, por exemplo, é sempre incolor, mas Sabina é exibicionista como uma artista de cabaré. Menininha é uma artista, fria, competente, completamente controlada.

– Ainda assim, são todas católicas?

– Naturalmente. – Gesticulou com as mãos, zombeteiro. – A Igreja compreende tão bem a natureza humana! D. Ruth – virou-se para mim – a cerimônia final de ordenação das sacerdotisas se processa no interior de uma igreja católica; toda sacerdotisa tem de ser católica. E certas cerimônias cruciais, como a morte, têm lugar tanto no templo como na catedral. Você deve ver a Bahia durante os dois meses anteriores ao Carnaval! O candomblé e o catolicismo se misturam completamente! Há um dia chamado da “lavagem” da igreja do Senhor do Bonfim! Você vai ver!

Sacudi a cabeça ante tanta complexidade.

– Os homens – lamentei – pobrezinhos...

Ele riu.

– Alguns não são tão maus assim – disse ele, pensativamente. – Pai Bernardino, que tem um templo de Angola, é respeitado até por Menininha, que o chama de “irmão” quando ele a visita. Você precisa vê-lo dançar. Rivaliza com as mulheres que melhor dançam, embora seja um grandalhão. Dança no estilo das mulheres, sensual e distante, e é tão competente no seu trabalho que as mães quase se esqueceram do sexo dele. Mas que temperamento tem! É o que sobra do seu complexo de inferioridade e ele o evidencia nos gritos que dá onde quer que se encontre.

– Por que complexo de inferioridade?

– Por quê? É um homem, d. Ruth, num mundo dominado por mulheres. Um verdadeiro sacerdote do culto deve ser mulher e eu acho que Bernardino é bastante honesto nas práticas do culto para desejar que fosse mesmo mulher, em vez de homem que se comporta como mulher.

Sendo homem, tem de delegar muitas funções cruciais a uma mulher do culto e, no final das contas, é ela quem manda, em vez dele. Isto por vezes esvazia o cargo de pai.

Achei graça, pois jamais me acostumei a essa deflação da autoridade masculina, especialmente num país como o Brasil, embora o prestígio feminino fosse algo que eu compreendia bem, como na verdade o fazia qualquer católico brasileiro.

– E qual é o deus dele? – perguntei, curiosa.

– Exatamente o que você pode imaginar – respondeu Édison com certa satisfação, como se as regras do culto estivessem funcionando direito. – É Iansã, a deusa bissexual. – Sorriu. – Bernardino é muito coerente.

Sacudi a cabeça: – Pobre Martiniano!

– Sim. Sabia que ele “assentou” Oxoce, o caçador? Assim pode caçar mulheres... Bom, ele receia que os homens-mulheres dominem a Bahia, dentro de uma geração.

– Misericórdia! – disse eu, imitando a exclamação favorita de Menininha. – Minha Nossa Senhora!

Édison se divertia: – Que grande candomblezeira você está me saindo! Mas não se preocupe. Os homens não têm nem o caráter nem a dedicação necessários para manter os sacerdócios. São de temperamento brabo; brigam, xingam e batem nas filhas; nem sempre são honestos; e na verdade não conhecem as tradições do culto. Os deveres de mãe são tremendos e a disciplina nos templos mais antigos é coisa de pasmarr. As mulheres governam pela força da sua influência moral e raramente precisam recorrer aos castigos corporais.

– Como é que a mãe se treina?

– No templo ioruba uma sacerdotisa se abandona inteiramente a uma rigorosa educação que dura sete anos! Praticamente a sua alma é posta em cativeiro, pois ao fim dos sete anos, a família tem de resgatá-la! Ela renasce, então, e se fala da idade que tem “de santo”. Manuel

resgatou Zezé e por isso acha que ela lhe pertence; mas na verdade não há competição contra a mãe.

— Compreendo, ela é sempre a dona — disse eu, dando de ombros.
— Não sei se eu gostaria disso.

— É questão de temperamento, suponho — sugeri eu. — Nem todas as filhas são tratáveis. Algumas resmungam; mas acabam fazendo o que se lhes manda, a pressão é muito grande. De qualquer maneira, muitas delas têm gente mais nova em quem mandar, pois escalonam as mulheres em classes de sete anos.

Ri de novo, surpreendida com a complexidade do sistema. — É como um *college* — disse eu.

— Mais aperfeiçoado — disse ele, piscando os olhos.

— Como se chega a ser mãe, então?

— Ela deve ser a mais velha da classe mais velha. Isto significa que já completou várias vezes o mínimo de sete anos de treinamento e já ocupou muitos postos de responsabilidade.

— Mas Totônia! — protestei.

— Estou falando da mãe-modelo. Bom, mesmo no caso de Totônia, Massi e Luzia são as chefes atuantes — e são sacerdotisas desde a aurora dos tempos. Totônia entrou nisso por hereditariedade, porque a tia tinha grande influência sobre a sua gente; mas você sabe que a herança se tornou puramente nominal. Aninha se afastou do Engenho Velho e organizou o seu próprio sacerdócio; mas já havia sido resgatada e aprovada. Pulquéria legou o seu posto à sobrinha, que depois o transmitiu à filha, Menininha; mas todas essas mulheres tiveram treinamento completo e Menininha foi feita quando ainda era praticamente uma criança. Mesmo assim, os velhos do templo não se dispuseram a entregar-lhe a chefia senão após uma contenda encabeçada pela velha d. Laura, que é agora assistente dela. Laura é mais idosa do que ela por nascimento, embora mais moça “de santo”, e insistia em ser a mãe. De fato, após a morte da sobrinha de

Pulquéria, houve uma espécie de interregno em que Laura e Menininha operavam conjuntamente; Menininha, porém, tinha a vantagem do maior treinamento e de residir na casa de culto, pois sempre morara com a tia-avó. D. Laura teve de engolir sapos e contentar-se em ser apenas a mãe-pequena.

— E dá certo?

— Não — riu ele. — Mal se falam e é por isso que Hilda se destaca, pois é a verdadeira confidente e assistente de Menininha. Suspeita-se de que d. Laura pratique a magia negra, o que nenhuma mãe deve fazer; mas desse modo ela arregimenta um séquito em que Menininha não está interessada e todo mundo tem de considerá-la, porque é perigosa.

— Uma verdadeira máquina política? — perguntei, incrédula.

— Naturalmente. — Fez um gesto com a mão e procurou outro cigarro. — Misture africanos e latinos e terá uma organização política. Escavidão ensinada pelo rei do Daomé, disciplina ensinada por Inácio de Loyola... Exalou a fumaça do cigarro e deixou a frase por acabar.

— Você continua a insistir no ioruba? — perguntei, tateando.

— Porque é o treinamento-padrão, a tradição clássica. Os outros são menos acabados e complexos, até que se chega aos caboclos e ao espiritismo, onde tudo é mixórdia.

— Bem, está quase na hora de eu dançar — disse eu, voltando à discussão inicial.

Ele fez um ar de desprezo. — Deixe-me dizer-lhe em que se vai meter. Veja esta dança que o jovem pai João da Pedra Preta⁵⁰ estava me mostrando. Conserve os pés — pés descalços — rente ao chão, sem jamais se elevar nos artelhos ou na sola. Mantenha os braços com a parte de dentro virada para o céu, os cotovelos encostados nas costelas, as palmas

⁵⁰ João Torres Filho, também conhecido como Joãosinho da Goméia: Pedra Preta era o seu caboclo, Goméia o lugar em que funcionava o seu candomblé. (Nota de É.C.).

das mãos para cima. Imagine que você está dançando para Oxoce, o caçador. Encoste o indicador da mão direita no polegar esquerdo e, afora esses, estique somente o dedo mindinho esquerdo. Tremelique os ombros. Sacuda os braços, mantendo os ombros imóveis. Empine as cadeiras. Os pés dançam no mesmo passo, mas as partes superiores do corpo se movimentam em ritmos diferentes, dependendo dos atabaques. Depois faça o corpo mole, da cintura para baixo, e balance-o languidamente de um lado para outro. Contorça, em movimentos rotativos, a pelve.

– Não acho que você tenha confiança em mim – disse eu.

– Os norte-americanos provavelmente podem fazer tudo – caçou ele – mas só acredito quando vir você dançar assim para Oxoce.

Martiniano cumpriu a ameaça – o seu voto de não comparecer aos templos – e eu jamais o vi nas famosas cerimônias. Nunca o vi em outro lugar a não ser no apartamento dele, com entrevista marcada, onde eu ia supostamente para aprender dele o *lore* africano. Mas, quanto mais eu queria aprender, menos podia extrair dele, pois, pelas regras da sua lógica, tudo se tornava sem preço se eu o desejava. O dinheiro, pagamento a vista, tinha amaciado satisfatoriamente as nossas relações, mas havia ocasiões em que eu não falava em pagar, pois queria ver como ele agiria. Ele se fechava como um caramujo ou ficava irritado, embora já nos conhecêssemos havia meses e Carlinho e Matilde já se tivessem acostumado e se expandissem comigo.

Havia quem achasse que Martiniano tinha um gênio complicado. Eu acho que tinha uma natureza expansiva que entrava em luta com a armadura de sigilo que dispusera em torno de si. Sim, era uma armadura. Achava que a vida e a época concentravam armas de morte contra si. Julgava que a gente dos templos, se os visitasse, o receberia com alimentos envenenados. Embora tido como um dos dois maiores feiticeiros africanos do Brasil – o outro era Felisberto⁵¹ – e respeitado como tal, torcia a conversa para trazer o caso à baila e desmenti-lo. – Eu, feiticeiro! – explodia, como se o acusassem de profanar sepulturas. Sabia, naturalmente, que a feitiçaria era ilegal no Brasil e também que não havia lugar para ela na atmosfera amável do candomblé da Bahia; mas o negava, estou certa, principalmente porque é da essência da feitiçaria disfarçar-se. E no entanto

⁵¹ ... Sowzer (Benzinho). (Nota de É.C.).

gostava de estar com outras pessoas, de contar histórias, de flertar com as mulheres, e os seus modos eram verdadeiramente simpáticos e cheios de calor. Os seus laços com todo mundo tinham o caráter de vaivém: acolhedor e esquivo; ora pagão, ora católico; agora um anfitrião cordial, logo mais um necromante calculista.

Édison e eu tínhamos certeza de que Martiniano ganhava a vida com a prática da magia, que aprendera na Nigéria e se recusava a ensinar a quem quer que fosse na Bahia. Brancos e pretos nos disseram que o respeitavam pelo seu talento e alguns até mesmo acreditavam que fosse o próprio diabo, com a sua pele preta e os seus olhos avermelhados e a sua dedicação a Ifá, deidade do Destino. A polícia o considerava feiticeiro de profissão e o vigiava. Os aficionados dos templos supunham que tivesse exercido a magia para Aninha durante o longo período em que servira no templo dela, magia de que ela precisava, mas que os seus votos sacerdotais não lhe permitiam fazer. Ele lhe era na verdade indispensável, mais do que qualquer ogã, e o êxito de Aninha cresceu com esta associação. Ela era a sacerdotisa, ele o feiticeiro.

Eu desejava ver Martiniano de mãos à obra na sua profissão secreta e eu e Édison empenhamos as nossas treinadas mentes no problema. Técnicas de perguntas e respostas e até mesmo as conversas mais diversificadas falharam no penetrar a blindagem de Martiniano. Tornava-se embaraçoso, e até ofensivo, continuar a picar o velho e nos arriscávamos a perder a sua amizade. Decidimos, então, que no caso a franqueza não tinha propósito. Em vez disso, dar-lhe-famos um cliente.

Édison conhecia uma cabeleireira mulata, chamada Rosita, recém-chegada de Ilhéus a serviço, que estava às voltas com um caso de amor. Propusemos financiar-lhe a consulta a Martiniano, contanto que eu pudesse acompanhá-la e observar, o que ela prontamente aceitou, embora eu me arrepiasse com a indelicadeza. Édison arranjou as coisas com Martiniano — que ficou encantado, a despeito das negativas que insistentemente fizera até então — e explicou que Rosita desejava a minha presença porque éramos comadres e amigas íntimas. — Pronto — disse Édison para mim,

estalandos os dedos, como se fosse o próprio mago. — Vamos embora. — E, como Martiniano já morreu — embora, na crença africana, a sua alma esteja a ponto de se reencarnar em algum bebê — posso contar a história sem ofensa para ele.

Lá pelas 10 horas do dia combinado, Almerindo nos levou até a casa dele. Galgamos a terrível escadaria e batemos à porta aberta.

— Podem entrar! — cantou Carlinho correndo para nós, erguendo o bonito rosto, os olhos brilhantes, o sorriso luminoso. E se escapuliu para sentar-se, faceiro, numa pequena mala num canto.

— Que menino doce! — exclamou Rosita, encantada, e eu comecei a jogá-lo para o ar, como o fazia a cada visita.

Martiniano entrou na sala, sorrindo e dizendo, como de costume: — Bom dia, dona! Não seja boa com ele, é um menino mau!

Édison costumava explicar-me que o velho estava simplesmente conjurando o mau olhado com aquela frase, para que a minha admiração não causasse mal a Carlinho; e o menino mesmo não se perturbou com a ranzinze, pois puxou a minha saia com força, quando o pus no chão, dizendo, num fio de voz: — Mais! Quero mais! — Martiniano teve de me ver atirá-lo de novo e virá-lo de cabeça para baixo no ar, enquanto Rosita ria e Carlinho gargalhava de alegria.

— Duas crianças! — comentou Martiniano, numa semi-reprovação, e se virou para Rosita. — Martiniano Eliseu do Bonfim, às suas ordens — apresentou-se ele — e já sei que a senhora é d. Rosita.

Ele lhe estendeu a mão graciosamente e Rosita pousou nela os lábios. Martiniano examinava-a com admiração, porque Rosita era do tipo claro chamado “branca brasileira” e estava elegantemente trajada com um costume branco, um chapéu de palha, da moda, enfeitado de flores, sapatos de salto alto e usava creme no rosto.

A despeito da sua lealdade à África, a raça branca e as suas maneiras tinham grande valor para ele. Certa vez me dissera — nunca pude saber se

se sentia deprimido ou estava gracejando ou apenas devaneando: — Se eu nascer de novo no Brasil, desejo ser branco e rico e casar com uma mulher branca, em vez da preta que tenho.

— Seria um padre? — perguntei, pensando na sua carreira sacerdotal no templo de Aninha.

— Não! Não! — Sacudiu a mão negativamente, rindo. — Nada de saias quando eu nascer de novo — nada dessas bobagens. Quero ser um homem.

Édison não gostou da história, quando a relatei, achando que Martiniano estava tomando intimidades. — É um diabo robusto — disse ele — e ainda gosta de dar palmadas e beliscões nas mulheres, especialmente nas gordas e moças.

Esses pensamentos estavam no olhar de Martiniano e Rosita me olhou um tanto constrangida. Para disfarçar, eu disse: — Seu Martiniano, mostre algumas coisas interessantes.

Ele caminhou ao redor da sala, de bom-humor, e se deteve diante de um elevado altar onde, ao nível dos seus olhos, um santo cavalgava, cercado de flores artificiais. — Ele é São Jorge da Inglaterra, meu padroeiro.

O santo montava um grande e fioso cavalo branco, vestia uma armadura de aço azulado e um elmo enfeitado de plumas. Martiniano retirou o elmo para mostrar os compridos cabelos louros do santo.

— Ele é Oxoce “na vida africana”, não? — perguntei.

— É — assentiu com a cabeça. — E nos aniversários dele eu lhe ofereço um buquê de flores frescas e atiro pétalas no chão e nos amigos que vêm festejá-lo. Esta vendo isto? — Mostrava uma toalha que cobria o altar, em que estavam bordados um São Jorge e uma frase na língua ioruba. — Eu desenhei — disse com orgulho — e Matildes bordou!

Por toda parte, pendiam das paredes gravuras coloridas de Jesus e da Virgem Maria, em diferentes invocações, registros de Santo Antônio e do mulato São Benedito carregando o Menino e num canto havia ins-

tantâneos e grandes retratos de amigos e parentes. Carlinho virava os olhos para cima do seu assento contra a parede e Martiniano riu, porque ali estava pendurado um frade com um guarda-chuva aberto.⁵²

— O guarda-chuva se levanta quando está para chover — explicou ele. — Mas esse frade é um preguiçoso... Bom, vamos ao trabalho!

Ele nos levou a um quarto sem janelas, separado da sala por uma porta de vidro que, na parte de dentro, tinha cortinas sujas de algodão. O quarto continha um velho catre e algumas cadeiras; nas paredes viam-se estampas sagradas convencionais e duas pequenas imagens de Cosme e Damião, cercadas de flores. Ele fechou a porta e o quarto se tornou abafado e malcheiroso.

Sentando-se no catre, Martiniano indicou-nos duas cadeiras defronte dele; depois, levantando uma pequena cadeira com o braço direito rigidamente estendido, gabou-se, olhando para Rosita: — Muita força para um velho, hein? — De junto de si apanhou um bonito alguidar de madeira, raso, de cor castanho-escuro, velho e muito usado. Estava polvilhado de areia fina. No alguidar pôs um velho cesto raso, por sobre o qual jogou uma suja toalha branca. Por cima disso jogou os 16 búzios com que pretendia adivinhar o futuro de Rosita. Debaixo do enxovalhado lençol, tirou duas antigas e bonitas presas de marfim, amareladas e gastas pelos anos, entalhadas em estilo sudanês; alfinetes de metal estavam pregados em cada presa e uma delas tinha uma cara masculina esculpida, com alfinetes de metal no lugar dos olhos.

Revolvendo o alguidar no regaço, mostrou que era entalhado de ambos os lados. — Veio do Egito — observou. — Olhe, o lado de dentro é dividido ao meio. De cada lado há uma lua crescente com protuberâncias. Chamamos a adivinhação de “artes da lua” e as protuberâncias aqui são os nossos segredos. Aqui está outro segredo, ao lado da lua: quero dizer, este desenho que parece uma harpa. Abaixo está o esboço de um homem com um arco e abaixo dele um filhote de lobo. Aqui está uma espécie de

⁵² Higrômetro popular. (Nota de. É.C.).

rosário entalhado entre os desenhos, constituído de pequenos triângulos. Cada babalaô tem um rosário africano de búzios chamado *okpelé*, mas é diferente deste. Agora vamos começar. D. Rosita, a senhora é católica? — Como Rosita hesitasse, ele advertiu: — Se não acredita em Jesus, não podemos fazer nada. Eu sou cristão!

— Oh, sim, acredito em Jesus — assegurou-lhe Rosita, confusa. — Eu estava apenas surpresa.

— Muito bem. Que é que lhe aflige? — Enquanto Rosita começava a falar, Martiniano enfiou uma nota de cinco mil réis debaixo da toalha e se pôs a dar-lhe pequenos puxões num dos cantos, de modo que o dinheiro ficasse constantemente à vista.

— Quero que isto fique em segredo, seu Martiniano — pediu, engolindo em seco, nervosa.

— Sem dúvida! — garantiu ele. — O meu trabalho é secreto. Não falo nem à minha mulher. Naturalmente ela me ajuda nas receitas e coisas assim, mas nada sabe a respeito dos casos!

Rosita se inclinou para a frente e falou com resolução. Disse que estava comprometida a se casar com o homem a quem mais amava no mundo. Martiniano cacarejou com simpatia. Contudo, o noivado era secreto, pois os pais se opunham por duas razões: o noivo era “escuro” e tinha muito mais idade do que ela; desejavam que casasse com outro, um branco muito mais moço; ela mesma julgava que o aceitaria, se já não gostasse do outro.

— Que devo fazer? Procurei o senhor porque é idoso e experiente e, se todo mundo vem aqui, é porque o senhor dá conselhos bons.

O velho mago não tinha sossego e resmungava que não se deve desobedecer aos pais. Pegou os 16 búzios, jogou-os no alguidar, colheu-os com os dedos compridos e os esfregou nas palmas das mãos, enquanto murmurava invocações ao deus ioruba da adivinhação, Ifá. Bocejava ao fazê-lo e erguia a cabeça a cada ruído novo que viesse da sala. Jogou os búzios de novo e os colheu. Às vezes jogava todos os 16, outras vezes

punha alguns de lado enquanto jogava apenas aqueles que pareciam ter caído em posições críticas, e durante todo o tempo as suas mãos se moviam com gestos como de dança. As suas invocações se tornaram mais altas à medida que jogava os búzios cinco ou seis vezes seguidas — e rompeu num ruidoso bocejo. Depois declarou: — Os búzios dizem que a senhora deve esquecer o mais velho. A senhora deve deixar tudo de lado durante um ano, sem pensar nele. Deixe o mais velho ir embora. Senão, logo depois do casamento, haverá vexame e briga. A senhora não deve contrariar os seus pais.

Ele viu que o rosto de Rosita se entristecia e jogou os búzios de novo várias vezes. — Eles dizem que não é aconselhável irritar os seus pais — disse suavemente, olhando-a.

— Devo casar com o outro? — perguntou Rosita.

Ele jogou novamente os búzios. — Não, sossegue.

Ela lhe mostrou o anel de noivado, uma simples aliança de ouro pendurada num cordão por baixo do vestido. — Está vendo? Eu estou de fato comprometida em segredo.

Martiniano ficou mais animado e jogou de novo os búzios. — Eles dizem que o melhor de todos é o mais velho. Mas os seus pais são um obstáculo. — Levantou os olhos e viu Rosita sorrir. — Tem de esquecer o outro moço, o mais moço. — Jogou os búzios. — Agora, se a senhora fosse um de nós, eu sugeriria alguma coisa para fazer seu pai mudar de opinião. Nada de mal! — assegurou apressadamente.

Rosita disse que faria qualquer coisa.

— Vai custar dinheiro — continuou ele. — A senhora terá de comprar uma conta de coral como esta, uma fruta como esta e esta especiaria. — Mostrou uma conta comprida cor de tomate e um cheiroso naco de frutapão e fê-la mastigar um pedaço da especiaria. — Terá de comprar também uma esteira e três búzios. — Vendo que Rosita ia tirar da boca o pedaço da especiaria que mastigava, gritou: — Me dê! Não jogue fora!... Oh, não vou usá-la para o mal. Mas não é prudente jogar fora a saliva à toa,

alguém pode fazer magia negra com ela... A senhora me dá o dinheiro para o despacho e eu compro as coisas. São mais ou menos 62 mil réis. Traga o dinheiro no começo da semana que vem e começaremos a trabalhar. Onde mora? Em Ilhéus? Eu lhe darei um desses búzios e guardarei dois para mim. Não é para nada de mal! Ficarei com eles até a senhora deixar a Bahia. Agora a senhora escreva o seu nome, o do seu pai e o do seu noivo num pedaço de papel e embrulhe o búzio com ele. Então começaremos a fazer as coisas. Oh, não prejudicará o seu pai, apenas fará com que ele mude de opinião! Aqui só posso dar começo ao trabalho; a senhora terá de continuá-lo quando chegar a Ilhéus e me escrever.

— Devo saber outra coisa — disse Rosita, nervosa. — Terei filhos?

Martiniano jogou os búzios e pareceu satisfeito. Sorrindo, disse que não via por que uma moça atraente não havia de ter filhos. De repente a sua atenção foi distraída por um ruído de fora e ele se voltou para escutar, levantando as cortinas para espiar e abrindo uma fresta na porta. Não satisfeito, chamou a mulher para uma explicação e, depois, com um resignado levantar de sobranceiras, voltou ao trabalho. Jogando os búzios duas ou três vezes, sorria, sacudindo afirmativamente a cabeça: — Oh, eu quisera lá estar para vê-lo! Um filho... Posso vê-lo de pé na porta, sob os seus olhos! Naturalmente terá um filho!

Rosita, feliz, perguntou quantos. Martiniano respondeu em voz sumida: — Os búzios dizem que espere... Não faça perguntas...

Rosita disse que ainda queria saber outra coisa, mas Martiniano a interrompeu. — Primeiro, quero o seu retrato.

Rosita sorriu, incerta, e disse que não tinha nenhum com ela. Ele explicou: — Quero dizer, pague a mesa.

— O quê?

— A senhora é brasileira? — replicou Martiniano, impaciente. — A primeira pergunta eu respondi de graça; mas, depois disso, só pagando. Foi por isso que botei os cinco mil réis na mesa — como um aviso.

Rosita ficou vermelha como camarão e lhe deu o dinheiro.

— Pensei que pagasse no fim — disse ela. — O que quero saber agora é se devo continuar com a minha profissão? O noivo não quer.

— Ele tem razão.— Martiniano sacudiu a cabeça. Jogou os búzios, que confirmaram a sua opinião. Não tinha mais nada a dizer a Rosita. Mas parecia relutar em despedir-se quando nos levantamos.

— D. Ruth — disse amavelmente — nunca lhe mostrei as coisas que os meus pais me deixaram e que trouxeram da África. Talvez a senhora e d. Rosita gostassem de vê-las?

Olhei interrogativamente para ela e, sem uma palavra, concordamos em que o velho se sentia só e permaneceríamos por mais um pouco.

— Nunca mostro a ninguém essas coisas — disse, levando-nos para fora do apartamento, por um corredor, até um cômodo fechado. — Só ao dr. Nina Rodrigues e a um ou dois amigos. Mas sei que o seu coração está com elas.

O cômodo era também abafado e sem janelas e continha um embaralhado sortimento de coisas de candomblé como eu nunca vira igual. Havia estatuetas de deuses em madeira e em bronze, com as suas contas, leques e espadas sagradas, tudo feito por artesãos negros da Bahia, já falecidos; jogados a esmo estavam os seus paramentos e cetros reais de bronze, com figuras humanas de enormes órgãos sexuais gravadas nos extremos. Havia pedras-fetiche, em que residia a força dos deuses, que nadavam em azeite, sangue e álcool, de que se nutriam e em que tinham sido banhados em ocasiões diferentes. A poeira parecia um manto, pois Martiniano não permitia que ninguém mexesse nas coisas divinas, e o cômodo tresandava a mofo. Apanhando uma estatueta de madeira, o velho feiticeiro disse que pertencera ao pai e representava uma pessoa possuída por Iansã. Segurou-a para que eu a examinasse: era uma figura feminina de saias, com os seios nus, contas sagradas em volta do pescoço e duas asas saindo-lhe da cabeça, representando os raios ou — quando se tornava Xangô — representando um machado.

— Iansã protegia meu pai — disse, absorto — e por isso eu ainda sacrifico para ela.

Martiniano examinou um prato com galinha cozida que estava num vão, um sacrifício tão antigo que até mofara, e depois se inclinou sobre um pequeno recipiente de sangue coagulado.

De repente, ergueu-se. — Chega! Chega! — disse, com pressa, levantando-nos para fora e fechando a porta. — É como se este quarto estivesse cheio de dinamite — é preciso andar lá dentro com muito cuidado ou qualquer coisa de ruim pode acontecer. Eu preferia não ter de cuidar disso, mas é legado dos meus pais. — Sorriu e virou-se para Rosita: — Fique longe destas coisas. A senhora é muito bonita para esta vida... Mesmo assim, eu sempre quis uma mulher desta cor. — E apontou a palma cor-de-rosa da sua mão.

Estávamos então no alto da escada, a ponto de descer. Martiniano nos bloqueou a passagem e disse, numa fingida admoestação: — Não esqueçam de me beijar a mão e pedir a bênção.— E nos estendeu os dedos sujos, de unhas compridas.

Algo de novo havia nele, e me intrigou. Penso que se alegrava com o nosso pedido de ajuda e tinha horror a renunciar ao seu sentimento de autoridade sobre nós. A cada passo da nossa descida nós o deixávamos mais só, não mais sentindo cada qual de nós, mas lembrando apenas que era um velho feiticeiro acuado.

Nunca mais o vi. Agora, que está morto, que terá acontecido àquele quarto cheio de deuses bárbaros, tão precioso para os estudiosos, tão amedrontadores para o culto? E, mais importante para mim, onde estará o pequeno Carlinho, cuja voz cantante deve estar prestes a engrossar numa voz de homem?

Eram as mulheres do candomblé que canalizavam a vida das gentes na Bahia e assim foi um grande acontecimento quando se espalhou a notícia de que o Gantois ia realizar os ritos cruciais do axexê⁵³ para limpar o templo dos sombrios miasmas trazidos pela morte do ogã Bibiano,⁵⁴ um ano antes. O Egungum da morte interrompera a vida durante um ano, afugentando os deuses da África; mas, após os ritos programados, seguidos de missas na igreja dos Agostinianos, os deuses desceriam e dançariam novamente e permitiriam que o sacerdócio funcionasse em toda a sua capacidade.

Eu estava resolvida a assistir à cerimônia; mas ninguém fazia um convite, pois não era considerado amável nem cortês fazê-lo. Quem deseja aproximar-se da morte? Os ogãs fugiam dela, quando o podiam fazer, e até as mais importantes mães tentavam manter-se à distância. Ao contrário dos outros católicos, aqueles negros robustos tinham herdado a convicção de que somente a vida, tal como a conheciam, era boa, e não podiam pensar em melhor futuro para uma alma senão reencarnar-se logo num bebê vivo. Foi assim que Menininha soube que a sua filha Cleusa pertencia a Nanã, pois, embora Nanã nunca tivesse baixado em Cleusa, os búzios tinham revelado, na mesa divinatória, que a avó da menina, que era de Nanã, se reencarnara nela.

Zezé tinha de dançar no axexê, como sacerdotisa consagrada, mas Amor andava muito triste com a ocasião, proibindo os filhos de se apro-

⁵³ Ritos fúnebres. (Nota de É.C.).

⁵⁴ Cupim, açougueiro e banqueiro de bicho. (Nota de É.C.).

ximarem do templo e repreendendo a cunhada por querer levar ao templo a filhinha Marinalva, não obstante a cunhada estar em treinamento para o sacerdócio. Zezé, naturalmente, não o contrariaria ao ponto de me convidar; portanto, como o fizera com Martiniano, tentei descobrir um meio indireto. Como me mostrar razoável e discreta?

Certo dia Zezé me convidou para almoçar porque, disse, queria apresentar-me a um visitante da Espanha que desejava tornar-se ogã. Era dia de Oxum e ela prepararia a comida especial da deusa — um prato de ovos cozidos e camarões com farinha de mandioca. Cheguei cedo, levando uns doces, e, como Zezé ainda estivesse trabalhando no fogão, vagueei um pouco. Não simpatizei com o espanhol, que se grudou ao avental de Zezé e falava afavelmente demais, sem cessar. Fazia muitas perguntas sobre normas do templo, o que me pareceu muito esquisito.

A refeição não poderia começar antes que Manuel Amor regressasse do trabalho na Faculdade de Medicina, de modo que procurei a companhia da pequena Marinalva. Era uma coisinha minúscula que o jovem pai abandonara e que Manuel generosamente adotara; dr. Álvaro, marido de Menininha, tratara dos papéis. Não morava com Manuel e Zezé, mas a mãe ou a meia-irmã a levava todos os dias a casa deles, onde era querida e mimada ao extremo. No início sua aparência me aterrava. Estava muitíssimo doente, com uma vasta erupção cutânea, o corpo e as faces enrugadas e esverdeadas como os de uma múmia. Mas em seis meses era outra. A família penteava e lavava os seus negros cabelos corredios até torná-los sedosos e ondeados. Lavava e pusera talco na sua pobre pele ressecada até sarar. Alimentara-a de bananas e de leite e de outras coisas até que a sua cor se tornasse um moreno sadio e ela começasse a andar, a gritar e até a falar. Manuel tratava-a como se fosse louça fina e falava-lhe com a ternura de um rapaz recém-apaixonado. E eu me perguntava se a pobre criaturinha não estava realmente se tornando a beleza que os seus parentes sempre pensaram que fosse.

Ela passeou comigo em volta do seu lar de adoção; ou melhor, cambaleava e corria como um passarinho, perseguindo as galinhas gordas

que por ali ciscavam despreocupadas, e, por fim, se encaminhou para o bode amarrado a uma árvore distante. Levei-a noutra direção, para trás da casa, para não ter de sentir a catinga do bode, e examinamos a horta da família, cultivada numa rampa precipitada e profunda, mas muito fértil devido à decomposição de troncos de árvores. Árvores frutíferas se desenvolviam livremente e, quando no tempo próprio, bastava esticar a mão para apanhar uma manga, um abacate ou uma banana de várias qualidades.

— Não! Não! — era a voz profunda e afetuosa de Manuel.

Ele se aproximou e pegou a menina, que estava tentando meter barro, verduras e folhas na boca. Sorrindo, disse: — Venha almoçar, d. Ruth. É uma honra tê-la conosco.

E tomou a frente com Marinalva trepada no ombro, contornando a casa limpa e bem cuidada pelo passeio de cimento que cobria o barro vermelho como um tapete.

Zezé tinha posto a mesa na sala-de-jantar; embora a sala fosse de chão batido, a mobília era nova e havia cortinas nas janelas. Ela estava ocupada, servindo, e Manuel, as crianças e eu comíamos e escutávamos, enquanto o visitante espanhol pedia receitas culinárias a Zezé e as anotava, fazia perguntas sobre Cosme e Damião, propunha dar uma contribuição em dinheiro e dizia que desejava visitar d. Menininha. Assim se passou a hora da refeição. Ele não dizia uma só palavra a respeito do seu país, por mais que eu tentasse fazer perguntas, e o meu espanto aumentou. Menciono a sua visita porque todos soubemos pelos jornais, algumas semanas depois, que ele fora eventualmente reconhecido em Pernambuco como agente de Franco, embora procurasse passar por soldado da Espanha legalista. Até agora não consigo descobrir de que modo planejava usar os templos.

Mas Zezé naquele dia se envaidecia com as atenções do espanhol, que lhe deu um broche como sinal de estima. Manuel depois o levou ao templo, para mostrar-lhe as dependências e apresentá-lo às mulheres que lá estivessem.

Eu fiquei, ainda imaginando como abordar o assunto do axexê. Zezé descansava numa cadeira-de-balanço, que colocara a meu lado para evitar a indelicadeza de me encarar de frente, e sentou Marinalva no regaço. Mastigou um pedaço de banana que, depois, meteu na boquinha da criança, ao mesmo tempo que a embalava.

Cleusa desceu os degraus e olhou pela janela. — Mamãe manda perguntar — disse para Zezé — se pode dar uns cinco ou seis ovos para o axexê de hoje de noite.

Zezé diminuiu o balanço, mudou Marinalva de posição e respondeu com cautela: — Não tenho nenhum.

A irmã, que estava em treinamento na nova classe de iniciandas, chamadas abiãs,⁵⁵ de Menininha, gritou de um cômodo interno: — Tem, Zezé! Tem, sim!

Suponho ter visto um espasmo passar pelo rosto de Zezé. Ela se levantou, pôs Marinalva cuidadosamente no chão e se dirigiu para o interior da casa, dizendo a Cleusa: — As galinhas não estão pondo, mas talvez Amor tenha comprado alguns ovos. Vou ver.

Voltou pouco depois com cinco ovos na mão. Cleusa agradeceu e foi embora.

Zezé sentou-se outra vez na cadeira-de-balanço, de rosto impenetrável, e apanhou a criança. De repente, gritou: — Venha cá, minha irmã, venha cá!... Por que você foi falar? Por quê? Ela não nos dá coisa alguma. Senta-se num lugar qualquer e dá as ordens, e a gente que se dane! Você pensa que achamos dinheiro na rua? Quantas vezes ela já recorreu a mim esta semana? Só porque moro perto do templo! Será que não pode haver uma cerimônia sem que ela me peça coisas de última hora? Bibiano morreu — sou eu que tenho de dar ovos? Só esta semana Amor deu 10 mil réis; eu dei 10 mil réis, você deu 5 mil réis. Dava para pagar tudo, se ela

⁵⁵ Reserva de efetivos do candomblé, em geral constituída de meninas, sujeitas apenas a treinamento leve, assistemático, e não muito rigoroso. (Nota de É.C.).

tomasse outro tanto dos outros! Mas, não! Eu moro na roça. A viúva se distrai na Ilha... Santo Deus! Oxente!

Observando-a com grande interesse, vislumbrei por fim a minha chance. — Eu ajudo, Zezé — propus, pondo algumas notas na mesa. — Em troca, você me convida para o axexê de hoje de noite.

Ela ficou surpresa e contente e o furioso balanço da cadeira parou. — Mas vai lhe cacetear — protestou, gentilmente. — É apenas para *despachar* a alma do velho para longe da Terra. Se tem coragem para agüentar...

— Tenho — interrompi, tranquilizando-a.

— Bom, tem coragem mesmo, porque na verdade a senhora não precisa ir. Amor vai trancar os meninos aqui em casa, para não se aproximarem do Egum. E lá no Gantois minha mãe deixou tudo com os ogãs. Eles estão abatendo os animais dos sacrifícios e fazendo as orações no quarto dos altares, a portas fechadas, de maneiras⁵⁶ que as mulheres só as ouçam de longe. Venha, então, se insiste. Vista-se de branco, mas ponha roupa usada, porque talvez tenha de dormir no chão. De manhã vamos à missa das 8 horas na igreja dos Agostinianos, para encomendar a alma a Deus. Venha lá pelas 9 horas.

⁵⁶ Forma coloquial popular. (Nota de É.C.).

Assim se resolveu com simplicidade. Lamentei apenas que Édison não pudesse vir. Não fora convidado, porque as suas relações com Menininha ainda estavam tensas. Quando cheguei, tarde, o templo parecia deserto e Manuel, a cara preta, carrancuda, ressaltando na roupa branca, apareceu para dizer-me que os ogãs ainda estavam atendendo a questões secretas, a portas fechadas, no quarto principal dos altares.

– Ficarei contente quando tudo isso acabar – disse ele, no seu jeitão apressado e nervoso. – Não gosto nada disso, nada mesmo – um negócio terrível. Zezé está lá nos fundos, com as outras. É melhor sentar-se e pôr-se à vontade. Eles estão muito atrasados – pode levar horas até que as coisas comecem aqui... Menininha está com dor de cabeça... Os ogãs têm muita coisa a fazer nos cômodos especiais... Esteja à vontade, volto logo.

Como a noite estivesse quente e úmida, saí. O Gantois fica numa elevação muito acima da Bahia, a velha cidade do Salvador, e as luzes da cidade estavam tão distantes que pareciam fantásticos vagalumes na atmosfera. O céu, como sempre, estava brando e escuro, quase uma coisa corpórea que podia ser tocada. O Gantois situa-se numa ampla clareira na mata logo atrás da linha do bonde que vem da Cidade Alta, mas não pode ser visto da rua. A trilha que lhe dava acesso era sinuosa e escarpada e tivera a intenção de ser secreta no tempo da escravidão, quando o governo se opunha às reuniões de negros. Até a empreendedora companhia inglesa construir a linha de bonde, após a emancipação, o templo de fato, ficara, oculto. Mas agora chegava-se a ele sem dificuldade e tinham feito degraus cuidadosamente guarnecidos de pedras no barro vermelho.

Ao redor da clareira, a pequena distância do templo, elevava-se um denso bosque de árvores retas e enormes. Era um bosque virgem, de idade considerável, onde se tinham aberto caminhos para os fiéis, pois certas árvores eram residências de deidades, como as pedras-fetichê do interior do templo. Havia casinhas construídas entre as árvores, onde as sacerdotisas e os ogãs deixavam oferendas aos deuses e, às vezes, guardavam as vestimentas sagradas. Em certas ocasiões, as mulheres, em procissões rituais, dançavam pelos caminhos até uma fonte sagrada, no outro extremo do bosque, com oferendas de alimentos e azeite, e por fim os deuses baixavam nelas. Olhei para as árvores imponentes e tentei dotá-las com as personalidades vivas que os pretos viam nelas, mas a imaginação não me ajudou. Tive de contentar-me com saber que os outros viam uma vida maravilhosa onde eu só percebia o mato.

Contudo, não podia dar de ombros ante a diferença entre a minha compreensão e a deles. Assim, voltei-me para olhar para o templo atrás de mim e aí fui um pouco mais feliz. Fora erigido por Pulquéria após se haver desligado do templo-mãe do Engenho Velho⁵⁷ e tornar-se famosa. Para os olhos era apenas uma desconexa construção de barro, tendo acima da porta de entrada um chifre de boi, descorado pelo tempo, sobre dois facões cruzados, símbolos do deus da caça Oxoce, protetor do templo. Comparado com as esplêndidas igrejas católicas, não parecia uma casa de devoção; mas o esplendor de Pulquéria lhe conferia importância para todos os entendidos. Para mim, era pleno de significação.

Voltei à grande sala das cerimônias. Estava pouco iluminada por pequenas lâmpadas elétricas e as pessoas que lá se encontravam à espera se acocoravam e se escarrapachavam no chão. A sala ocupava toda a largura e a metade do comprimento do templo. O chão fora originalmente coberto de tijolos vermelhos, mas anos e anos de intenso andar e dançar o haviam quebrado em vários pontos. As paredes de barro tinham sido

⁵⁷ O desligamento do Engenho Velho se deu antes de Pulquéria, ao tempo de Mãe Maria Júlia da Conceição. (Nota de É.C.).

caiadadas de azul-claro, avivado com botões-de-rosa, mas agora estavam desbotadas e descascadas. Não havia forro e das vigas do teto pendiam várias lâmpadas elétricas e fitas de papel crepom desbotadas. Muito acima da porta que dava para os quartos sagrados do interior, havia um altar de São Jorge, o Oxoce católico.

Quatro janelas enormes tinham sido cortadas nas paredes, agora fechadas por tapumes de madeira; uma de cada lado da porta de entrada do templo e uma em cada parede lateral. Bancos quebrados estavam empilhados de encontro a uma das paredes. Uma fina poeira branca flutuava constantemente no ar, caída da caiação rachada, e depositava uma mortalha cinzenta em tudo. As sacerdotisas dormiam ali, à noite, em esteiras.

Como vi depois, um corredor sem luz ligava a câmara cerimonial aos outros cômodos. O chão nu do corredor elevava-se irregularmente, fedendo a umidade e substâncias em decomposição. Todas as portas que abriam para o corredor estavam geralmente fechadas, pois as salas e as atividades eram “secretas”.

Vendo-me voltar, Manuel acenou, animadamente. Correu para mim e a sua voz rouca era de censura. — Estive à sua procura, dona. Menininha está esperando para cumprimentar a senhora.

Segui-o pelo corredor e encontrei Menininha sentada sob a luz crua de uma lâmpada sem quebra-luz, diante das portas fechadas do vasto cômodo dos altares, “o quarto dos orixás”,⁵⁸ que continha as coisas sagradas. Estava num tamborete baixo, o tronco apoiado nas coxas abertas em que pousava as palmas das mãos.

— Boa noite, d. Ruth — disse ela, languidamente, e passou a queixar-se da terrível dor de cabeça que a obrigava a enrolar um pano na cabeça e pôr uma folha verde, fresca, em cada têmpora. Não obstante, estava de boa aparência e eu exprimi a minha admiração pela sua fortaleza de ânimo, a despeito do extenuante calor do verão equatorial.

⁵⁸ Peji. (Nota de É.C.).

— E eles fazem nada sem mim? — respondeu ela. — Eu sou a mãe e estas são as minhas responsabilidades, embora eu sinta que não vou viver muito... Amor! Mostre à nossa amiga o “assento” do Papai velho.

Ele me fez passar por uma porta aberta à esquerda do corredor. Sempre formal comigo, começou a discorrer, como se fosse um guia: — Somente as visitas de consideração são trazidas aqui, d. Ruth. Este quarto pertence ao pai dos deuses, Oxalá, o mesmo que Jesus “na vida católica”. — De repente, e em silêncio, Manuel se estendeu no chão, tocando-o apenas com as palmas das mãos, os artelhos e a testa. Ao se levantar explicou: — É assim que nós o cumprimentamos, nós que temos deuses masculinos “assentados” na cabeça... Tudo aqui é branco porque Oxalá é velho e se esqueceu das paixões.

O cômodo era grande, sem forro e de chão batido, com paredes caiadas de branco. Manuel se dirigiu a um canto atrás da porta, onde se encontrava um grande armário fechado, pintado de branco. — Este é o altar principal, o “assento” do deus — comentou. — Vou abri-lo para lhe mostrar.

Ele o fez de modo casual e examinamos o interior pintado de branco brilhante. Havia cortinas de cambraia e panos rendados brancos e um cajado prateado,⁵⁹ um abano e uma espada prateados, uma bela toalha branca de barafunda, alguidares brancos cheios de botões-de-rosa brancos e elegantes vasos brancos cheios de clara água sagrada. Tudo isso pertencia ao deus.

— Agora vou fechar — disse Manuel. — Ele não se interessa por esta noite de morte.

Voltamos à grande sala, que se enchia de gente. Os adultos conversavam e gracejavam, as crianças dormiam sobre esteiras, no chão, no meio deles. Encaminhamo-nos para a irmã de Zezé, que estava sentada no chão com os seus filhos.

⁵⁹ Paxorô. (Nota de É.C.).

— Lembrou-se de Marinalva? — perguntou Manuel, ansioso.

— Naturalmente. — Ela riu, mostrando uma garrafa de leite, alimentos cozidos, cobertores, um urinol e um pequeno pote em que podia acender fogo. — Antes já tivesse acabado! Estou com medo! — Levantou os enormes olhos ansiosos para o cunhado.

— Também não gosto disso — resmungou Manuel, afastando-se.

Os homens se reuniam junto às cabaças que usariam em vez dos atabaques, reservados aos deuses; e Manuel era o supervisor. As sacerdotisas se movimentaram para um dos lados da sala, o esquerdo, perto do quarto de Oxalá; os leigos se colocaram do outro lado. Não era ainda meia-noite quando a mãe fez saber às filhas que já vinha chegando. Elas então se arrumaram de acordo com a sua antigüidade no sacerdócio, sentando-se em esteiras aos pés do tamborete de Menininha. Estavam todas de branco, com vestidos amplos e compridos, fora de moda, agasalhos sobre os ombros. Os músicos se sentaram no lugar de costume, do lado direito da sala, mas sem os atabaques.

Menininha veio calmamente e se sentou no seu tamborete, com um xale preto nos ombros. A mãe-pequena, a clara e madura d. Laura, sentou-se num tamborete ao lado dela. Menininha mandou que me dessem uma cadeira alta e eu me postei, por deferência especial, entre as filhas acooradas no chão. Visitantes de outros templos tinham vindo homenagear o colega falecido e foram acomodados perto da entrada, defronte da mãe; entre eles estava o pai Bernardino. Os ogãs colocaram pratos e uma vela comprida diante dos tocadores de cabaça.

A sala agora estava quieta. Então Menininha fez ouvir uma branda nota da sua voz poderosa de soprano, um cântico do axexê anunciando o ato de solenizar a morte; as palavras eram ioruba. Ela tirou um segundo hino, invocando os Eguns, os mortos-vivos. As filhas ajoelhavam-se enquanto ela cantava, a cabeça inclinada para a esquerda, e batiam palmas rápidas e leves de saudação.

Em seguida a mãe apertou o xale amarrado no peito e se levantou, cantando para a sua deusa Oxum. Cantou e dançou em volta dos pratos.

Ao contrário das outras que dançaram depois, não saudou ninguém. Enquanto dançava, acompanhando-se sempre com um canto ou uma melodia suave, as filhas se erguiam uma de cada vez, por ordem de importância, apressadas e curvadas, para lhe dar uma ou duas moedas. Estas ela as jogava num dos pratos, fazendo uma coleta para a missa da manhã seguinte para o falecido. Manuel veio apressadamente me avisar que eu também devia dar moedas a cada sacerdotisa, quando se levantassem para cantar e dançar as despedidas. A contribuição habitual era de 200 réis, mas constituía uma gentileza dar o dobro. Ficou combinado que Zezé faria um sinal para me orientar a respeito das desejadas quantias e ambos me aconselharam que não ficasse completamente de pé quando as oferecesse — me curvasse e apressasse de maneira discreta, terminando com uma reverência.

Apesar da sua dor de cabeça. Menininha cantava e dançava sem parar, mexendo no xale que devia esconder-lhe os seios. Movia-se com leveza e rapidez, e por vezes era graciosa e dramática. E cantava encantadoramente, sem embustes e sem “espalhar brasas”, como se diz. Sentia-se que adorava cantar e dançar.

Quando fui fazer a minha contribuição, percebi que os pratos continham comida. Zezé dissera serem o alimento sacrificatório de certos deuses supremos que o “comiam”. Um prato continha pipocas para Omolu, deus da peste, e para Ogum, deus das estradas e dos cemitérios. Essas deidades não temiam os mortos e, por isso, podiam chegar de visita e eram recepcionadas com a sua comida simbólica. Havia também comida para Oxum, porque protegia a sacerdotisa-chefe — era um pudim de feijão-fradinho coroado de ovos duros. Havia um prato de quiabos para o deus guerreiro Xangô, porque protegera o morto, e um prato de insípida carimã para Oxalá, pai de todos os deuses.

Como as comidas sacrificatórias se destinam aos deuses, e não ao consumo humano, ou se deixa que mofem ou são cozidas tão sem tempero que constitui uma proeza de devoção comê-las. Da mesma maneira, os ornamentos usados hoje em dia nas vestimentas rituais são feitos de material

barato, porque, explicam as mulheres, têm de ser enterrados com o cadáver; mas os ornamentos preciosos passam de mãe para filha, embora sejam sempre ditos de propriedade de algum deus.

Após Menininha dançar uma série de cânticos, as outras sacerdotisas se ergueram para dançar, uma a uma, por ordem de antigüidade no sacerdócio. Zezé calculou, depois, que Menininha, com os seus 46 anos, servira cerca de 45 anos no altar de Oxum. Seguiu-se-lhe a mãe-pequena, ou *iyá kekerê*,⁶⁰ Laura, que tinha cerca de 55 anos de idade, mas dera apenas 38 anos de serviço à sua Oxum. Era sem graça, claudicando com uma perna mais curta do que a outra, vestia-se sem apuro e tinha uma expressão de indiferença no rosto caucasiano; mas Zezé disse que fora outrora bonita a ponto de conquistar um rico empreiteiro, homem branco, já falecido, como amásio. Seguiu-se-lhe a segunda assistente, ou *amorô*, mulher clara e bem apessoada, Maria, de 40 anos de idade e 30 de serviço ao seu Omolu. A seguinte a erguer-se, que tinha o título de *abasse*, foi Eudóxia, meiga mulher de cor escura e de 49 anos, com 28 anos de serviço ao seu Omolu. Finalmente veio Hilda que detinha o título de *dagã*, com 30 anos de idade e 23 anos de serviço à sua Oxum.

Estas eram as principais auxiliares e a seguir ergueu-se uma filha clara, simpática, de cabelos brancos, com o título de Mãe Dadá por superintender os cuidados com o quarto de Oxalá; além disso, tinha 23 anos de serviço a Banha, acanhada e idosa mãe de Xangô. Em seguida ergueu-se o grupo de sacerdotisas que tinham 7 anos, ou pouco mais, de serviço, chamadas, ebômin, “esposas adultas” de cada deus. As que tinham menos anos de dedicação eram iaôs, “esposa mais novas”. E finalmente havia as abiãs, como a irmã de Zezé, que tinham sofrido apenas a experiência preliminar de “lavar as contas” dos seus respectivos deuses.

Eu observava as mulheres sentadas em filas, que nenhuma delas violaria, reguladas pelo *status*. As “mais velhas” estavam à frente e tinham

⁶⁰ Em língua ioruba (nagô), exatamente mãe-pequena: substituta imediata da mãe. (Nota de É.C.)

o privilégio de sentar-se mais alto do que as outras e de olhar diretamente para as dançarinas. As abiãs não ousavam levantar a vista e, quando uma garota o fez, a cerimônia foi interrompida para que a ebômin América a censurasse asperamente.

O *status* e a disciplina eram preservados por Menininha a todo custo. Quando tentei abandonar a dignidade da minha cadeira alta e estreita, desejosa de me acocorar no chão com as abiãs, de modo a ficar perto das janelas e movimentar os músculos, Menininha mandou-me um recado urgente para que voltasse à cadeira e salvasse as aparências. Olhei para as noviças sentadas sem realce, mas confortavelmente, por trás das outras, diretamente no caminho das agradáveis brisas que vinham das janelas então abertas, e desobedei. Confusa, ela comentou para Zezé, que trouxera o recado: — D. Ruth parece uma criança!

Quando cada dançarina se erguia tocava a testa no chão na direção da porta da rua e depois na dos pratos; pedia a bênção, meio agachada e estendendo as palmas das mãos em concha à mãe, às cabaças, aos ogãs e aos visitantes. Menininha não saudou ninguém até que as suas filhas e herdeiras Cleusa e Carmem (despertas de pesado sono sob uma mesa) lhe pedissem a bênção. Então ela as prestigiou, tocando o chão e depois a testa em retribuição.

Como os deuses não baixavam numa cerimônia como aquela, todas dançavam em estado normal, mais ou menos no estilo do samba, e a personalidade de cada mulher emergia em pequenos modos de ser. Cleusa demonstrou dons fora do comum. Os seus movimentos eram graciosos, apaixonados e desembaraçados — provavelmente porque, do mesmo modo que a mãe, vinha dançando desde que começara a andar. Executava bem os diferentes estilos sagrados, como o demonstrou quando chamada a substituir outra pessoa. A sua deusa era a idosa e fria Nanã, cuja morada fica nos tenebrosos abismos das águas mais profundas. A sacerdotisa América, irmã de Hilda, parecia anormalmente gorda devido à hidropisia, embora tivesse pouco mais de 20 anos, e dançava sem graça nenhuma; isso, porém, parecia correto para uma devota de Oxalá. A própria Hilda,

embora de feições bonitas e românticas, não demonstrou talento; no máximo estava escrupulosa e talvez a dureza dos seus movimentos refletisse um estado emocional tenso. D. Laura dançou como um pato, devido ao pé torto. Impressionou-me a extrema indiferença da sua expressão, com laivos de censura e de desconfiança. Zezé depois comentou: — D. Laura é muito só. Naturalmente somos todas amigas dela. Ela é a mãe-pequena. — O lugar dela, naquela noite, era aos pés de Menininha, mas depois de algum tempo passou para o lado oposto da câmara para sentar-se com as visitas. Hilda tomou então o lugar dela. Enquanto Zezé me aconselhava a dar quantias maiores a Hilda, parecia esquecer-se de Laura; entretanto, Laura fora muito gentil comigo.

Todo templo ordena algumas crianças como sacerdotes e no Gantois havia duas assim. Com profunda simpatia, observei-as lutando contra o enfado, o calor asfixiante e as horas intermináveis, nos seus rígidos uniformes, constrangidas a participar das formalidades. Uma das crianças, de 7 anos, era filha do deus da peste Omolu; era obrigada a manter-se de pé e a dançar, embora estivesse semi-adormecida. Como dançasse de modo abominável, foi asperamente repreendida por América e ficou tão apavorada e desnorteada que lhe mandaram repetir a dança mais tarde. A outra criança, da mesma idade, era filho de Xangô. Sendo “homem”, só raramente podia dançar nos ritos secretos e, por conseguinte, recebera, em comparação, pouco treinamento e movia os pés de modo cômico. Também estava nervoso e dançava depressa demais, fugindo do sincopado enquanto pulava no seu próprio compasso de marcha.

Finalmente, um adulto se ergueu e dançou. Tornara-se o sacrificador oficial do templo, assumindo o posto do falecido. A par disso era cantor de fama, com um repertório tão rico quanto o de uma mãe. Nessa noite, tirara cantigas numa bonita voz de baixo-barítono, que variava com encantadores falsetes. Órfão, também fora criado por Pulquéria e, por conseguinte, conhecia e amava o ritual. Conduzia a orquestra e o coro quando Menininha descansava ou quando lhe dava na telha. Parecia um humorista, mesmo naquele ambiente sonolento e sombrio; um camponês da Europa Oriental nas suas interpretações calorosas e no seu sorriso com

toda a boca. Agora dançava ao modo do seu deus Omolu; mas aos passos incertos e vacilantes imprimia um ar cômico, inteiramente diverso do caráter torturado e dramático das dançarinas em transe. Cantava para acompanhar a sua própria dança; e entre um e outro cântico, ou entre os versos de um cântico, falava e ria de modo a continuar o ritmo sincopado.

Manuel se aproximou de mim, carrancudo e deprimido. Ele jamais dançara em candomblé, disse, embora também fosse cria da casa de Pulquéria. Já vira muitos homens tentados, desse modo, a desertar o seu sexo; o seu tom era amargo e reprovador. Odiava até mesmo ver as mulheres dançar e não se dispusera a cantar. Disse que acabava de censurar duramente o seu assistente Faustino, porque o velho se embebedara e tocava as cabaças errado e com muito barulho. Na verdade estava mal-satisfeito com tudo. E se afastou dizendo que tinha de contar a pilha de moedas recolhidas durante a dança.

Nada interrompeu o curso da cerimônia, inexorável e repetitiva, durante longas e quentes horas. As pessoas buscavam distrações inocentes. Manuel veio várias vezes perguntar-me a hora, embora não houvesse necessidade disso; Zezé mandava recados acerca das contribuições em moeda; Marinalva entretinha todo mundo, correndo, gritando e rindo por toda a sala e metendo-se por entre as pernas das dançarinas; as filhas cochilavam; crianças se encolhiam por toda parte, dormindo. Nada interrompia a cerimônia, nada aliviava a pesada atmosfera.

À uma e meia da manhã houve um intervalo. Serviu-se comida a alguns visitantes na branca antecâmara de Oxalá, enquanto bocados eram levados aos que tinham ficado na sala-de-dança; às filhas, porém, só se deu café preto. Mais ou menos às 2 horas os ritos recomeçaram, monotonamente, continuando até as 5, com o sol claro. Lá pelo término da cerimônia, Menininha, filosofando, pôs a mão no coração, que era fraco, dizendo alto, em tom como de conversa: — Eu sinto que não vou ficar muito velha. Mas, se eu morrer agora, posso dizer que aproveitei um pouco de tudo, graças a Banha, Oxum e Oxoce. Sempre obedeci à minha mãe e aos mais velhos.

Os presentes murmuraram a sua aprovação, dizendo Axé! e tocando a frente no chão à menção de cada deus.

Tudo culminou numa dança em círculo, de que só podiam participar os que não tinham mãe. As órfãs cantavam tristemente sobre o seu estado, pois, como Zezé explicou: — É uma calamidade não se ter mãe! Uma mãe é ouro! Traz a gente dentro do corpo e nos bota no mundo com as dores do parto! — Enquanto cantavam, as órfãs e as outras faziam gestos de expulsar o espírito do falecido, de detrás das suas respectivas cabeças, na direção da rua. Anteriormente, as dançarinas haviam varrido os passos das pessoas que depositavam moedas nos pratos com a comida de Oxalá. De certo modo isto separava os mortos dos vivos, protegendo os vivos e persuadindo o anjo-da-guarda a retirar a alma de Bibiano para os pés de Jesus, onde poderia reencarnar-se em outra pessoa, talvez naquele mesmo dia. Menininha dançou de novo, em homenagem a Omolu das moléstias e da morte, e orou enquanto todos os presentes, de pé, prestavam reverência, com ligeiro bater de palmas: — Oxalá! Banha! Queremos agradecer por esse espírito [de Bibiano] ter partido e nos livrado do mal; orai por todos nós a Deus.

Terminara, então, aquele grande esforço para afastar a morte da vida; e todo mundo se alegrou ao ver a manhã fresca e límpida. As pessoas saíram para descansar um pouco antes da missa das oito. Acompanhei Zezé à sua casa e, enquanto andávamos, ela, descalça, de vestido branco comprido, com Marinalva pendurada ao ombro, observou que os ogãs ainda estavam trabalhando. Pouco antes, talvez às 4 horas, tinham reunido os alimentos dos pratos da sala-de-dança. Eram partes e penas sagradas dos animais abatidos em sacrifício na véspera; os tocos das velas que tinham ardido enquanto as mulheres dançavam e que representavam a vida da alma de Bibiano; os ornamentos de palmas, chamadas *marió*, de Egum; e algumas das moedas da coleta. Todas essas coisas eram portadoras de morte. Os ogãs as haviam posto num alguidar de barro e enrolado num pacote ritual, que levaram em segredo, por trás da casa, para longe da vista das mulheres. Os ogãs estavam agora percorrendo os 3 quilômetros que os separavam do Campo Santo, cujos padroeiros eram Nossa Senhora

das Mercês e Nosso Senhor do Bonfim, andando solenes e furtivos, com o seu terrível fardo, para depositá-lo com todo o cuidado dentro das grades. Preparavam-se para dizer: — O espírito de Bibiano foi levado à mansão dos espíritos dos mortos, para lá ficar e não se imiscuir com os vivos. — Depois, voltariam.

Assisti à missa com Zezé e, naquela tarde, voltei ao templo. Sob a direção de Hilda, o axexê findava, fatigantemente. Era uma despedida e uma retomada da vida. O templo estava liberto da morte.

Os visitantes “limpavam” seus passos à porta, pois Hilda lhes dava água para atirar à direita e à esquerda e diante da porta. Mãe Dadá dançava sozinha e as filhas, ajoelhadas, a reverenciavam, as mãos erguidas a meio, enquanto cantavam em ioruba:

Dadá, boa mãe,
Dadá, terna mãe,
Dadá, mãe querida,
que tudo reparte conosco.
Olhe por mim.

Era uma espécie de invocação à vida.

Isto foi interrompido, com aspereza, por Faustino, que, ainda bêbedo, começou a monologar em voz alta. Falava cada vez mais alto, até que Menininha tomou a frente da cerimônia. Ele continuou a falar. Ela tirou um cântico. Faustino continuou a falar e a inquietar-se com a sujeira do seu terno. De repente, exasperada, Menininha gritou, com a sua vigorosa voz: — Não gosto disso, gente! Se querem falar, vão pra rua! — Era uma dura reprimenda e Faustino ficou em silêncio, como os outros. Ela começou novamente a cantar. Ele saiu, murmurando enfadado.

Mas, ao chegar do lado de fora, rebelou-se, gritando selvagememente que os outros não lhe deixavam tocar as cabaças e que o difamavam, dizendo que estava bêbedo e cometia erros. Logo sossegou e pouco depois foi visto urinando. Menininha cantava. Faustino voltou, resmungando baixinho, e saiu de novo. Voltando uma vez mais, tirou alta e apropriada-

damente um cântico em homenagem à deusa que se reverenciava. Menininha se surpreendeu, calou e depois, gentilmente, o secundou. Fiquei maravilhada com a sua bondade.

Os visitantes começavam a dispersar-se e pela janela vi chegar o marido de Menininha. Ele conversou com os vizinhos na sua casinha próxima, lendo um jornal, e em breve sua mulher foi ter com ele.

Ela voltou somente após o último cântico, quando o sacrificador oficial abençoava, em ioruba, a congregação agora liberta da morte. Ele cantava e as mulheres que o cercavam faziam o cumprimento sagrado, curvando-se para a esquerda, batendo palmas rápidas e leves, comandadas por Menininha, e repetindo suavemente: — Axé! Axé!

Assim cantava ele, num ritmo vivo, com inflexões ioruba ascendentes e descendentes:

Pai, guarda-me.
 Pai, protege-me.
 Protege nossa nação
 Oxoce, vela por nós.
 Iemanjá e Oxum também,
 Livrai-nos do mal.
 Livrai-nos da feitiçaria.

O medo e a tristeza estavam oficialmente esquecidos na Bahia que conheci, porque, após o axexê do Gantois, a cidade inteira voltava-se, como que por um acordo, para o glorioso feriado chamado a Lavagem do Bonfim. É o começo de festas públicas que culminam dois meses depois na maravilhosa explosão do Carnaval. Começava a chegar gente à Bahia, vinda do Norte e do Sul do país.

Nosso Senhor do Bonfim é o padroeiro da Bahia; é Jesus e é Oxalá. A lavagem da igreja, ao mesmo tempo rito católico e africano, se realiza no início do Ano Novo e simboliza renovação e esperança. Nos templos, a “água (ou lavagem) de Oxalá” tem lugar mais cedo, até mesmo em setembro. Mas todo mundo participa da cerimônia católica. Está entre as primeiras festas das janeiras, ciclo de festejos pré-carnavalescos. Durante vários anos a Bahia não fez a festa da “lavagem”; mas, naquele ano, a cidade tencionava fazê-la, malgrado a morte recente do Papa. O Ano Novo não devia ser preterido nem mesmo pela morte e é da crença popular que aquilo que se estiver fazendo à meia-noite entre o Ano Velho e o Novo far-se-á por todo o novo ano. Nos primeiros dias de dezembro os baianos tinham começado a festejar⁶¹ e a frequência às festas aumentara regularmente até que, ao chegar o momento da “lavagem”, havia festas todo dia. O entusiasmo era muito contagiante e logo as seguintes canções apareceram, caçoando dessa disposição:

⁶¹ A festa da Conceição, a 8 de dezembro. (Nota de É.C.).

Ela:

É o que ele quer:
boa casa e boa roupa
e comida de colher.
É o que ele quer:
uma vida de orgia
com o dinheiro da mulher.
Isto é demais!
Não pode ser!
Quem não trabalha
não merece viver.
Este rapaz
na verdade quer
qu'eu mastigue a comida
pra ele comer.

Ele:

Ela quer qu'eu abandone a orgia.
Não pode ser!
Mas, se tal coisa acontecer,
a nossa amizade vai morrer
ou eu deixarei de viver.
Para mim isto é impossível!
É mais fácil eu deixar de viver.
Chorando ela pediu,
sorrindo lhe respondi:
Eu deixar a orgia? Não pode ser!⁶²

Da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia partiria a procissão da "lavagem" para a igreja do Bonfim, no outro extremo da cidade, a 12 de janeiro — a quinta-feira antes do terceiro domingo do ano. Os 400

⁶² De Haroldo Lôbo e Newton de Oliveira. (Nota de É.C.).

mil habitantes da cidade poderiam "lavar" a igreja e organizar blocos para conquistar prêmios a serem concedidos por uma comissão julgadora presidida por Miguel de Sant'Ana, presidente do Sindicato dos Estivadores (negros). No dia seguinte haveria uma lavagem restrita a famílias das classes superiores e seus criados; e durante os três dias seguintes, um festival nas proximidades do Bonfim.

Édison e eu combinamos encontrar Manuel e Zezé no meu hotel, às 8 horas, na manhã do dia 12. O dia estava excepcionalmente quente e claro, sugando a água dos corpos e deixando-os secos e estonteados. A sombra oferecia abrigo apenas contra a reverberação direta do sol, que espalhava uma coloração branca sobre o céu muito azul, empalidecendo o rosa e o alaranjado das telhas das casas, mas deixando intato o verde das poucas árvores e o fulgor das brancas paredes dos graciosos palácios e igrejas. Essas edificações perfilavam-se contra o céu limpo, debruadas rudemente por filas de altas palmeiras, enquanto postes e fios elétricos cortavam o primoroso quadro.

Édison chegou primeiro, depois o casal. Mas nem tudo corria bem, pois Manuel e Zezé não estavam em bons termos e andavam calados, empertigados, mantendo distância entre si e usando de correta polidez para conosco. Enquanto cruzávamos as ruas, em direção à igreja da Conceição, do Padre Barbosa, Manuel evidenciou a sua má disposição, atrasando-se muito e olhando ostensivamente os grupos de mulheres, ao mesmo tempo em que fazia a Édison comentários intencionais. Também vestira o terno escuro de trabalho em vez do seu terno claro de passeio e constituía uma mancha preta em meio ao esplendor geral. Zezé, pelo contrário, usava um vestido branco, engomado, em homenagem a Oxalá, e exibia, de maneira inequívoca, a sua maior juventude e compleição mais clara. Pusera no vestido todos os enfeites que eu lhe dera; e estava sem chapéu, à maneira da sua classe, com os cabelos cuidadosamente trançados à volta da cabeça.

A igreja do Padre Barbosa, naquele dia, estava esplendidamente fresca, do lado da sombra da larga rua que beirava a baía. Alta e espaçosa,

com paredes adornadas de pedra branca e janelas gradeadas, era simples, até mesmo severa, e elegante. Acompanhamos as pessoas que subiam a larga escadaria de mármore para beijar a mão do vigário e nos postamos na balaustrada para ver as “baianas” nos seus coloridos trajes antiquados, as senhoras aristocráticas com os seus chapéus da moda e todos os homens de roupa branca.

O proletariado, como os jornais gostavam de dizer, se apinhava abaixo da balaustrada, preparado para percorrer os abrasadores quilômetros até a igreja do Bonfim. Ainda que se fosse um recém-chegado, desembarcado pouco antes do navio ou do avião, desconhecendo a língua e o lugar, seria possível entender, claramente, que um arrebatamento pairava no ar. Homem, mulher, criança, bicho e tudo o que traziam tinham sido lavados e vestidos com cuidado. Muitas pretas tinham vindo dos arrabaldes, a pé, arrastando frágeis chinelas que em geral tiravam e punham à cabeça, mas pareciam viçosas e mesmo clássicas, trazendo à cabeça grandes jarras, pomposamente decoradas, com água para a “lavagem”. Grandes carroças puxadas a cavalos ou jumentos,⁶³ caminhões, um representando um castelo, outro jardins do Japão, aguardavam em fila. Homens tinham enfeitado de flores jumentos de carga e, orgulhosos, os conduziam devagar, para que estivessem descansados para a competição que teria lugar mais tarde. Animais e veículos transportavam barris de água para a “lavagem”.

Miguel de Sant’Ana chegou lá pelas 10 horas, numa La Salle nova, com a esposa e muitas filhas. Gostava-se dessa exibição de riqueza e murmurava-se que era ogã do templo de Aninha; ninguém se aborrecia e, pelo contrário, todos se orgulhavam com o seu êxito. Suponho que, como aquele dia, simbolizava a esperança, pois também fora um negro pobre, depois mestre de estiva e presidente do Sindicato e agora tinha um automóvel americano e a esposa e as filhas usavam vestidos caros.

Imediatamente depois que o carro de Miguel de Sant’Ana se pôs à sombra da igreja, uma crioula simpática subiu ruidosamente os degraus

⁶³ Jegues. (Nota de É.C.).

com tamancos pintados de branco, equilibrando na cabeça uma comprida jarra prateada, adornada por uma fina toalha branca de Oxalá e carregada de samambaias e de flores de haste longa.

A crioula estava toda de branco, como uma figura de espuma: as saias rodadas duras de goma e terminando acima dos tornozelos, a blusa rendada e o xale da África Ocidental,⁶⁴ o torso com um alto nó acima do rosto oval, os pesados fios de contas passados à volta do pescoço roliço e largas pulseiras de prata prendendo os seus braços firmes e escuros. As roupas estavam tão limpas que ainda exalavam o cheiro da grama em que haviam secado ao sol e, no entanto, como nos disse ao encostar-se ao ensombrado muro para refrescar-se e descansar, andara quilômetros, desde o arrabalde de Itapajipe, de estômago completamente vazio. Padre Barbosa se aproximou e caçoou com ela e, afinal, a persuadiu a me deixar bater o seu retrato. Zezé fitou-a com admiração e comentou, depois, que era “uma ilustre sacerdotisa de Omolu” da distante cidade do cacau, Ilhéus. Costumava visitar o Gantois e, certa vez, quando lá pernoitava, o seu Omolu baixou, violentamente, levando-a por horas a fio por entre as árvores enormes, à procura do local onde fora enterrado algum antigo sacrifício. Ninguém sabia por que isso acontecera, mas “Omolu com certeza a estava punindo por alguma coisa”, segundo a interpretação de Zezé.

A nossa atenção foi atraída para um mulatinho que parara diante da igreja. Estava de branco e, com uma expressão muito séria, puxava um jumento com uma corda ataviada de flores. Cobrira-o com toalhas brancas rendadas, muito bem engomadas; no lombo e dos lados do animal descansavam barris de água em caçuás⁶⁵ pintados de branco, cheios de ramalhetes de flores robustas, de coloração brilhante; e, para proteger-lhe a cabeça, o dono colocara um florido chapéu-de-palha entre as suas orelhas.

Casos assim se repetiam a todo momento e me sensibilizavam pelo que diziam de ternura e devoção. Logo ouvimos os metais da banda dos

⁶⁴ Pano-da-Costa. (Nota de É.C.).

⁶⁵ Cangalhas. (Nota de É.C.).

bombeiros e, na larga rua à nossa frente, iluminados pelo sol, carroças e animais se arrumaram em filas. Tudo aguardava o sinal de partida para o Bonfim.

Aguardando também, Zezé avistou Mãe Idalice, chefe de um templo que seguia a tradição de Angola, e exclamou, numa censura, no seu modo espontâneo: — Ô gente! Olhe pra ela! Passou ferro no cabelo! Ô gente! Uma mãe põe ferro quente na cabeça, gente! Uma mãe tão moça e tão leviana!

Édison, que era amigo de Idalice, defendeu-a. — Não é tão moça assim — protestou, calmamente. — Tem mais de 30 anos e foi “feita” por Flaviana há muito tempo.

— Então rompeu com Flaviana — disse Zezé severamente — e mudou de ioruba para Angola... Ela é de Xangô — observou, olhando novamente para Idalice.

— Como sabe? — disse eu, surpresa.

— Pelas contas, naturalmente! — riu Zezé.

De fato, exprobrei-me em silêncio, como Zezé é de Iansã, está vitalmente interessada nos negócios de Xangô, irmão e marido da sua deusa!

— Está se mostrando com as suas contas — continuou Zezé, um tanto aborrecida — usando-as em público. Não precisava fazer isso, nem andar dando a mão a beijar! Minha Mãe Menininha não faz nada disso. Essas coisas são para o templo!

Vimos a procissão partir e tomamos um táxi enfeitado com alegres serpentinas coloridas. Os peregrinos movimentavam-se sem pressa, vagarosamente demais para o táxi, e tínhamos de parar de vez em quando. Numa dessas vezes saltei para tirar uma fotografia e senti, com espanto, que o chão queimava, mesmo através das solas grossas dos meus sapatos; entretanto, a multidão vinha andando descalça havia horas. Um ônibus,⁶⁶

⁶⁶ Marinete. (Nota de É.C.).

resfolegando, avançava aos arrancos: trazia inscrito no pára-brisa, em letras de ouro, “Viva o Senhor do Bonfim!” e, pendurada, uma boneca vestida de *baiana*, com um vaso de flores na cabeça encimado por brotos de palmeira. Caminhões abertos⁶⁷ transportavam bandos de homens sambando, cantando, batendo pandeiros, tocando berimbaus, batucando em palhetas, sacudindo campainhas de metal e abalando os soalhos com as suas danças, e parecia que o sol fulgurante apenas os animava; e por cima dos veículos viam-se serpentinas coloridas, flores, letreiros dourados; e mais homens trepavam para cima deles, *en route*. Eu os observava, com os pés atormentados pelo calor, maravilhada com a sua vitalidade sem par. Havia crianças por toda parte, aos pés da gente, enfeitadas como os jumentos, em geral descalças no pavimento escaldante, levando os sapatos na mão ou na cabeça. A multidão se concentrava, em toda espécie de traje civil e militar. Era um oceano de humanidade sobre o qual o sol ardia.

Lá pelo meio-dia o nosso carro alcançou a Ladeira do Bonfim e, devido à multidão, tivemos de despedi-lo e continuar, depois disso, a pé. Uma passagem central tinha sido isolada para os caminhões e carroças que deviam competir em parada e a multidão — tensa e irritada pelo calor e pela sede — os espiava, a seis linhas de fundo. Mas todo mundo tratava de comportar-se bem, pois a “lavagem” estava para começar.

No topo da ladeira, onde havia ar fresco, um jovem e bonito mulato enxugava constantemente o suor do rosto de oito mulheres em traje de sacerdotisa, cada qual com um jarro dourado ou prateado na cabeça e uma vassoura nova na mão. Manuel escarneceu, Édison riu.

— É João da Pedra Preta! — exclamou Édison.

— Espicha o cabelo e dança no templo — resmungou Manuel, em tom soturno.

Observei com interesse o jovem pai. Era conhecido pelos seus casos de amor com outros homens e pela sua incapacidade de manter disciplina entre as filhas do seu templo caboclo. Tinha fama de ser um

⁶⁷ Xarés. (Nota de É.C.).

dançarino maravilhoso e eu podia imaginá-lo, pela sua figura leve e graciosa. O rosto era bonito e agradável, mas não frágil, e a sua pele de mulato claro contrastava bem com a camisa-esporte azul-marinho que usava aberta ao peito. Atendia com solicitude às filhas, todas aparentando muito mais idade do que ele.

— A culpa não é toda dele — respondia Édison a Manuel. — Está agora com 24 anos e herdou o cargo há uns nove ou dez. Naturalmente que não estava preparado. Tinha apenas uns 7 ou 8 anos quando apareceu na Bahia vindo do interior, órfão, sem lar, e foi empregado de um sacerdote. Viveu com bandos de garotos como ele e as únicas mulheres que conheceu viviam em prostíbulos. Por fim, o velho pai X o acolheu e se tomou de amizade por ele, deixando-lhe o templo ao morrer. Na verdade, é um sujeito inteligente, mas que se pode esperar? Está tentando abrir caminho no mundo... Agora trouxe as suas mulheres para concorrer aos prêmios e elas estão lindas como bonecas.

Édison compreendera bem as ambições de João, como o provaram os acontecimentos. Alguns anos mais tarde, João casou: — Sim — escreveu-me Édison — você leu isso mesmo: casou. Casou com uma mulher velha, feia e rica. O casório foi um acontecimento na Bahia, reportagens e entrevistas nos jornais, retratos publicados na Bahia e no Rio, e João usando polainas nos retratos. O padrinho foi um oficial da Marinha, o capitão-dos-portos da Bahia... Algum tempo antes do casamento, os jornais do Rio publicaram entrevistas dele sobre coisas do templo.

Não falamos com João, passamos por ele para ir à igreja. O Bonfim foi construído há muito tempo⁶⁸ por artesãos portugueses, com pedra branca importada de Lisboa; azulejos da Holanda ornaram-lhe o interior, como uma reminiscência da conquista holandesa de Pernambuco, nos tempos coloniais. A encantadora estrutura, ladeada por duas torres que se erguem ligeiramente acima de uma série de simples cruzeiros latinas, planta-se numa colina, sobressaindo na paisagem plana. Uma cruz principal se destaca

⁶⁸ A imagem foi entronizada na igreja, então inacabada, em 1754. (Nota de É.C.).

entre as torres, engastada numa complexa base de pedra trabalhada, de encontro às severas paredes. As gelosias das janelas são de madeira entalhada; largas escadarias de pedra conduzem a três entradas frontais e cinco laterais, o espaçoso degrau superior fechado num primoroso gradil de ferro forjado. Todo o desenho é simples e refinado. A longa subida para a igreja é emoldurada por bacias esculpidas e figuras alegóricas de pedra, umas sustentando e outras descansando sobre delicados portões de ferro trabalhado. O corpo da igreja está cercado de gramados limitados por esbeltas palmeiras. Era um cintilante sonho branco.

Os sacerdotes católicos estavam começando a celebrar a missa preliminar à “lavagem” e os fiéis pretos afluíam, tomando toda a igreja até as portas. Mas, como nós quatro estávamos a ponto de desmaiar de sede e de calor, fomos diretamente às barracas de refrescos improvisadas debaixo das palmeiras e pedimos bebidas geladas. A conversação era inconstante, Manuel teimando em aborrecer Zezé fazendo comentários acerca das bonitas mulheres presentes. Édison disse que antigamente a igreja consentia que se bebesse e amasse dentro das suas paredes, durante a “lavagem”. Zezé reparou numa mulher branca, já idosa, de luto fechado, mas descalça, que segurava uma vassoura nova e esperava o sinal para se pôr a esfregar o chão da igreja. Os meus olhos se desviaram para uma preta velha, de pequena estatura, vestida com tal beleza e distinção no seu traje de “baiana” que chamei a atenção dos outros. Zezé, num rompante, correu para ela, gritando e beijando-lhe a mão: — A bênção, vovó.

— Ah, minha filha — disse a velha em tom comedido de prazer. — Como vai? Como vai minha filha Menininha?

Manuel e Édison se levantaram para beijar-lhe a mão; quando, porém, eu lhe fui apresentada, ela beijou a minha. Durante 92 anos, disse Zezé em voz alta, a velha crioula servira a Omolu, “feita” pela fundadora do Gantois.

— É — confirmou a sacerdotisa com serenidade. — Fiz parte daquele terreiro quase cem anos. Mas me aborreci lá e não vou lá regularmente cumprir as minhas obrigações.

— Mas, vovó, a senhora não precisa ir, não é? — disse Zezé, para demonstrar cordialidade. — Com a sua idade, a senhora sabe o bastante para fazer as obrigações sozinha.

A sacerdotisa assentiu a meio, com brandura, e se virou para o rapaz que a acompanhava para lhe explicar a conversação. Não tinha mais de 1,50m de altura, mas o seu porte era digno e gracioso; e, a despeito do calor, parecia fresca e rija. Era magra, a imagem das folhas do outono. Usava um torso florido que fazia sobressair o rosto frágil e o nariz fino e proeminente; a saia de fazenda vistosa caía em pregas amplas até o chão; a blusa comprida, de mangas abaixo do cotovelo, era de caprichada barafunda; um xale de xadrez pendia-lhe do ombro direito e ela usava brincos, pulseiras e colares simples de ouro. Calculei que tivesse aprendido a tomar conta de si sob a escravidão.

A “lavagem”, gritava-se, ia começar!

— A “lavagem”! A “lavagem”! — repetia a multidão animada.

Levas de gente apinhavam-se junto à igreja e os sacerdotes as admitiam aos poucos, ordenadamente. Água pesada e barrenta começava a escorrer pelos degraus e Zezé e os outros se afastaram para proteger os sapatos. Manuel torcia o nariz. — Vão somente sujar a igreja! — declarou, descontente. Mas eu rompi caminho escadaria acima para ver. Homens e mulheres tinham tirado sapatos e tamancos para vadear o chão inundado da igreja, levando jarras e barrilotes de água em que flutuavam pedacinhos de sabão. Despejavam e arremessavam água por toda parte e esfregavam o chão vigorosamente com duras vassouras novas, conversando e rindo com ruidosa alegria. Não os perturbei de modo algum com a minha máquina fotográfica, nem com os meus sapatos, ainda nos pés. Uma negra divertida, num alvíssimo vestido sacerdotal de renda e seda, que manejava a vassoura com vivacidade, até me pediu que a fotografasse. Quase desejei participar.

Afinal, os sacerdotes fecharam as pesadas portas da igreja. A multidão, contudo, se demorou nos largos degraus superiores do lado de fora, procurando algum cantinho para lavar, duplicando o labor uns dos

outros e, na verdade, sujando tudo de novo. Mocinhas de vestidos curtos e apertados se afanavam não mais alacremenente do que as velhas de cabeça grisalha e saia rodada; e do mesmo modo, de joelhos retesados à moda das negras, curvavam o corpo para a frente, à busca do que lavar nas juntas dos ladrilhos. Os sacerdotes tiveram de suplicar aos devotos durante mais de meia hora para que se fossem. Como gostavam do Senhor do Bonfim!

No elevador, de volta à Cidade Alta, duas mulheres de feições agradáveis estavam decididas a prolongar a brincadeira. — A minha vassoura ainda está limpa — observou uma delas, pensativamente, levantando-a para mostrá-la à outra. — Vamos “lavar” mais um pouco, na igreja de São Francisco. Só tenho medo das pedras do largo. — Outras também se aborreciam com o fim da festa e eu achei que as pessoas se regozijavam por estarem juntas em grande número, “banhando-se na multidão”, como o dissera certa vez Baudelaire. Um mundo especial de boas intenções se gerara entre elas. Brincaram e dançaram e comeram e cantaram e se amaram em torno da igreja por mais dois dias e duas noites. Ternos e ranchos⁶⁹ desfilaram, cantando e dançando ao longo de ruas brilhantemente iluminadas como se fora dia, celebrando o nascimento do Cristo que estava sendo “lavado”.

Na segunda noite a igreja fez uma enorme queima de fogos de artifício.

O largo do Bonfim estava tão repleto que não permitia a mais leve circulação de ar. As lâmpadas elétricas distribuídas à sua volta, nos palanques preparados para os ternos e ranchos e na fachada da igreja, faziam ferver a atmosfera como o sol do meio-dia. Algumas pessoas desmaiavam, mas outras ainda cantavam e dançavam aos bandos e acompanhavam os conjuntos que representavam episódios bíblicos, com nomes de frutas, de peixes, de pastores e de flores. Alguns conjuntos já tinham ganho bons prêmios pelas suas fantasias e pelas suas danças. A

⁶⁹ ... de Reis. (Nota de É.C.).

cidade estava febril e a movimentação e os cantares não cessavam. Poderia o Carnaval ser melhor?

A festividade final do Bonfim se realizou na segunda-feira, 16. Os negros patrocinavam, mas todo mundo participou. Centralizava-se no cais chamado da Ribeira, no bairro de Itapajipe, bastante perto do Bonfim para que se vissem as bandeirolas tremulando nos postes plantados sob as palmeiras. Barcos de pesca cruzavam no horizonte e as suas velas traçavam maravilhosos desenhos contra os azuis do céu e do mar.

Jangadas a remo tripuladas por dois ou quatro rapazes movimentavam-se lentamente, graciosas e frágeis à distância, como desenhos das cavernas do período magdaleniano. E, como de costume, a gente se divertia cantando e marchando, marchando e cantando, em bandos de rapazes e moças de braços passados pela cintura uns dos outros,⁷⁰ vestidos de todas as maneiras possíveis. Os desconhecidos podiam dar-se os braços e movimentar-se em fieira, gingando e cantando samba, jubilosos embora o sol lhes tostasse a pele do rosto. Algumas pessoas alugavam carros para percorrer acima e abaixo as ruas, apreciando, até que não agüentavam mais e rompiam também a cantar e a dançar.

Édison e eu lá fomos naquela manhã e a primeira pessoa que encontramos foi Áidano, o poeta. Estava pulando no meio da rua, à frente de um bloco de rapazes vestidos de modo grotesco. Ele mesmo estava com uma camisa-de-meia, calças e um enorme chapéu-de-palha de pescador, e cantava e dançava numa espécie de êxtase, enquanto a poeira se elevava a mais de 2 metros, no calor de dar vertigens. Quando, mais tarde, o encontramos para almoçar, Áidano nos disse que o bloco saíra de manhã cedo, antes do café, e provavelmente continuaria até de madrugada. Era outra pessoa, depois de tomar banho e mudar de roupa, distante e formal, e assim permaneceu, mesmo depois que fomos à casa da sua noiva para acompanhar, da sacada, o movimento.

⁷⁰ Cordas-de-xangô. (Nota de É. C.).

Mas, ao entardecer, Édison e eu saímos para ver mais. Na Ribeira, barraquinhas vendiam refrescos a centenas, talvez milhares de pessoas. Lâmpadas elétricas de cor, penduradas, davam à cena um ar mourisco. O jorro de energia, o cântaro alegre da vida eram irresistíveis. De repente um amigo de Édison, um universitário de antiga família colonial, começou a bater, com graça, num palheta. Por que estariam tão contentes?

Vimos homens bebendo cerveja, sentados a pequenas mesas, não palestrando, mas marcando o ritmo e cantando coisas de amor e fidelidade e pobreza. Como era duro, resmungavam, ter mulher e filhos sem ter dinheiro! Uma mulher bêbeda se aproximou deles e começou a cantar numa voz grossa, masculina:

Ai, ai, meu Deus,
tenha pena de mim!
Todos vivem muito bem,
só eu que vivo assim.
Trabalho, não tenho nada,
só vivo no miserê.
Ai, ai, meu Deus,
isso é pra lá de sofrer!
Sem nunca ter
nem conhecer
felicidade,
sem um afeto,
um carinho
ou amizade,
eu vivo tão tristonha,
fingindo-me contente!
Tenho feito força
pra viver honestamente.⁷¹

⁷¹ Samba de Ciro de Sousa e Babaú, 1938. (Nota de É.C.).

Os homens gostaram do samba carioca, mas sentiram repulsa pela prostituta e se afastaram dela, murmurando: — Mulher com voz de homem! Que diabo é isso?

Os grupos de dançarinos, os caminhões e os carros particulares cheios de excitados foliões obstruíam as ruas estreitas. Um carro com famosos capoeiras, trajados com requinte, teve de parar junto a uma “baiana” sentada no meio-fio diante do seu tabuleiro de doces, as pernas afastadas uma da outra como as de algum potentado oriental. Houve um verdadeiro engarrafamento do tráfego quando um grupo de moças também se viu forçado a parar e começou a brincar e rir ali mesmo...

Safamo-nos e pudemos olhar o límpido céu escuro, pontilhado de frias e brilhantes estrelas e ouvir uma banda militar que tocava músicas populares num largo próximo. Era como um trecho de velha ópera espanhola. Andamos à beira-mar na brisa fresca, atravessamos tortuosas ruas desertas, passamos por velhas casas dos tempos da Colônia e da escravidão. Édison me apontou uma mansão de dois andares, em ruínas, e as senzalas dos escravos, ainda em uso 50 anos antes. A casa tinha uma entrada abobadada e escura; mas os seus pesados portões balançavam ociosamente e os seus proprietários, outrora ricos, estavam mortos. Em cima dos altos muros protetores havia grandes cacos de garrafa presos com cimento, para impedir que alguém os pudesse galgar. Isso havia sido construído nos tempos em que cada navio que chegava ao movimentado porto trazia dezenas e dezenas de estranhas cargas humanas, quando os escravos maometanos organizavam revoltas religiosas, quando os holandeses tentaram conquistar o Nordeste, quando formações militares durante setenta e cinco anos se esforçaram por derrotar os escravos fugitivos do quilombo dos Palmares, no interior de Alagoas, quando a pirataria florescia... E tudo isso não estava muito longe. Édison, rebento dessa dramática história, cantou baixinho uma canção⁷² acerca do negro escravo mestre

⁷² Lundu. (Nota de É.C.).

Domingos, que brincava com a idéia de pedir à sua senhora que casasse com ele; mestre Domingos ria, Édison ria.

Assim acabou a festa do Bonfim, mas a cidade relutava ainda. E no dia seguinte houve uma festa para os motoristas, que batizaram e lavaram os seus carros; e moças passearam pelas ruas, de braços dados, cantando:

A saudade vem chegando
e a tristeza me acompanha...

Finalmente a polícia secreta decidiu expulsar-me da Bahia, na verdade do país, pouco antes do Carnaval, e assim perdi essa grande e culminante festa. Édison e eu fomos ao gabinete do chefe de polícia para saber que acusações havia contra mim, mas foi impossível conseguir uma explicação satisfatória. O cônsul americano receava averiguar. Nem mesmo as minhas cartas de apresentação, de ilustres personalidades do Rio, me valeram. Eventualmente me disseram que eu deixara de cumprir uma formalidade qualquer de passaporte.

Políciais à paisana me seguiram até o momento da partida no navio. Fui informada de que pretendiam tomar-me os cadernos de notas e as fotografias; e, com a ajuda do cônsul britânico e de alguns baianos, eu lhes escapei e nervosamente embarquei para o Rio. Parecia uma extraordinária farsa, especialmente porque eu viera recomendada pelo governo federal. Mas aí, aparentemente, estava o busílis: a Bahia, assim como algumas outras regiões, não estava em completo acordo com a administração central.

Cheguei ao Rio de Janeiro no primeiro dia do Carnaval. As repartições públicas estariam fechadas ainda por dois dias e a esse tempo a polícia da Bahia queria que eu estivesse em alto mar, longe, em qualquer parte, mas não no Brasil. Mas eu tencionava ficar e uma amiga brasileira, uma antropóloga, levou-me para a sua casa de verão na serra,⁷³ para aguardar que terminasse o Carnaval e que as repartições voltassem a

⁷³ Maria Júlia Pourchet, na sua casa de Teresópolis. (Nota de Ê.C.).

funcionar. Descemos no quarto dia e, com outros amigos, fui ao chefe da polícia federal. Então terminaram as minhas angústias. Ele também era da Bahia, mas acreditava que a ordem tinha sido um engano e me concedeu mais alguns meses de permanência.

O Rio, após a Bahia, parecia muito confortável: nada por que lutar, nada de que me ocultar. Mas também nada a esperar. Eu gostaria de saber que prêmios Zezé teria ganho no Carnaval; o que estava acontecendo com a nova classe de iniciandas de Menininha; se Cleusa realmente se tornaria uma sacerdotisa. Teria nascido o bebê de Hilda? E que se passava no Engenho Velho?

Lembrei-me de uma das minhas últimas tardes no Engenho Velho. Fazia calor e as crianças estavam descansando entre as enormes raízes, parecidas a nodosas cadeiras de braços, de uma jaqueira sagrada que subia reta para o céu azul, tão alta que um homem alto tinha de curvar-se para trás para ver-lhe a copa. As mulheres preparavam-se para a noite e os homens ainda estavam na cidade. Meninos e meninas mais crescidos ajudavam na cozinha, carregando água pelos grosseiros degraus de barro do aclave. Os menores corriam por entre eles, traquinando, sem capacidade para encher d'água as latas de querosene ou força para levantá-las até a cabeça e andar com elas. Havia tanta animação à volta do poço, no sopé do aclave, quanto numa feira, e todos riam e caçoavam. Meninas de 5 a 6 anos passeavam com bebês nos braços. Os carregadores de água se movimentavam como uma cadeia na direção do templo e das casas menores que o cercavam. Uma "baiana" estava sentada no alto dos degraus, perto da casa de Exu, vendendo doces.

As mulheres não se preocupavam com as crianças, continuando imperturbáveis à sua rotina, embora uma ou outra criança viesse caçoar e dançar com elas e, à medida que passava gente, mãos afetuosas se estendiam para afagar os pequenos. Assim, choravam e brigavam sem que ninguém as molestasse, rolando entre cães e bodes mansos. Fiquei imaginando o que pensariam de si mesmas. Uma menina de Oxum agia com ar de superioridade, exasperando uma meninazinha comum que, embora

leiga, começou a gritar que também tinha um deus! A menina de Oxum não a deixava em paz e ela gritou e gritou e afinal pôs as mãos furiosamente na sua própria camisola e a fez em pedaços! Espantada com essa explosão de raiva, perguntei-lhe por que o fizera e ela respondeu, zangada: — Pra o vento me refrescar! — Virou-se imediatamente para alterar com outra que dela zombara asperamente. — Diga! Quem é você? Seu pai morreu de barriga inchada! — Logo houve uma confusão de gritos, de empurrões, de xingamentos. — E você com esse cabelo cotó! Você é banguela! — E você com esse couro sarmento!

Divertiam-se a valer e me rodearam e caíram em cima de mim como se eu fosse uma árvore. Depois se detiveram para examinar o meu vestido de linho azul-claro e falaram da minha pele que, comparada com a delas, parecia cor-de-rosa, e dos meus cabelos que eram claros e “desmanchavam com o vento”. Tinham uns amores de carinhas, minúsculas e redondas, olhos enormes, peles macias e cabelos lanudos, avermelhados pelo sol; todas usavam vestidos rasgados. Uma menina de Ogum, cansada, encostou-se na minha perna.

— Minha filha, você está bem? — perguntei, porque as meninas raramente se faziam íntimas assim.

— Ah, minha mãe! — respondeu docemente. — Estou boa, mas ainda não comi.

- Quando foi que você comeu pela última vez?
- De manhã.
- Não está com fome?
- Não, estou com dor de estômago.
- Que é que você come?
- Bom, café preto e carne seca.
- De noite?
- De manhã também. Eu como duas vezes por dia.

Depois outra menina, pulando, se aproximou, seguida por uma ebômin de cabeça branca que ralhava com ela por ter dançado mal no templo.

Estas seriam as mulheres da Bahia, pensei, e sustentariam o templo e fariam as vezes de mãe para os seus homens e para os seus deuses. Saberiam pouca coisa mais e impediriam que as pessoas que lhes fossem próximas aderissem ao mundo moderno. Sentia saudade delas no Rio.

Édison veio para o Rio algum tempo depois, tendo conseguido emprego num jornal; e, nas suas horas de lazer, fomos a cerimônias rituais que se chamam macumbas. Os templos eram dirigidos por homens e pareciam frios e espalhafatosos. Sentíamos saudade da simpatia e fortaleza de ânimo das mães. Mesmo Sabina, nas nossas recordações, ficava muito acima daqueles pais. Frequentávamos as casas de música à procura de discos de certo cantor de macumba chamado J.B.,⁷⁴ que cantava no estilo cálido e gutural dos velhacos como Arsênio Cruz que atuavam nos templos tradicionais. Soubemos que J.B. tinha sido expulso do culto por algum tempo, por haver comercializado canções rituais. Contudo, lançara a moda e uma cantiga composta por Príncipe Pretinho, no estilo do culto, se tornou muito popular:

Quem é que mora na lua,
que ilumina a rua
onde Cambinda
costuma passar?
Quem é, quem é,
quem é que passeia
iluminando tudo,
noite e dia sem parar?
É São Jorge guerreiro,
que manda na Terra,
que manda no mar.

⁷⁴ ... de Carvalho. (Nota de É.C.).

Não há conclusões solenes que eu possa tirar das minhas observações na Bahia. Em retrospecto, a vida de lá parece remota e fora do tempo. Fui enviada à Bahia para saber como as pessoas se comportam quando os negros com quem convivem não são oprimidos. Verifiquei que eram oprimidos por tiranias políticas e econômicas, mas não por tiranias raciais. Nesse sentido os negros eram livres e podiam livremente cultivar a sua herança africana. Mas estavam doentes, subnutridos, analfabetos e desinformados, exatamente como a gente pobre de origens raciais diferentes. Era a sua absoluta pobreza que os isolava do pensamento moderno e os obrigava a construir o seu próprio e seguro universo. Viviam no único mundo que lhes era permitido e o tornavam íntimo e amistoso através da instituição do candomblé, cujo vigor, fausto e promessas de segurança seduziam outras pessoas na Bahia e eram motivo de exaltação e orgulho para o resto do Brasil.

Quando deixei o Rio para os Estados Unidos, amigos brasileiros me acompanharam ao cais. Uma amiga me disse, meio em tom de brincadeira, mas com certo patriotismo provocador: — Agora você já pode dizer-lhes que aqui não há onças passeando pelas ruas.

Assenti com a cabeça e acrescentei: — Vou falar-lhes também das mulheres. Penso que elas ajudam a engrandecer o Brasil. Acreditarão os americanos que haja um país em que as mulheres gostam dos homens, se sentem seguras e à vontade com eles e não os temem?

Aspectos Particulares

Afora o volume *The City of Women* (edição The Macmillan Company, Nova York, 1947, 248 p.), cuja tradução brasileira oferecemos ao público, a dra. Ruth Landes escreveu três artigos de interesse para o estudo do negro no Brasil.

Desses artigos, que publicamos nesta parte complementar do volume, damos aqui as indicações bibliográficas:

— “A cult matriarchate and male homosexuality”. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 35, nº 3, jul. de 1940 (p. 386-397).

— “Fetish worship in Brazil”. *The Journal of American Folklore*, v. 53, nº 210, out./dez. de 1940 (p. 261-270).

— “Negro slavery and female status”. *Les Afro-Américains — Mémoires de l’Institut Français d’Afrique Noire*, nº 27, (p. 265-268). Dakar, 1953.

Matriarcado Cultural e Homossexualidade Masculina

A homossexualidade masculina ocorre com muita freqüência, mas o ponto em que se torna um problema social varia com as atitudes que diferentes culturas tomam em relação a ela. Uma dessas atitudes especiais é a que distingue rigorosamente o homossexual ativo do passivo. Um ou outro pode ser objeto de vigorosa condenação social e, em consequência, viver como um proscrito, enquanto ao outro se reconhece um papel na sociedade.

Entre certas tribos de índios americanos do século passado, o *berdache*, ou homossexual passivo, era protegido, encorajado a adotar os papéis social e sexual das mulheres e por vezes a assumir responsabilidades sagradas e, menos freqüentemente, lhe era permitido adotar, com aprovação social, a conduta licenciosa que atribuímos às prostitutas profissionais. O seu "marido" não era considerado homossexual, mas apenas um homem que não podia conseguir partido mais vantajoso. Era, porém, objeto de desprezo o homossexual ativo, que buscava jovens parceiros. Por outro lado, entre os contemporâneos tanala de Madagascar (comunicação de Ralph Linton), o homossexual passivo não suscita comentário algum, desde que tome vestimenta e ocupações de mulher e, eventualmente, se "case" com um homem. Na nossa própria cultura os homossexuais têm sofrido reprovação, quer sejam ativos ou passivos; é compreensível, portanto, que não sejam tão claramente classificados nesses dois tipos como o são em culturas que estabelecem rigorosas distinções entre eles.

Na comunidade negra da Bahia, no Brasil Setentrional, circunstâncias incomuns encorajam certos homossexuais passivos a forjar um novo e respeitado *status* para si mesmos. Disso resultaram mudanças individuais e sociais importantes e fáceis de observar; mas o seu especial interesse para a psicologia reside no

demonstrar o modo pelo qual um grupo proscrito fez nova adaptação, tirando vantagem das novas circunstâncias.

No Brasil, a condenação aos homossexuais passivos os coloca no grupo proscrito, enquanto os seus parceiros passam despercebidos e são, muitas vezes, homens importantes. Contudo, não são perseguidos. Os homossexuais passivos se propõem nas ruas em sussurros obscenos e se fazem notar pelo exagero da fala, pela insistência no falsete, pelo uso de modismos femininos. Todas as suas energias se endereçam para a consecução do ato sexual em que assumem o papel da fêmea. Repelidos pelo homem que desejam, afirma-se que caem de joelhos e imploram, aos soluços. Habitualmente se propõem a homens normais, que se valem deles somente quando não têm mulher à mão. Esses homens, pelo que se diz, os tratam com muita rudeza. Oferecer-se, entretanto, não pode ser um meio de ganhar a vida. Eles não têm, como as prostitutas na Bahia, um *status* legal, o direito de exigir uma certa paga e de viver em determinadas ruas; ao contrário, são delinquentes menores, caçados nas ruas e sem direito a pagamento.

Contudo, é esta classe que hoje dá líderes aos cultos predominantes (candomblés) da Bahia. A fim de tornar compreensível a mudança que está ocorrendo, é necessário esboçar as características principais desses cultos e o papel que desempenham na Bahia.

A Bahia, também chamada Cidade do Salvador, é a antiga capital do Brasil. Fica diagonalmente oposta ao esporão ocidental da África e diretamente oposta ao litoral de Angola. Durante séculos foi um ativo mercado de escravos e um porto de entrada de migrantes negros livres; hoje sua população é preponderantemente negra e os seus costumes predominantemente africanos. O vigor da sua vida se torna muito evidente nos feriados, quando o sol castiga quilômetros de ruas fulgurantes tomadas de negros que vêm, aos magotes, das matas circunjacentes. As grandes praças sufocam de gente que se agita em insistentes ritmos de dança, ao mesmo tempo lamentosos e melódicos. Em certo ponto há um profundo murmúrio, quando cantam "Ah, Bahia! Terra de ouro e de luxo, terra de samba e candomblé!"

Candomblé é um culto fetichista africano organizado em cerca de 80 casas de culto, que inclui entre os seus membros a maior parte das várias centenas de

milhares de negros da cidade e das matas em volta. O culto gira em torno de uns dez deuses do oeste africano; e cada casa de culto influencia toda a vida dos seus adeptos. Os baianos ligam os maiores candomblés aos ioruba, os nagô segundo a fala da Bahia, uma das maiores tribos da Nigéria, que forneceu muitos escravos no passado. Esses sacerdócios nagô na Bahia são quase exclusivamente femininos. A tradição afirma que somente as mulheres estão aptas, pelo seu sexo, a tratar as divindades e que o serviço dos homens é blasfemo e desvirilizante. Embora alguns homens se tornem sacerdotes, a razão, ainda assim, é de um sacerdote para 50 sacerdotisas. Muita gente acha que os homens não devem tornar-se sacerdotes e, em consequência, um homem alcança esta posição apenas sob circunstâncias excepcionais. De qualquer modo, jamais pode funcionar tão completamente como uma mulher.

O fato principal, no mundo de um negro baiano, é a vizinhança em que vive — e esta geralmente está à vista ou dentro do raio de som de algum candomblé. Todo mundo visita a casa de culto ao menos uma vez por mês, e há quem a visite várias vezes por semana. Fazem-se visitas sociais às sacerdotisas e levam-se as notícias do mundo exterior. Alguns vêm apenas para passar o tempo, mas, numa ou noutra ocasião, todos são obrigados a consultar a sacerdotisa-chefe, chamada *iyalôrixá* em nagô, ou mãe-de-santo. A mãe, cercada pelas sacerdotisas de menor graduação, vive na casa de culto, tanto para estar na companhia dos deuses a quem serve quanto para atender aos clientes que necessitam da sua intercessão junto aos deuses. Muitos são os ditos em homenagem a estas mulheres do culto, famosas em todo o Brasil pela sua bondade. A fala segura e o andar equilibrado da mãe predispõem os seus subordinados à obediência, pelo menos na sua casa e diante dos seus olhos. Sob a sua direção florescem a paz e a segurança.

A mãe é auxiliada por sacerdotisas chamadas filhas-de-santo — filhas porque as treinou ou as "fez", de criaturas de carne e osso, vasos dedicados às manifestações dos deuses. Os clientes geralmente necessitam de cura para alguma doença, pois sempre se está doente; vêm à casa de culto pagar promessas do tipo católico às divindades africanas, ou orixás; vêm buscar remédios mágicos para disciplinar um marido extraviado, um amante enfastiado, um patrão inamistoso; rogam medidas drásticas para "despachar" rivais no amor, nos negócios, nas amizades; pedem tratamento cerimonial para proteger um feto ou uma criança, ou

desejam tratamento para esterilidade. Todo problema é levado à mãe, cuja fama, em conseqüência, se espalha, até que certas mães são procuradas por brancos de alta posição. Algumas delas fazem fortuna e justificam a crença local de que todas as filhas experientes dos candomblés são “ricas”.

As filhas do culto são “feitas” por diferentes razões. Algumas são “feitas” ainda no útero materno, porque uma sacerdotisa assim o sonhou. Outras são “feitas” na infância, a fim de curar uma moléstia. A doença é considerada muitas vezes como o castigo de algum deus ou como o sinal de algum deus sobre um devoto. A mãe analisa a situação adivinhando com búzios africanos ritualmente tratados; além disso, por vezes uma filha mais velha tem um sonho com o seu deus, diagnosticando a doença. A maior parte das filhas, porém, é “feita” na idade adulta, na esperança de curar dores de cabeça crônicas ou perturbações estomacais; essas devotas em geral dizem que a doença começou na infância e explicam que retardaram a iniciação ou a cura principalmente por motivos econômicos. A iniciação envolve grande gasto de tempo e de dinheiro, pois exige três meses de absoluta reclusão na casa de culto, abstenção de relações sexuais, de certos alimentos e de diversões e despesas que vão de 50 a 100 dólares.⁷⁵ Como não é fácil conseguir dinheiro na Bahia, as grandes somas são pagas de várias maneiras: em serviço, em espécie, em prestações. Após a sua saída formal da casa de culto, a noviça observa grosseiros tabus durante o resto do ano; na verdade, certos tabus e proibições difíceis continuam em vigor até a sua morte, embora com decrescente severidade. Os tabus geralmente dizem respeito a relações sexuais e alimentos e exposição ao calor e ao frio. Aparentemente, o objetivo é manter as sacerdotisas num distante estado semi-ascético de diminuição de interesse em coisas carnis.

Ocasionalmente, meninos são “feitos” como as meninas. Esta situação se produz porque uma criança, prometida antes do parto, nasceu menino ou porque a doença de um menino excita a simpatia do deus de alguma sacerdotisa. Estes noviços se tornam filhos-de-santo, mas a mãe de uma casa de culto nagô tenta furtar-se a “fazer” filhos. Prefere, em vez disso, um inconclusivo ritual ou cura, chamado “assentar o santo”, que não confere status sacerdotal; e, com efeito, insta

⁷⁵ Na ocasião, o dólar valia vinte mil réis (dois centavos “novos”). (Nota de É.C.).

com os homens para que “assentem” os seus deuses, de modo a ganhar a proteção divina por toda a vida. Ao mesmo tempo abarrota o tesouro da sua casa.

Os meninos “filhos” podem ser chamados iniciados passivos, ou inadvertidos, em contraste com os homens que persistentemente solicitam iniciação. Certa mãe nagô hesita antes de “fazer” homens, mesmo após haverem caído no transe ritual durante o qual dançam possuídos por um deus que neles penetrou e transmitem, na sua voz, a mensagem divina. Ela os submete às provas tradicionais do fogo e do óleo fervente, como o faz com as mulheres sob suspeita de fingimento. Vi, certa vez, uma mãe expulsar um jovem que habitualmente caía em transe e mandar pregar este aviso no poste central da sala de cerimônias: “Pede-se aos cavalheiros o favor de não perturbar os ritos nem dançar no espaço reservado às mulheres”. E “mulheres” eram as sacerdotisas.

Os cultos nagô, antigamente, tinham ligações com certos homens que praticavam a adivinhação e a feitiçaria, mas não eram chefes de culto. Um ou dois velhos ainda vivem na Bahia⁷⁶ e são chamados babalaôs. Eram consultados por toda a população, candomblés inclusive, embora a feitiçaria seja proibida na Bahia. O babalaô é tão exaltado quanto a mãe e pode ter sido, outrora, em vista das suas habilidades de feitiçeiro, ainda mais poderoso. Quando um babalaô comparece, hoje, a uma cerimônia de culto, é recebido com profundas reverências e beija-mão, a mãe o faz sentar-se à sua direita e o chama de “irmão”, enquanto as filhas o chamam de “tio”. Pode dançar durante os toques honoríficos que os atabaques lhe dedicam, mas dança desperto e sozinho. Quando se sente perigosamente próximo a ceder à possessão, o que pode acontecer quando muitas das canções do seu deus são cantadas e tocadas, foge do local, temendo profanar os mistérios e emascular-se. O babalaô é agora uma instituição moribunda e os dois velhos da Bahia não conseguem atrair novos adeptos.

Em casos muito raros, no passado, homens foram chefes de culto nagô e eram chamados “pais”. Como as mães, “fizeram” alguns filhos e muitas filhas, proibiram os sacerdotes de sexo masculino de dançar com as mulheres ou de dançar em público quando possuídos e excluíram os noviços de certos mistérios

⁷⁶ Martiniano do Bonfim e Felisberto Sowzer (Benzinho), ambos já falecidos. (Nota de É.C.).

femininos. Em comparação com as mulheres, estes eram apenas parcialmente iniciados e tolerados em vista de certas anomalias. Quanto mais rigoroso na observância às restrições do culto, tanto mais o pai fortalecia a sua reputação, especialmente se evoluía para um pai-advinho. Nos negócios do culto, como também na feitiçaria dos babalaôs, uma mulher assiste como “mãe-pequena” e eventualmente sucede ao pai.

A estrutura do culto envolve homens como ogãs, “protetores”, “patrocinadores”. Espera-se do ogã que subvencione as elaboradas cerimônias, que mantenha em bom estado a casa de culto e ajude a financiar pelo menos as obrigações rituais de uma das sacerdotisas. Por vezes o ogã se vê na obrigação de defender o culto frente a polícia. Após ter sido “confirmado” é chamado de “pai” por todas as mulheres, que lhe beijam a mão e pedem a bênção, mas ele mesmo se dirige à sacerdotisa-chefe como mãe e geralmente se inclina para beijar-lhe a mão e pedir-lhe a bênção (como todo mundo faz ao saudar os padres católicos); às outras sacerdotisas chama de “filhas”. Cada grupo de culto tenta atrair tantos desses “pais” quanto possível, e alguns mesmo conseguem envolver homens brancos ricos. Surpreende esse serviço por parte de homens que, nas coisas seculares, revelam um espírito muito patriarcal; contudo, a situação tem certa analogia com os arranjos da sua própria casa por se esperar que cada homem tome a seu cargo uma mulher, ou seja, uma sacerdotisa e o seu deus. E a mãe dominante tem paralelo nas velhas que regem as famílias brasileiras.

Entre os ogãs de cada casa de culto, três são incumbidos de deveres especiais. Um deles supervisiona os três atabaques e tocadores, que são fundamentais nos ritos, pois “a voz dos atabaques chama os deuses”. Outro assiste a mãe sacrificando, ritualmente, bodes, galos, galinhas e pombos, sendo-lhe exigido que decepe e deixe à parte os órgãos genitais no sacrifício de bichos machos; o terceiro ogã o auxilia. Sempre que estes dois se aproximam dos grandes mistérios, devem submeter-se também aos mesmos tabus que as sacerdotisas.

Os atritos dentro das casas de culto nagô não se devem ao ciúme masculino, pois os homens do culto raramente se queixam da autoridade e das exigências das mulheres e, ainda mais vigorosamente do que as mulheres, condenam os filhos adultos como “maricas”. Os antigos babalaôs não têm mais significação; em vez deles, as mães são levadas a assumir as suas funções de advinho. Quando há

conflito dentro das casas de culto nagô trata-se geralmente da obra de mulheres movidas pela ambição de se tornarem mães, e é devido a tais atritos que surgem novas casas e pequenas variações de ritual.

O rompimento mais importante se produziu há cerca de uma geração, quando a mãe nagô, chamada Silvana, instalou o culto caboclo. Naquela região caboclo significa a mistura de sangue índio e branco; Silvana se apossou do termo porque alegava ter visões dos antigos índios brasileiros. Ela organizou o culto aos primitivos habitantes da terra, os índios. Provavelmente tinha duas ou três fontes de inspiração: uma, a prática banto de cultuar os espectros dos ancestrais e antigos donos de terras; outra, o romântico interesse brasileiro na história dos índios, ensinada a todos os escolares e especialmente interessante para os mulatos, que preferem dizer-se “caboclos”; e, terceira, a ubiquidade do espiritismo europeu e das “sessões” que invocam “guias” indígenas. As idéias cismáticas de Silvana, de êxito imediato devido ao seu prestígio de filha nagô, deram em resultado, hoje, dezenas de casas de culto caboclo na Bahia. Os deuses nagô ainda são os principais no ritual caboclo e somente depois que são cultuados se invocam os novos seres sobrenaturais.

Os cultos caboclos relaxaram grandemente as restrições que cercam as mães. Uma mãe nagô deve passar, pelo menos, sete anos de estrênuo treinamento, antes que suas colegas sancionem sua ascensão ao cargo; em regra, passa muitos anos mais. Há também a tendência a que a mulher herde o cargo de uma parenta ou amiga íntima a quem serviu como assistente. As mães caboclas, porém, sustentam o direito de funcionar sem haver prestado serviços anteriormente, e muitas vezes sem terem sido “feitas”. Fazem da fraqueza uma virtude, alegando que nenhum intermediário humano lhes pôs as mãos em confirmação, mas somente os próprios caboclos. Treinam noviças de modo vago, exigindo apenas sete dias de reclusão, impondo alguns tabus durante o resto do ano, e assim por diante. Comparecem a cerimônias de outras casas de culto muito mais freqüentemente do que as sacerdotisas nagô, que na verdade são advertidas contra tal perambulagem, e acredita-se que o façam para colher elementos de conhecimento ritual. Em geral a sua atitude é hostil e carrancuda, com o resultado de que têm contribuído grandemente para a coleção afro-brasileira de canções de desafio.⁷⁷

⁷⁷ Sotaque. (Nota de É.C.).

O seu afastamento mais radical da tradição nagô é que os homens podem tornar-se chefes do culto caboclo. Nos seus ritos, os homens se abandonam, como mulheres, a tremores e suspiros antes e a saltos frenéticos durante a dança. Falaram-me de uma casa de culto caboclo onde os homens são maioria, mas as mulheres, em outras casas, ainda os excedem de muito. Embora, numa cerimônia, eu tenha visto cinco filhos entre dez filhas, noutra vi apenas dois filhos entre cerca de uma dúzia de filhas. Jamais vi um cerimonial caboclo que não incluísse um ou mais filhos, uma circunstância impossível num cerimonial nagô.

Não obstante ainda concordem com as mães nagô no dogma de que nenhum homem deve tornar-se pai, as mães caboclas inevitavelmente se derrotam a si mesmas, “fazendo” filhos à vontade. Numa enumeração parcial feita pelo etnólogo baiano Édison Carneiro a proporção era:

Tipo	Mães	Pais
nagô	20	3
caboclo	10	34

Aqui temos uma boa amostra. Afirma-se que os pais caboclos surgiram em grande número apenas na geração atual, uma afirmativa que ganha substância no fato de que os pais não-nagô são todos de menos de 45 anos e grande número deles está nos primeiros 20 anos.

A explicação mais fácil para este acontecimento nas casas de culto não-nagô é a de que os homens que desempenham o papel de sacerdotes se esforçam pela unidade com a figura da mãe. Embora seja óbvia uma exposição desta espécie, não basta para explicar por que esses sacerdotes do candomblé são recrutados, todos, entre os proscritos homossexuais do submundo baiano. A maioria desses pais e filhos é de notórios homossexuais passivos, que antes batiam as ruas.

O relaxamento dos rigorosos tabus nos cultos não-nagô e, em especial, o fato de que as barreiras tenham caído para os homens, não derrubaram, porém, o princípio fundamental de que somente a feminilidade pode servir aos deuses. Todos os homens considerados normais na Bahia continuavam, pois, excluídos. Somente um grupo preenchia os requisitos. O fato de que constituísse um grupo sujeito à mais rigorosa condenação social não pesou contra esse princípio básico.

Quando se “faziam” filhos, eram eles homossexuais, que, a despeito do seu *status*, eram os únicos “femininos”. Tendo penetrado nos influentes candomblés, têm agora voz, como sacerdotes, em todas as atividades vitais. São apoiados e mesmo adorados por homens normais de quem eram, antes, objeto de escárnio e ridículo.

Esta metamorfose não se produziu sem alterar tanto os homens que se tornaram sacerdotes caboclos quanto os candomblés em que agora têm papéis eminentes. Em contraste com as mães, os pais parecem combativos e frustrados. Em geral desejam simples satisfações pessoais e raramente entrevêem as finalidades sociais que são o objetivo declarado do fetichismo nagô. Mas, como voz de um grupo até agora mudo, podem abrir caminho para novas instituições. Não se consideram rebeldes, “masculinistas” a agrupar com as nossas feministas; pelo contrário, aspiram a um sentimento de unidade com a tradição da mãe. A situação não resulta em solidariedade grupal — e os homens são mestres de difamação. Menos do que tudo refletem a masculinidade da cultura patriarcal em cujo coração vivem. Desejam uma coisa, para a qual o candomblé oferece as mais amplas oportunidades: desejam ser mulheres.

Fisicamente têm certas vantagens, pois muitos dos pais são juvenilmente bonitos e todos os que vi são mulatos. Pais e filhos caboclos também têm modos femininos, que emulam, não a tranqüila autoridade e os compostos movimentos das matriarcas do culto, mas a nervosa coqueteria dos homossexuais. Em vez de solicitar afeição e satisfação sexual de elementos casuais, porém, buscam e são requestados por crentes, em geral ogãs; em vez de merecer pontapés e palavras de desprezo, estão instalados em casas confortáveis, servidos por subordinados do culto, e às vezes enriquecem. Dentro do candomblé insistem na sua feminilidade e a ritualizam no transe sacerdotal; sacando sobre o prestígio de mães e filhas nagô, dão-se os títulos comparáveis de pais e filhos. As fantasias homossexuais passivas são realizáveis sob a proteção do culto, pois o homem dança com as mulheres no papel de mulher, usando saias e agindo como médium. Um dos atributos mais importantes dos pais eminentes é o seu estilo de dançar durante o ritual. Este se estereotipa no estilo feminino, em especial por ser vagaroso e sensual (dengoso), e difere muito das formas atléticas cultivadas pelos homens nas danças profanas. Faz com que um homem corpulento como o famoso pai Bernardino pareça feminino, tornando flexível, como o corpo de uma mulher, as suas costas

e ombros nus, as suas pernas metidas em compridos calções e os seus pequenos pés descalços. Parcialmente desalojam as mulheres, fazendo-lhes as vezes; mas não se consideram rivais das mulheres, do ponto de vista sexual. Simplesmente querem ser mulheres e constantemente se cercam de sacerdotisas. Os filhos aumentam nesse ambiente — e algum dia poderão assumir os importantes cargos que agora estão nas mãos das mulheres.

Os pais já estabelecidos cultivam tipos diferentes de comportamento para o mundo do candomblé e para o mundo exterior. Limitam a sua feminilidade cada vez mais às ocasiões de culto e se esforçam, na vida secular, por imitar os atos dos homens. Esta conduta faz parte da psicologia de manter secretas as atividades da casa de culto. Em público os pais usam calças e os seus gestos são mais ásperos. Mesmo em público são protegidos pelo culto, pois jamais saem sem a companhia de alguns filhos ou ogãs. Ainda assim, sempre têm um ar de desafio, de leve hostilidade.

Alguns pais mantêm amizade com importantes mães e filhas nagô e alguns deles se esforçam por imitá-las na consagração sacerdotal. O pai em geral está apenas interessado na oportunidade de exibição pessoal, enquanto as grandes mães, antes de tudo, se orgulham dos seus cargos. Para si mesma e para os demais, a mãe é, acima de tudo, a chefe sagrada do culto africano, e só secundariamente uma mulher a acariciar; mas, para si mesmo e para os demais, o pai é, antes de tudo, uma anomalia sexual, e só secundariamente o chefe da casa de culto. Contudo, os famosos pais Bernardino e Procópio⁷⁸ se empenham em mascarar os sinais mais grosseiros da homossexualidade — embora jamais abandonem a sua prática — e se dedicam aos seus deveres místicos como as suas colegas.

A maioria dos pais é devota de Iansã, deusa africana identificada com a inglesa Santa Bárbara. Psicologicamente, a situação é esclarecedora, pois, na tradição africana, Iansã é uma mulher masculina ou mesmo um homem. É guerreira; às vezes é a esposa do rei-guerreiro Xangô, às vezes a irmã dele. Esculturas antigas encontradas na Bahia, talhadas lá mesmo ou na África, representam Xangô

⁷⁸ Manuel Bernardino da Paixão (do Bate-Folha) e Procópio Xavier de Souza (do Ogunjá), ambos já falecidos. (Nota de É.C.).

como macho e como fêmea. Iansã controla os ventos e as tempestades; daí as suas cores emblemáticas vermelho, azul e castanho. Xangô vive no céu, governando os raios, e as suas cores são semelhantes às dela — vermelho e vermelho e branco. Como os deuses masculinos, Iansã veste calças e uma ampla e curta saia de dança; ela é “mulher-homem”.

Os homens levaram para a atmosfera do candomblé um elemento até então estranho, uma espécie de terrorismo que se exprime na maneira intratável e severa com que dirigem o grupo, no emprego furtivo, mas bem conhecido, da feitiçaria e no uso do chicote contra as sacerdotisas. A mãe sabe empregar a feitiçaria e tem um chicote ou bastão sagrado no quarto dos altares; mas não usa nenhum desses instrumentos, pois basta uma simples ordem sua. Ao recorrer à violência, o pai admite que, embora tenha conseguido o cargo de mãe, não conseguiu penetrar no seu caráter. Como os seus propósitos são diferentes, o pai altera a natureza do cargo.

O seu terrorismo deriva, em parte, do adivinho-feiticeiro. Bernardino, Procópio e Ciriaco⁷⁹ são os mais famosos pais da Bahia, mas a sua fama como sacerdotes tem a ofuscá-la a sua fama como feiticeiros. Entre os seus clientes se contam brancos distintos que os protegem da polícia, pois ocasionalmente esta os prende e espanca.

Individualmente, o pai é uma variação interessante do tipo predominante. Uma verdadeira compreensão psicológica é impossível sem a ligação íntima de que, como mulher, eu estava excluída; muita coisa, porém, pude saber e apresento agora algumas observações, que parecem delinear a situação geral.

Os pais que conheci, cerca de dez, foram recrutados entre prostituídos, delinquentes juvenis e malandros da cidade. Nem todos eram naturais da cidade da Bahia; João, por exemplo, veio, aos 10 anos, dos distantes campos de criação do Estado e viveu na cidade com a canalha das ruas. O lugar de nascimento não tem importância, pois a mesma espécie de comportamento sexual anormal pode

⁷⁹ Leia-se, de acordo com a pronúncia popular, Ciriáco. (Nota de É.C.).

ocorrer em toda parte no Brasil e muito poucos homens não terão sido expostos a algum dos seus tipos. Naturalmente, como proscrito, João era um delinqüente.

Alguns pais, como Bernardino, rompem completamente as suas ligações com a rua e se voltam para adeptos do culto, homens normais fascinados pelo mistério que cerca o seu chefe. Outros, porém, como João, mantêm as antigas ligações ao mesmo tempo que as novas. Essas atitudes contrastantes em relação ao passado de desonra ligam-se a outras formas de comportamento. Assim, Bernardino se empenha por ocultar a sua homossexualidade, limitando-a à sua casa e aos terrenos do templo. Usa decentes roupas brancas e raspa a cabeça peluda. João, pelo contrário, não se envergonha, anda num semibamboleio pelas ruas, escreve cartas de amor aos homens por quem se apaixona, veste blusas de corte e cor que ressaltam a sua pele e os seus ombros delicados — e espicha o cabelo. O cabelo espichado, proibido pelos padrões nagô, é o símbolo dos homossexuais passivos.

Em geral os pais são de grande frieza com as mulheres, um fato mais notável no Brasil do que o seria nos Estados Unidos. Mas Bernardino e Procópio cultivam estreitas relações profissionais e pessoais com importantes sacerdotisas de outras casas de culto. Esta atitude é surpreendente, em vista da amarga rivalidade e desconfiança que existe, normalmente, entre os chefes de culto. Ela se baseia, provavelmente, numa espécie peculiar de amor dessexualizado e de culto do herói; ao mesmo tempo, garante ao pai a admissão num pequeno e seletivo círculo de eminentes sacerdotisas. Bernardino gosta de oferecer presentes caros a essas amigas, mas também se desmanda de modo chocante.

Homens como João preferem as prostitutas. Tem ele a fama de visitá-las em casa e de brincar inocentemente com elas. Este seu hábito lembra os interessantes casos relatados por Wilhelm Stekel, de homossexuais que encontravam a maior excitação na companhia de mulheres fáceis que haviam entretido os homens que eles mesmos desejavam.

Outros ainda, como Vavá, são bissexuais. Ele parece o mais fechado, e também o menos interessante, do grupo. Como João, permite que os terrenos da casa de culto sejam usados para encontros amorosos, deste modo obtendo acesso, para si mesmo, aos homens que os visitam, originalmente, por motivos hete-

rossexuais. Ao mesmo tempo é bem casado com uma branca atraente — e já se casou várias vezes nos seus 25 anos.

Outros, como Ciríaco e Manuelzinho, são muito fiéis às suas ligações homossexuais. O primeiro vive com três filhos e o quarteto é inseparável. O segundo, sumido numa adoração apática ao cara-de-boneco Vavá, jamais namora à maneira descuidada de João.

Alguns são tímidos e encabulados, como Otávio; outros são hostis e rudes, como Bernardino e Procópio; outros ainda são maus, como Vidal. Alguns são atrevidos, como Paim, e alguns são serenos, como Ciríaco. É óbvio que a homossexualidade tem diferente significação pessoal para cada qual deles.

Os pais não são igualmente dedicados às suas responsabilidades religiosas. Procópio e Bernardino, como tantas mães, lhes dão todo o seu tempo. Vavá e João são funcionários em escolas. Ciríaco dirige uma bem montada mercearia. Outros, como Paim, não têm ocupação, são esbanjadores e eventualmente perdem prestígio e seguidores do seu culto.

É claro, portanto, que, quando caíram as barreiras que excluíam os homens da chefia do culto, o fato de que o único grupo a se candidatar fosse constituído de proscritos e malandros não se tornou um obstáculo a que alguns desses homens desempenhassem os mais altos papéis no candomblé. É claro, também, que o candomblé sofreu uma alteração radical com a sua assunção a esses papéis. Muitos dos egressos do grupo proscrito de homossexuais passivos que se tornaram sacerdotes romperam com o grupo original; todos perseveraram em face de vigorosa hostilidade, assumiram o papel de mãe e exploraram os cargos sacerdotais em seu

O Culto Fetichista no Brasil

O Brasil tem uma grande população negróide, que se concentra ao longo da faixa litorânea e tem seu centro cultural na cidade-capital da Bahia, no Norte. A Bahia foi chamada a "Roma Negra" porque o seu vigor cultural domina a vida popular no Leste densamente povoado. Esta situação se origina da posição relativamente favorável em que os negros se encontram no Brasil, pois, desde a sua emancipação em 1888, não sofreram discriminação nas leis nem nos costumes, estando sujeitos apenas às desvantagens comuns a grupos minoritários.

A vida dos negros na Bahia constitui um modelo para a vida popular afro-brasileira em toda parte do país, de acordo com a opinião geral e com os etnólogos brasileiros, mas em geral se acredita que seja menos complicada pela civilização urbana e mais elaborada na cidade da Bahia. Daí que eu tenha dedicado a maior parte do meu tempo a pesquisas na cidade e em torno dela.⁸⁰ Neste artigo esboçarei as características salientes da vida religiosa que pude observar.

Toda a vida do povo da Bahia é religiosa, como a nossa é secular. É tão vívida para todos como o comércio diário no mercado e abarca tudo, como a vida do mosteiro para os membros de uma ordem de monges. Há uma constante e inquestionável dependência dela, através da Igreja Católica oficial e ainda mais através dos templos dedicados ao culto dos deuses do Oeste africano. A prática do templo é chamada culto fetichista mais legitimamente do que em outros centros de tradições africanas do Novo Mundo, pois a língua portuguesa é falada no Brasil e o conceito de "fetiche" foi cunhado pelos primeiros descobridores portugueses da África negra do Oeste.

⁸⁰ Este artigo baseia-se em pesquisas no Brasil entre 4 de maio de 1938 e 18 de junho de 1939. [Nota da autora].

O culto fetichista é um ponto de vista e também uma série de técnicas compreendidas por todos e aplicáveis a todos os negócios contemporâneos. Os templos fetichistas existem primordialmente para fins rituais, mas, como as igrejas da Idade Média, os templos são centros sociais e frequentemente a morada dos devotos. O templo é servido por um clero composto por mulheres. Esse clero é ascético e afastado da vida comum apenas em ocasiões sagradas. Nesses aspectos o clero fetichista contrasta notavelmente com o clero católico, que funciona ao seu lado e goza oficialmente de *status superior*.

A tradição afro-brasileira reconhece dez deuses principais, com um número variável de deuses menores, e cada sacerdotisa é devota de um deles. Ela passa por um longo noviciado, serve alimentos, óleos e flores especiais ao deus e mantém limpo o seu altar. Também age como médium dele. Aqui, como no Haiti, esse médium é considerado um “cavalo”, sobre o qual o deus “desce” e “monta”, possuindo-o. O deus pode descer espontaneamente, mas num templo bem organizado da tradição ioruba, que é dominante na Bahia, o deus desce apenas quando chamado em orações e por atabaques para solucionar algum problema. Quando presente, o deus conversa democraticamente com aqueles que o consultam e cortesmente abençoa a todos.

O culto fetichista não compete com a Igreja, nem dogmática nem funcionalmente. Afirma-se que um crente fetichista não pode ser “pagão”, deve ser um católico, confessado e confirmado. A minha impressão, porém, é a de que a religião popular, composta em grande parte de práticas fetichistas tingidas de catolicismo, é, para a classe inferior, a realidade diária da sua vida. O catolicismo propriamente dito é algo de especial e extramundano.

Como os milagres da Idade Média, as diversões populares estão impregnadas de religiosidade. Isto se torna evidente numa série de comemorações católicas que ocorrem quase todos os dias durante os meses de dezembro e janeiro, antecipando o Carnaval. Há apenas duas diversões mais ou menos seculares — uma, a competição de dançarinos de samba; outra, a competição de lutadores à moda da África Ocidental, chamada capoeira.

A religião popular tem dois fins declarados. Pretende curar a maioria das moléstias e sustenta a esperança de solucionar qualquer outro problema concebível.

Não tem interesse algum numa vida após a morte, e certos crentes fetichistas chegam a negar que haja alguma (“que sabemos do que acontece depois da morte?”), mas oferece as mais róseas promessas para a deste mundo, resolvendo problemas de alimentação, de morada, de vestimenta, de companhia e de ambições particulares. É capaz de fazê-lo em virtude do dogma de que os deuses se valem de moléstias e de outros infortúnios para punir os desafetos. Como o clero, e em especial a sacerdotisa-chefe, ou “mãe”, sabe como lidar com os deuses, a cura está nas suas mãos. O processo leva o paciente ou cliente a consultar a mãe. Esta adivinha atirando búzios em padrões estabelecidos, informa-se da vontade dos deuses, prescreve sacrifícios propiciatórios e retiros de duração variável e dá ao paciente uma terapêutica de ervas mágicas que inclui banhos, fumigações e sacudidelas e pulverizações protetoras. Em contraste com isto, a Igreja Católica oferece apenas orações e promessas. A assistência médica normal não é de fácil acesso e, em geral, não é preferida. Contudo, até mesmo sacerdotisas de alguma importância por vezes combinam a assistência médica e a prática fetichista.

O tratamento completo das doenças de uma mulher, no culto, faz dela uma sacerdotisa. É caro, custando de 75 a 200 dólares. Envolve contribuições de parentes e amigos, em boa parte pagas em espécie, mas o tratamento parcial é possível e preferido por muita gente — e é considerado como prestações do pagamento total. O cliente recebe serviços apenas na razão do que paga. Supõe-se que os deuses encarem o pagamento parcial como garantia do total e, portanto, se inclinam a sustar o castigo; o paciente pode sentir-se bem e continuar de boa saúde por algum tempo.

Frequentemente os deuses são isentos de responsabilidade, acusando-se, então, o “mau olhado”. O chamado demônio Exu pode ser invocado para castigar o portador do olho mau; seguem-se prescrições de ervas. Este diagnóstico geralmente se faz apenas para alguém que já cumpriu as obrigações rituais, em parte por que a outra possibilidade se exauriu por enquanto, em parte por que pode custar menos. O “mau olhado” produz moléstias da espécie chamada *miserias* pelos negros americanos e *mofina* em português. Plantas dedicadas particularmente aos deuses as curam. Os portadores de olhos maus nem sempre têm consciência dessa qualidade peculiar e não são culpados pelas conseqüências, mas, a fim de fugir ao perigo, as pessoas rejeitam os elogios e, quando qualquer coisa é louvada

com admiração, o dono imediatamente a oferece, para livrar-se da má influência. Os fetichistas sempre dão aos filhos nomes secretos, de modo que os seus “eus” essenciais não sejam atingidos pelo mal, e os apelidos são populares nesta conexão. Exceto os dignitários da Igreja, as pessoas mais distintas da nação são chamadas pelos apelidos.

Exu é uma criatura de espírito trapaceiro envolvida em magia negra. Não possui a severidade atribuída aos grandes deuses, mas é indispensável à prática do culto. Uma sacerdotisa o chama de “escravo”, porque executa maliciosas diligências em troca de alguns vinténs, um pouco de azeite-de-dendê e de cachaça. Por outro lado, afirma ela, Exu é realmente mais útil do que os deuses, pois faz as coisas e não tem vaidades. Jamais pune as pessoas com moléstias ou perda de dinheiro. Está pronto a servir a qualquer momento, no seu posto nas encruzilhadas. Há diferentes tipos de Exu, mas todos são encarados deste modo ambivalente. Há uma espécie de Exu doméstico, muitas vezes chamado “compadre”, que se imagina tanto como guardião do lar quanto como obstáculo a que a sua própria maldade o penetre, em vista das oferendas que regularmente recebe. Há, entretanto, Exus “brabos” vagando pelas estradas e pelos bosques, em especial de madrugada, ao meio-dia e à meia-noite. Nenhum Exu pode ser representado, dentro do templo, junto com os deuses. Todo deus parece ter um ou mais Exus-lacaios, que fazem os serviços mais pesados por ele; a deusa guerreira Iansã tem uma “quadilha” de pelo menos sete dos mais “brabos”, todos fêmeas. Exu parece ser excluído da companhia dos deuses, não porque seja “mau”, mas por ser de *status* inferior. Em geral, também, as coisas de grande *status* são consideradas boas, as coisas de baixo *status* são consideradas más. A modéstia não é valorizada na teologia fetichista.

Vários Exus são aquietados com oferendas de cachaça, azeite-de-dendê e farofa e afastados magicamente antes de qualquer ritual fetichista que envolve o chamamento dos deuses. Este afastamento cerimonial assegura a paz, protegendo o ritual contra brigas, quebras de disciplina e embriaguez. Este rito no templo ioruba é belo e calmo, sem a ansiedade e a tensão que geralmente acompanha a invocação dos deuses.

Enquanto os deuses são utilizados em empreendimentos socialmente aceitos, como assegurar um bom parto ou um bom emprego, Exu é utilizado secretamente

para arranjar um encontro amoroso, para forçar uma sedução, para desfazer ou mesmo recompor um casamento. As mães dos renomados templos fetichistas negam que utilizem Exu, indicando que se consideram acima de interesses mesquinhos, mas todas conhecem as fórmulas a usar e sem dúvida recorrem a ele particularmente. Visto que a Igreja Católica estigmatiza Exu como diabólico, as sacerdotisas são compelidas a obsequiar os deuses, que são identificados com os grandes santos católicos.

Os deuses africanos, pelo que se diz, são mortais deificados de origem real ou nobre. Esta idéia não é tão clara no caso do pai dos deuses, Oxalá, e das suas esposas, mas os seus filhos são todos reais e nobres. Pode ser que Oxalá seja considerado acima da realeza, pois é o pai dos deuses. Entretanto, não é o senhor da criação. Soube que a ociosa deidade chamada Olorum era o pai de toda a criação, inclusive dos deuses. Ligam-no, ocasionalmente, com o Deus cristão, mas em geral não se pensa nele. A grande deidade católica é Jesus Cristo, com quem Oxalá se identifica. As outras deidades são identificadas com vários santos católicos, mas são mais importantes na cosmologia fetichista. Igualar Exu ao diabo é completar a tábua das identificações.

Em geral imagina-se Oxalá tão idoso que deve rastejar para o sol em busca de calor, uma noção estranha para um povo tropical. O seu lar é o interior de uma colina da costa ocidental da África. Quando desce no médium, apóia-se num pesado cajado, as pernas tremem de frio e de apatia e geme, rabugento. Vestem-no com luxo, mas somente de branco e cor de prata, para simbolizar a sua falta de animação.

Oxalá tem duas esposas. A mais velha e sem atrativos é Nanã, a mãe das três grandes deidades masculinas Omolu, Lôko e Oxumarê. É identificada com Sant'Ana, mãe da Virgem Maria. Vive sozinha no fundo de um rio da África Ocidental, entre as algas que são os seus cabelos. Por vezes é concebida como sendo a mãe de tudo. Todavia, não é amada nem respeitada tanto quanto temida e antipatizada e, portanto, homenageada. Quando desce, muitas vezes dança, nas cerimônias, atrás dos seus três filhos. As suas cores são o branco e o azul-claro, simbolizando o seu declinante vigor e a água em que vive.

A esposa mais jovem e bem-amada de Oxalá é Iemanjá. Identifica-se com uma das Virgens Maria, voluptuosa, representada com seios fartos, ancas largas e

sexualmente vigorosa. Como também vive na água perto de Oxalá, as suas cores são também branco e azul-claro. É grande favorita entre as mulheres, em especial as gordas. As canções e danças do seu ritual são suaves e alegres. É uma edição juvenil da *mammy* americana.

Oxalá tem um filho muito amado, um rei deificado chamado Xangô. Identifica-se com São Jerônimo, é representado como grande guerreiro e amante e é o herói de lendas escandalosas. Por vezes imagina-se que seja “o rei de toda a África”, outras vezes o vitorioso rei de uma cidade-Estado ioruba. Após a sua morte se manifestou no relâmpago e reina nos céus no comando dos raios. O seu símbolo é um machado de meteorito de forma alada e a sua cor emblemática é o vermelho da paixão. É um deus extremamente popular e desce em grande número de pessoas. Ele inflamou a imaginação de todos os brasileiros, de modo que ouvimos falar dele até mesmo em Nova York, nas obras do grande compositor brasileiro Heitor Vila-Lobos (por exemplo, *Xangô, morte de um rei nagô*).

O deus Xangô tem uma esposa, Iansã, que alguns dizem ser sua irmã. É identificada com Santa Bárbara, da Inglaterra. É a contraparte feminina de Xangô, uma guerreira que se baba por uma luta, uma mulher de muitos amantes. É chamada de “mulher-homem” e os seus emblemas são semelhantes aos de Xangô. Uma história conta que foi violentada pelo padrasto, o deus da caça Oxoce, e, desleal à sua mãe adotiva, a deusa Oxum, abandonou os filhos gêmeos ilegítimos e o marido, o deus da guerra Ogum, antes de unir-se a Xangô numa batalha. Venceu a batalha de Xangô e, por isso, o coração dele. Casando-se com ela, Xangô a elevou de plebéia a rainha e imperatriz. Após a morte e a deificação, tornou-se senhora dos ventos e das tempestades, como Santa Bárbara. Antigas esculturas de madeira da tradição ioruba representam Xangô às vezes como macho, às vezes como fêmea; e os etnólogos Artur Ramos e Édison Carneiro afirmam que Xangô e Iansã são uma única criatura bissexual.

Oxum é uma deusa africana favorita. É a filha mimada da senilidade de Oxalá, nascida com uma colher de prata na boca, grande beleza, dignidade, encanto e nobreza de caráter. É uma heroína de perpétua juventude e se identifica com uma das Virgens Maria. Está sempre envolvida com Iansã como co-espôsa de um deus, como uma esposa rival em questões de amor, como madrasta dos filhos que

Iansã abandonou. Iansã sempre procede com ingratidão. Embora muitas das relações divinas sejam dramatizadas nos cantos, nas danças e outros incidentes rituais, esta não o é. Oxum recebe mais do que o seu quinhão de culto, como Xangô. São ambos símbolos aerodinâmicos dos traços idealizados dos seus respectivos sexos. Naquilo que se chama “vida africana” em contraste com a “vida católica”, Oxum vive na água, localizada na superfície, enquanto Iemanjá vive nas camadas médias e Nanã no fundo.

Oxoce é um príncipe caçador, completamente empenhado na vida da floresta. Um conhecido adivinho da Bahia afirmou-me que Oxoce era solteirão, enquanto uma conhecida sacerdotisa afirmava que era o marido de Oxum. Todo o programa do templo desta sacerdotisa repousava nessa suposição. A argumentação do adivinho baseava-se na tradição de que Oxoce vinha de uma casta que singularizava a continência como condição para a vida de caçador, embora pudesse ter amado mulheres casuais nos seus períodos de lazer. Parece ser a encarnação da perpétua juventude, a versão masculina de Oxum. É sempre representado de maneira romântica, correndo por entre árvores e arbustos, perseguindo a caça com arco e flecha ou com arma de fogo. Os seus emblemas são verde-mato e pardo com toques de azul-vivo e vermelho, usa vestes de couro e traz aljava de flechas. Emite latidos.

Ogum é um solteirão de caráter intratável, que controla as desgraças, a guerra, o ferro e o mal; a sua cor é o azul-claro. Na “vida africana” é um ferreiro de casta principesca. Os Exus são seus criados e ele é invocado juntamente com os Exus para fazer o mal. É identificado com o soldado Santo Antônio.

Omolu é também um personagem desagradável, mas exerce horrível fascínio sobre homens e mulheres. É o deus das pestes, em especial da bexiga. Os seus devotos o representam como um velho paralítico, hediondamente contorcido. Emite constantemente uma espécie de piado alto. Por outro lado imagina-se que providencie a cura de moléstias, se tratado como merece, ilustrando a ambivalência de conceitos que caracteriza quase todas as noções do povo afro-baiano. É identificado com os santos Lázaro e Roque.

Omolu e Ogum têm muito em comum. São cultuados no mesmo dia, segunda-feira (todos os deuses, como os santos católicos, têm dias especiais de

culto a eles reservados, e muitas vezes os dias africanos e católicos coincidem), e a um e outro se sacrificam e oferecem pipocas; ambos residem e controlam as estradas e as encruzilhadas, que são os caminhos do mal. Omolu se identifica com o Sol do meio-dia e é “o rei dos treze raios do Sol”; as suas cores são o vermelho e o branco ou preto. Histórias mitológicas explicam esses pormenores, como todos os demais pormenores de caráter e emblema de cada deus. A vestimenta emblemática de Omolu inclui uma máscara de palha que vai da cabeça ao peito, uma máscara da África Ocidental de significação esotérica. É uma das minúcias obviamente africanas da vestimenta. Ogum usa algo semelhante, uma capa curta de fibras de trançadas de palmeira. Por vezes se diz que Omolu é casado com Obá, irmã mais velha de Iansã, também guerreira, que usa vermelho ou castanho como cores emblemáticas.

Os dois irmãos de Omolu, Lôko e Oxumarê, são importantes na teologia, mas descem raramente e suscitam pouco fanatismo, exceto nas possessões em massa em certa queda d'água das redondezas da Bahia.⁸¹ Lôko se identifica com uma espécie vegetal sagrada⁸² e tem vagas funções de cura que o colocam no mesmo plano de Omolu, de um lado, e de Oçã, senhor dos bosques e das ervas, de outro. A sua cor é o branco e é identificado com São Francisco. Oxumarê é ao mesmo tempo arco-íris e serpente, tem funções de cura e é identificado com São Bartolomeu.

As irmãs mais velhas de Iansã, Obá e Euá, são réplicas esmaecidas dela. Euá é esposa de Oxumarê.

Esses deuses são a espinha dorsal do culto fetichista. Alguns são mais elaborados em conceito e em ritual do que os outros, com pequenas variações individuais. Assim, alguns deuses são representados em vários períodos do ciclo vital, mas uma sacerdotisa só pode ser médium para um desses aspectos. Os deuses são representados, também, em situações diferentes; cada aspecto, porém, é a personificação de algum traço de caráter. Por exemplo, Xangô aparece como um deus jovem ou como um deus velho. Quando jovem, a sua cor é o vermelho

⁸¹ Em São Bartolomeu, perto de Pirajá, a 24 de agosto. (Nota de Ê.C.).

⁸² A gameleira branca. (Nota de Ê.C.).

e a sua disposição é belicosa. Quando velho, as suas cores são branco e azul e a sua disposição é indulgente. Um terceiro Xangô é o chefe arrogante. Todos os Xangôs podem descer na mesma ocasião, mas cada qual desce num médium diferente e o médium sempre serve o mesmo aspecto do deus. Iansã pode descer sob o aspecto de uma criança, e nesse caso se parece com Oxum; pode ser uma mulher jovem, e nesse caso é impetuosa; e pode ser uma velha, e então é consumida e gasta e a sua cor castanha se torna branco e azul. Até mesmo Oxalá pode ser um jovem guerreiro ou um velho decrépito. Omulu também pode ser juvenil. Apenas Oxoce e Nanã são sempre os mesmos, tendo apenas um aspecto.

Quando termina a noite ritual e as sacerdotisas-“médias” continuam em estado de transe, a mãe ordena que os deuses sejam despachados, pelos adeptos do culto, de modo cerimonial. Imediatamente após a dispensa dos deuses, espíritos travessos, chamados erê em língua ioruba, são convocados. Esses erês são identificados com os santos-meninos Cosme e Damião. Artur Ramos os considera filhos de Xangô. As sacerdotisas continuam em transe quando estão sob a influência de erês, mas de modo malicioso e sob a compulsão de comportar-se loucamente. Põem de lado a férrea disciplina a que foram submetidas quando possuídas pelos grandes deuses e, durante duas a três horas, se entregam a brincadeiras nos cômodos secretos do templo. Em seguida, por ordem da sacerdotisa-chefe, cada médium vai dormir e acorda, no dia seguinte, sem qualquer lembrança do que ocorreu. Todas parecem um tanto embaraçadas e confusas, quando se lhes recorda alguma coisa. Durante algum tempo sentem-se desorientadas.

As sacerdotisas intercedem pelas pessoas junto aos deuses e têm pretensões especiais sobre os deuses a quem servem. Crentes e clientes buscam as sacerdotisas com a mesma confiança com que um filho busca a mãe. A sacerdotisa-chefe e as suas principais auxiliares são chamadas “mães” e consideradas como mais dignas de confiança do que os deuses. Os deuses são caprichosos e “castigam” quando menos se espera. Mas as mães sabem como interceder junto a eles, podem explicar o seu comportamento e controlá-los. Há muitos resmungos contra a autoridade e os altos preços cobrados pelas sacerdotisas, mas nunca se levanta a menor dúvida quanto às suas pretensões. Clientes e sacerdotisas de menor graduação demonstram a sua tremenda perturbação emocional no estado de mudez em que caem na presença da mãe, pedindo-lhe a bênção, evitando o seu olhar, falando em tom

semi-audível. Este comportamento é também uma estereotipada formalidade exigida no encontro de pessoas de posição social diferente, mas muitas vezes é sincero a ponto de parecer espontâneo — é a expressão baiana típica de completa deferência.

Idealmente, a mãe é uma mulher madura, de caráter ascético, enfronhada nas tradições do cargo a que ascendeu após anos de serviço em postos inferiores da hierarquia do culto. Também idealmente, sua vida se dedica a supervisionar o serviço aos deuses, no que é auxiliada por sacerdotisas chamadas filhas-de-santo. Treinada para dirigir com independência, evoluiu para um tipo de matriarca que é, não apenas singular nos tempos modernos, mas anacrônico no Brasil patriarcal. Contudo, as mulheres brasileiras controlam a vida das suas famílias, nos limites do lar, e exercem boa dose de autoridade, insuspeitada a um observador de fora. Os brasileiros detêm a autoridade principalmente nos aspectos públicos da vida. Dentro de casa, também, as santas são importantes e provavelmente não há culto católico que rivalize com o da Virgem Maria, tanto na Igreja como no lar. Estes fatores fazem com que a autoridade peculiar das mães fetichistas pareça intimamente relacionada com o ambiente geral. É interessante contrastar as mães sacerdotais da Bahia com os seus impetuosos protótipos da África Ocidental, que, como as amazonas do rei do Daomé, rivalizavam e superavam a soldadesca masculina. Evidentemente, as condições da escravidão no Brasil, como nos Estados Unidos, facilitaram a evolução do tipo matriarcal da mulher negra e, assim, a mãe do culto continua certos valores dos tempos da escravidão. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, a tendência foi no sentido de reconhecer as escravas, e não os escravos, como chefes de família. As horas extras de trabalho eram pagas a elas e a ascendência dos nascidos na escravidão era reconhecida matrilinearmente. As mães fetichistas floresceram durante os últimos cento e tantos anos de escravidão, em competição com os praticantes masculinos, a quem constantemente substituíam. A substituição foi sem dúvida acelerada nos começos do século XIX pelo extermínio e expulsão, do Brasil, dos arrogantes escravos hauçás e em especial dos seus chefes religiosos, que haviam incitado “guerras santas” contra católicos e pagãos. Os praticantes masculinos não foram apenas afastados, mas também desacreditados.

Em 1939 acreditava-se que houvesse cerca de 80 grupos de culto, cada qual tendo em média 300 pessoas. Havia ampla flutuação em torno desta média, pois certos grupos eram antigos e famosos e exerciam enorme influência, enquanto

outros eram novos e pouco importantes. Os grupos antigos tinham adeptos até no Rio de Janeiro, os mais modestos apoiavam-se na vizinhança. A maioria dos grupos fora organizada em 1937 numa União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia, com um cientista brasileiro como secretário e um adivinho como presidente.⁸³ O objetivo era manter padrões em face de uma repentina proliferação de novos templos, coibir a charlatanice e defendê-los contra perseguições. O secretário não era um “crente”, mas um ardente defensor do direito das pessoas de cultivar as suas tradições sem empecilhos.

As seitas dominantes na Bahia são de tradição ioruba, com uma certa mistura de tradições chamadas do Congo e de Angola. São estas seitas dominantes que mantêm, rigidamente, a responsabilidade sagrada de as mulheres serem sacerdotisas e médias. A hierarquia nos seus templos é elaborada e formal. Aparentemente em revolta contra isto, surgiu um novo tipo de prática cultual, de estrutura extremamente frouxa, que admite mulheres ao sacerdócio com pequeno ou nenhum treinamento, se têm propensão para o que os negros americanos chamam *shouting*. Também permitem que os homens ajam como médias, mas, em geral, as mulheres ainda predominam, mesmo nessas seitas. Esses cultos são chamados de “caboclos” porque, além dos grandes deuses africanos ou ioruba (chamados nagô, à moda francesa), cultuam espíritos de índios brasileiros há muito desaparecidos. Um dos traços interessantes da instituição “cabocla” é a oportunidade que oferece a homossexuais de se tornarem sacerdotes e chefes, uma questão que discuti em outro lugar.

Os traços de cultura africana que agora florescem no Brasil têm ou tiveram correspondências, agora ou antigamente, na costa ocidental africana, em especial entre os ioruba, os eve e grupos do Congo e de Angola, e podem relacionar-se a formas culturais encontradas em toda a área do Caribe, as Guianas sul-americanas inclusive. Os seguintes pontos indicam, rapidamente, o campo do comportamento religioso.

1 — Mulheres negras são chefes de religião no Caribe, na África e no Brasil, funcionando como sacerdotisas e médias. Frequentemente partilham o poder

⁸³ Respectivamente, Édison Carneiro e Martiniano do Bonfim. (Nota de É.C.).

com homens e, na África, a sua posição é em geral inferior à dos homens, mas, em certos pontos do Caribe (por exemplo, a Jamaica) e no Brasil, a sua posição é elevada e, na Bahia, constitui um verdadeiro matriarcado. Na África Ocidental, o reconhecimento oficial do sexo feminino tem o seu auge no Daomé e entre os ibó; no Novo Mundo, na Bahia.

2 – O mesmo panteão nuclear de “grandes deuses” surge em todo o Caribe e na América do Sul, constituído por figuras da tradição daomeana, dos ioruba e dos axânti. Há variações locais na organização, acréscimos e títulos, e as mesmas idéias fundamentais são submetidas a diferentes pressões. Um ou outro nome daomeano ou ioruba ocorre com freqüência, como o Legba daomeano e o Xangô ioruba. O Exu ioruba parece confinado ao Brasil, onde é sinônimo de Legba. Importantes elementos ritualísticos são idênticos, embora combinados de modo ligeiramente diferente, com importante significação local. Certas regiões do Novo Mundo parecem mais coloridas por uma tradição do Oeste africano do que por outra: assim, traços culturais daomeano ou eve parecem dominantes no Haiti; os ioruba dominam na Bahia, os de Angola e do Congo no Rio de Janeiro; os axânti dominam em Saramacca, Guiana Holandesa. Contudo, há pequenas ilhas de outras tradições: assim, um templo baiano observa o culto eve à serpente e diz-se que um templo hauçá (maometano) sobrevive na Bahia. Certos complexos culturais da África Ocidental parecem mais conservados no Novo Mundo do que outros: assim, o culto ioruba da adivinhação a Ifá se encontra praticamente íntegro na Bahia, enquanto o Egungum ioruba, que se refere aos mortos, sofreu grande alteração na observância do Egum. No Caribe, no Brasil e na África se encontra uma vigorosa crença na significação mágica dos gêmeos. As mesmas regiões se caracterizam por um típico tratamento íntimo dos grandes deuses, semelhante ao tratamento dado a todas as pessoas de posição mais alta, parentes inclusive.

3 – Os mesmos conceitos religiosos aparecem no Caribe, na América do Sul e na África Ocidental, embora a terminologia varie com a linguagem da tradição local. Assim, temos loa no Haiti, orixá no Brasil, vodu em ambos os pontos. (*Winti*, em Saramacca, deriva do inglês, e não da África).

4 – No Caribe, na América do Sul e na África Ocidental, os grandes deuses são identificados com os santos do calendário católico e também com Cristo, a Virgem Maria e Deus.

5 – Nessas regiões, a possessão e a mediunidade são universais, em contextos ligeiramente variáveis.

6 – Instrumentos musicais e orquestrais aparecem em todas essas áreas: tambores de tamanho e estilo tradicionais, instrumentos de metal como o agogô (campânulas encontradas no Brasil), várias espécies de chocalhos, o berimbau (arco monocórdio encontrado na Bahia e, segundo se diz, vindo de Angola), a cuíca (instrumento de sucção que se diz ter vindo de Angola, África Ocidental). Batidas características de tambor para ocasiões religiosas ou de outra intenção se encontram nessas áreas.

7 – Travesti masculino ritual na Bahia, no Haiti e na África Ocidental.

8 – Estilos à africana de trançar os cabelos aparecem no Caribe e na América do Sul e no Brasil. O entrançado tem uma mistura de valores mágicos.

9 – Canções populares sobre diferentes aspectos da vida se registram em toda a área de distribuição do negro no Novo Mundo. Em Paramaribo, Herskovits encontrou as “canções de alusão”, ou ridículo, que no Brasil surgem como “canções de desafio” (sotaque) e na Bahia são cantadas durante os ritos do templo, em especial pelos grupos “caboclos”. As “canções de alusão” são geralmente seculares fora do Brasil.

10 – Os cultos da Bahia têm línguas secretas. Os de tradição ioruba falam uma espécie de ioruba; os “caboclos” falam algo parecido a latim bárbaro, empregando palavras de origem banto (das regiões do Congo e de Angola).

11 – A justiça e os ordálios de tipo africano são instrumentos de administração do culto na Bahia.

A cultura afro-brasileira gira, numa extensão extraordinária, em torno do culto fetichista, mais do que as culturas do Haiti ou das tribos saramacca da Guiana Holandesa. Isto se dá em virtude da diferente história política do Brasil, que bloqueou a atuação das tradições africanas na esfera secular. É claro, contudo, que a cultura afro-brasileira pertence à grande área cultural afro-caribeana.

Escravidão negra e status feminino

As estruturas e as ênfases especiais envolvidas nas instituições da escravidão, como em outras instituições sociais, variaram grandemente e de modo incomumente imprevisível no tempo e no espaço. A escravidão negra no Novo Mundo, extraordinariamente exploradora, atuou de maneira quase uniforme nos seus aspectos econômicos, mas irregular em outros – como o concubinato, a herança e a estima racial – ao passar de uma sociedade de origem católico-mediterrânica como o Brasil para uma sociedade de origem norte-européia-protestante como o Deep South americano. As grandes variações significaram que o curso da vida de homens e mulheres se alterou nos seus objetivos, em prestígio e em pormenores de expressão.

Uma necessidade, durante a escravidão no Novo Mundo, impôs constantemente que os senhores desvalorizassem a posição e as oportunidades dos escravos nas relações pessoais e de classe e exaltassem a posição e as oportunidades das escravas. Como os homens controlavam a sociedade do Novo Mundo, os seus preconceitos de fundo sexual se exerciam mesmo contra a oposição das mulheres brancas e muitas vezes ao preço de tragédia. Assim, encarava-se, caracteristicamente, uma família escrava como tendo uma mulher como chefe responsável, e não um homem, e o filho era identificado tanto pelo nome dado à mãe como pelo sobrenome do senhor; habitualmente, as horas extras de trabalho de uma família escrava eram pagas à mulher como chefe, e não ao homem, em especial nos Estados Unidos. Após a emancipação, a mulher negra nos Estados Unidos continuou a ser o estio econômico e emocional da família, muitas vezes uma família formada ao acaso e composta de várias gerações. O seu comportamento lembra muito a família polígina africana, embora a sua se ligasse à inadequação social do progenitor e tivesse a sancioná-la a necessidade, e a africana se ligasse à

autoridade do progenitor, que a sanciona. A tendência se mantém hoje, no seio do povo, em virtude das fadigas econômicas e civis da liberdade.⁸⁴ Iniciada pelas exigências e valores da classe dominante, provocou respostas entre os escravos, determinadas tanto pelas tradições africanas como pelas pressões da propriedade humana.

A conduta do senhor incluía a extensão aos negros de certos comportamentos sérios concedidos aos seus pares brancos; isto resultou em vantagens características, ainda que pouco dignas de confiança, para as mulheres negras, e em desvantagens para os negros. Os brancos, que mantinham subordinadas as suas mulheres, elevaram a mulher negra a alto nível, quando destinaram algumas, individualmente, às decentes categorias femininas de enfermeiras, cozinheiras, costureiras e mesmo amantes. Num reconhecimento complementar da virilidade negra, por outro lado, estenderam a certos indivíduos um aspecto da competição concedida a todos os homens brancos quando, na busca de relações sexuais, lançaram as suas vantagens de classe contra eles. Era excitante para os senhores, por assim dizer, reconquistar diariamente os negros pela subjugação das suas mulheres, pois isso punha em perigo as relações dentro e entre as classes, em especial nos Estados Unidos.

Esta inclinação universal cercou-se de condições variáveis. Assim, nas comunidades protestantes norte-americanas, exceto a latinizada Luisiânia do Sul, as relações sexuais de senhor e escravo (e, portanto, de quaisquer brancos e pretos) eram proscritas e, em consequência, furtivas, visto terem sido amplamente cultivadas. Nas comunidades católicas da América Latina eram francas e amistosas e delas podiam resultar famílias reconhecidas, que regularizavam o *status* dos seus rebentos.

As mulheres negras, em todas as Américas, responderam ao seu tratamento mais indulgente de modo semelhante, que ganhou o apoio do seu povo e dos senhores. Foram estimuladas a manifestar traços de iniciativa, responsabilidade,

⁸⁴ Dados incompletos das comunidades de escravos fugidos da Jamaica e do Brasil impedem o exame do assunto aqui. Por outro lado, a soma de dados do Haiti e de Saramacca, Guiana Holandesa, deve ser analisada em conexão com a conquista da soberania política, pois isto trouxe determinantes estranhos à escravidão, como a preferência pela identificação com uma cultura européia, em vez de uma cultura africana. [Nota da autora].

paciência e encanto e, como na África, receberam o título de “mãe”. Sob circunstâncias particulares, no Hemisfério Sul, as suas qualidades entraram no desenvolvimento ocasional de instituições matriarcais, sobretudo no Brasil, cuja sociedade oficial era vigorosamente patriarcal. Muitos modelos para este comportamento aparecem em instituições e valores específicos da África. O reforço do funcionamento especial da escravidão no Novo Mundo é a relação biológica básica da mulher diante da vida. Como a personalidade feminina continua enraizada nas necessidades primárias da família e dos filhos, é provável que se fira ou se exponha menos do que a do homem com a destruição da ordem social; ao passo que a destruição social desenraiza violentamente a personalidade masculina dos empreendimentos prestigiosos e intrincados, ainda que sociologicamente secundários, do governo, da propriedade e da guerra. Sob a escravidão, portanto, os negros experimentaram humilhações mais irreparáveis e provavelmente mais profundas do que as negras.

Por toda a África à mulher se deram tradicionalmente grandes oportunidades (como propriedade e controle de hortas e pomares, mercados, negócios domésticos, sociedades secretas) e reconhecimento oficial (de sacerdotisa e médium, os paços da rainha e outras entidades que tratam de interesses femininos); por vezes a mulher as partilhava com os homens. Era assim nas complexas sociedades da África Ocidental de onde veio, ou descendia, grande parte da população escrava.

Uma manifestação incomum de estima pelas mulheres se produziu no Daomé, onde jovens donzelas, recrutadas juntamente com os homens para as fileiras do exército regular, eram intituladas “esposas” e “mães” do rei e treinadas no cultivo de qualidades masculinas (por exemplo, ferocidade marcial) e femininas (enfermagem) no seu papel de celibatárias esposas-guerreiras do rei; uma companhia destas “amazonas” constituía a guarda feminina real.

Por toda parte onde o negro vive no Novo Mundo, as mulheres ainda lavram a terra e controlam os mercados e nas cidades trabalham como domésticas. São levadas a sério como chefes e adeptas de religião, por vezes subordinadas aos homens, por vezes no mesmo pé de igualdade, por vezes acima deles, como em certos pontos da Jamaica e do Brasil. A Bahia, um grande centro negro no Nordeste do Brasil, atraiu a atenção desde cerca de 1835, após a expulsão dos escravos

maometanos terroristas, por fomentar um matriarcado de sociedades secretas de caráter religioso predominantemente de origem ioruba (Nigéria, África Ocidental); excluí os homens do sacerdócio nas cidadelas dominantes e nas demais limita a sua atuação. As mulheres, no país dos ioruba, não ocupavam, porém, o elevado *status* que mais tarde descobriram na Bahia, nem as sacerdotisas ioruba praticavam o ascetismo como o fazem as sacerdotisas baianas durante períodos sagrados. Assim, circunstâncias históricas e culturais da escravidão baiana favoreceram um matriarcado, bem como outros aspectos especiais da vida do negro.

Os elementos africanos em práticas particulares do negro americano estão bem estabelecidos e certas tradições tribais dominam mais numa comunidade americana do que em outras. A religião foi a principal expressão social permitida aos escravos e aqui a África lhes forneceu muitos precedentes para combinar com as necessidades do Novo Mundo na criação dos estilos de vida do negro americano. O processo de combinação jamais foi simples ou fácil, pois as necessidades sociológicas e culturais de pretos e brancos se misturavam de modo complicado. Contudo, uma determinante saliente do intercâmbio cultural foi o prestígio relativo de cada cultura. Esta influência pode ser descrita esquematicamente dizendo-se que, numa sociedade protestante do Norte, como o Deep South americano, os brancos impuseram a sua cultura aos negros, enquanto, numa sociedade católica do Sul, como o Brasil, os negros não somente puderam levar a sua cultura aos brancos, mas foram encorajados a manter importantes contatos com a África. A Península Ibérica, governada na sua Idade de Ouro pelos mouros, tinha, ao contrário da Europa Setentrional, profundo respeito pelos africanos e esta atitude animou nas colônias latinas certa indulgência e simpatia pelos escravos africanos. No Brasil, muitos escravos foram reconhecidos como tendo habilidades e saber que excediam de muito os dos seus senhores; o Brasil manteve durante muito tempo relações diplomáticas e comerciais com certos reinos da África e a administração católica da Bahia emanou, em determinado período, do bispado de Angola, no Sudoeste da África. Em sociedades originalmente católicas e mais tarde protestantes, como Trindade e Jamaica, verificaram-se vários fenômenos conciliatórios, como a elevação dos mulatos acima dos negros, que ocupam o *status* inferior.

Em vista da maior latitude concedida aos escravos nas culturas católico-mediterrânicas, é compreensível que freqüentemente tentassem revoltas bem-

sucedidas; raras vezes obtinham êxito no mais severo Estados Unidos. Os escravos e libertos latinizados cultivaram a solidariedade de grupo e a autodeterminação em grau considerável, além do saber e da riqueza, que ajudaram a melhorar as diferenças de *status* entre as raças, e mesmo entre escravos e senhores. Outra influência igualizante foi a concepção latina do casamento que, como no Brasil, permitia a um homem livre manter uma esposa e ao mesmo tempo concubinas de qualquer raça ou *status*, cujos filhos podia legalizar; assim, o sangue e a cultura africanos penetraram na classe dominante através das mulheres escravas. A situação foi apenas menos amistosa no Haiti e na Luisiânia de língua francesa, onde havia arranjos estabelecidos para concubinas e rebentos de cor e onde delicadas definições de graus de mistura racial revelavam um respeitoso interesse. Nos Estados Unidos protestantes, porém, o concubinato não era reconhecido e os únicos filhos legítimos eram os da esposa branca.

Alinhadas a todas essas circunstâncias, as regiões latino-americanas exibem hoje uma vida popular negra mais exuberante do que os Estados Unidos protestantes. No Brasil, que possui uma população negra comparável em número e em significação à dos Estados Unidos, grupos organizados de *colored* e de brancos de todos os níveis sociais trabalham por garantir a autenticidade tradicional da cultura afro-brasileira.

Foi nas regiões latino-americanas que as mulheres negras encontraram maior reconhecimento do seu próprio povo e dos senhores. Uma distinta sacerdotisa da Bahia chamou a sua cidade a "Roma Negra", devido à sua autoridade cultural; foi aí que as mulheres negras atingiram o auge de eminência e poder, tanto sob a escravidão como após a emancipação. Controlando os mercados públicos e as sociedades religiosas, também controlaram as suas famílias e manifestaram pouco interesse no casamento oficial, por causa da conseqüente sujeição ao poder do marido. As mulheres conquistaram e mantêm a consideração dos seus adeptos masculinos e femininos pela sua simpatia e equilíbrio, bem como pelas suas capacidades. Não somente não há notícia de rejeição por parte dos homens das atividades das mulheres, como indícios surpreendentes da sua estima pelas matriarcas surgem nos esforços de certos homossexuais passivos em penetrar nos sacerdócios.

Em suma, parece que o favoritismo de fundo sexual dos senhores do Novo Mundo se combinou com os precedentes culturais da África para elevar o *status* das mulheres escravas no Hemisfério Ocidental, em especial nas sociedades de origem católico-mediterrânica, atingindo o auge no Brasil, onde tanto brancos quanto negros mantiveram significativos contatos com a África Ocidental. A tendência se estabeleceu firmemente nas instituições e no pensamento do povo, e assim continua. Contudo, a classe média emergente de *colored* por toda parte se bate conscientemente pelos valores da sociedade dominante, embora certos eruditos acreditem que os celebrados valores populares das mulheres negras do Brasil tenham funcionado insensivelmente para liberalizar a posição social das mulheres brancas brasileiras.



Claude Lévi-Strauss, Ruth Landes, Charles Wagley, Heloísa Alberto Torres,
Luiz de Castro Faria, Raimundo Lopes e Édison Carneiro.
Pátio do Museu Nacional — março de 1939.



Ruth Landes - 1939.



Ruth Landes e Édison Carneiro - 1939.



Terreiro de Sabina. Festa da Mãe d'Água – 1939 (Foto de Ruth Landes).



Festa da Lavagem do Bonfim – 1939 (Foto de Ruth Landes).



Mãe Meninha (Foto de Ruth Landes).



Terreiro do Gantois (Foto de Ruth Landes).